

Memórias de uma escola 110 anos do Otoniel Mota





A escola, como o lugar
das possibilidades,
faz-se tão grande quanto
grandes podem ser
aqueles que educa.

M5339

Memórias de uma escola: 110 anos do Otoniel Mota / Adriana Silva Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa. – São Paulo: Fundação do Livro e Leitura; São Paulo: IPCCIC - Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais, 2017.

188 p.

ISBN 978-85-67042-10-7

1. Memórias. 2. Crônicas. 3. Escola. I. SILVA, Adriana. II. ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. III. Título: Memórias de uma escola: 110 anos do Otoniel Mota.

CDD 869.4

Organização e Texto

Adriana Silva
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa

Pesquisa

Michelle Cartolano de Castro Ribeiro
Mônica Oliveira
Helena de Oliveira Rosa

Fotografia

Ana Falcão

Designer gráfico

Adriana Silva

Revisão

Eva Barbosa

Apoio

Antonio Bernardo Torres
João Paulo Torres

Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais

Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

Dulce Neves
Edgard de Castro
Viviane Mendonça
Laura Abbad
Gislaine Oliveira
Everton Camilo





“Que a tristeza de não se ver,
não seja maior que a alegria de se reconhecer.”



A força da localidade versus a gramática

Poderá haver aquele
que, ao ler, achará
estranho. Gramaticalmente,
o correto é grafar “a
Otoniel Mota”, referindo-se
à escola. Mas a localidade
é mais forte.

Aqui ninguém diz: “
Sou da Otoniel Mota”.
Isso por que a instituição,
antes de ser escola, foi
gynásio, foi colégio, foi
instituto. Depois de tantos
masculinos, ninguém
haveria de se curvar à
regência gramatical.
Então, em convenção,
ficou determinado que
a localidade tem força.

Sobre a Sociedade Organizada

O Instituto Paulista de Cidades Criativas e Identidades Culturais (IPCCIC) foi especialmente criado, em janeiro de 2013, para ser o lugar de reflexão sobre as questões relacionadas às cidades, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento das relações de pertencimento entre os cidadãos e sua comunidade.

Registrar a memória tem sido uma atividade dos pesquisadores do Instituto. Primeiro a dos cafezais, com destaque para o modo de vida nas fazendas; então, a do Theatro Pedro II, que revelou a história de uma cidade e suas relações e, agora, de uma escola, com 110 anos de trajetória política educacional.

Numa atividade interdisciplinar a Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto se fez parceira nesta iniciativa colaborando com sua expertise. Apoiados pela Usina Alta Mogiana, realizaram projeto de requalificação da Biblioteca da escola Otoniel Mota. Investiram na melhor refrigeração do espaço, instalaram novos quatro computadores para acesso dos alunos e até uma escada para alcançar as obras mais no alto. E seguem com uma proposta de acompanhamento das atividades na escola para qualificação do acervo e permanência de profissionais.

Modelos de sociedade organizada, IPCCIC e Fundação do Livro e Leitura trabalham juntos para viabilizar a transformação de ideias em ações concretas.





Apresentação

De pronto, pedimos ajuda para organizar as primeiras letras, as que chegam responsáveis por introduzir o leitor pelas páginas que se seguem até o fim. Quem veio ao nosso encontro foi Drummond, o Carlos. Com seu escrito sobre Memória, ele afirma que “Amar o perdido, deixa confundido este coração. Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

E é exatamente em nome das coisas que ficam, mesmo depois de terem ido, que a ideia deste livro tomou forma em tempo curto para relembrar o longo período de 110 anos de história. Não foi proposta de um ou de dois, mas a união de uma força material impulsionada pelo desejo coletivo de relembrar o que, pela mesma vontade do grupo, jamais deveria ser esquecido.

Mas o percurso não seguiu linhas retas. No meio do caminho, o que era para ser um livro comemorativo se fez de maneira autônoma, para além da condução das autoras, uma obra de reflexão. Cada fala, de quem falou, não significou um único falante, mas uma representação do imenso. Outros iguais, não presentes, não ficaram ausentes da história. Então, a descoberta de que essa fração aparentemente singular nunca foi, em momento algum, sequer unitária.

A história da escola é a história de quem

a viveu. E a história de quem viveu a escola é o reflexo da cidade, que traduz um país, que está em um mundo que mora dentro da escola. E foi nessa dança cíclica que, um depois do outro, os depoimentos foram preenchendo lacunas abertas pelo tempo. Faltou uma informação aqui outra ali para reconstituir os fatos na sua severa cronologia, mas esse nunca foi o objetivo.

No início, era para ser um livro de sentimentos, de memórias, fossem elas boas, ou não tão boas assim. Mas quiseram as histórias contadas que este livro se fizesse portavoz, ainda que de uma fala impressa, do tempo passado, que, de tão importante, deixou marcas que espelham de maneira reluzente toda uma nação. Drummond estava certo, “as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

Fernando Pessoa, mesmo com pseudônimo, chega para contribuir. “Em tudo quanto olhei fiquei em parte. Com tudo quanto vi, se passa, passo. Nem distingue a memória do que vi do que fui.” Nunca foi mesmo só memória. Os depoimentos colhidos, que já já serão apresentados em crônicas, para alguns foi quase catarse. Teve quem não falou de si, mas de um tempo. Quem não falou do tempo, mas de si. Teve quem chorou e, nesse caso, foram muitos. Teve quem segurou o choro, certo de que aquele não era o momento. Teve ainda quem, em nenhum

instante, sentiu vontade de chorar, até porque suas histórias fizeram rir. Mas o que não deixou de ter foi um motivo para falar.

Esse foi o critério do convite. Com 110 anos de história, milhares poderiam desfilar pelas páginas deste livro, empoderados pelos seus pares. Mas o papel pede recorte. O tempo exige escolha. A história é coletiva. A representação sempre será por seleção. Escolher pode ser cruel. O coletivo quase sempre esquece partes. O tempo levou alguns. O recorte é um risco. Mas foi preciso correr riscos. A seleção foi inevitável e a escolha criteriosa para ser o mais abrangente possível.

Os homens e mulheres ouvidos, jovens e não tão jovens, representam a escola aniversariante, assim como a escola significa, no tempo e na geografia, uma história ampla e um lugar imenso. Quem não falou, mesmo assim, está sendo ouvido. E que a tristeza de não se ver, não seja maior que a alegria de se reconhecer. Porque, em 110 anos, a Escola Estadual Otoniel Mota, que já foi Gynásio e Instituto, reuniu em suas salas, recebeu em seus pátios, milhares de brasileiros em momentos ribeirão-pretanos. Gente que na terra nasceu e ficou. Gente que foi embora e nunca mais voltou. Aqueles que chegaram depois, saíram e retornaram.

Nesse movimento, ora em sua forma original, ora em sua versão refletida, espelhada do local e expandida é que contaremos a história da Escola Estadual Otoniel Mota. Entre uma escrita e outra, um pouco do País, da educação ou, ainda, a redução mais íntima

do ser humano em seu aspecto psicológico. Seguem histórias diversas, relacionadas umas às outras, ou isoladas em suas especificidades, mas sempre belas histórias. E a beleza não está, muitas vezes, na história, mas no personagem que a contou.

Em reunião com alguns, a primeira lista começou a tomar forma. O tema a ser abordado é que chamou o nome a ser entrevistado. Se quis falar do Centro Nacionalista, do Grêmio, dos grupos de teatro. Do parlamento, dos costumes, dos temidos professores. Se quis falar da aluna que virou professora; da professora que emprestou seu nome ao laboratório; do aluno que fez poesias. Se quis reunir os diretores e, entre os muitos, alguns responderam. Reencontrar alunos que tocaram na banda, fizeram a ocupação mais recente, desfilaram em protestos em épocas de caras pintadas. Se quis falar dos modos de vida, das roupas usadas, dos padrões de ensino. Das feiras de ciência, de arte, dos clubes de leitura, de biologia. Se quis dar destaque aos projetos, às propostas e aos debates. Ouvir quem ainda leciona, comparar o tempo e entender os fatos.

Para encontrar os personagens, recorreremos aos vários recursos disponíveis. Primeiro, quem conhecia quem. Depois, uma ajuda da Internet que de tão eficiente trouxe rapidamente os mais distantes. Então, uma história indicava outro que, ao falar, se lembrava de um novo nome. Até que foi preciso parar. O tempo avisava: é hora de escrever, revisar e

publicar. E 31 de março, a data da inauguração, se aproxima.

Depois de gravar áudio e imagem, foi o momento de ouvir e ouvir novamente. Escrever, então, foi consequência. A narrativa escolheu protagonizar o contador da história e que assim tenha sido feito. Organizar um depois do outro foi um exercício de escuta. Colocar em blocos temáticos, introduzir com contextualizações, um desafio permanente. De repente, o texto pareceu ter personalidade e, naturalmente, se espalhou pelas páginas, sugerindo ele mesmo uma sequência narrativa. As fotos não foram fáceis, porque precisavam se explicar.

Então, na pesquisa, lendo quem já antes escrevera sobre a escola, surge Marcos Vinícius da Cunha, com seu livro *O Velho Estadão: Educação e Poder nos Anos de Ouro do Ginásio Otoniel Mota*. Ali, lendo e relendo, uma história com base documental anuncia uma escola que, ao ser apresentada, se mostra importante para além do local. Foi a terceira instituição de ensino secundário inaugurada no estado. Depois das cidades de São Paulo e Campinas. Seus diretores se fizeram homens expressivos, como, por exemplo, Renato Jardim, que após passar pelo Ginásio, em atividade no cenário das políticas públicas da educação brasileira, foi ativo nos debates nos anos da década de 1930.

Para terminar. Que o leitor se encontre. Se ouça. Porque, dessa história, fazemos parte todos nós brasileiros.



Sumário

PARTE 1 A trajetória da Educação e a trilha do tempo da Escola Estadual Otoniel Mota	18
PARTE 2 Crônicas	
1. Parlamento estudantil Um projeto de educação que formou cidadãos para além do discurso	36
2. Política, escola e juventude O Grêmio Olavo Bilac: a organização estudantil do Gynásio do Estado ao Otoniel Mota	53
3. O teatro que transforma Grupo de teatro do Otoniel Mota expandiu os horizontes dos estudantes envolvidos	65
4. A marca da Literatura e da Língua Pátria Professoras Florianete e Lucy: trabalho transformador em sala de aula	71
5. Vindos de tão longe Irmãos libaneses escolhem a escola Otoniel Mota para estudar: um encontro de culturas	75
6. De alunos a professores Com modelos a serem seguidos, eles ensinaram o que aprenderam	81
7. Incubadora de sonhos As Feiras de Ciências do Otoniel Mota e o começo de longas histórias	92
8. Idealismo e paixão pela ciência O Clube de Biologia transformava teoria em prática nas décadas de 1960 e 1970	103
9. Os temidos e queridos professores Do golpe da meia aos encantos das aulas: os altos e baixos da rotina escolar	105

10.	O estudo e o esporte Campeão mundial de atletismo sorri ao visitar um passado que, de tão presente, parece que foi ontem	111
11.	Aluno, professor, poeta Quando simples palavras não bastam, nasce a poesia: das anotações no caderno ao êxtase da publicação	113
12.	Amigos para sempre Relações de amizade vencem o tempo: ex-alunos reúnem-se anualmente desde 2014	119
13.	De pai para filho Entre os iguais e os diferentes, ficam aparentes as histórias de um tempo	122
14.	E a banda passou De fanfarra a banda marcial, projeto musical foi referência entre as escolas	126
15.	A gestão na educação Diretores enaltecem a tradição em busca de modernidade	135
16.	Do 1º I ao 2º A Muito mais do que simples letras, do A ao I desfila um Brasil inteiro	141
17.	O casamento da Física com a Química Unidos pela amor, professores partilham suas histórias com a escola	145
18.	Formando professores Ex-alunas do Magistério de tempo integral olham para trás certas de que a educação é o que leva todos para frente	147
19.	Sonho de ser professora Apesar do medo, ela resolveu voltar para a sala de aula, aos 56 anos de idade	151

20.	Combinando palavras Projeto de incentivo à leitura reúne alunos e professores em uma iniciativa transformadora	154
21.	Dias de estudante Para uns, experiências escolares interferem nas escolhas de vida; para outros, a normalidade os representam	160
22.	Por eles e por nós Estudantes do Otoniel Mota ocupam escola contra reorganização proposta pelo Estado	163
23.	Direto para a universidade Depois de muita dedicação, aluna deixa escola secundária e passa de primeira na Medicina da USP	169
24.	Pelo direito à memória A ação de professores e ex-alunos na implantação do Centro de Documentação e Memória da Escola Estadual Otoniel Mota (CDMOM)	172
25.	Gratidão e devolutiva social Ex-alunos compartilham a emoção em poder contribuir com a escola onde estudaram	175
26.	Um novo milênio Encontro dos vários tempos em sala de aula evidencia fragilidades de um sistema de educação	179
	Para terminar, muitos recomeços	185
	Referências	186

M- —
T- —
N- 32 TR 5

21



A trajetória da Educação e a cronologia dos fatos da Escola Estadual Otoniel Mota

A história da educação de um país é em si a própria história do país. Uma nação nasce na sala de aula e nela se faz, refaz. Mas não em um processo tão linear ou lógico, como pode parecer. A dimensão da educação não cabe em uma linha reta. Seus movimentos ora contornam os obstáculos, ora empurram. Ora são contornados pelos interesses, ora são empurrados. O que eles contornam ou porque são empurrados acaba protagonizando a história e é neste entremeio que o processo se dá. Infelizmente, para nós brasileiros, contornos e empurrões têm historicamente significado tropeços no percurso e tombos profundos. O atraso tem retardado tão cruelmente nosso trajeto que depois de 517 anos ainda não chegamos ao lugar certo porque também, de alguns tombos, ainda não nos levantamos.

Mas nem todos estão caídos ao chão. Pessoas e coletivos, instituições e movimentos apregoam pela melhoria da educação brasileira. O professor de filosofia da Escola Otoniel Mota, **Daniel Weber**, representa os educadores que acreditam na mudança pela educação e na prática em sala de aula, como o começo da transformação. Como ele, outros ainda erguem suas bandeiras. Mas de quantas bandeiras erguidas se faz um modelo de educação realmente transformador?

O pensador, escritor e psiquiatra italia-

no Mauro Maldonato escreveu recentemente e é título de sua obra, que *Na Base do Farol não Há Luz*. Pedro Nava médico e memorialista da literatura brasileira, afirmou que “a experiência é um farol que ilumina para trás”. Sem luz na base, com a luminosidade voltada para trás, é preciso reconhecer, na história, o aprendizado necessário para seguir abrindo caminhos e produzindo clarões que assegurem à humanidade uma vida feliz. A felicidade surge aqui como o mais democrático dos desejos que uma educação de qualidade pode oferecer. Cada qual se faz feliz de um jeito diferente. Muito diferente.

O farol da educação tem luminosidade secular. Da Grécia antiga retomamos à concepção de homem. De um lado, Hesíodo, com sua defesa da necessidade do trabalho como meio de garantir a sobrevivência, e, de outro, Homero, que fazia a apologia da *scholé* (escola) como lugar do ócio (ocupação com atividade intelectual, reflexão). Para o primeiro, o homem era força física e trabalho. Para o segundo, era resultado do conhecimento e instrução.

Com o tempo, a escola uniu os diferentes Hesíodo e Homero. Fez-se uma instituição que educa a partir da reflexão para o trabalho. E a falta de proporcionalidade nessas partes é que promoveu equívocos futuros. Mas, de

volta à Grécia, Platão propôs-se a conceber um Estado perfeito para abrigar o homem e, ao escrever *A República*, deixou um tratado de Educação em que o ser humano é autodeterminado, que não acredita em destino traçado por Deus. Ele escreveu que “não há maneira de se saber onde surgirá a luz do talento ou do gênio. Que a única possibilidade é procurá-la, imparcialmente, em todas as classes e raças”.

Platão propôs uma educação para todos, ainda que acreditasse que as aptidões os pré-definiram como homens de ouro, prata e bronze. Adverso aos poetas, atribuindo a eles a criação dos falsos conceitos, Platão concebeu seu modelo de educação para formar o cidadão do Estado perfeito deixando para trás a poesia mitológica de Homero.

Depois deles, tantos outros vieram. Cada qual com suas filosofias, com seus modelos de educação. O que se têm, nos tempos de hoje, são derivações mais acima ou mais abaixo dessas concepções iniciais. Há quem afirme que a atualidade reproduz uma escola do século XIX, com professores educados no século XX e estudantes que vivem no século XXI. É a falta de sintonia entre a escola enquanto lugar, o professor enquanto tutor e o estudante enquanto personagem principal do aprendizado que transformou a educação nessa ponte que, muitas vezes, não consegue levar ninguém a lugar algum.

Trazendo a história para o Brasil, as diversidades são aparentes. Desde a primeira

escola, em 1549, com o catecismo das casas de bê-á-bá bilíngue, Tupi e Português, até o ano de 2017, quando escolas ofertadas aos estudantes de poder aquisitivo elevado apresentam salas de aula completamente digitais. No meio desse trajeto, passamos pelos 210 anos de hegemonia jesuítica, pela antiga Monarquia, pela velha e nova República, sempre com modelos de educação que acirram a divisão entre educação popular e a de elite.

Os marcos dessa educação foram sendo deixados, pelos anos. Em 1808, iniciou-se o ensino superior. Em 1824, a primeira Constituição determinou o ensino primário gratuito e obrigatório. Em 1834, o Ato Adicional promoveu a descentralização; o ensino primário foi relegado aos abandonados e o ensino secundário para a elite. O fato é que chegamos ao final do Império, com a Proclamação da República, em 1889, com 14 milhões de habitantes, 250 mil alunos e uma população de 78% de analfabetos. A Constituição de 1891 só evidenciou e consagrou o dualismo do sistema entre ricos e pobres. Esse conceito esteve na fala do ex-aluno da Escola Otoniel Mota, **Cleber Pouverel**, mesmo falando de seu tempo.

Não só uma estrutura de escola pautava os debates daquele começo de República, mas também competiam por uma base filosófica predominante. Divergiam o Positivismo e o Liberalismo e uma Escola Nova começava a ser anunciada

A photograph of a long, brightly lit hallway. The floor is covered in a patterned tile, featuring a repeating geometric design in shades of brown and cream. The pattern consists of a central square with a cross-like motif, surrounded by a border of smaller squares. The hallway is flanked by dark wooden walls. In the background, a wooden chair is visible on the right side, and a small potted plant with yellow and white flowers sits on the left. The lighting is bright, creating a strong reflection on the polished floor.

NA TRILHA DO TEMPO

O Gynásio do Estado em Ribeirão Preto foi criado dentro da Primeira República e foi inevitável refletir e refratar todos os acontecimentos no Brasil. De lá para cá, foram muitas as reformas. A primeira foi de Benjamim Constant, intitulada Reforma de Instrução Pública, em 1890. Os debates sobre o processo pedagógico permeavam as reformas. Se antes, nos tempos dos jesuítas, o método era o de memorização, depois passou a ser o intuitivo, relacionado aos cinco sentidos.

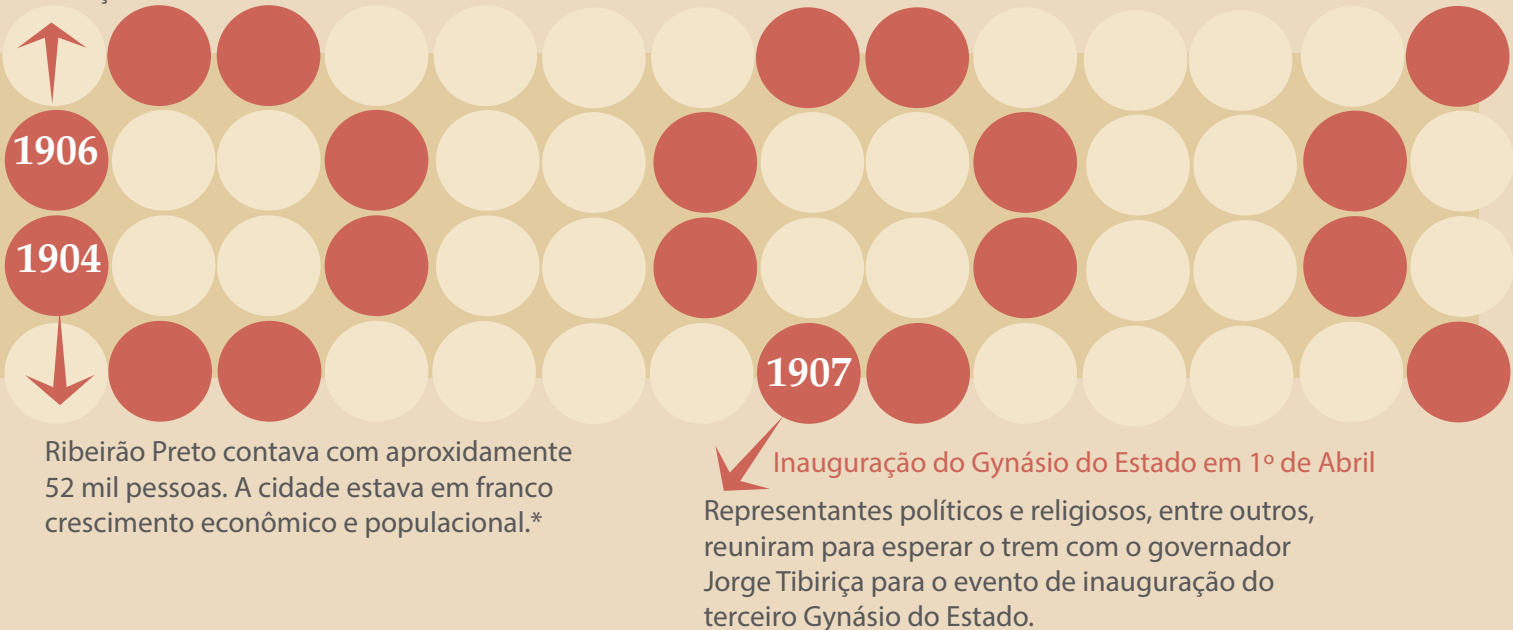
O problema ainda continuava a ser o

acesso e a permanência dos estudantes no nível secundário. Até mesmo no Colégio Pedro II, criado em 1837, especialmente para oferecer instrução secundária desenvolvida a partir dos conhecimentos científico, artístico e cultural, a continuidade estava comprometida. Na República, a União destacava-se como articuladora da educação da elite e o Estado como responsável pela educação do povo.

Nesse contexto é que o Gynásio do Estado, depois Instituto e então Escola Estadual Otoniel Mota, foi inaugurado, em 1907,

O secretário do Interior de São Paulo, Gustavo de Godoy, visitou Ribeirão Preto para inaugurar um posto de saúde. Na ocasião, Luiz Pereira Barreto e Augusto Ribeiro Loyola pediram a instalação de uma escola de 3º. Grau na cidade. Em novembro, a Câmara dos deputados recebeu o projeto de Lei Nº 1.045 propondo a criação de um ginásio oficial em Ribeirão Preto. A mesma lei estabelecia o programa de ensino, o mesmo dos ginásios da capital e Campinas, e que as nomeações seriam feitas sem concurso.

Primeira sede do Gynásio do Estado, na Rua Cerqueira César esquina com a Rua Duque de Caxias.
Foto: J.S.Mattos. APHRP, 1919.



* As fontes das informações organizadas na Trilha do Tempo podem ser verificadas nas Referências Bibliográficas.

inicialmente em um prédio acanhado, perto da rua Duque de Caxias.

Fernando de Azevedo, intelectual paulista, um dos educadores que assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação, em 1932, com outros 25 pensadores, entre eles Anísio Teixeira, afirmou, embora há quem conteste, como a educadora Ester Buffa, por exemplo, que depois dos jesuítas não teve nenhuma mudança relevante na educação brasileira. Para ele, são os Pioneiros que inovam, com as propostas organizadas no documento *A Reconstrução*

Educacional no Brasil: ao Povo e ao Governo. O texto sustenta: “se depois de 43 anos de regime republicano, se der um balanço ao estado atual da educação pública, no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar à altura das necessidades modernas e das necessidades do país.”

Os alunos do Gynásio do Estado criaram o Centro de Culto à Ciência e fundaram o jornal A Palavra. Duas mulheres foram vice-presidentes entre 1907 e 1908: Olzira França de Almeida e Carlota da Graça Veiga. Os alunos divulgavam poesias, crônicas, conhecimentos históricos, datas cívicas, notas sobre a vida escolar.

Primeiro Diretor foi Antonio Rodrigues Alves Pereira. Início da primeira turma.

Entre os primeiros professores estavam: Antonio Ribeiro de Loyolla, João Macedo Bittencourt, João Pedro da Veiga Miranda, Renato Jardim, Fabio de Sá Barreto, Otoniel dos Santos Mota.

O Gynásio deve aceitar meninas? Questionamento feito por Gustavo Godoy baseado no fato de nenhuma garota frequentar ginásios do estado até então. Ribeirão Preto inovou, aceitando meninas na primeira turma.

1907

1908

1909

Jornal A Palavra, em seu nº 32, e o Centro de Culto à Ciência foram fechados.

Influência positivista na escola. Na inauguração do standarte, Luiz Pereira Barreto foi homenageado pelo Centro de Culto à Ciência, conclamando os alunos a escreverem a bandeira e em seus corações. “Pátria, Ciência e Liberdade.”

RIBEIRÃO PRETO—DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 1907

Anno I **A Palavra** Num. 1

Organ dos alumnos do Gymnasio

REDACTORES: Sebastião C. Pimentel e Odilon Nogueira—SECRETARIO: A. Pereira Lima

"A Palavra"

Apresentamos hoje á população desta terra o nosso pequeno e modesto jornal.

Simples é o seu programma: justas as suas aspirações.

Organ dos alumnos do Gymnasio, a sombra do estandarte daquella Escola lhe será abrigo protector.

Convictos de que devemos trabalhar pela instrução, da qual tanto necessitamos, a isso se reduzirão os nossos esforços. E em busca da sciencia, meta doirada dos nossos sonhos, tentaremos leval-o em rumo certo.

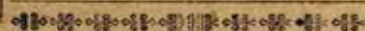
E' esse, portanto, o nosso ideal mais ardentemente.

para a sua re-

resultados que colhermos, restar-nos-á ao menos a satisfação do dever cumprido.

Ao benevolo povo de Ribeirão Preto, confiantes em seu apoio, entregamos pois, o fructo do nosso ingente trabalho—"A Palavra".

A Redacção.



FLORIANO

Volvidos são doze annos que o Brazil consternado viu desaparecer no barathro escuro da morte, esse homem extraordinario, esse sublime patriota—e ainda hoje o pranteia!

E' que a sua individualidade politica constituiu um padrão de nacional, e illus-

que nos

Descido, muito embora, aos abysmos insondaveis do tumulo, elle continuará, por seus meritos, que são muitos, a viver entre nós, porque dalli vão arrancal-o o nosso amor e o nosso carinho, para fazel-o subir ao mais alto corucheu da gratidão nacional, de onde preside aos destinos da Patria, como o refulgente rei dos astrós do universo!

Nessa apothese grandiosa que o Brazil presta hoje, como o tem feito desde 1895, ao excelso Floriano, nós vemos a justiça e o reconhecimento dos seus posteros e, portanto, saudemol-o tambem.

Hosannas pois, áquelle que engrandeceu nome sacrosanto da



Sob a direção dos alunos Silvino Pereira e Antonio Pereira Lima, o Centro de Culto à Ciência e o Jornal A Palavra voltam a produzir. Otoniel Mota torna-se diretor literário do jornal nesse ano. Foi o primeiro professor a participar do periódico.

O diretor nesse ano era Amadeu Mendes. As atividades do jornal foram encerradas no mesmo ano.

O professor Otoniel Mota é transferido para Campinas.

A Reforma Maximiliano liberou as escolas de seguirem fielmente o programa do Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. No Gynásio do Estado de Ribeirão Preto foi escrito um documento em defesa da "autonomia intelectual".

1911

1912

Renato Jardim compõe uma comissão para elaborar um projeto de educação para o Gynásio de Ribeirão Preto. Ele defende a divisão do secundário em dois ciclos e redução da taxa de evasão escolar.

1914

Joaquim Macedo Bittencourt organiza e envia ao governo do Estado carta redigida por Fábio Barreto, pedindo um curso normal anexo ao ginásio do Estado.

1915

1919

Criação do Grêmio Ginásial Olavo Bilac. Diplomada a primeira turma de bacharéis em "sciencias e letras". Sete alunos.

GYMNASIO DO ESTADO RIBEIRÃO PRETO



PRESIDENTE DA INSTITUIÇÃO



DIRECTOR



REPRES. A CONGRESSO



REGINA R. FREITAS



BENEDICTA A. MORAES



OCTÁVIO P. FLORES



ALCIDES P. GUIO



LUIZ DE CARVALHO



EULÓGIO M. OLIVEIRA



RAMIRO P. FILHO



BACHAREIS EM SCIENCIAS E LETRAS
1ª TURMA 1912



Em 1919, os alunos do 1ª, 2º e 3º anos do Gynásio do Estado, que ainda se localizava na rua Duque de Caxias, rebelaram-se contra os dirigentes do Grêmio Ciências e Letras. O movimento ganhou vulto, terminando com o grêmio dissolvido, de acordo com uma

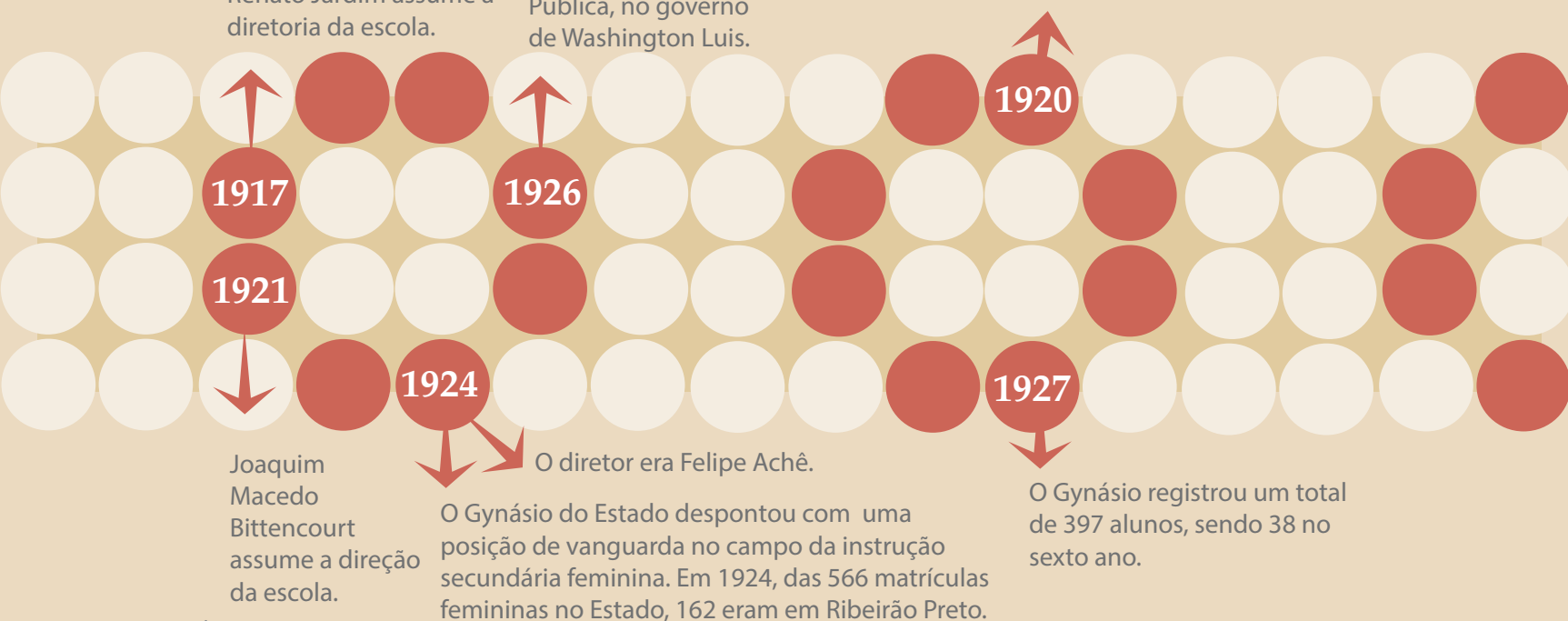


Renato Jardim assume a diretoria da escola.

Jardim assume como Diretor da Instrução Pública, no governo de Washington Luis.

reportagem do Diário da Manhã de 1961. Joaquim Meirelles, o Joaquinzinho, entrou a cavalo na sala do antigo 1º ano. "Foi um tempo quente". Desse movimento foi fundado o Grêmio Ginásial Olavo Bilac, mais tarde transformado em Centro Nacionalista Olavo Bilac. A fotografia foi tirada na residência de Mario Pereira Rocha, um dos líderes do movimento. APHRP, 1919.

Inauguração do prédio da rua Prudente de Moraes.





Turma de 1934. Foto: CDMOM.



Edgardo Cajado. Foto: Toni Miyasaka. CDMOM.

Em reportagem do jornal Diário da Manhã, ex-aluno afirma que entre 1934 e 1935 um grupo descontente com a atuação do então existente "Grêmio Ginásial Olavo Bilac", fundou o Centro Nacionalista Campos Salles. Relata que o centro nasceu sob os "apupos desprezadores dos poderosos do "Grêmio Olavo Bilac".

O curso colegial começa a funcionar, dividido em Clássico e Científico, instituído pela reforma de Gustavo Capanema em 1942

Início do curso de aperfeiçoamento ministrado nas modalidades Especialização Pré-Primária e Administração Escolar, na instituição de Educação Otoniel Mota.

1934

1931

Edgardo Cajado assume a diretoria. Foi quem mais anos ficou no cargo.

1943

1944

1945

1946

Fundação da Escola Normal Oficial.

O secretário da educação do Estado de São Paulo, Dr. Jorge Mariano, assinou o documento de criação da Escola Normal Oficial de Ribeirão Preto.

Ano a ano, política e educação seguiram uma interferindo na outra, sempre com forte influência dos planos econômicos. Em 1930, o Plano Econômico pregava a expansão da indústria e o Plano Político o populismo, com certa mobilização controlada das massas para promover uma sensação de participação popular. Após o Golpe de Estado, o Plano Político era todo centrado no getulismo e o Econômico defendia o nacionalismo a partir do dirigismo estatal.



Professor Divo Marino.
Foto: CDMOM.

Coordenada pelo professor Jorge Rodini Luiz, a segunda Semana de Estudos do Menor, teve como ponto alto uma exposição pública na praça XV de Novembro. Exibiu painéis e trabalhos do Instituto de Educação e Escola Municipal de Belas Artes. Dentre eles, uma reprise de 34 painéis sobre literatura em quadrinhos do professor Divo Marino.

Projeto de Luciano Lepera de auxílio de 20 mil cruzeiros ao Centro Nacionalista Olavo Bilac para a construção da cantina do Centro (também chamado de Grêmio) foi aprovado pela Câmara com a presença maciça dos alunos do Instituto de Educação Otoniel Mota.

1958

1951

Professores e ex-alunos organizados por Alcides Palma Guião, Sebastião Palma e Zoraide Rocha Freitas, encaminharam à Assembleia Legislativa solicitação para que o Colégio Estadual e Escola Normal de Ribeirão Preto passassem a se chamar Otoniel Mota.

1963

1957

1954

1955

Assume a direção esse ano Aminthas Velloso de Siqueira.

Assume a direção esse ano Geraldo Ferreira Cintra.

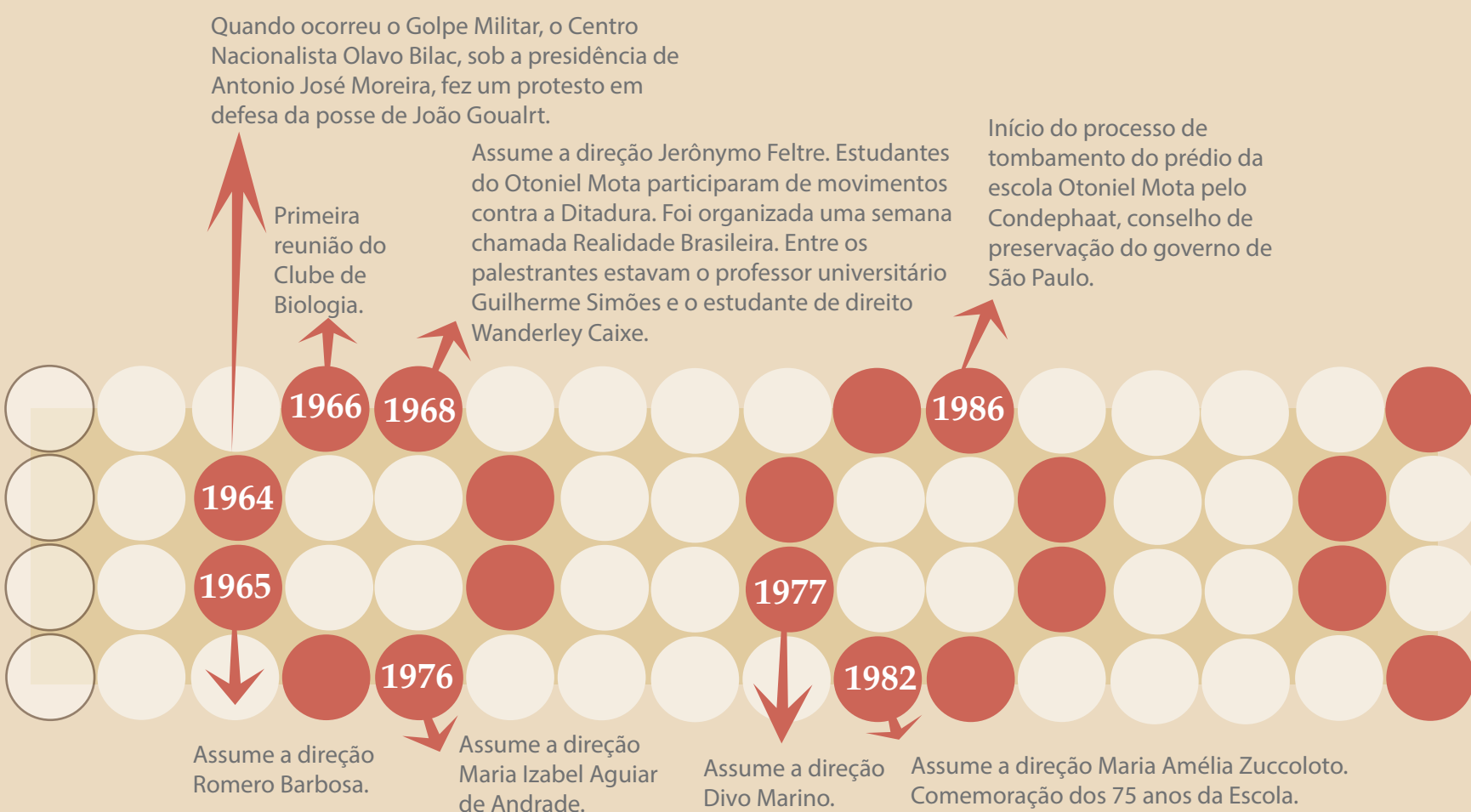
Assume a direção esse ano Leonor Metilla.

Assim se sucederam, alterando, todo o tempo, as metas políticas e econômicas, General Dutra (1946-1951); Getúlio Vargas novamente (1951-1954); Juscelino Kubitschek (1956-1961); Jânio Quadros e João Goulart (1961-1964). Em termos de educação, existiam três fontes de propostas: a Igreja Católica, os pioneiros e os militares.

O Ministério da Educação e Saúde foi criado em 1931 e Francisco Campos conduziu algumas mudanças compreendendo a divisão entre grupo escolar, ensino secundário indus-

trial, comercial e agrícola. Gustavo Capanema, em 1942 é quem consolida os dois ciclos do secundário: ginásial de 4 anos e ciclo colegial de 3 anos, com clássico ou científico.

Após 1964, o método Paulo Freire de alfabetização ganha destaque no debate sobre educação que se tornou uma prática da liberdade. Esse foi um momento de transição da sociedade fechada (consciência ingênua), para a sociedade aberta (consciência crítica). A educação ocupa espaço no debate, pois havia a convicção de que a desejada formação crítica

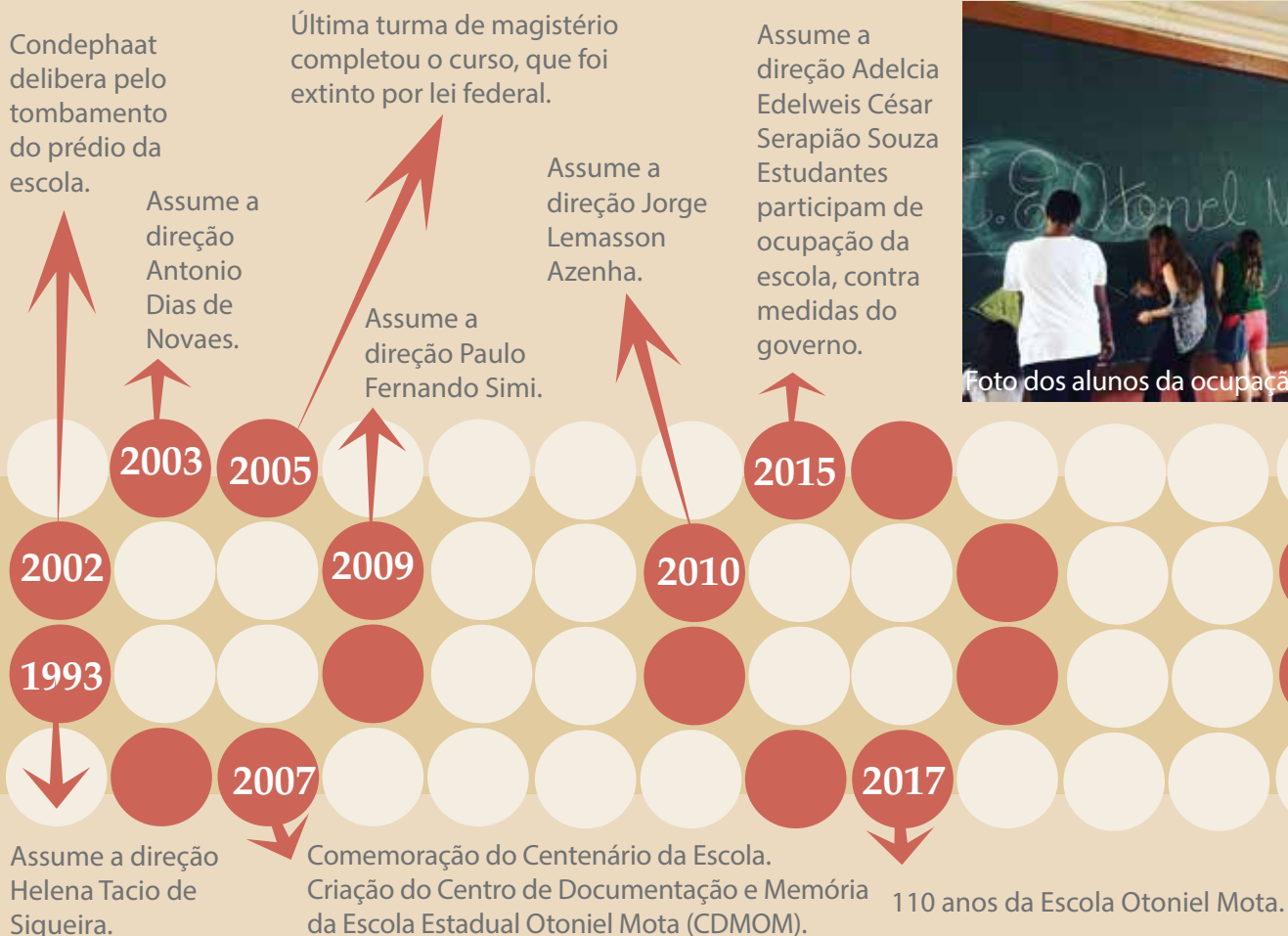


só se daria a partir de um projeto de educação.

Também há nessa época marcos temporais. A partir de 1964, com a implantação da estrutura jurídica do regime militar, surgem os Atos Institucionais (AI) que determinam o fim dos partidos e das eleições diretas. O ano de 1968 é marcado pelo AI5, pela repressão e reação estudantil, quando acontece a reforma universitária. Em 1969, há o recrudescimento da ditadura. A repressão institucionaliza-se. Observa-se uma modernização conservadora. Entre 1968 e 1974, acontece o chamado Mila-

gre Brasileiro. Em 1970, é criado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) e, no ano seguinte, a Reforma da Educação, promovida pela Lei 5.692, muda o ciclo escolar para 4 anos de primário e 4 anos de ginásial.

De 1974 a 1978, as crises econômica e política agravam-se. A Educação seguiu paralelamente. Inicia-se o processo de distinção política; ocorre o assassinato de Wladimir Herzog; é lançado o Pacote de Abril, em 1977, com medidas que mudam o processo eleitoral e, a partir de 1978, iniciam-se amplas mobilizações



contra a ditadura.

As manifestações políticas populares intensificam-se, em 1982, com a reorganização da sociedade civil; o reestabelecimento das eleições dos governadores; as passeatas pelas Diretas Já, em 1984; as mobilizações estudantis, de docentes, operários e da classe média, culminando na eleição, ainda que indireta, de Tancredo Neves, em 1985, quando se dá, definitivamente, o fim da ditadura militar.

Nesse período todo (1964 a 1985) a educação no Brasil se movimentava. Para entender esse movimento, vale recorrer à pesquisa realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1987, dois anos após o fim do regime militar. Eram 57,4 milhões de brasileiros, dos quais 14,7 milhões ganhavam até um salário mínimo. Em uma relação de 14 países, segundo o mesmo IBGE, o Brasil era o penúltimo a pagar o salário mais baixo.

Em 1989, o salário mínimo correspondia a 71,27 dólares, mas o Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Econômicas (Dieese), afirmava que uma família (casal e dois filhos) deveria ganhar 411,05 dólares. Essa defasagem de qualidade de vida do brasileiro repercutiu na escola e pai e filho, respectivamente Luiz e Vinícius Barros, os dois estudantes do Otoniel Mota, avaliaram esse período em suas entrevistas, considerando as diferenças no tempo em que estudaram na mesma escola.

Esses números do IBGE deixam refletir os 21 anos em que as lideranças políticas do

País olharam a educação buscando o desenvolvimentismo. Um bom exemplo aconteceu em 1970. O presidente Emílio Garrastazu Médici não gostou do relatório do censo demográfico que revelava um grande disparate na relação de distribuição de renda e, com a proposta de mudar a realidade, analisou o fato concluindo que a renda estaria mal distribuída porque uns tinham mais acesso à educação do que outros e iniciou uma campanha para diminuir o índice de analfabetismo.

Luiz Antônio Cunha e Moacyr de Góes analisaram, no livro *O Golpe na Educação*, que, para o governo e seus argumentadores, a distribuição da renda mais igualitária viria, automaticamente, como resultado da distribuição mais ampla de oportunidades educacionais para todos.

É sabido que a proposta de Médici não obteve resultados, nem mesmo sob a ótica simplista de redução de índice. A taxa de escolaridade das crianças de 7 a 10 anos baixou, de 1970 a 1980, de 66,30% para 65,5%, ou seja, mais de um terço das crianças que deveriam estar na escola primária mantinham-se fora da sala de aula.

Muitos são os relatos do período militar sobre educação. Em síntese, é possível afirmar que foi um período de contrariedade muito bem caracterizado no texto de Maria de Lourdes Manzini Covre, *A Fala dos Homens*. As dualidades expressas pelos intelectuais tecnocratas, sempre com escolhas a partir da visão de educação como meio para sanar as necessidades da produção, imprimiram um



Prédio construído em 1920. Foto: APHRP, F468.

modelo tecnicista de ensino.

Entre o público e o privado, houve expressiva mudança de papéis. Como afirma Florestan Fernandes, na apresentação da obra *A Educação Negada*, de Ester Buffa e Paolo Nosella, “houve como ainda hoje podemos sentir, uma regressão sem precedentes, que inviabilizou um legítimo desenvolvimento social a partir do humano”.

Muita história se seguiu, de 1985 a 2017. História que está nesta obra retratada a partir das falas de todos os depoentes. Primeiro, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDB), em 1996; depois, as propostas de Fernando Henrique Cardoso, de Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Roussef e Michel Temer: Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef), Prova, Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), Programa Universidade para Todos (ProUni), Plano Nacional de Educação.



Prédio tombado definitivamente pelo Condephaat, em 2010, como um exemplar de uma das tipologias de edificação escolar implantadas durante a primeira República, pelo governo do Estado de São Paulo. 2017.

Desde 1907, alunos e profissionais da educação da Escola Otoniel Mota são personagens de todos os momentos da história do Brasil. Ler este livro é encontrá-los no tempo, dialogando com todas as ocorrências políticas, econômicas, científicas, sociais e culturais.

Por fim, uma constatação proposta em sala de aula pela professora e educadora Marisa Bittar, no dia 22 de setembro de 2008. Ela disse que “quando a escola não educa, outros educam, nunca haverá o vazio”. Considerando a assertiva da professora, é possível afirmar que nós brasileiros somos resultado da metamorfo-

se social promovida pela educação das salas de aula e das ruas mal alfabetizadas. Isso é o que somos, refletindo e sendo refletidos.

A Escola Otoniel Mota é um extrato do Brasil. Uma unidade que começou no mais alto escalão de oferta educacional. Uma escola que se movimentou repercutindo o tempo e a história. Um exemplar a ser enaltecido por ter conseguido vencer os problemas que não foram criados por ela. Uma proposta de ensino que se caracteriza pela resistência em não se dobrar, por mais que as chicotadas sejam duras, severas, cruéis e injustas.



PARTE 2
CRÔNICAS

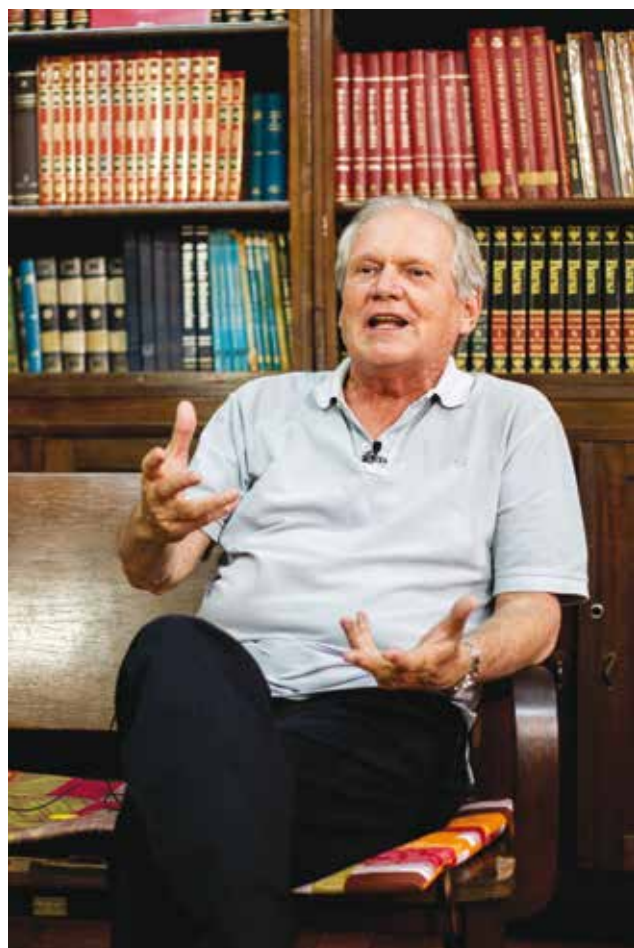
1. Parlamento Estudantil

Um projeto de educação que formou cidadãos para além do discurso



Sérgio Roxo da Fonseca: ele reconhece a escola como sua terra.

Sérgio Roxo da Fonseca e **Rui Flávio Chúfalo Guião** deram entrevistas em dias e horários diferentes. Mas privilegiados pelo recurso da gravação, ouvi-los, um na sequência do outro, permitiu complementar como em uma frase perfeita, com sujeito e predica-



Rui Flávio Chúfalo Guião, agradecido por ter sido exigido muito dele como estudante.

do em seus devidos lugares e complemento do adjetivo para garantir a descrição dos sentimentos.

Membros do Centro Amigos da Literatura, do Centro Nacionalista Olavo Bilac e do Parlamento Estudantil, eles compartilharam

experiências que voltam à memória exatamente porque muito significaram. Como escreveu o poeta Mário Quintana:

Essa lembrança que nos vem às vezes... folha súbita que tomba abrindo na memória a flor silenciosa de mil e uma pétalas concêntricas... Essa lembrança... mas de onde? de quem? Essa lembrança talvez nem seja nossa, mas de alguém que, pensando em nós, só possa mandar um eco do seu pensamento nessa mensagem pelos céus perdida... Ai! Tão perdida que nem se possa saber mais de quem!

Foi o que aconteceu. Depois de ouvi-los, sobrou uma pergunta: de quem são essas memórias tão presentes que recorrem, a todo instante, ao recurso de incluir, na deles, a memória dos outros? Então, uma conclusão. São as memórias de um tempo do qual foram protagonistas e que, de tão presentes naqueles dias, nos dias que pertencem ao hoje, agem como mensageiros. Na memória de Rui moram, com privilégio, os professores. Na de Sérgio, com destaque, os amigos. Os dois se penalizaram, por não se lembrarem de todos. Mas não se trata de lembrar-se ou esquecer-se, não é simples assim. Trata-se de uma alquimia contida no cérebro que empurra para frente a história que vem motivada pela pergunta que a chamou. Foi assim que se deu. Depois de uma indagação, uma resposta imediata. E é aí que a memória oculta até mesmo os mais queridos. Não ficaram fora da história os não citados, pois estão, neste texto, representados.

Ele nunca reprovou na escola, mas Sérgio Roxo era três anos mais velho do que os

demais amigos de sua turma. Tinha estudado em escola para padre em uma época em que o estudo religioso não era reconhecido como formal. Quando saiu, e aí é uma longa história, quem quiser que pergunte a ele, matriculou-se no Gynásio do Estado, que só depois viria a ser Escola Otoniel Mota.

Rui Flávio não. Foi alfabetizado na Escola Guimarães Júnior e seguiu o trajeto mais lógico depois de passar em um difícil exame de admissão em 1952. Sua família tradicionalmente figurava nos livros de matrícula do Gynásio do Estado. O tio **Alcides Palma Guião** foi da primeira turma. Mas não o único. Outro tio, o **Acácio**, foi da segunda.

A história romântica de Sérgio Roxo está, em todas as fases, imbrincada com a do Gynásio do Estado. Ele conheceu sua esposa, **Anna Maria**, na escola. Namorou por nove anos, depois de uma longa corte, como ele mesmo contou, e está casado há 52 anos. Na primeira oportunidade surgida, compraram um apartamento de frente para a escola. A ideia era mesmo a de acordar todos os dias com o barulho dos jovens, como exatamente eles fizeram em seus tempos de juventude.

Tanto ele como Rui Flávio se lembraram do muro que existia no meio do pátio, dividindo, no recreio, meninas de um lado e meninos de outro. Sérgio contou das peraltices, falou do “futepedra”, futebol com pedra, que jogavam na cabeça dos que passavam e do cigarro, ainda acesso, que colocavam nos bolsos dos uniformes dos colegas um pouco antes de retornarem às salas de aula, com a

ingênua intenção de ver sair fumaça na frente dos professores. Rui lembrou-se da cantina que construíram no meio do muro, com atendimento para os dois lados, possibilitando que um pudesse ver o outro. Passavam a maior parte do tempo do recreio na cantina, numa tentativa infantil de se enamorarem.

Os rapazes usavam terno com paletó e gravata, segundo Rui, aquele do tipo meio amarelado. As moças trajavam saia preta, blusa branca, gravata vermelha, sapato oxford e meia soquete. Era um tempo de formalismo e os professores vestiam-se em uma elegância que lhes emprestavam ainda mais glamour.

Sérgio fala latim, pelo menos muita coisa em latim. Rui fala francês, sem problema para se comunicar. O primeiro aprendeu nas aulas do professor **Lourenço Torres da Silva**. O segundo, com a professora **Neuza Michelutti**. Os dois, em aulas do ensino secundarista, no Gynásio do Estado. No início, Rui Flávio não simpatizou com a professora. Ele afirmou que até houve uma animosidade. Só muito tempo depois ele entendeu. Ela era muito exigente. Exigente demais. Dificultava a vida dele, de aluno, com tantas demandas de estudos. Mas quando usou o seu francês pela primeira vez fora da escola e se saiu muito bem, coube um agradecimento, ainda que mental, à professora dos tempos de escola. “Ainda bem que ela foi exigente comigo.”

O fascínio pelo latim perdura. Sérgio Roxo estuda, ainda nos dias de hoje, as origens das palavras e, comumente, as encontra na língua indo-europeia, falada pelos habitantes

da província do Lácio e pelos antigos romanos, documentada desde o século VII a.C. Ao longo da entrevista, recorreu a algumas para ilustrar seu prazer em compreender como as palavras se formam. Citou *omni*, do latim “de tudo”. Depois, *omnibus*, de todos, e esclareceu que, com a queda do “m”, virou ônibus, um meio de transporte coletivo pensado para o acesso de todos. A paixão do advogado promotor pelas palavras seguiu explanada em frases de efeito: “A palavra é o mais antigo invento do homem. A história da humanidade se fez com palavras”.

Depois ele recordou-se ainda que, quando o estudante entrava para a escola, recebia, vendido pelo Centro Nacionalista, para angariar fundos, um diploma de burro. No impresso vinha uma frase em latim, que ele se lembrou sem precisar de nenhum recurso. *Asinus asinum fricat*, “um burro coça o outro burro”.



Foto: CDMOM, 2017.

Assim que chegaram para a entrevista, tanto Sérgio como Rui olharam prolongadamente para as instalações da Biblioteca. Lembraram-se dos sábados de manhã, quando se reuniam no local, na época, uma espécie de auditório, para as sessões do Parlamento Estudantil, com seus jurís simulados e debates temáticos. Criação do professor Lourenço, o Parlamento instigava naqueles jovens não só a oratória, que de nada vale sem sagacidade, como muito conhecimento.

Sérgio Roxo, orador reconhecido entre

seus pares da magistratura, preferiu falar dos amigos. Foi logo elogiando **Rubens Ely de Oliveira** e **Feres Sabino**. “Sempre foram notórios debatedores. Eles eram extraordinários.” E aí, desencadeou uma história atrás da outra, porque o tema empurrou para a frente da memória lembranças que, de tão poderosas, ganharam vida própria na fala daquele ex-aluno. Contou que Rubinho foi o único aluno expulso da escola em seu tempo. Mas a expulsão, para ele, tinha a ver com a genialidade do menino baixinho, um gigante quando começava a falar.

A foto abaixo exhibe, da esquerda para a direita: Moacyr Franco, Rogério Cardoso, Bráulio Geraldo, Feres Sabino, Pe. Celso Ibson de Syllos, Milton de Paula, Rubens Ely de Oliveira e José Francisco Correa. Foto: CDEMOM.



Sérgio era do Centro Nacionalista quando foi procurado pelo diretor da escola para indicar um aluno para falar em nome de todos na cerimônia de comemoração de mais um ano do Gynásio. Sem nem titubear, ele indicou Rubens Ely. No dia da cerimônia, quando foi chamado a falar, Rubinho se pôs à frente, colocou o pé encostado na parede e se dirigiu, diferente de todos, ao Gynásio. Sua saudação não foi protocolar. Ele começou: “Meu Gynásio do Estado...” e “seguiu o tempo todo conversando com a escola. Os professores começaram a chorar e foi uma comoção sem tamanho. A facilidade que o Rubinho tinha para fazer discurso era invejável”. Os dois seguiram amigos pela vida afora e, por isso, Sérgio Roxo soube dizer que Rubens Ely foi para São Paulo estudar Direito, atuou na capital e morreu aposentado em São Roque/SP.

Como representante dos ex-alunos no mesmo evento, Sérgio Roxo lembrou que foi dada a palavra ao então desembargador, **Edgard Moura Bittencourt**. Um tempo depois, em 1964, ele foi cassado e retirado à força da magistratura por suas ideias democráticas.

E a memória do advogado, promotor de Justiça aposentado, ia trazendo nomes para serem citados. “O melhor aluno da nossa classe foi o **Nivaldo Laguna**. Ele cursou o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Um excelente violinista”. Então, citava detalhes. “No início de uma noite, topei com ele, mãe e irmã sentados na Praça XV. Disse-me que se tornou costume da família.” Sérgio seguiu esforçando-se para lembrar outros nomes. Já

com a entrevista concluída, ele fazia contato para indicar outro ex-aluno. “O **Lídio Granato**, ao que sei, tornou-se a principal autoridade médica do Brasil na sua área: otorrino. Meu irmão, médico no Rio, vem a São Paulo para assistir às aulas dele.”

Rui Flávio referenciou os bons créditos da escola aos professores. Queria ter se lembrado de todos, pois não havia nenhum que se apegasse, mas, diante da dificuldade, os representou citando **Lucy Musa Julião**, que não permitiu que ele deixasse a escola sem aprender a língua materna e **Florianete de Oliveira Guimarães**, que o introduziu na literatura. Motivado por essas professoras, eles romperam o limite da dificuldade. Lembrou-se de ter lido *Os Lusíadas* mais de uma vez, para poder identificar os versos. “A professora Florianete tirava os sapatos e dizia que apreciar Camões calçada era muito difícil. Depois ela lia alguns episódios mais marcantes do poema, nos dava dois versos e nós tínhamos que identificar de que parte do texto era. Isso nos deu a oportunidade de começar a gostar de literatura.”

Sérgio Roxo também teve seus conhecimentos de gramática e literatura colocados à prova. Ele contou que foi escolhido para representar os homens em um debate e a aluna **Edmeia Marturano** representava as meninas. Um tinha que fazer pergunta ao outro, numa competição que ninguém queria perder. Foram muitas, ele disse. Mas citou o dia em que teve que responder quantos adjetivos pátrios tinha Lisboa. “Lisboeta, Lisboano,

Lisbonense, Alfacinha...” Não acertou, eram sete e ele só se lembrou de quatro. Mas retrucou à altura. Recitou um poema e pediu a autoria. E o recitou novamente, ali na entrevista.

“Vês! Ninguém assistiu ao formidável. Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão - esta pantera - Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável. Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!”

A oponente não sabia tratar-se de Augusto dos Anjos e ninguém acertou. A qualidade das perguntas era tão elevada, que a professora Florianete vibrava até mesmo com os erros nas respostas. Em outra ocasião, foi Rui Flávio que passou pelo embate em sala de aula. Como atividade de literatura, eles encenaram a Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas. **Antonio Carlos Morandini** representou o cardeal Rufos, Espanhol. **João Cunha** foi o francês e, Rui, o português.

Embora em salas separadas, Sérgio Roxo e Rui Flávio encontravam-se sempre, em passeatas, promovidas pelo Centro Nacionalista, como a organizada para repudiar o ditador Anastasio Somoza Garcia, com enterro simbólico e tudo, ou para enaltecer Fidel Castro, depois de ter tomado o poder ao

derrubar Fulgêncio Batista Zaldívar. Um lugar comum dos dois era também o Parlamento Estudantil.

Rui recorda-se de ter recebido a incumbência de discursar contra Domingos Fernandes Calabar, um proprietário de terras alagoano, julgado como um execrável traidor, que ficou ao lado dos holandeses quando da invasão das terras no Nordeste brasileiro. **Cantarelle** foi o defensor. A importância do Parlamento era tanta que a imprensa habitualmente fazia cobertura dos debates.

Sérgio contou ter convidado o ex-aluno do Gynásio, na ocasião estudante no Largo de São Francisco, **José Carlos da Silva Arouca**, para uma sessão do Parlamento em que estava em debate o direito de voto do analfabeto. Era um assunto em destaque, naqueles dias. Para estranheza do ex-estudante para padre, a maioria dos alunos do Gynásio do Estado era a favor da restrição do voto aos analfabetos. Apesar da brilhante defesa de José Carlos, contou Roxo, a propositura foi derrotada pelo júri. Historicamente, os brasileiros não letrados só depositaram seus votos nas urnas, em 1985. O Brasil refletiu o Gynásio, e vice-versa.

Ao falar de José Carlos Arouca, que, mesmo tendo passado no concurso para juiz do Trabalho, foi impedido de assumir, perseguido pelo regime militar, um ex-aluno ilustre, Sérgio Roxo, citou outro irmão **Arouca**, seu xará **Sérgio**. “Foi meu colega de classe. Médico excelente, foi eleito deputado federal e um dos grandes idealizadores do Sistema Único

de Saúde (SUS).”

Outro lugar onde se encontravam Rui e Sérgio, apesar de salas diferentes, era nas sessões da Câmara Municipal. Era comum serem levados pelo professor a fim de acompanhar o cotidiano político do legislativo. Tanto um quanto o outro se lembraram de como aquela atividade era interessante. Sérgio disse que três vereadores se destacavam na tribuna de debates e os influenciaram muito no Parlamento Estudantil: Luciano Lepera, Orlando Jurca e Rios Neto.

Um apreciador de cinema, com mais de 500 filmes antigos em sua coleção, Sérgio Roxo lembrou um embate no parlamento, na presença de um dos grandes conhecedores dessa arte, naquela época, Paulo Emílio Sales Gomes. Tentando aparecer, como o próprio ex-estudante do Gynásio contou, falou alguma coisa sobre cinema e foi imediatamente corrigido pelo estudioso. Nem por isso o jovem estudante recuou, e seguiu no debate, naquele dia, mais ouvindo do que falando.

Além de Sérgio Roxo, outros três irmãos, **Gustavo, Maria Helena e Luis Antonio** estudaram no Gynásio do Estado. Por isso, certa ocasião, sua mãe, Maria Amélia Roxo da Fonseca, foi homenageada como a mãe com maior quantidade de filhos estudantes na escola. A história de Sérgio com o Gynásio não terminou quando ele deixou a juventude. Um tempo depois, na direção de **Maria Amélia Zucolloto Teixeira**, ele foi convidado a registrar uma frase comemorativa a um dos aniversários, no corredor de entrada da Escola Oto-

niel Mota. E até os dias de hoje lá está.

Ele usou uma frase de Jorge Luís Borges, para descrever sua relação com a escola.

“Helena, quando eu passo por aquela esquina do sul de Buenos Aires, e sinto na alma a dor da perda de um grande amor, só então eu me lembro que só se perde aquilo que nunca se teve.”

Sérgio viveu intensamente cada um dos dias que passou no Gynásio do Estado, por isso seria impossível perdê-lo, seja para o tempo, a memória, ou até mesmo para o sentimento adverso. Ele enfatizou, como poeta, que “aqui foi a terra onde eu nasci”.

Rui Flávio passou entre os primeiros no vestibular que lhe garantiu uma vaga no Largo de São Francisco, onde fez Direito, logo depois do curso clássico, no Gynásio do Estado. “Essa escola foi muito importante em minha vida”, disse ele. “Além de me ensinar as matérias normais, foi uma escola de vida muito grande.” Motivado pelas entrevistadoras a falar mais, contou que o diretor da sua época era o elegante **Edgardo Cajado**; que, felizmente, o muro que separava as meninas dos meninos caiu; que, entre as atividades extracurriculares, participou do jornal de História Natural, organizado pela professora **Yoli**; então concluiu, diante de uma pergunta específica, que a escola em si é um ente jurídico abstrato, e que pessoas inteligentes precisam de mitos para viver. Quem faz a escola são as pessoas, em cada momento. Pessoas diferentes, escolas diferentes.

De um jeito não igual, mas caminhan-

do um ao redor do outro, Sérgio Roxo ponderou que os alunos fizeram, sim, a escola, com os professores da época.

Não só de debatedores vivia o Parlamento Estudantil. Os expectadores também eram figuras importantes, ora motivando o orador a seguir, ora silenciando-se em desaprovção. **Fernando Pagliuchi de Lima Horta e Brasil Salomão** são ex-alunos que gostavam de assistir às sessões do Parlamento. “Nossos colegas tribunos, com pendência para as leis, como **Sérgio Roxo, Feres Sabino, Rubens Ely de Oliveira, João Cunha, Rui Flávio Chufalo Guião, Sidney Torrecilhas**, eram os mais atuantes e brilhantes, e inclusive contestavam o professor Lourenço”, contou Fernando Horta, que passou pela escola em 1954. Ele fez o 3º ano do ginásio e entre os professores que não esquece, estão as duas de Português: Dona Lucy Musa Julião e Florianete de Guimarães. “Com muita competência e diligência, nos ensinaram a amar nossa língua Portuguesa.”

O ex-aluno lembrou que, quando estava no penúltimo mês da 4ª série do ginásio, a direção da escola resolveu mudar o uniforme. Não seria mais aquele cáqui que todos usavam há muito tempo. “Como não usaríamos mais, deu-se início à destruição dos uniformes de brim cáqui. Ficavam rabiscados, queimados de cigarro, cortados... Nos últimos dias, estavam quase sem condições de uso.”

Os tempos de colégio não podiam ter sido melhores, disse Fernando, que após deixar a escola foi para a Universidade de São Paulo (USP), em São Carlos, fazer Engenharia.



Fernando Horta, sempre da terra roxa.



Brasil Salomão, na bagagem, os amigos que ficaram.

“Fiz bons amigos, vivi certa tranquilidade, hoje inexistente. Tínhamos juventude, que é o melhor dos bens, namorava... Conheci minha esposa no ginásio, em maio faremos 50 anos de casamento; tenho 3 filhos e 8 netos. Posso querer mais?” Sua relação com a cidade pode ser medida pelo carinho com que fala do tempo em que viveu ou na homenagem que fez, dando o nome à sua empresa de Terra Roxa, referindo-se a uma das qualidades das terras que muita riqueza geraram para a cidade de Ribeirão Preto. “É atavismo. Nunca esqueço minha querida terra natal.”

O advogado Brasil Salomão tinha 12 anos, quando, em 1954, entrou para a 2ª série do ginásio. Na memória, ainda habitam lembranças dos livros que leu incentivado pela professora de Português, Lucy Musa Julião. “Quanto ela me estimulou, e forçou, a ler autores brasileiros, como Machado de Assis, José de Alencar e tantos outros”. Deu quase para ouvir o advogado falar: “Ainda bem”. Da professora **Edith Migliotti**, lembrou que passou a ver a geografia de outra forma. “Ela transformou os estudos frios de geografia em interessantes aspectos de uma 'geografia social', quase uma introdução à antropologia.”

Filho de funcionário público com transferências constantes, Brasil deixou Araraquara, passou por Ribeirão Preto e seguiu para Rio Claro; muitas vezes era um estranho na sala. Mas cita as “posições de luta” do **Girges Dib Ristum** e de **Feres Sabino**, no Centro Nacionalista Olavo Bilac e no Parlamento.

Mesmo tendo vivido somente um ano

na escola, quando deixou o Otoniel Mota, levou amizades que o acompanharam por muito tempo: **Rui Flávio Cháfalo Guião, Donosor Gendiroba, Rubinho Moreira, Joaquim Ferraz...** Amigos que, embora em sala de aula ficassem com as meninas, no intervalo ficavam em lados opostos, separados pelo famoso muro. “Uns entravam pela esquina da Marcondes Salgado (os meninos) e elas pela esquina da Cerqueira César.”

Dono de uma memória privilegiada, fruto da vivência, atenção e leitura, **Antonio Vicente Golfeto** terminou o curso ginásial no Instituto Educacional Otoniel Mota, em 1958. Fez o colegial científico e deixou a escola em 1961. Para o professor de Economia, “a curiosidade é a bússola do conhecimento”. Foi acreditando nessa assertiva que ele desenvolveu o prazer de estudar, a partir da leitura.

Golfeto não se esquece do Parlamento Estudantil, não só porque sua memória é realmente exemplar, mas porque a iniciativa conduzida pelo professor Lourenço foi bastante impactante em sua vida. “Foi lá que procurei fazer o funeral da inibição e comecei a distinguir oratória de retórica.”

No caso do ex-aluno, não foi nada difícil recordar os antigos professores. “Lembro-me de todos, mas alguns transitam da memória para o coração. E vice-versa. **Sebastião**, de Química; **Célio**, de Filosofia; **Lucy**, de Português; Martinelli, de Matemática; **Yole**, de História Natural – não era Biologia ainda – **Lourenço**, de Latim; e **Neuza**, de Francês, dentre outros. Com eles, eu aprendi a gostar

dos clássicos da literatura, da beleza das artes e – mais importante – aprendi que, muitas vezes, palavras apenas, que são pontes que ligam uma ideia a outra, um pensamento ao outro, um postulado de ciência a outro. Ligávamos a busca da verdade – meta da filosofia – à transitoriedade da verdade nas ciências, menos na Matemática. Aprendíamos, em Matemática, que teorema é uma verdade, que tem que ser demonstrada enquanto axioma, também uma verdade. Mas que, pelo fato de ser evidente, não precisa ser demonstrada.”

Embora nunca tenha feito teatro, nem em sua época de estudante no Otoniel Mota, o professor das Ciências Econômicas citou Oscar Wilde para explicar como o tema transita em sua vida. “O poeta britânico dizia que ‘o teatro é mais real do que a vida’. Um homem analista, que primeiro compreende depois enuncia, Golfeto segue às voltas com a economia e a política. Foi vereador por um período e professor uma vida inteira. Entre política e teatro, há, para ele, uma relação bem esclarecida. “Comecei a relacionar teatro com política. Representa-se no teatro enquanto na política nós temos representantes. Depois concluí que o teatro, na verdade, pode ser a mais forte e a mais contundente crítica à política. Aprendi que, como nos ensina a lei de Lamarck, ‘a necessidade cria o órgão’. Assim, as palavras nascem conforme a necessidade, sempre a mãe da criação. A primeira palavra é polis, cidade, em grego. Da necessidade de gerir a polis, nasce a política, a administração da cidade. E qual é a terceira palavra que surge também por neces-



Antonio Vicente Golfeto:
da memória para o coração e vice versa.

sidade? Polícia... Na esteira desse raciocínio, o senador romano, Marcus Tullius Cícero, dizia que ‘política é a escola do crime.’

Em uma descrição eloquente, ritmada pelo conhecimento formado ao longo do

tempo, Antonio Vicente Golfeto deixou de ser professor para ser ex-aluno porque a memória não oferece problema em ir e vir, fazendo-nos pequeninos nesse trânsito e é na figura de jovem estudante que o professor declarou que a leitura, para ele, sempre foi um hábito solitário, daí sua não participação em clubes promovidos pela escola. “A solidão é uma excelente usina de ideias. Mas lembro-me de alguns livros que li, pela primeira vez, na adolescência, como os *Sermões* do padre Antônio Vieira; muitos livros da *Comédia Humana*, de Balzac; obras – poesia e prosa – de Fernando Pessoa; obras de Machado de Assis; todo o teatro de William Shakespeare. Não foram poucos os livros que li em diferentes fases da vida. O Homem Medíocre, de José Ingenieros, por exemplo, eu o li, a primeira vez, aos 15 anos. A segunda vez, com mais de 30 anos. A terceira vez, próximo dos 50 anos. Por último, próximo dos 73 anos. Aprendi com Thomas Mann que “não devemos ver os livros bons porque existem os ótimos”.

A alegria em falar sobre a Escola Ottoniel Mota, comum aos entrevistados, residiu também na fala do professor ex-aluno. “Essa escola mostrou-me o prazer de aprender. E mais. Que educar é ensinar a pensar.”

O advogado Feres Sabino destacou-se mesmo nos embates promovidos pelo Centro Nacionalista Olavo Bilac, tanto que suas memórias foram organizadas abaixo desse tema. Sobre o Parlamento Estudantil, ele não tem qualquer dúvida. “Indiscutivelmente foi um centro de educação de retórica fantástico.

Quando eu entrei na faculdade, me inscrevi no curso de oratória com o famoso Dimi Ramos. Ele era o papa da retórica, naquela época. Tinha umas quarenta pessoas e ele olhou bem para mim e disse: ‘você aí, vai pra tribuna,’ e eu fui.” Convidado a falar sobre um tema, Feres discorreu durante o tempo que lhe foi dado. Ao terminar, o professor o dispensou do curso, afirmando que ele não precisava.” Isso foi graças ao professor **Lourenço da Silva Torres**, quem comandava o projeto do Parlamento.

De volta a Sérgio Roxo, ele foi orador de sua turma em um dos anos escolares. O promotor de justiça não se lembrou do discurso que fez, mas não se esqueceu de um mais recente, que ouviu em 2013, apresentado pelo ex-aluno do Gynásio do Estado, seu colega, **Sidnei Agostinho Beneti**. Ele voltou a Ribeirão Preto para receber, na Câmara Municipal, o título de cidadão emérito. Ao longo do seu discurso, enunciou as emoções que viveu quando passou no vestibular para cursar a São Francisco; quando se tornou juiz de Direito e depois desembargador; e ao ser empossado ministro do Superior Tribunal de Justiça. Mas a inesquecível emoção que viveu mesmo foi quando soube que tinha passado no exame de admissão ao Gynásio do Estado. Da plateia, Sérgio Roxo soube, sem qualquer melindre, que o amigo estava sendo muito sincero, pois não era diferente com ele.

Sidnei confirmou com renovada emoção duas verdades mencionadas pelo amigo de escola, **Sérgio Roxo da Fonseca**. A primeira verdade é que, realmente, em seu discurso ao

receber o título de Cidadão Emérito de Ribeirão Preto, fez referência à sua passagem pela Escola Otoniel Mota. A segunda verdade é que, de fato, foi uma das maiores emoções de sua vida passar no Exame de Admissão ao Ginásio do Estado de Ribeirão Preto e depois andar pelas ruas da cidade usando o uniforme da época, um terninho cáqui, com paletó e gravata preta. “Quando deixei o colégio, já não tinha mais o paletó e a gravata, mas uma camisa de mangas compridas, também cáqui, e gravata bordô!”

Então, o ex-aluno acrescentou: “nada, na minha longa carreira de magistrado e professor se equiparou àquela emoção. Nem o ingresso na Faculdade de Direito da USP, nem a aprovação no Concurso de Ingresso na Magistratura, nem a nomeação como desembargador do Tribunal de Justiça e como ministro do Superior Tribunal de Justiça. E a mesma emoção sinto agora, ao relembrar aquele momento de felicidade imensa”.

De 1956 a 1959, Sidnei Beneti frequentou o Ginásio e, nos anos seguintes, até 1962, fez o curso clássico. Cabem muitos professores eram personalidades especiais, cultos e dedicados totalmente ao ensino.” Para exemplificar quanto eram influentes, Sidnei contou que, quando eles eram nomeados e tomavam posse, o jornal da cidade noticiava.

Diante do pedido de anunciar os professores que foram importantes em sua formação, naquele período, ele não teve qualquer dúvida sobre nomes, disciplinas ou fatos. Para o ex- aluno, todos deixaram ensinamentos,



Sidnei Beneti: coração eternamente ribeirão-pretano.
Foto: acervo da Revista Revide.s/d.

“nada, na minha longa
carreira de magistrado e
professor se equiparou
àquela emoção...”

imagens e “vozes presentes até hoje”. Sidnei organizou o pensamento e citou todos que vieram imediatamente à sua memória. “No Curso Ginásial, **Lucy Musa Julião**, de Português, lecionava gramática, muito rigorosa e

definitiva; **Laurenço Torres da Silva**, de Latim, uma figura ática, grande cultura clássica, estudava Direito e fundou o inesquecível Parlamento Estudantil, com reuniões aos sábados pela manhã, para debater temas e realizar julgamentos simulados de personalidades históricas; **Neuza Michellutti**, de Francês, com chamadas diárias à frente da classe, para dizer verbos franceses e textos literários em francês, que me lembro de cor até hoje; **Herculina Verri Alonso**, de Inglês, mais dedicada à gramática, também sempre com chamadas orais diárias, sobretudo de significado de expressões idiomáticas, palavras e construções inglesas; **Edith Migliotti**, de Geografia, com quem aprendemos todo o mapa-múndi; **Dora Barachini**, de História, tanto brasileira como geral, culta e atenciosa; **Maria de Lourdes**, de Música, fazia-nos cantar e solfejar, até hoje sei músicas e solfejos de cor; **Ary**, de Trabalhos Manuais, que nos ensinava a construir objetos de madeira, usando serras manuais “tico-tico” e a costurar bolas de pano, preenchidas com bexigas, para brincar à moda de voleibol.”

Considerando a assertiva de que a memória guarda referências significantes, o ex-aluno que chegou a ministro do Superior Tribunal Eleitoral, é um baú de significados. Ele seguiu relacionando os mestres no Curso Clássico. “Acrescentou-se, a essa fase, um formador de gerações, **Célio Bento de Freitas Costa**, de Filosofia. Dotado de cultura humanística imensa, também professor de Latim e Português, foi verdadeiro disciplinador do pensamento, ensinando correntes filosófi-

cas e lógica maior e menor. Aprendemos as regras da construção do raciocínio e da argumentação, com suas premissas e conclusões, silogismos e dilemas, condicionando a organização intelectual e moral dos alunos para toda a vida. Para o vestibular da Faculdade de Direito, estudei particularmente com ele, primeiro Latim e, depois, com a mudança das disciplinas do vestibular, Psicologia e Lógica.”

Antes de chegar a ministro, Sidnei Beneti cumpriu outras etapas de sua trajetória jurídica. Prestes a tornar-se desembargador, foi cuidadoso e muito cortês ao designar um convite da cerimônia, em Brasília/DF, para sua antiga professora do Otoniel Mota, **Florianete de Oliveira Guimarães**, conforme contou **Margaret**, a filha da educadora. Ela teria ido, se pudesse. Mas o convite a enterneceu. Ao longo do depoimento do ex-aluno, ficou evidente tamanha deferência. Aquele singelo convite personificava a gratidão, o reconhecimento. “No Curso Clássico, um caso à parte. Veio Florianete de Oliveira Guimarães, de Português, lecionando também Latim para outras classes. Disparadamente destacada, foi paraninfa de nossa formatura no Clássico – que preocupação tê-la, como oradora da turma, com seu rigor vernacular, à mesa da solenidade, de formatura, na Sociedade Dante Allighieri! Culta, exigente e incentivadora. Criou o Grupo de Teatro Centro de Estudos Teatrais Edgardo Cajado (Cetec), depois renomeado Centro de Estudos Teatrais Educação e Cultura, tendo como vice-presidente a professora de Francês Neuza Michellutti.

E se as lembranças já narradas não bastassem para materializar a relação de estima do ex-aluno com sua ex-escola, Sidnei surpreendeu, ainda mais, colocando em ordem os espetáculos teatrais montados pelos alunos. “Algumas peças e espetáculos no Theatro Pedro II, inesquecível: *A Ceia dos Cardeais*, de Júlio Dantas; *Revolução na América Latina*, de Augusto Boal; e *As Cadeiras*, de Ionesco, levadas ao Festival de Teatro Estudantil de Campinas e ao auditório da Escola Normal da Avenida 9 de Julho; *Quem Casa Quer Casa*, de Martins Pena e *A Bruxinha que Era Boa*, de Maria Clara Machado, também no mesmo auditório ou no Auditório do antigo Cine São Miguel; além de shows com jograis de poesia, música e esquetes, como: *O Subdesenvolvido*, de Carlos Lyra e Francisco de Assis.”

O ex-aluno participou de quatro peças e recorrendo a panfletos que ainda guarda, conseguiu elencar parte dos amigos: **“José Roberto Micchellazzo, Antonio Carlos Morandini, Romualdo Pieri Damião, Paulo Roberto Moreira, Antonio Augusto Micchellazzo, Donatila Durante Vivas, Tezzy lemma, Naysa de Oliveira França, Luís Roberto de Almeida, Marisa Baston de Toledo**, irmã da atriz Marília Gabriela, que também aparecia com poesias, **Luiz Antonio Rodrigues da Silva, Régis de Castilho Barbosa, José Carlos Corrêa, Sérgio Luiz Bartolomucci, Maria Cristina de Godoy, Isa Lemos, Ed Maria Lemos, Ângela Rocha, Lúcia Penna, Mirian Fortes, Amir Kalaf, Gilberto Galileu Soato, Carlos Junqueira,**

Valéria Escarlete Domiciano, Carlos Alberto Normanha, Maria Quariguasy Vasconcellos, Sílvia Sanches Aguiar, que então conheci e com quem me casei – há quase 50 anos.

Era só introduzir um novo tema e imediatamente surgiam novas histórias. “A professora Florianete não só ensinava literatura, mas também vivia e fazia viver a literatura. Lemos praticamente um livro de cada autor importante da literatura brasileira e da portuguesa. Sabíamos de cor os trechos principais, que caíam nas provas. Formara-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, na Rua Maria Antonia – tendo sido aluna dos maiores nomes da literatura brasileira da época. O extremo rigor nas aulas e na correção das provas contrastava com a abertura imensa que provocava no pensamento e na liberdade artística de vanguarda, incentivando a criatividade a ponto de receber seus alunos na própria residência, em reuniões de grupos e ocasiões festivas; receber “serenatas” noturnas de seus estudantes perambulando nas noites de Ribeirão Preto; e, ainda, organizando apresentações dos grupos artísticos de alunos. Uma influência decisiva e inesquecível.”

Então, a pergunta sobre os amigos mais próximos, ficou fácil. **“Luiz Antonio Rodrigues da Silva, Régis de Castilho Barbosa, Ricardo Ferraz Marcondes de Souza e Geraldo Rodrigues Soeira**, que depois foram colegas na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo. Luiz Antonio e Régis fizeram brilhantes carreiras na Magistratura, foram desembargadores do

Tribunal de Justiça de São Paulo, destacando-se, o primeiro, como presidente da Seção de Direito Privado do Tribunal e, o segundo, como presidente do 1º Tribunal de Alçada Civil de São Paulo – dois verdadeiros irmãos de toda a vida. Ricardo, de grande cultura, tinha morado na Inglaterra e, ainda no colegial, virou professor de inglês, no primeiro Curso Preparatório fundado em Ribeirão Preto - o Curso Joma. Deixou o Direito para dedicar-se à atividade empresarial, em Ribeirão Preto, e Geraldo Soeira, o maior conhecedor da gramática da língua portuguesa de nosso grupo, veio a falecer prestando serviços à Justiça do Trabalho, na capital.”

Ainda pressionado pelo curto prazo da entrevista, explicou dizendo que esses eram alguns entre muitos outros. No Curso Clássico, a maioria era mulheres. **“Zélia Maria Biasolli, Regina Helena Monteiro de Barros, Cora Sophia de Toledo Piza Schroeder, Maria Lúcia Naime, Donatila Durante Vivas, Inês Cecília Mestriner e o Valdir Silvio Polon.”**

Quando o tema voltou para o tópico que iniciou a entrevista, o Parlamento Estudantil, Sidnei Beneti declarou-se participante assíduo. Ele guarda, com cuidado, a cópia do Regulamento, uma maneira de provar sua cumplicidade com o projeto. “Discuti e sustentei o que veio, fui jurado, mas não cheguei a defender ou acusar. Lembro-me de alguns que dominavam o Parlamento, novamente pedindo desculpas por esquecimentos: **Sérgio Roxo da Fonseca, João Orlando Cunha, Luiz Sérgio de Souza, Sérgio Rizzi, Roberto**

Müller Filho, Rui Flávio Chufalo Guião, Feres Sabino, Antonio Eugênio Cersósimo Minghini, Sérgio Resende, Roberto Heck, Newton Mendes Garcia – e o grande orador **Sérgio Arouca** – que se formou em Medicina e foi um dos grandes nomes mundiais do Sanitarismo, presidente da Fiocruz, infelizmente levado de nós muito cedo.”

Sérgio Arouca participou do Centro de Amigos da Literatura. Ali, a partir da leitura, os participantes se inspiravam a escrever seus versos e textos. Entretanto, a experiência mais marcante parece mesmo ter sido no Parlamento Estudantil. O ex-aluno que virou deputado teve constante atuação como “advogado de defesa”, por exemplo, inocentando Calabar.

Além de concordarem que Sérgio Arouca era um excelente orador, Sidnei Beneti somou-se a Sérgio Roxo nos elogios também à eloquência do amigo **Rubens Ely de Oliveira**. “Ele é inesquecível para todos que o viram falar e um terror para os que o enfrentaram. De pequena estatura, tornava-se imenso quando falava, uma torrente de palavras e frases capazes de convencer as pedras da rua!”

Entre as coisas que muito gosta, o ex-estudante do Instituto Otoniel Mota, Sidnei Beneti, declarou que seu apreço à literatura de Euclides da Cunha começou no Curso Clássico, durante as aulas da professora Florianete. “Resumi ela o livro, disse que não ia obrigar à leitura ainda, porque era muito difícil. Fiquei curioso. Depois da aula fui à Biblioteca Circulante Altino Arantes e retirei o livro que li com auxílio de dicionário, listando as palavras



Antonio Carlos Morandini e Welson Gasparini: amigos na escola, na rádio e na política. Foto: Assembleia Legislativa.s/d.

desconhecidas para rever. Naquele tempo, aliás, com o amigo **Luiz Antonio**, vivíamos em constante troca de palavras difíceis, hábito da época. Fui depois Maratonista Euclidiano, representando o Otoniel Mota, em São José do Rio Pardo. Não venci a Maratona, mas o gosto por Euclides da Cunha continuou.

O ex-aluno do Otoniel Mota volta sempre a Ribeirão Preto para visitar sua mãe, Ináh Nogueira Beneti. “Até hoje minha mãe, no alto de seus 96 anos e ainda lendo muito, atenta às notícias, cuidando da própria vida, escrevendo memórias e publicando livros, mora na cidade onde ela nasceu!”

Amigo de Beneti, **Antonio Carlos Morandini** reconheceu que as experiências no Parlamento Estudantil foram muito importantes para sua formação, mas que o teatro foi ainda mais. Ele lembrou de vários personagens

que intepretou, mas uma história em especial, ganhou destaque.

O ex-aluno, convidado, foi a cerimônia de nomeação de Sidnei Beneti como Desembargador. Quando chegou, antes de ser visto, tapou os olhos do jurista e com a voz empossada, lembrando-se do personagem que fez no espetáculo *A Bruxinha que Era Boa*, chamou Sidnei de Pedrinho. Este não precisou virar-se para saber quem era, ali mesmo, no meio de todos aqueles outros juristas, chamou Morandini de Bruxo Chefe. Foi um encontro datado. Dois amigos, dois personagens, ex-alunos do Instituto de Educação Otoniel Mota, membros do Cetec.

Ainda sobre o teatro, Morandini destacou o quanto polêmica poderia vir a ser a professora Florianete de Oliveira Guimarães. “Ela resolveu montar o espetáculo *A Carne*, de Júlio Ribeiro.

Foi uma discussão sobre moralidade que envolveu muita gente.”

Não são estas, somente histórias que sobreviveram ao tempo e ganharam lugar na memória. O relevante é o que essas memórias significam. A alegria com que foram partilhadas revela que as experiências foram intensas.

Sobre o Parlamento, Morandini contou que a estrutura era mesmo muito parecida com a jurídica. “Tinha réu, júri, promotor e juiz. O professor definia o tema e nós nos aprofundávamos estudando e pesquisando muito ao longo da semana. Era vibrante. Voltávamos à escola no final de semana, empolgados, sem qualquer problema.”

A trajetória profissional de Antonio Carlos Morandini teve início ali mesmo no Otoniel Mota, lugar onde ele vivenciou sua primeira relação com o rádio e com a escrita. “Eu, muito jovem, já tinha uma coluna no jornal Diário de Notícias.”

Welson Gasparini, que foi prefeito de Ribeirão Preto por quatro mandatos, também estudou no Instituto de Educação Otoniel Mota. Ele fez o curso Normal, entre 1953 e 1956. Sempre que tem oportunidade anuncia o quanto a escola foi importante na sua formação. “Aprendi muito com excelentes professores que me possibilitaram uma ótima base educacional e cultural.”

Entre as coisas que Gasparini nunca esquece estão os seus antigos professores e os amigos do tempo de estudante.



Professor Lourenço Torres da Silva, criador do projeto Parlamento Estudantil. Foto: retirada do site <https://lourencotor.res.wordpress.com>.

2. Política, Escola e Juventude

O Grêmio Olavo Bilac: a organização estudantil do Gynásio do Estado ao Otoniel Mota

Onde existem alunos, há também organização estudantil. Desde o século XIII, identificamos atividades nas primeiras universidades do ocidente. Com o aumento do número de estudantes, também cresceu a sua participação em vários eventos históricos. Mas foi o breve e conturbado século XX que assistiu à sua efetiva ampliação.

Os anos 1960 foram os mais marcantes, alçando as ações dos jovens secundaristas e universitários a uma repercussão mundial. Em 1968, vários países assistiram ao clima de combatividade que ganhou as ruas. O espírito era de luta. O desejo era quebrar paradigmas. O grito era contra a guerra, a desigualdade e a intolerância.

No Brasil, os movimentos estudantis ocorreram, em boa parte, vinculados às entidades representativas da categoria. Em 1901, foi criada a Federação dos Estudantes Brasileiros. São Paulo parece ter visto alguns dos primeiros grêmios do País, inicialmente com atividades recreativas voltadas para o esporte. A União Nacional dos Estudantes (UNE) surgiu mais de duas décadas depois, criada por Getúlio Vargas, em 1937. Já a União Nacional dos Estudantes Secundaristas (Unes) foi fundada em 1948, trocando o seu nome para Ubes, em 1949.

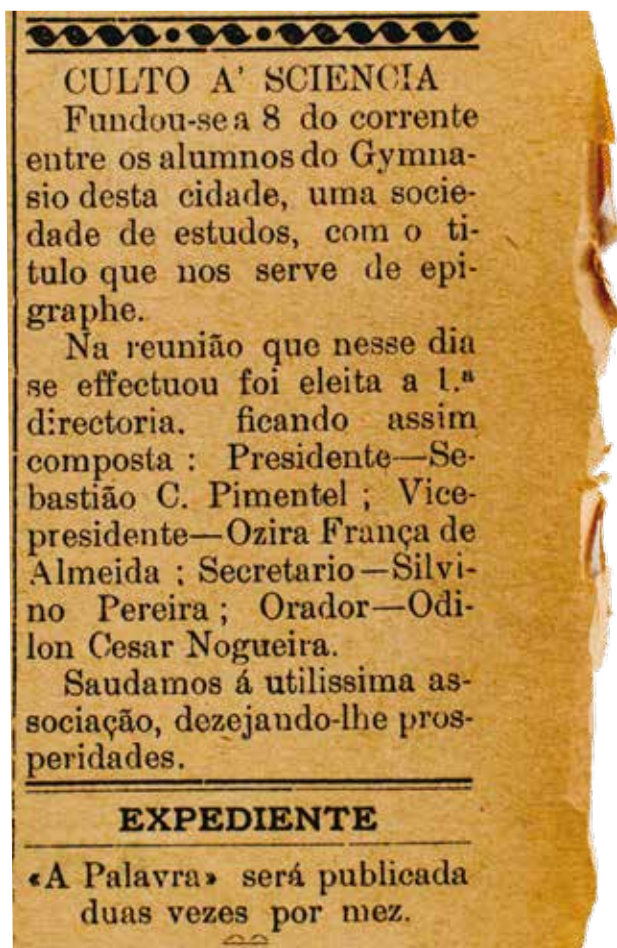
Nos anos 1950 e 1960, a democracia criou o ambiente político para o fortalecimen-

to e envolvimento dos estudantes com questões nacionais. Campanhas como o “Petróleo é nosso!” e “Reformas de base” fizeram parte da pauta dos universitários e também dos alunos do segundo grau.

No caso específico dos secundaristas, cabia aos grêmios sua organização. Existiam ainda os centros cívicos, normalmente atuando atrelados às direções das escolas e controlando as atividades estudantis.

Ribeirão Preto acompanhou toda essa história de muito perto. Com a fundação do Ginásio de Ribeirão Preto, hoje Otoniel Mota, também nasceram as primeiras organizações estudantis.

Em 1907, ano da fundação da escola, surgiu o Centro de Culto à Ciência, que publicou o jornal A Palavra, sob a responsabilidade de Silvino Pereira e Antonio Pereira Lima, dirigentes do centro. A direção literária do jornal estava a cargo do professor **Otoniel Mota**. À frente de seu tempo, essa organização possuía duas mulheres na diretoria: **Ozira França de Almeida e Carlota da Graça Veiga**. Esses jovens envolviam-se tanto nas questões da escola como na política local e na nacional. Um fato interessante foi a organização de passeatas durante a Campanha Civilista, de Rui Barbosa. Tanto o Centro de Culto à Ciência como o jornal deixaram de funcionar em 1912.

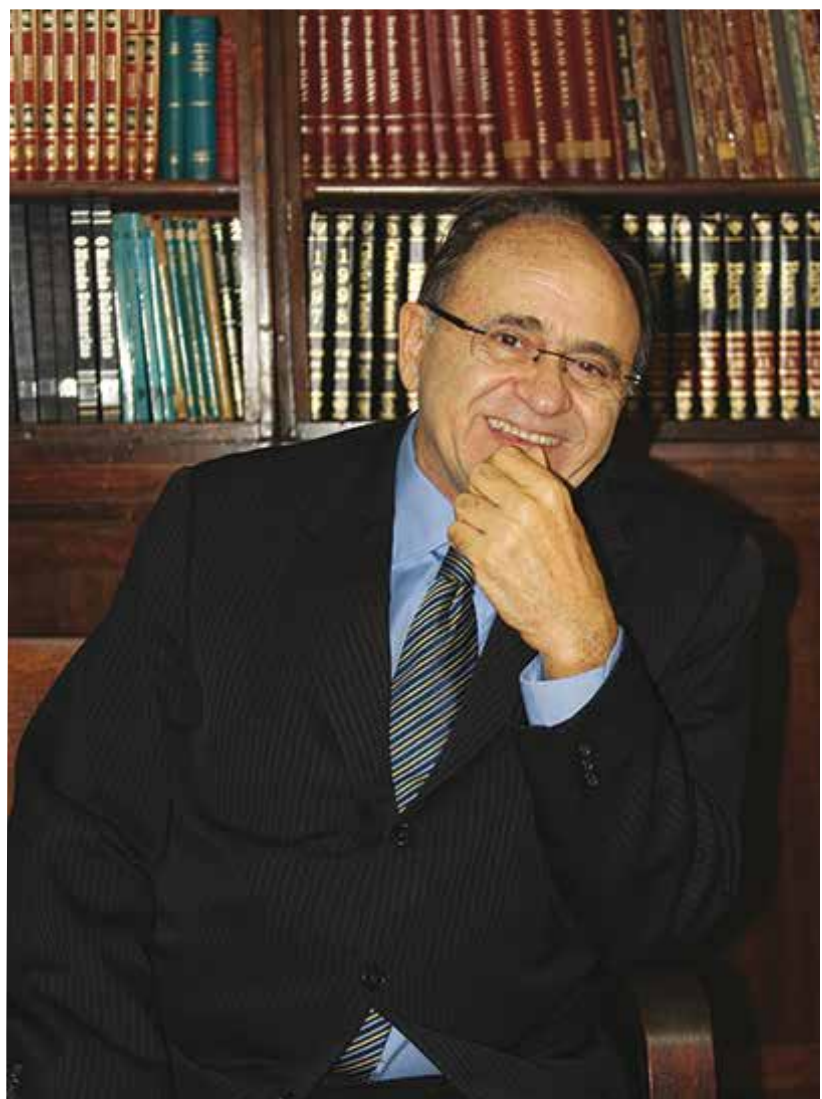


Recorte do Jornal Diário da Manhã. 1907.
Foto: acervo do CDMOM.

Algum tempo depois, ainda nos anos de 1910, foi criado o Centro de Ciências e Letras, destituído em 1919, por um movimento liderado por Mario Pereira Rocha e Joaquim Meirelles. Foi criado nesse ano, o Grêmio Ginasial Olavo Bilac, posteriormente transformado em Centro Nacionalista Olavo Bilac. Era um espaço no qual os alunos se reuniam para discutir obras literárias e científicas, e, sobretudo, questões relacionadas ao cotidiano da escola e ao cenário político. Além dele, existiu,

nos anos 1930, o Centro Nacionalista Campos Sales. Nasciam, assim, locais propícios a grandes ideias, que logo se transformariam em ações capazes de influenciar não só a sociedade ribeirão-pretana, mas também os sonhos e as ambições ao longo dos mais de cem anos de existência do movimento estudantil no Gynásio do Estado de Ribeirão Preto.

Esse é o caso de **Feres Sabino**, que,



Feres Sabino, feliz em poder contar suas histórias.



CENTRO NACIONALISTA "OLAVO BILAC"

Sede: - Avenida 9 de Julho, 378
RIBEIRÃO PRETO



Prezado(a) Colega:

Que sejam sempre límpido e sereno o céu da vossa vida e larga e sem tropeços a estrada do vosso destino são os votos sinceros do Centro Nacionalista "Olavo Bilac" neste dia de tão grande significação para vós.

Permita Deus que datas como a que hoje comemorais se sucedam por muitos e muitos anos, sempre marcadas do júbilo, que hoje reina em vosso lar.

Efusivos parabens,

A DIRETORIA

Acima, documento do CNOB. Abaixo, alunos e professores da escola, na década de 1950. Foto: acervo do CDMOM.



entre risadas, relatou seus anos no Otoniel Mota, ainda na década de 1950. Tendo o Centro Amigos da Literatura (CAL) como a porta de entrada no movimento estudantil, ele se candidatou ao Grêmio Olavo Bilac pela chapa Edgardo Cajado, como vice de seu colega **Sérgio Roxo da Fonseca**. Na época, também faziam parte do grupo **Rubens Ely de Oliveira**, “um grande orador da nossa época, brilhante; o **Fernando Horta**, o **Sérgio Arouca**, que foi presidente do conselho fiscal na nossa chapa, e o **João Cunha**, que mais tarde se tornou nosso opositor na política estudantil”.

Personagem que escrevia sua história em meio aos anos democráticos que antecederam o golpe de 1964, Feres Sabino via, no grêmio, o polo local para a luta que ocorria em todo o País. Com a chapa eleita, assim que tomou posse foi participar de um Congresso da União dos Estudantes Secundários (Unes), onde o grupo conheceu o governador Jânio Quadros e o secretário da Fazenda Carvalho Pinto.

Inúmeras foram as atividades do grêmio, nesse período. “Nós fizemos uma passeata contra o Fulgêncio Batista, que era o ditador, depois nós fomos apoiando o Fidel Castro, de forma que nós tínhamos a participação política, essas coisas foram dando pra nós uma visão que ultrapassava a cidade, a escola.” Feres também recordou a promessa de campanha da chapa Edgardo Cajado, encabeçada por Sérgio Roxo, em 1957. “Nós iríamos distribuir gratuitamente as carteirinhas dos estudantes, até então cobradas.”



Feres de volta a sala de aula em que ele estudou na década de 1950.

Já em 1958, foi publicado um manifesto feito pelo Centro Nacionalista Olavo Bilac, no Diário da Manhã, apelando às autoridades para que proibissem a circulação de revistas imorais na cidade. Nesse mesmo ano, os líderes do grêmio reuniram-se com líderes sindicais para discutir o aumento do custo de vida em Ribeirão Preto. Presentes de forma maciça, na Câmara Municipal, os alunos do então Instituto de Educação Otoniel Mota conseguiram a aprovação de um auxílio de 20 mil cruzeiros ao Centro Nacionalista Olavo Bilac, o grêmio, para a construção da cantina.

“Quando eu vejo esse pessoal fazendo esse escarcéu [sobre a atividade política], a minha geração já é diplomada nisso. O fervilhar estudantil era fantástico, a participação estudantil era criativa, ousada. Nossa geração se preparou não só para transformar a cidade, mas o mundo!”

Ainda em julho de 1958, Sérgio Roxo teve de se ausentar da presidência, e o vice Feres Sabino assumiu. Nesse cargo, ele teve a iniciativa de publicar nos rodapés dos jornais,

o Manifesto ao Povo e aos Candidatos Locais à Assembleia e à Câmara Federal, exigindo a declaração de bens e de princípios. Também lembrou de coisas mais simples, não menos importantes, como o pedido à professora de Geografia para que, pelo menos uma vez por mês, possibilitasse que um aluno falasse sobre um problema nacional. O pedido foi aprovado e Feres Sabino fez o discurso inaugural sobre o Petróleo É Nosso! Para o advogado, todos esses acontecimentos significaram muito. Ele falou com orgulho sobre a participação política na época. “Quando eu vejo esse pessoal fazendo esse escarcéu [sobre a atividade política], a minha geração já é diplomada nisso. O fervilhar estudantil era fantástico, a participação estudantil era criativa, ousada. Nossa geração se preparou não só para transformar a cidade, mas o mundo!”

Viver antes de 1964 no movimento estudantil era como ser conduzido à liberdade. Mas, como a maioria das histórias de luta, chegam os momentos de apreensão, que para Feres se cristalizaram com o golpe de 1964: “Sobre 64, a decepção foi tão grande que, para nós, era equivalente a um tiro na boca para matar a palavra”. Com o início da ditadura civil-militar, o período de liberdade tinha se esvaído, mas não o de luta.

Feres Sabino afirmou que não há frustração pelo fato de não terem conseguido mudar o mundo, pois sua geração tem um senso de realidade muito forte.

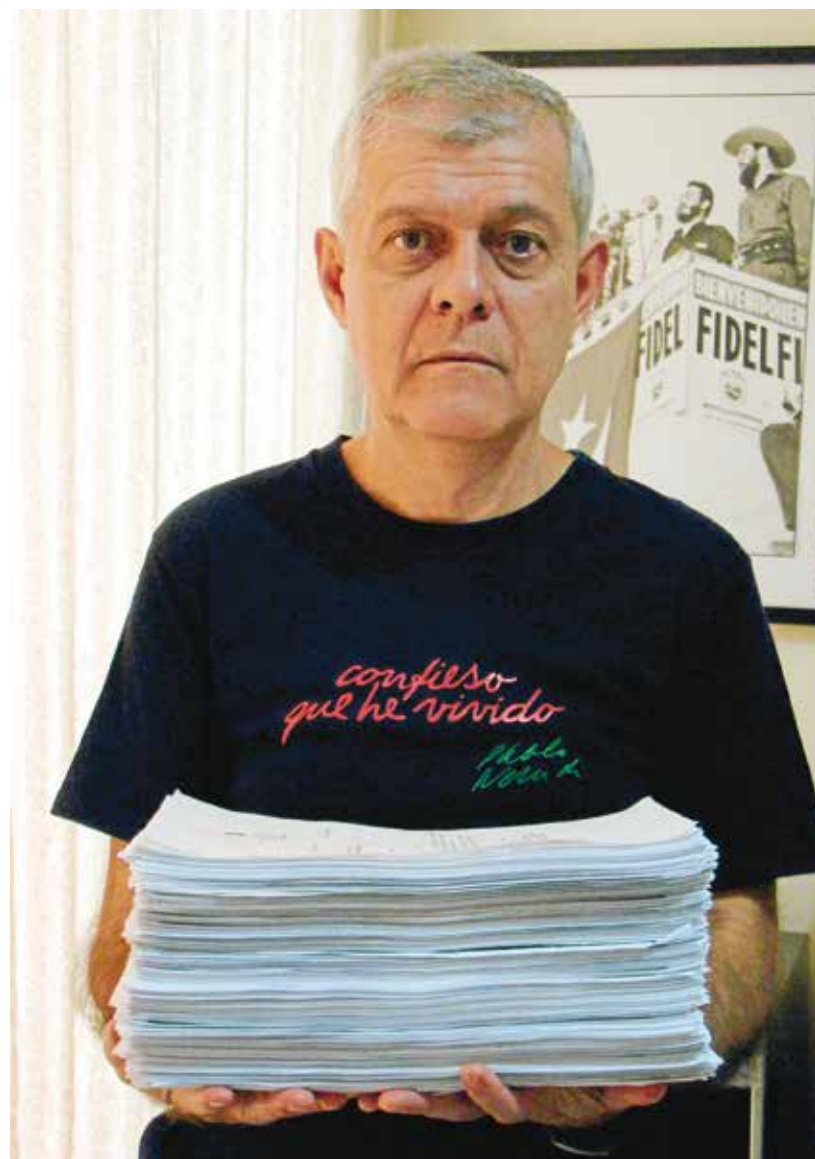
O ex-ministro do Supremo Tribunal de Justiça, ex-aluno do Otoniel Mota **Sidnei**

Agostinho Beneti, acrescentou que o final dos anos 1950 foi uma época de ousadia. “Inesquecível a vez em que a Diretoria do Centro Nacionalista Olavo Bilac, acho que sob a presidência de Antonio José Moreira, em protesto contra o diretor da Escola, transferiu a sede do centro para uma mesinha, na Praça XV, perto do monumento e do relógio da praça! Uma extrema ousadia para a época, em que só usar o uniforme do Otoniel Mota em situações comprometedoras já desencadeava alguma sanção.”

Na década seguinte os dias não foram mais fáceis. A diretoria do grêmio passava de grupo em grupo, diferindo-se pelos nomes, mas mantendo-se atuante. Um personagem se destacou como um dos líderes estudantis entre os anos 1960, início de 1970, em Ribeirão Preto, seu nome é **Carlos Leopoldo Teixeira Paulino**. Formado em Direito, ele não abandonou a militância política até os dias de hoje. Já foi integrante da Ação Libertadora Nacional (ALN) e atualmente é membro do Fórum de ex-Presos e Perseguidos Políticos do Estado de São Paulo. Mas, foi como integrante e presidente do Centro Nacionalista Olavo Bilac que Leopoldo teve as suas primeiras experiências políticas. Suas memórias contadas sobre essa época, bem como sua atuação política contra a ditadura estão no livro *Tempo de Resistência*, que já está na 10ª. edição, e no documentário com o mesmo nome dirigido por André Ristum.

Influenciado pelos exemplos de seus pais, Moacyr Alves Paulino e Maria Aparecida

Teixeira Paulino, professora do Otoniel, desde cedo se engajou em movimentos políticos. Era o ano de 1965, quando o jovem Leopoldo, então com 14 anos, ingressou no Centro



Leopoldo Paulino mostra o conjunto dos documentos retirados no Arquivo Nacional (1.115 páginas), contendo informações sobre ele coletadas pelos órgãos repressivos da ditadura militar.

Nacionalista Olavo Bilac, presidido, então, pelo aluno do 3º ano do clássico e líder estudantil, **Segisvaldo Luís Caldo**.

Em meio à consolidação da ditadura militar no País e a forte repressão política, Leopoldo viu no grêmio estudantil a melhor forma de lutar contra o regime vigente e de se engajar para garantir mudanças sociais. Conhecido por contestar os professores que defendiam o golpe, ele foi eleito presidente do Grêmio Estudantil ainda em 1965, numa chapa que tinha como objetivo a luta pela defesa do ensino público e contra o regime militar. “Congregamos vários companheiros de luta, organizamos a chapa e vencemos, derrotando um grupo de elite que, embora não fosse de direita, concebia o grêmio como um clubinho de amigos, que deveria existir somente para desenvolver atividades sociais e esportivas, sem se envolver na luta dos estudantes e muito menos na luta política.” Entre esses companheiros, estava o amigo **Carlos Russo Jr.**, que cursava o colegial e entrou para o grêmio a seu convite.

Leopoldo lembrou que, na época, as eleições do grêmio, assim como as nacionais, eram indiretas. Quando assumiu a presidência, realizou um plebiscito no qual pedia as eleições diretas para o Centro Nacionalista Olavo Bilac. Com a ajuda de uma grande quantidade de votos, o pedido foi aprovado e Leopoldo conseguiu ser reeleito em 1967, já pelo voto direto.

Segundo ele, o grêmio era um lugar de intensa participação dos estudantes, mas

não do corpo docente, ou porque preferiam não dar opinião nas atividades políticas ou porque eram contra a posição adotada pela chapa. O grêmio, nessa época, envolvia-se com os problemas vividos pelo País, em decorrência da repressão política. Em 1966, Leopoldo, como presidente do Centro Nacionalista Olavo Bilac, e **Maria Aparecida Paschoalin**, presidente do Centro Nacionalista Normalista Otoniel Mota, comunicaram ao diretor **Romero Barbosa** a iniciativa de entrar em greve. A decisão foi um protesto contra a prisão de estudantes de Ribeirão Preto, alguns deles alunos do Instituto de Educação.

As relações com Romero Barbosa eram sempre tensas. Na visão de Leopoldo, o diretor tomava “atitudes arbitrárias”. Ainda se lembra do diretor “ao pé da escada gritando com os alunos e exigindo que subissem em rigorosa disciplina. Excluía também da fila os rapazes com o cabelo comprido, por entender que tal moda era incompatível com o ‘decoro’ da escola”.

Explica a sua posição ao contar o episódio de fechamento do Grêmio. Durante programa na Rádio PRA-7, ouvido por estudantes, na sapataria que ficava na esquina do colégio, Leopoldo fez críticas à atuação do diretor. “Em represália, Romero determinou o fechamento da sede do CNOB, a pretexto de agregá-la a um clube de estudos de biologia.”

Como reação, Leopoldo, com um grupo de estudantes, dentre eles a diretoria do grêmio, picharam, com óleo queimado, os

os muros das duas unidades da escola (a da Avenida Nove de Julho e da Rua Prudente de Moraes). A ação foi organizada com a participação do estudante **José Luís Borges de Moraes**, o Borjão, que conseguiu um latão de óleo queimado e tomou emprestada a Kombi de seu pai. Recordou que “na manhã do dia seguinte todos os estudantes liam e comentavam sorridentes as inscrições nos muros”.

Pouco tempo depois, em setembro de 1967, Leopoldo foi expulso do Otoniel Mota, matriculando-se na Associação de Ensino de Ribeirão Preto. “Decretou, o diretor, minha expulsão da escola, alegando que meu cabelo era muito comprido e que ele não permitia essa moda. Cortei o cabelo, em sinal de protesto, para desmascarar a atitude do diretor, já que o real motivo de minha expulsão era a perseguição política.” Mesmo com o pedido de revogação feito por seu pai ao inspetor de ensino local, professor **Enzo Melchior**, foi mantida a decisão de Romero Barbosa.

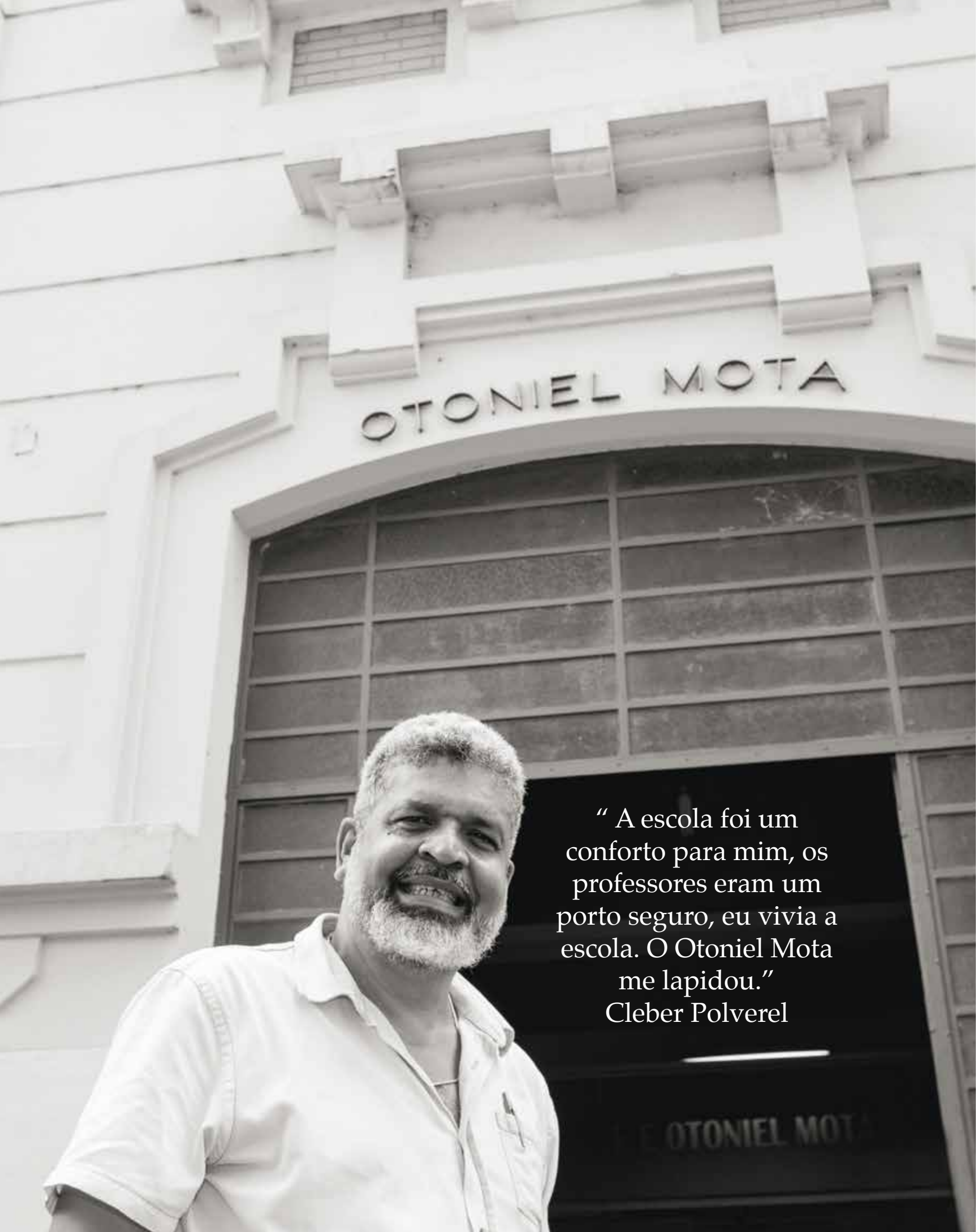
Hoje, Leopoldo retorna por diversas vezes à velha escola para realizar debates e palestras sobre a resistência à ditadura militar. Ao refletir sobre o significado, o tempo que passou no “Estadão”, como o chama, ele não tem dúvidas de que o “curso era de fato excelente e foi a base” para os seus estudos e formação profissional. Termina afirmando que aqueles anos “foram cruciais na sua formação política; os anos e o trabalho desenvolvido como líder estudantil e como estudante da Escola Otoniel Mota”.

Cleber Polverel estudou no Otoniel

Mota de 1979 a 1984 e fez parte de um momento político advindo do gradativo processo de redemocratização e do surgimento de novos atores políticos. Esse contexto reacendeu o embate entre os partidos considerados de esquerda e direita. Ele narrou sua passagem pelo grêmio em um estilo mais detalhado e também intrigante.

Segundo Cleber, o Otoniel Mota, nessa fase, era de direita, nessa fase, e a diretoria da escola parecia se incomodar com o fato de o grêmio estar nas mãos do “pessoal de esquerda”.

O jovem, diante dessa situação, postou-se em frente à professora de Geografia e disse: “Professora, nós vamos limpar o Otoniel Mota dessa influência vermelha”. Ela então respondeu: “Não acredito no que você fala”. A reação do estudante foi provar que poderia fazer a tal limpeza. Apresentou-se para uma eleição liderando a chapa contra um grupo que tinha como influente articulador, apesar de não estudante da escola, seu amigo de infância Misael Dentello. Pronto para a luta, Cleber anunciou: “Misael, eu gosto muito de você, nós crescemos juntos desde moleques, mas nós vamos para o embate”. A campanha foi tensa, envolvendo todos os turnos. No recreio, falavam no palanque organizado por uma das professoras. O que importava naquele momento era a vitória. Segundo Cleber, sua chapa ganhou “estourado” dos opositores. Uma das explicações foi a conquista dos votos das moças do magistério. “Nós começamos a resgatar essa



OTONIEL MOTA

“ A escola foi um
conforto para mim, os
professores eram um
porto seguro, eu vivia a
escola. O Otoniel Mota
me lapidou.”
Cleber Polverel

coisa de mostrar a pujança e a força política do colégio.” Foi essa a afirmação de Cleber quando contou as ações realizadas pelo grêmio em sua época.

Durante as comemorações da Revolução de 1932, ele foi incumbido pela diretora da escola de buscar uma farda do movimento constitucionalista no Museu de São Paulo. O rapaz cumpriu sua missão e a farda completa e os capacetes ficaram expostos, dando ao Otoniel um prêmio em uma competição entre escolas e uma reportagem na TV. Além das ações, o grupo de Cleber ajudava na organização escolar interna. Certa vez, dormiram no prédio para “pegar” um rapaz que pulava o muro à noite e pichava as paredes. “Dito e feito, ele pulou o muro e nós o pegamos, seguramos e chamamos a diretora e a polícia”, lembrou com orgulho o ex-aluno. Em um ano de presidência do Grêmio, Cleber recordou da atuação ativa dos alunos: mutirões de limpeza, apoio à diretoria, realização de eventos. “O Centro era uma força política dentro da escola, nós tínhamos força para discutir com os professores e defender os alunos”.

Alguns educadores ficaram marcados na memória de Cleber. “O professor de Química, **Sebastião**, era um homem maravilhoso. Usava aquelas calças de boquinha pequenina, de tergal, e fofas em cima, com uma camisa branca.” O ex-aluno falou mais de uma vez que o professor era bravo, depois repetiu o que ele costumava dizer: “Eu dou aula no Otoniel desde a época da guerra”. A magia do professor estava em “ensinar sobre

a vida. A escola foi um conforto para mim, os professores eram um porto seguro, eu vivia a escola. O Otoniel Mota me lapidou”.

Mais de uma década depois de Cleber Polverel, outro garoto iniciou sua vida estudantil no Otoniel Mota. Era 1999, quando **Fábio Henrique Granado Sardinha**, hoje diretor do Sindicato dos Professores, subiu os degraus do velho prédio do Gynásio do Estado. Para ele, essa escola foi um divisor de águas. “No Otoniel Mota, eu percebi que tinha amadurecido”, isso aconteceu principalmente depois da sua participação no Grêmio. Com a



Sardinha na porta que dava acesso ao Grêmio Estudantil.



Fábio Sardinha com membro da Apeoesp, na Escola Otoniel Mota, orientando professores no dia de atribuição de aulas, em 1º de fevereiro de 2017. Data em que ele deu entrevista para o projeto dos 110 anos da escola.

Chapa intitulada 'do Rossi', referindo-se a uma piada interna de sua sala, que sempre repetia que as coisas eram do 'Rossi', Sardinha e seu grupo conduziram o Grêmio Olavo Bilac em 2000 e 2001, período em que, era diretora da escola, a educadora **Helena Tacia de Siqueira**. "Nós fizemos manifestações na porta do colégio e participamos dos movimentos com os professores. Além disso, o grupo divulgava as suas ideias pelo jornal estudantil *O Bafão*, no qual se discutia e questionava o modelo de sala de aula e a situação política da época."

Os membros do grêmio se reuniam de duas a quatro vezes por semana e organizavam suas ações de acordo com as demandas da escola. "Essa experiência no grêmio fez-me perceber a importância de se organizar para mudar a situação do País, da cidade. Foi no

grêmio que eu vi sentido na escola, porque até aquele momento a escola não tinha muito sentido. Quando eu entrei no grêmio, ficou mais claro qual a finalidade da educação, qual era a importância, porque ela existia, porque ela devia ser pública." Assim Sardinha terminou, afirmando que foi "graças ao Otoniel Mota", e a "essa experiência" que ele se fez um homem político e que pretende "continuar na luta por uma escola pública de qualidade".

Feres Sabino, Sérgio Roxo, Leopoldo Paulino, Cleber Polverel, Fábio Sardinha e tantos outros. Épocas diferentes e posicionamentos políticos diversos. Mas todos eles têm algo em comum: o Centro Nacionalista ou Grêmio Olavo Bilac, local onde desenvolveram as principais características que forjaram a sua atuação como cidadãos.



Acima, modelos das carteirinhas de identificação dos estudantes. Abaixo, professores e alunos no auditório da escola. Acervo CDMOM.



3. O teatro que transforma

Grupo de teatro do Otoniel Mota expandiu os horizontes dos estudantes envolvidos



João Alberto de Andrade Velloso: “quem não leu não consegue ver algumas belezas da vida”.

Ele reconheceu sem qualquer constrangimento que não tinha sido um aluno exemplar. Não tinha cadernos e nem livros didáticos. “Eu aprendia mesmo na conversa. Prestava muito atenção nas aulas e era assim que retinha os conteúdos.” Aluno na década de 1960, precisou fazer escolhas em 1968 que o levaram para longe de Ribeirão Preto. A história de **João Alberto de Andrade Velloso** com a escola Otoniel Mota começou quando não foi aprovado no exame de admissão.

Pronto para fazer a avaliação, ficou constrangido de não entender o que ditava a professora **Lucy Musa Julião**. Velloso, como normalmente é chamado nos dias de hoje, já sabia que ela era uma das melhores professoras da Escola, ainda identificada como Estadão, em seus dias de estudante. Uma palavra atrás da outra, não conseguia escrever nenhuma, porque sequer conseguia entendê-las. Seria nervosismo ou a professora era mesmo fanha, como ele acreditava? Afinal, outros alunos estavam escrevendo e ele não. Por fim, nem passou para a fase seguinte.

Deixou a escola, naquele dezembro, desnortado. Aprovação no vestibulinho secundário, na época, era tão importante quanto passar na universidade. Ele não tinha nenhum plano alternativo. Até que ficou sabendo que inauguraria, em Ribeirão Preto, uma nova escola chamada Eugênio Vilhena de Moraes. Velloso se inscreveu para o exame de admissão em janeiro, não satisfeito ainda, porque queria mesmo estudar no Otoniel Mota.

Para surpresa dele e de todos, o jovem foi o primeiro colocado. Seu resultado exitoso

saiu até no jornal. A mãe ficou orgulhosa e guardou por muito tempo aquele impresso. Ele arrisca dizer que talvez o tenha até hoje. A surpresa foi maior quando, de volta ao Otoniel Mota, diante de outros professores, foi questionado porque tinha prestado exame para o Vilhena e não para o Otoniel. Velloso explicou o ocorrido. Falou sobre sua dificuldade em entender as palavras do ditado e colocou-se à disposição para se submeter a uma nova avaliação, mas não foi preciso. Ele foi matriculado no primeiro ano do ensino médio, na escola Otoniel Mota.

Velloso fez parte de tudo que pode. Do Centro Acadêmico, do Parlamento Estudantil, do Grupo de Leitura e do Centro de Estudos Teatrais Edgardo Cajado (Cetec), criado pela professora **Florianete de Oliveira Guimarães**. No Centro Acadêmico Olavo Bilac, lembrou dos problemas políticos que enfrentou. Foram tantos que, mais de uma vez, teve de responder a questionamentos feitos pela polícia. Viu de perto amigos, como **Vicente Alessie Sobrinho e Silvio Rego Rangel**, serem levados para São Paulo, resultado da política estudantil que realizavam em Ribeirão Preto.

No Parlamento, não se esqueceu do seu discurso em defesa do divórcio, lei proposta pelo senador Nelson Carneiro. Iniciou sua saudação cumprimentando a todos, sempre terminando com a distinta plateia. E de novo a mesma saudação e, de novo, por mais ou menos quatro minutos. O público presente começou a reagir. Mexiam-se nas cadeiras, olhavam uns para os outros, já aparentemente irritados com aquilo que pensavam ser uma

brincadeira de mau gosto. Mas não era.

Quando percebeu ter atingido seu objetivo, o orador prosseguiu. “Então senhores, não tiveram paciência em me ouvir falar por quatro minutos. Por que pensam que devemos obrigar pessoas a passarem o resto de suas vidas juntas, quando elas descobrem que já não querem mais seguir o mesmo caminho?” A reação do público foi a esperada. Então, outros de seu grupo seguiram com argumentações mais técnicas. Todo mundo sabe o que aconteceu. O divórcio foi aprovado no Parlamento, que também era chamado de Júri Simulado e no Senado Federal.

No grupo de leitura, Velloso não pulou uma folha sequer. Leu *O Capital*, de Karl Marx, no segundo ano. “Era a nossa molecagem, ler um livro polêmico”. Depois leu um dos muitos discursos longuíssimos do presidente cubano Fidel Castro. E era o seu deleite pessoal.

Por causa das atividades políticas, o ex-aluno foi transferido do noturno para o diurno e precisou fazer o clássico já que não tinha qualquer afinidade com as exatas. Foi quando começou a se dedicar ao grupo de teatro. Montou *Entre Quatro Paredes*, de Jean Paul Sartre; *Longa Jornada Noite Adentro*, de Eugênio O’Neill. Então, uma nova mudança. Ainda repercutindo suas atividades políticas, Velloso precisou deixar a unidade da Prudente de Moraes para se matricular no Normal, também do Otoniel Mota, mas oferecido na unidade da Avenida Nove de Julho. Ele era um dos três homens que faziam o curso. Apesar de contrariado, o jovem seguiu e participou de muitas outras peças com o Cetec, que tinha

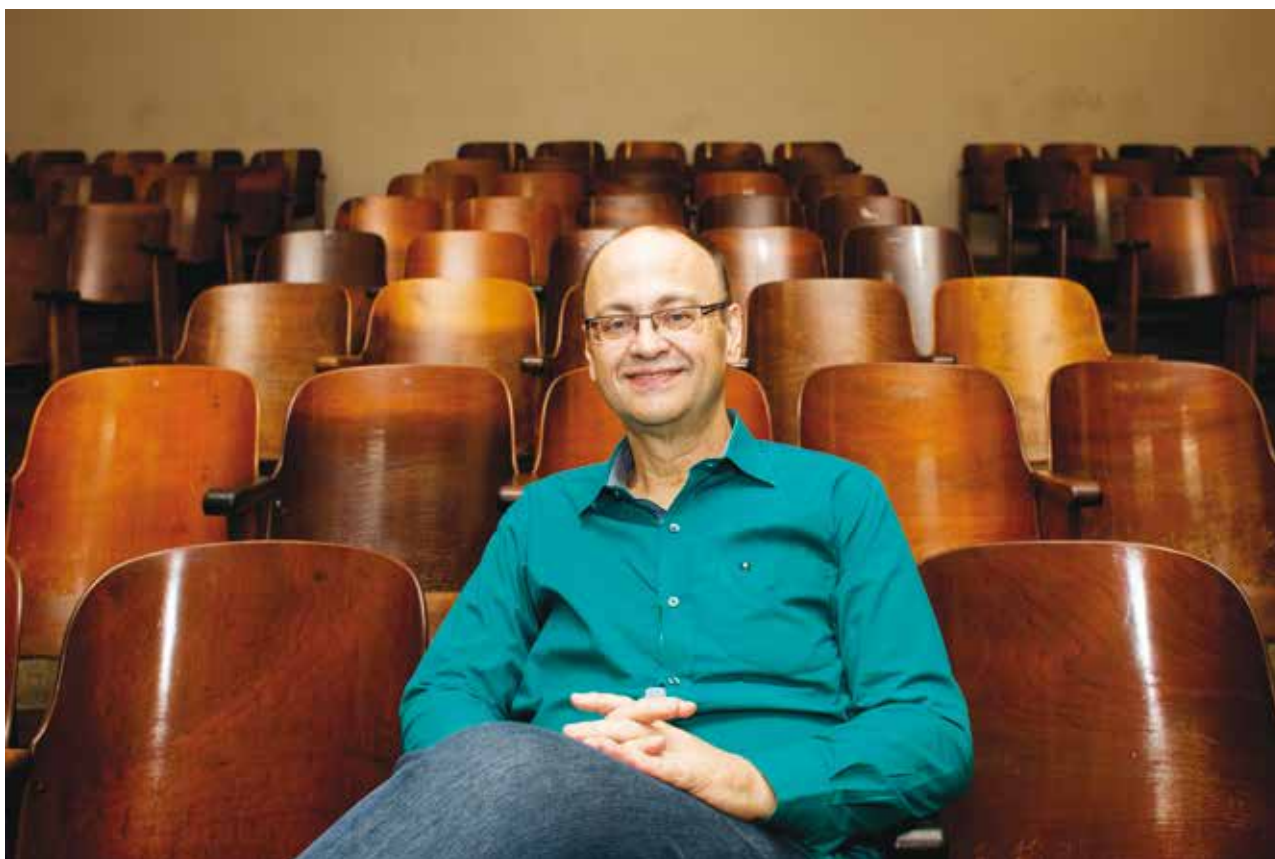
uma sede alternativa na casa do arcebispo, perto da Igreja Catedral, onde muitos ensaios aconteciam.

“Ou a gente sumia, ou sumiriam com a gente”.

A peça seguinte foi *Os Fuzis da Senhora Carrar*, de Bertold Brecht, muito provavelmente, não nesta mesma ordem, mas todos os textos encenados ainda residiam, incrivelmente, a memória do hoje, do também professor, João Alberto de Andrade Velloso. Eles fizeram ainda *Os Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki e textos produzidos por Jonas Neves Rezende, o pai da atriz Lídia Brondi.

O Cetec era conduzido pelas professoras Florianete e **Maria Luiza Ribeiro** e, às vezes, com participação de **Romero Barbosa** que, segundo Velloso, aparentava ser durão, rígido, mas adorava conversas inteligentes. O diretor **Divo Marino**, sobre quem o entrevistado falou entusiasmado, um dos responsáveis pelo jornal A Palavra, também era um apoiador do grupo de teatro. De fora da escola, eles eram apoiados pelo cônego Angélico Sândalo Bernardino. Ele motivava os estudantes a participarem, com textos, nas edições do jornal Diário de Notícias, mantido pela Cúria.”

Quando 1968 chegou, os dias estavam mais conturbados. O estudante do Curso Normal divergiu dos métodos de protestos de alguns dos seus amigos. “Eles estavam deixando o plano das ideias para uma inserção peri-



Eduardo Silveira Martins: a experiência com o teatro foi significativa.

gosa no plano das ações efetivas.” Abordado pelo coronel Décio Luis Fleury Charmillot, Velloso entendeu muito bem o recado: “Ou a gente sumia, ou sumiriam com a gente”. A melhor opção apresentada foi fazer uma faculdade em Belo Horizonte/MG e o ribeirão-pretano foi, depois de um secundário tortuoso, concluído muito dificilmente, estudar Educação Física em outro estado.

Recorrendo ao que o filósofo húngaro Gyorgy Lukács chamou de pós-festium, uma análise do presente, a partir das coisas ocorridas no passado, Velloso lembrou do amigo **Nicolau Spinelli**, com quem teve a oportuni-

de de viajar por muitos lugares no mundo e disse, já em tom de final de entrevista, numa proposta de conclusão, que só pode compreender muitas coisas, valorizar tantas outras e dimensionar a importância da cultura da humanidade porque lá trás, no secundário do Otoniel Mota, por mais conturbado que tenha sido, pôde ler o que leu. Nos olhos e no sorriso seguia estampada a certeza de que tudo foi muito intenso, e que grande parte de sua formação é resultado dos anos vividos no antigo Gynásio do Estado, o Estadão, o Otoniel Mota.

Não menos político, **Eduardo Silveira Martins** também fez teatro na escola, entre os

anos de 1984 e 1986, ao longo do curso secundário realizado também no Otoniel Mota. Os fatos políticos eram outros, mas todos repercutiam no universo estudantil. Ele lembrou, por isso, a certeza de ter sido importante, que as aulas de filosofia, após retiradas da grade curricular, foram retomadas naquele seu primeiro ano de secundarista, e ele gostou.

A efervescência cultural, segundo o ex-aluno, era aparente. O movimento pelas Diretas Já; ganhava as ruas e todos queriam participar, inclusive ele, que optou por se comunicar por meio da arte da representação.

Eduardo chegou ao Otoniel vindo de outra cidade. Sabia pouco sobre o passado da escola, mas não desconhecia sua fama de boa e tradicional. Rapidamente, citou nomes de professores que o marcaram naquela fase. **Laura**, de História, e **Vera**, de Português, de quem ele sempre se lembra em seus discursos à frente da Comissão de Discriminação da Ordem dos Advogados do Brasil, a qual coordena, em Ribeirão Preto. “Foi a primeira pessoa a debater comigo sobre questões envolvendo o racismo”, explicou orgulhoso. Ainda mencionou o professor de Física, **José Carlos**, e **Décio Carlos Settie**.

A essa altura, depois de muitos entrevistados, foi possível perceber que os mais velhos falavam o nome dos professores sempre completo e os mais novos se limitavam a dizer os primeiros nomes. Uma rápida conclusão, após comentário com outros participantes, leva à certeza de que não se trata de coincidência, mas reflexo da cultura educacional. Na época dos mais antigos, a autoridade

do professor era de tamanha proporção que identificá-los publicamente exigia a reverência do nome completo. Assim, os professores se apresentavam e, muitas vezes, chamavam os alunos de senhor e senhora, e pelos nomes, muitas vezes, também completos. A questão não é a falta de respeito nos dias de hoje, mas o elevadíssimo apreço pela autoridade do mestre nos tempos passados.

Os meninos e as meninas, amigos de Eduardo, resolveram montar o Grupo Mito Produções Teatrais, que começou na escola e durou um tempo depois do fim do segundo grau. O espetáculo mais notório lembrado por Eduardo foi uma sátira que fizeram contra a pasteurização e o coronelismo cultural, em especial promovido pelos Estados Unidos. Ele escreveu um texto ironizando a cerimônia do Oscar. Seu cabelo louro, na época, fazendo-o parecer um norte-americano, lhe rendeu o papel de apresentador.

A crítica bem humorada ficou tão engraçada e bem montada que a diretora **Maria Amélia Zucolotto** organizou apresentações em todas as salas, de todos os anos, nos três períodos, manhã, tarde e noite. “Isso fez com que ficássemos conhecidos na escola toda. Ainda hoje alguém me identifica como o apresentador da sátira do Oscar, do Grupo de Teatro do Otoniel Mota”, conta Eduardo.

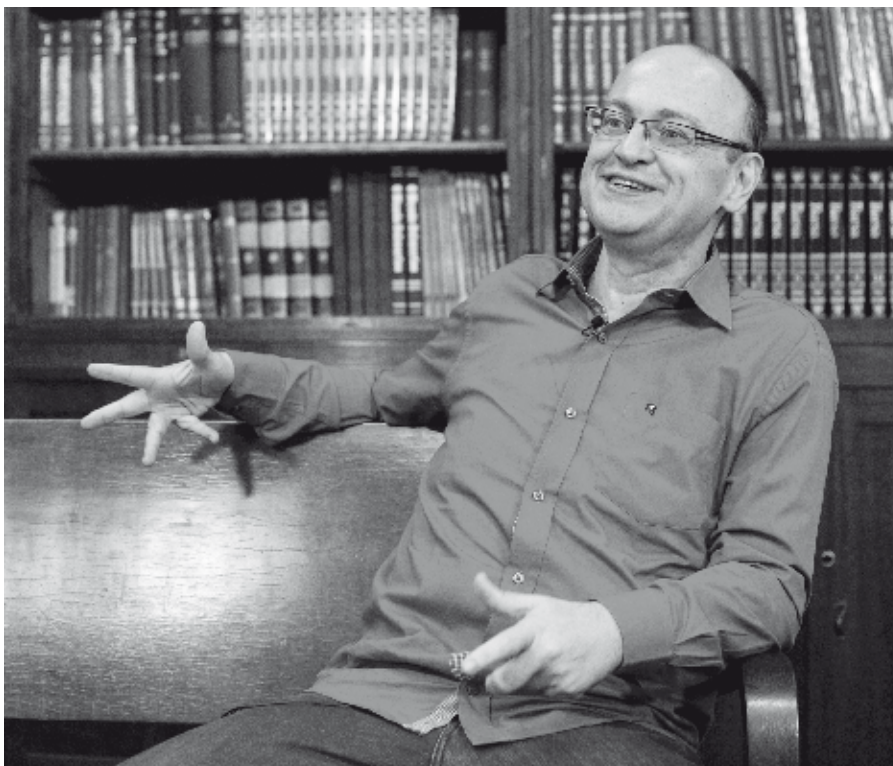
Uma segunda experiência com o teatro foi a montagem do Casamento Caipira, representado nas festas juninas. No papel de um padre alemão, o jovem estudante fez várias plateias rirem de seu sotaque e as semelhanças

com Hitler. Na fase de montagem dessa peça, Eduardo contou que viveu uma situação muito engraçada. A cruz que decorava o altar foi feita com o papel disponível, por sua vez, cartolinas vermelhas. O professor Settie repreendeu a todos, dizendo que não era oportuno porque remetia ao comunismo. O grupo retrucou que, da mesma maneira que identificava o movimento de esquerda, referenciava a entidade de assistência de repercussão internacional, também chamada de Cruz Vermelha. Houve certo desconforto, mas, ao final, aquilo foi mais engraçado do que constrangedor.

Eduardo não tem dúvida, sua passagem

pelo Otoniel Mota ajudou na sua formação política e na consolidação do comportamento de cidadão. Quando terminou o curso, afirmou ter passado nas instituições de ensino superior que quis. A escolha pelo Direito, na verdade, é que não foi tão linear, afinal, as opções anteriores eram Jornalismo e Artes Cênicas. Mas o advogado não se arrependeu.

Antes de se despedir, olhou mais uma vez para os diversos cantos da Biblioteca, lembrou-se da profissional **Shirlei Stefani**, que cuidava do lugar, e declarou-se emocionado. "A emoção é mesmo dádiva de histórias bem vividas."



Velloso e Eduardo: tempos diferentes em uma escola não igual, mas a evidência de histórias bem vividas.

4. As marcas da Literatura e da Língua Pátria

Professoras Florianete e Lucy:
trabalho transformador em sala de aula



Professora Florianete exhibe seus tradicionais óculos. Foto: Década de 1960, acervo do CDMOM.

Ao ouvir os depoimentos sobre a professora **Florianete de Oliveira Guimarães**, veio à mente as palavras de Cora Coralina:

A mais importante faculdade de quem ensina é a sua ascendência sobre a classe. Ascendência é uma irradiação magnética, dominadora que se impõe sem palavras ou gestos, sem criar atritos, ordem e aproveitamento. É uma força sensível que emana da personalidade e a faz querida e respeitada, aceita. Pode ser consciente, pode ser desenvolvida na escola, no lar, no trabalho e na sociedade. Um poder condutor sobre o auditório, filhos, dependentes, alunos. É tranquila e atuante. É um alto comando obscuro e sempre presente. É a marca dos líderes.

Florianete, com seu carisma, levou ao seu talante centena de jovens. Seu nome ainda está na memória daqueles que passaram pelo Otoniel Mota, entre 1950 e 1979, quando foi professora efetiva de Literatura Brasileira, Portuguesa e Língua Portuguesa. Inesquecível, parece ser a palavra que melhor a define para seus ex-alunos.

Desde cedo com a vocação para a docência, logo ao se formar em Letras pela USP, em 1946, foi convidada para lecionar Latim no ensino superior.

À frente do seu tempo, ela manteve sempre uma tendência rebelde. Nas palavras de sua filha, **Margaret de Oliveira Guimarães**, Florianete era uma “mulher absolutamente

revolucionária”. No comportamento, na forma de se vestir e na maneira de dar aulas. “Ela fazia um pouco as próprias leis...”, afirmou, ao lembrar que a mãe fumava enquanto dava aulas, embora isso fosse proibido já naquela época. Mulher de natureza multifacetada, é lembrada por seus alunos com adjetivos diversos: bonita, maravilhosa, rígida, exigente, dinâmica, engraçada e, de acordo com Margaret, com uma veia “dramática”, que ela extravasava dentro e fora da classe.

O estímulo ao ensino de Literatura era dado por intermédio de projetos como declamação, concursos literários e júri simulado. Como fundadora e responsável pelo Centro de Estudos Teatrais Edgardo Cajado (Cetec), grupo de teatro amador dos alunos do Otoniel Mota, Florianete trazia diretores de São Paulo e montava peças politizadas, eruditas, para as quais os alunos liam textos, como de Brecht e de Kafka. A cidade era movimentada pelos festivais. Quando esses eventos ocorriam fora de Ribeirão Preto, a professora de literatura enchia uma Kombi com os alunos e partia para a estrada, sempre tendo como acompanhante a filha.

Vera Lúcia Hanna, ex-aluna e eterna amiga da Flor, como a chamava, lembrou que o teatro também estava dentro da sala de aula. “A visão de literatura que a Florianete nos dava já transformava a leitura numa encenação, numa dramatização.”

Suas aulas eram “sempre surpreendentes, você nunca sabia o que esperar. Às vezes ela estava uma fera e às vezes ela fazia rir”, revelou Margaret. Contou que certa ocasião,

quando Florianete ensinava crase, uma coisa que ela sabia “que era chatíssima”, passou por **Nicolau Spinelli**, que era seu aluno e falou: “Nicolau, caia da cadeira, faça alguma coisa interessante, para que essa aula tenha um sabor diferente!”. Vera Lúcia se lembra da antiga professora toda as vezes que escreve seu nome. Um dia, ela foi chamada à lousa para gravar o nome completo. Ao escrevê-lo sem acento, ouviu de Florianete: “Chegou ao clássico sem saber escrever o próprio nome! É uma paroxítona terminada em ditongo, você não pode deixar de acentuar, porque os nomes próprios seguem as regras vigentes no País”. Desde então, Vera aprendeu a levá-la como um desafio, com a certeza de que tinha muito a acrescentar em sua vida e experiência.

Depois disso, tornaram-se companheiras de trabalho nas Faculdades Barão de Mauá e fizeram mestrado juntas, tornando-se grandes amigas. “Aprendi muito com nossa intensa convivência, inclusive o altruísmo e o amor aos alunos”, arrematou Vera.

Margaret não tem dúvidas do papel da mãe/professora em sua vida. “Foi a pessoa que nos deu muitas boas referências.” Confessou que não era fácil ter como mãe uma profissional como Florianete. “Eu não a chamava de mãe, aliás, eu não a chamava de nada, morria de medo. Nenhum privilégio, ninguém era filho de ninguém. Porque, afinal, era necessário dar o exemplo.”

Mas a rigidez não impedia que ela fosse amada por seus quatro filhos, Elizabeth, Margaret, Renata e Paulo de Tarso, e por seus alunos. “Como professora que cativava tanto, nós tínhamos sistematicamente em nossa casa serenatas, uma coisa que hoje não existe mais. Eram os alunos dela, todos apaixonados por ela, os alunos rapazes, e ela tinha que falar para o meu pai que a serenata era para nós.”

Margaret e Vera Hanna finalizaram com a certeza de que Florianete deixou marcas profundas nas vidas daqueles que passaram por sua vida e por suas aulas, ensinando que a “arte de viver liberta da ideia da morte”.

Amigas, professoras, Vera Lúcia e Margaret têm em comum, também, as fortes lembranças da escola.



Lucy Musa Julião: Um lugar na memória dos ex-alunos



Lucy Musa Julião: Um exemplo de dedicação ao ensino da Língua Portuguesa. Foto: Acervo da família.

Foi comum, ao longo das entrevistas, os agradecimentos à professora **Lucy Musa Julião**. Parecia certo, na fala dos depoentes, seus ex-alunos, que de fato eles tinham aprendido a Língua Portuguesa.

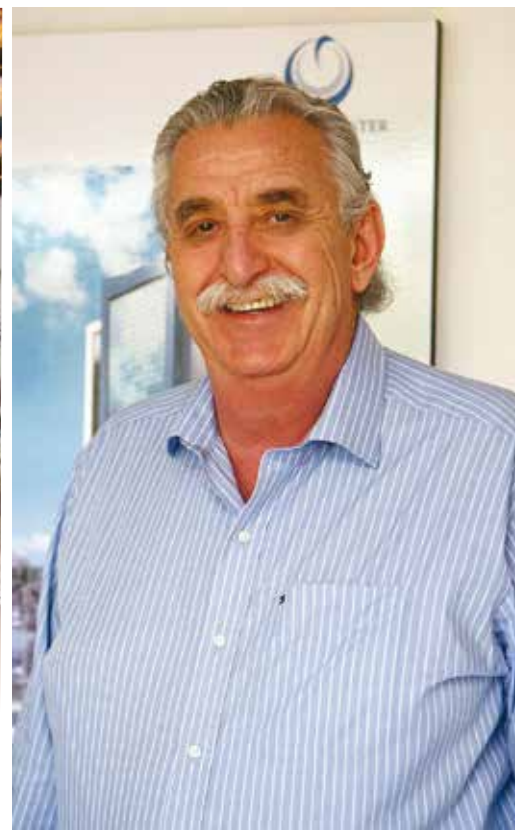
Sua neta Paula Julião é quem, ainda hoje, guarda fotos e documentos sobre a história da avó. E foi ela quem disse que a professora amava o que fazia. “Ela tinha o domínio da Língua Portuguesa como poucos, estudava muito e queria passar seu conhecimento a todos. Me lembro que era exigente e firme com seus alunos e com isso obtinha respeito e admiração. Ela sabia da importância de ser professora e exercia esse papel com muita dedicação.”

Dois adjetivos podem ser destacados entre os vários que foram referenciados à professora Lucy: enérgica e exigente. “Eu não tinha muita noção, era criança e logo ela se aposentou, mas sempre que saía com ela encontrávamos pela rua um aluno que a reverenciava e até hoje me dizem como ela foi importante para a formação de uma geração de pessoas de Ribeirão Preto.”

Paula Julião morou com a avó durante 8 anos e, segundo ela, conversavam muito sobre a importância da Língua Portuguesa. “Ela não admitia que alguém falasse ou escrevesse errado, ela dizia que o bem mais precioso que alguém podia ter era o conhecimento. Uma mulher de vanguarda!”

4. Vindos de tão longe

Irmãos libaneses escolhem a escola Otoniel Mota
para estudar: um encontro de culturas



Mariana, Fida e Iskandar, do Líbano para o Brasil, irmãos reencontram familiares e se identificam com o país.

Mariana Jábali e seus irmãos são imigrantes vindos do Líbano para o Brasil, no início da década de 1950. Mas eles não vieram inicialmente atraídos pelo trabalho. O que seus pais procuravam, era promover o reencontro. Outros de sua família já estavam no País. Primeiro foram para Barretos/SP e então vieram para Ribeirão Preto. Houve um encan-

tamento com a cidade e eles ficaram para sempre. Ela e seus outros dois irmãos nascidos no Líbano, **Fida e Iskandar**, vieram de avião. **Suad**, conhecida como Sussuca, nasceu em terras brasileiras.

Os três mais velhos estudaram no Instituto de Educação Otoniel Mota. Mariana iniciou sua trajetória no ginásio em 1955, e

depois fez também o colegial. “Meus pais optaram pela escola pública, primeiro pela reconhecida excelência de seu ensino e também por sua visão plural e aberta. Tive dois grandes pilares na minha vida: a família e a escola. A escola foi uma forte extensão da minha casa, dos ensinamentos e valores passados pelos meus pais e avós e, claro, agregou na minha formação o aprendizado e a busca do conhecimento. Querer aprender. Querer saber. A escola era um lugar sagrado e os professores ídolos a serem seguidos.”

Iskandar tinha três anos quando chegou ao Brasil. Fida contou que a adaptação no novo país foi tão rápida e tranquila que nem consegue se lembrar como aprendeu a falar o Português. Mariana, por sua vez, lembrou que causava certa curiosidade nos outros alunos ela saber outra língua. “Era comum alguém perguntar como falava determinada palavra em libanês.”

Os três guardam na memória muitas histórias da escola, mas cada qual com experiências diferentes. Fida e Iskandar não esconderam que Mariana era muito mais disciplinada e estudiosa. O que Fida contou e pediu para não escrever, o irmão achou interessante revelar. “**Dona Lucy Musa Julião**, professora de Português, unia os três irmãos vindos do Líbano, sem sequer imaginar. Toda semana, tínhamos que fazer três redações sobre temas que ela apresentava. Depois ela escolhia um da sala para ler um dos três textos. Os temas eram os mesmos, desde os anos da Mariana, que, como sempre, ótima aluna, as redigia com



Mariana, no Pedro II. Presidente da Fundação Dom Pedro.



Fida em seu restaurante. Com destaque a comida de seu país.

primor, muito bem escritas e elogiadas pela professora, notas altas! Eu e a Fida, (não sei se ela vai te contar), cada um no seu ano e na sua classe, copiávamos pelo menos uma por semana, as melhores redações da Mariana e as apresentávamos como nossa. Dona Lucy às vezes fazia que não sabia, outras, chamava minha atenção e dava nota baixa.”

Fida não deixou de contar, entretanto, que uma única vez ela resolveu fazer anotações para usar durante a prova, se precisasse. Anotou tudo em minúsculos papéis e colocou entre as pregas da saia do uniforme. Naquele dia, o professor da disciplina trocou a turma de sala e anunciou que faria o exame de avaliação no anfiteatro. “Fiquei tão apavorada que corri no banheiro e tirei todas as anotações da saia.”

A ex-aluna do Otoniel Mota, Mariana Jábali, ainda lembra da educadora **Jacyra Costa Moreira**, com quem fez o Vestibulinho. “Não tive dificuldade para garantir uma vaga, ela era uma professora muito rigorosa e competente.” E, na sequência, as lembranças foram ganhando verbo. “Lembro-me de professores, figuras incríveis, seja pelo conhecimento que tinham, seja pela forte personalidade ou excentricidade, como os professores **Lucy Musa Julião, Neuza Michelutti, Lourenço Torres** e tantos outros.”

Os mesmos três professores citados por Mariana foram mencionados por Fida. A irmã mais nova falou ainda da enérgica professora **Florianete Guimarães** e do casal **Saretta, (Irma e Odaly)**. Iskandar recordou a aula de música com a dona **Dilu** e fez referência ao

professor **Asdrubal**.

Depois de ter feito o jardim de infância na Escola Estadual Fábio Barreto, o menino da família Aude, com 6 anos, já estava no primeiro ano do Grupo no Instituto de Educação Otoniel Mota. Ele frequentava a sala de aula no prédio da Avenida 9 de julho. “O primeiro ano do ginásio eu fiz nesse prédio. Era um andar inteiro só para nós; os aprovados na rapa do tacho, no exame de admissão, e para os repetentes da 1ª série. Não havia espaço no prédio da rua Prudente de Moraes. Foi uma classe e tanto, reinávamos sozinhos, lá. Deu no que deu, mais da metade foi retida. Esse modelo de classe, não mais se repetiu. No ano seguinte, estávamos todos no prédio principal do ‘Estadão’, onde cursei todo o Ginásio e o 1º e 2º anos do Científico.

Fida ainda guarda, em seu acervo pessoal, fotos do tempo de menina. Ao revê-las, lembrou que sempre foi, entre as mulheres, a mais alta da sua turma. “Por isso, em sala de aula, eu sempre me sentava atrás e, nos desfiles cívicos, ou eu era a porta-bandeira ou dividia as alas.”

Entre os amigos de escola, sempre existiram os mais próximos, mas a sala toda era muito unida, tanto que Iskandar em vez de falar nomes, preferiu mostrar seu convite de formatura. No papel que vence o tempo, a relação dos 78 bacharelados daquele ano de 1963. Muitos deles se reencontram em uma festa de ex-alunos, realizada em 2013, para comemorar o Jubileu de Ouro da formatura do Ginásio.



Fida à frente, em desfile cívico, na esplanada do Theatro Pedro II - 1960. Abaixo, em desfile na Mogiana, 1961.
Acervo da ex-aluna.





À cima, estudantes contemporâneos de Iskandar, em frente à Catedral. À baixo, reencontro da turma, em 2013. Evento organizado pelas "meninas". Fotos do acervo do ex-aluno.

Mariana era um nome comum aos brasileiros da escola. Fida e Inskandar não. Tanto não eram, que no impresso do convite o nome do imigrante libanês estava no fim na lista, com os grafados inicialmente com 'S'. "Na hora em que vi, achei ruim, porque não encontrava meu nome. Mas depois coloquei o 'I' na frente com a caneta e deu tudo certo."

Mariana, a libanesa estudiosa, chegou a ser primeira-dama da cidade que escolheu para morar, esposa de Roberto Jábali, prefeito entre 1997 e 2000. Fida formou-se em desenho, deu aulas de geometria, foi trabalhar com decoração e não resistiu às tradições da boa culinária

da família e envolveu-se com a gastronomia. Iskandar é engenheiro civil. Passar no vestibular, para ele, revelou sua forte base cultural, adquirida no velho "Estadão".

As histórias diferentes, dos irmãos "Aude", são iguais em muitas coisas. Eles viveram intensamente cada um daqueles anos. Mariana lembrou-se dos amigos de sala, Fida das saídas até o centro da cidade para tomar sorvete colocado no abacaxi partido. Iskandar não se esqueceu da única participação de trinta segundos em uma cena, com fala de dez palavras, no teatro montado pela professora. Os tempos foram bons, eles concluíram, apesar das perdas.

Alunos no laboratório da escola, na década de 1950. Foto: acervo do CDMOM.



6. De alunos a professores

Com modelos a serem seguidos,
eles ensinaram o que aprenderam



Rosa Maria de Britto Cosenza, Ely Vieitez Lisboa, Maria Bernadete de Siqueira Canezini, Norberto Francisco Petersen e Carla Diniz Bastos da Lima Rocha, ex-alunos da escola Otoniel Mota que voltaram para a sala de aula lecionar.

Ela foi logo declarando que a distância do tempo era longa entre os dias de estudante até aquela data. A professora **Rosa Maria de Britto Cosenza** foi aluna do Curso Clássico entre os anos de 1951 a 1953. “Lembro mais daquela época do que da posterior.” Fez os primeiros anos de estudos no Colégio Auxiliadora, mas não queria seguir o Magistério. Embora já tivesse interesse para as Letras, provavelmente seria professora, escolheu o Clássico e, somente o Gynásio do Estado oferecia. “Eu penava com as matérias que não eram da minha área, Física, principalmente.”

Rosa entrou para a escola sem passar pelo Vestibulinho, não era exigido naqueles anos. “A disciplina era rígida, tradicional, e era uma honra estudar no Gynásio do Estado.” Ela logo foi contando que o diretor **Edgardo Cajado**, um homem muito exigente, tinha sua sala próxima à porta do 1º ano Clássico e, por isso, vê-lo diariamente fazia parte da rotina. A pequenina não esqueceu o seu lugar na fila. Como a ordem era decrescente, estava sempre atrás. “No momento da subida das escadas, as meninas iam atrás e na descida à frente, para que suas pernas não fossem vistas pelos rapazes.”

De duas professoras, lembra-se mais de quando ainda era só estudante. **Florianete**, de Língua Portuguesa e **Sylvia Vallada Roselino**, de Latim. A segunda era uma inspiração para a menina, inclusive nos modelitos que usava. “Eu costumava desenhar os vestidos dela, para depois mandar fazer igual.”

Um dos entraves que viveu na escola envolveu as duas professoras de línguas.

Sylvia era substituta e Florianete chegou para ser efetiva. Como o carinho pela primeira já era muito, os estudantes da sala não aceitaram bem a permanência da segunda. “Revoltamos com a direção. Fizemos até abaixo-assinado contra a saída da professora Sylvia.”

Florianete, claro, nem se abateu, não fazia parte de sua personalidade ceder a esse tipo de movimento. Com perfil austero, a educadora intimidava os alunos. “Ela batia o salto de seu sapato no assoalho da sala e fazia muito barulho, inclusive em dias de prova e aquilo irritava a todos profundamente.” Apesar da rispidez com que se conheceram, Rosa contou como sendo “incrível”, o que aconteceu depois. A menina terminou o Clássico e foi para São Paulo fazer a Faculdade de Letras. Quando retornou à cidade, Florianete a convidou para dar aulas no Otoniel Mota. Seu destino certo eram as salas do Colégio Auxiliadora, onde era esperada pelas freiras com quem tinha muito afinidade. Mas não foi o que aconteceu. Rosa aceitou o convite de sua professora de Língua Portuguesa e voltou à escola em 1967.

Muita coisa era diferente naquele regresso. A menina peralta tinha ficado para trás e a nova educadora começou a construir sua própria reputação de seriedade, a exemplo de Florianete. “A única coisa igual era o amor pelos livros.”

Elogiou a equipe de professores, muitos deles seus amigos de faculdade. Foi nessa fase que criaram o ginásio pluricurricular. Segundo ela, foi uma alternativa ao modelo vocacional, interrompido pelo governo do Estado.

“Era uma equipe realmente devotada ao ensino.” Então citou **Nice Viana, Maria Luiza Junqueira da Veiga, Vera Lúcia Pereira dos Santos...**

Entre as duas escolas, a de 1951, quando estudava, e a de 1967, em que lecionava, haviam diferenças, mas muitas igualdades se destacavam. “Os alunos ainda se levantavam quando o professor entrava e só se sentavam depois do bom dia.” O comprometimento da escola em promover educação de qualidade era tão elevado quanto antes, mas as meninas e os meninos não eram os mesmos. O muro que os separavam na hora do intervalo, por exemplo, não existia mais. “Em relação a gêneros, houve um amadurecimento.”

Rosa tornou-se professora do Otoniel Mota sem concurso, e costuma dizer que era afilhada da Florianete. Mesmo havendo a necessidade de uma prova de seleção para efetivar os educadores, era também uma possibilidade da época, vinculada ao projeto de escola pluricurricular, que o coordenador do curso formasse sua equipe. “Naquele momento, a decisão estava nas mãos de **Jorge Rodini Luiz.**”

De repente, uma pergunta para a qual a professora não tinha resposta rápida. O que teria feito ela como estudante que, na condição de professora, não gostava que seus alunos fizessem? A primeira coisa que lembrou foi de que, como aluna, era muito conversadeira em sala de aula, comportamento que não gostava de ver em seus discentes. A estudante que aprendeu Latim chegou a lecionar a



Rosa Maria de Britto Cosenza, professora por toda uma vida.

matéria, além de Francês, Espanhol e Inglês.

Das histórias que nunca esquece, uma disse gostar de contar. Em sua época de estudante tinha um jardineiro da escola, há mais de vinte anos, chamado João, que morava no porão e tinha muitos gatos. “Com certeza, mais de dez.” Um dia, Rosa, a última da fila, ao seguir para a sala, foi, com um pedaço de bolacha, ou pão, não se recorda ao certo, fazendo barulho com a boca e gestos com a mão, atraindo os gatos para a sala de aula. E foi surpreendida, na porta da classe, pelo diretor Edgardo Cajado. Ele esperou que todos entrassem e, ao final, reteve Rosa. “Tremi na base.” O homem sério colocou a menina pequena sentada em sua frente e a repreendeu. Como conhecia o pai de Rosa, fez comentários específicos sobre a certa boa educação que recebia de seu genitor. O pior veio na sequência da repreensão verbal, pois o diretor lhe deu uma advertência por escrito. O documento teria que voltar, no dia seguinte, assinado pelo pai. Era o que de pior poderia acontecer.

Olhando para a arquitetura do prédio, outras memórias tomaram conta da professora, então resolveram dar um passeio pela escola. Foi uma ebulição. Lembranças de aluna se misturaram com a do tempo da educadora. Assim que viu a sala onde era a cozinha do curso pluricurricular, em sua época de professora, Rosa lembrou-se de **Marisa Barbieri** e das hortas e jardins que mantinha com os alunos. Logo na sequência, ao ver os muros, contou o que pensava que talvez não pudesse contar. Mas era uma peraltice tão ingênua de

menina que não tinha porque ocultar. Rosa apontou para os quatro lados e identificou que, na esquina das ruas Barão do Amazonas com a Tibiriçá, tinha uma sorveteria. Algumas vezes, motivada pelo sabor incrível do picolé de coco queimado, na hora do intervalo, ela pulava o muro com outros amigos, iam até lá, compravam e voltavam antes da batida do sinal para o regresso das turmas.

Passou pelo porão onde morava o senhor João e só aí se lembrou que não eram gatos, mas cachorros. E eram mais de dez. Foi até o lugar da antiga cantina, viu que o palco não existia em sua época e seguiu pelo anfiteatro, onde já estivera muitas vezes, apresentando ou participando de palestras. Lembrou que as cores não eram as mesmas, duvidou que o piso fosse o original pelo estado de perfeita conservação, reconheceu o mobiliário. O espaço de entrada, com exceção do vidro, era exatamente o mesmo. Todos passavam pelos guichês. Quando viu uma foto na vitrine, que guarda o que o tempo produziu, lembrou-se dos uniformes. Saia azul-marinho, camisa branca e gravata cor de vinho – bordô. Os sapatos oxford pretos e meias soquetes também brancas, exatamente como já descrito pelo ex-aluno Sérgio Roxo com todos os detalhes. O que Rosa acrescentou foi o jeito que ela dava para fazer o igual ficar diferente. Não podia colocar cinto, nem bolsos, nem manga do tipo japonesa. Mas o grupo criado pela jovem, chamado de sassarico, por causa da música sassaricando, que ganhou até uma paródia feita por ela, customizou o uniforme,

impecavelmente igual. Quem fazia parte do grupo, passou a usar um lacinho vermelho, mas não era simples assim. Ele não poderia ser visto pela inspeção, na hora da entrada. Elas escondiam no meio dos materiais e depois, já do lado de dentro, pregavam na camisa, dando ao coletivo das meninas uma personalidade menos branca e azul.

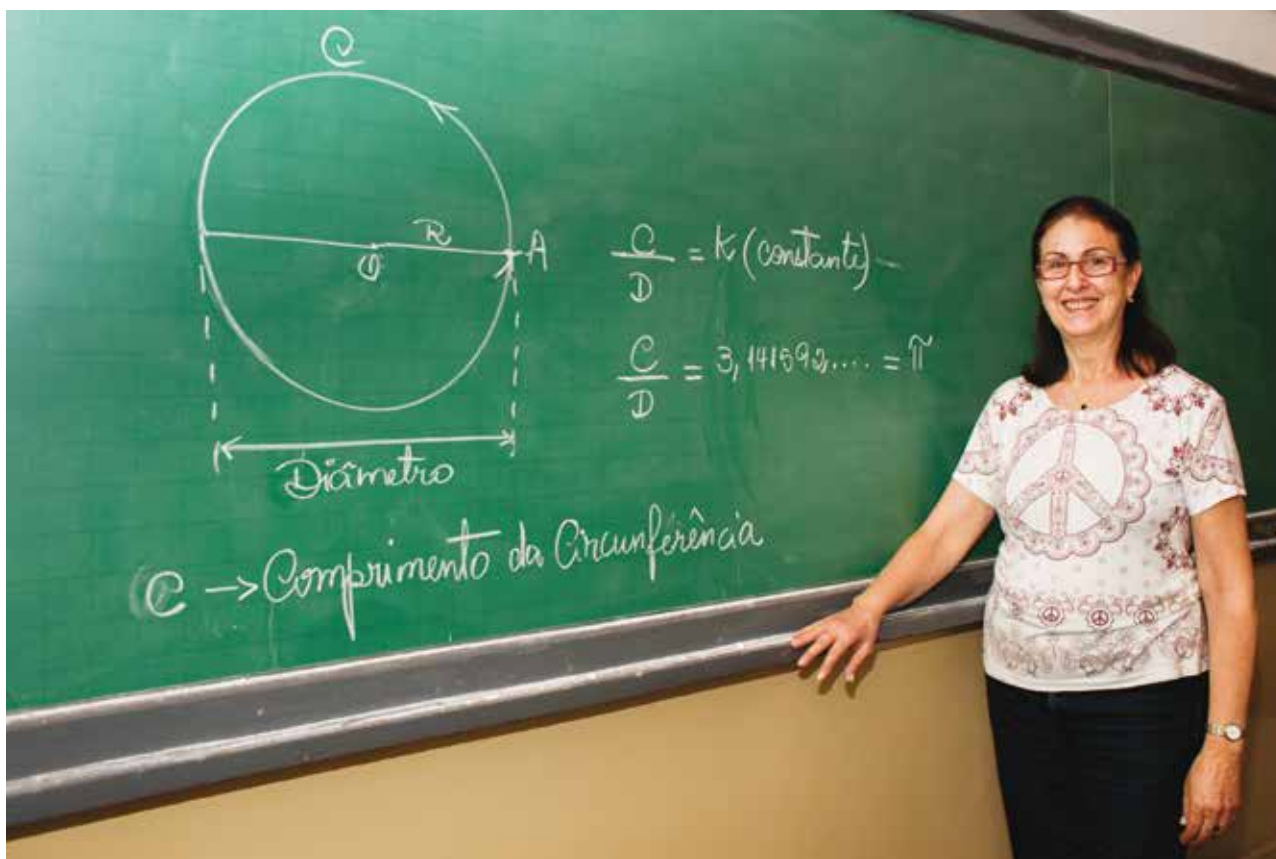
Quem também usou lacinho vermelho na camisa foi a estudante **Ely Vieitez Lisboa**. “Fiz parte do Grupo Sassaricando, cuja ‘capitã’ era Rosa Cosenza, ‘ousada’ para a época, líder.” Ela também foi estudante e, depois, professora. “Em 1960, fui chamada para substituir a professora Neuza Michelutti Marzolla, que se afastara por doença, fiquei muito honrada e feliz com o convite. Eu tinha morado um ano em Paris, falava fluentemente francês, com cursos na Aliança Francesa e na Sorbonne. Disseram-me que eu era prata da casa. Lecionei lá um ano. Naquele tempo, o Otoniel era o Colégio mais famoso de Ribeirão Preto. Ter estudado nele, e depois lecionar lá, foi uma glória”.

Ely fez o Clássico e sempre teve afinidade com as linguagens. Entre os seus professores inesquecíveis, está **Sylvia Vallada Roselino**. “Sua cultura, sobriedade, educação, me encantavam.” A estudante que virou professora tem com clareza uma assertiva que resume os tempos. “A história do Otoniel Motta é algo nobre, escola que foi verdadeiro celeiro de pessoas que sobressaíram nas mais diversas áreas e profissões. Obra dos excelentes professores da época, um currículo muito rico, que hoje estão querendo empobrecer.”



Ely Vieitez Lisboa: a literatura como uma de suas paixões.

“A história do Otoniel Motta é algo nobre, escola que foi verdadeiro celeiro de pessoas que sobressaíram nas mais diversas áreas e profissões. Obra dos excelentes professores da época, um currículo muito rico”



Professora de Matemática, Maria Bernadete de Siqueira Canezim busca desvendar a disciplina.

Maria Bernadete de Siqueira Canezim ainda está na sala de aula. Não por muito tempo, a aposentadoria se avizinha. Ela também foi aluna da Escola Otoniel Mota, quando Rosa era professora, de 1969 a 1971. Seu pai, **Amyntas Velloso de Siqueira**, foi diretor. Ele veio de São Paulo para inaugurar a Escola Santos Dumont e depois iniciou no Otoniel Mota, em 1957. O ano da saída, ela não tem tanta certeza, mas rememorou como começou a estudar na escola em 1969 e ele já não era mais o diretor. Como se não bastasse a ligação dessa família com a escola, a mãe de

Bernadete, dona **Maria Antonietta Franco de Siqueira**, era orientadora educacional no mesmo período. O senhor Amyntas foi transferido para Ribeirão Preto e a mulher, pela união de cônjuge, o acompanhou. Dos sete irmãos de Bernadete, cinco estudaram no Otoniel Mota. “Era um orgulho para todo mundo, na época. A escola era a referência em Educação no interior do estado.”

Tímida, estudiosa e aplicada, Bernadete lembrou que a primeira “arte” que fez, no sentido variado da palavra, conotando peraltice, foi na escola. “No final do primeiro ano, em

um dia de chuva, na data em que faltou um professor, esqueceram o portão da rua Cerqueira César aberto e ela, com outra amiga, resolveram tomar chuva. Depois decidiram voltar para casa a pé, já que não teriam mais aula naquele dia. Aparentemente, algo sem qualquer malícia. Mas, ao dar o material para outros amigos levarem, protegendo-o da chuva, ela se esqueceu de guardar consigo a carteirinha de apresentação diária. No dia seguinte, assim que percebeu que estava sem o pequeno documento de controle, ficou temerosa do que poderia acontecer.

Mas, sem qualquer alternativa, seguiu para a escola. Dito e feito. A inspetora deu uma bronca e o diretor a chamou em sua sala. “Foi a primeira vez que eu fui para a direção. Era o senhor Jerônimo Feltre.” Ele perguntou e ela explicou o que tinha acontecido. O resultado foi uma advertência. O que não seria um problema, se parasse por aí. Mas Bernadete teria que retornar com o papel assinado pelo seu pai, no dia seguinte.

Em casa, com medo, mostrou a cartinha e ficou esperando uma bronca homérica no sentido mais amplo da palavra, que se refere ao tempo grego de Homero, ou seja, uma advertência épica, que não aconteceu. Para total surpresa de Bernadete, seu pai era mesmo um educador. Ele virou-se para a menina e comemorou: “Graças a Deus minha filha, você é normal, igual a todos os alunos”. E continuou dizendo que era tudo muito normal, que ela estava se libertando e outras coisas. Talvez Bernadete nem entendesse

tudo. Ao final disse que não era correto sair da escola sem ser vista, como se estivesse fugindo, que poderia ter acontecido alguma coisa na rua e pediu para que não se repetisse. Mas só depois de ter comemorado o feito da menina tímida. “Ele me conhecia, sabia que tinha sido importante para minhas experiências de adolescente.” E foi. Caso contrário não habitaria ainda nos dias de hoje as memórias de Bernadete.

Outra forte lembrança foi o sentimento de perda que a menina sentiu quando sua amiga, filha do reitor da USP, deixou a escola por causa da transferência do pai. Bernadete e ela eram as melhores amigas. “Foi bem difícil. Senti que eu a tinha perdido mesmo. E foi para muito longe, seu pai tinha sido transferido para Genebra e depois para o Cairo.”

Muita coisa aconteceu na vida da ex-aluna, professora do Otoniel. Ela foi estudar matemática, na PUC, em São Paulo e só voltou em 1998. Nesse ano, pegou duas aulas na escola e lembrou que, ainda nessa data, conseguia perceber que muitas coisas eram como antes. Ela ficou dois anos na escola. Saiu e voltou em 2010. Nesse ano, as diferenças eram mais significativas.

Como professora de Matemática, Bernadete sabe que é muito querida por alguns e normalmente bem adversa a muitos. Não por ela, claro, mas pelas forças enigmáticas de sua disciplina. Para contornar esse trajeto, ela começa promovendo o encantamento. Reconhece que não é fácil, até por questões folclóricas relacionadas às equações, mas

afirmou pontualmente que ninguém aprende aquilo pelo qual tem aversão. “Primeiro, o aluno precisa vencer o medo que tem da Matemática.” A professora montou uma lógica para explicar. “Ninguém gosta do que não conhece. Conhecer a Matemática é o primeiro passo”.

Bernadete foi embora e voltou para dizer que se lembrou de um fato relevante, no período da gestão de seu pai. Ele foi diretor em 1964 e viveu dias difíceis. Ela lembrou-se de uma denúncia feita na revista Cruzeiro contra o senhor Amynthas, acusado de ser



Norberto Francisco Petersen: a matemática como uma ferramenta para fortalecer o raciocínio.

subversivo porque mantinha o movimento estudantil dentro da escola. A acusação repercutiu, ele teve que contratar advogado para sua defesa e conseguiu se explicar. Mas depois desse episódio, o diretor precisou restringir algumas atividades do Centro Nacionalista Olavo Bilac.

A história do professor **Norberto Francisco Petersen** com a Escola Otoniel Mota se deu em um movimento não linear. De aluno a professor, ele foi e voltou. Em 1959, passou no Vestibulinho e garantiu sua vaga para cursar o ginásio. Para certificar-se de que seria aprovado, seus pais o fizeram ficar na casa de uma tia, concentrado nos estudos e longe dos irmãos menores.

Tudo parecia ir muito bem, mas não tão bem assim. Apesar de nunca ter sido reprovado antes, Norberto não atingiu as notas necessárias para passar de ano. Seu pai, um militar rígido, não teve dúvida, transferiu o filho para outra escola. O ex-aluno do Otoniel Mota disse que naquela época os pais mandavam e os filhos obedeciam, não tinham outra opção. Na nova escola, Norberto destacou-se. Lembrou-se de contar sobre os elogios que recebeu da professora de Língua Portuguesa, pela qualidade da análise morfológica que fizera. “Tinha aprendido muito bem com a professora **Lucy Musa Julião**.”

Na idade para uma formação técnica, seu pai decidiu novamente que ele faria o Curso de Contabilidade. Norberto fez um ano e foi aí que se rebelou pela primeira vez. “Não era o que eu queria. Queria voltar para o Otoniel

Mota, mas como precisava trabalhar, me matriculei no Curso de Magistério noturno.”

Essa decisão do jovem se deu influenciada pelo fato de ter muitos tios e primos professores. Achou que seria uma boa alternativa para ele também. Afinal, uniria todas as demandas, um curso de formação, voltaria para a Escola Otoniel Mota e, estudando a noite, poderia trabalhar.

Sua formatura, em 1969, foi bastante tumultuada. Os alunos haviam convidado o ex-diretor **Romero Barbosa** para ser o parainfo da turma. Ele se sentiu muito honrado e aceitou, mas a celebração não aconteceu. No dia do evento, todos foram informados de que a cerimônia tinha sido cancelada, “embargada”. Eles não poderiam ter Romero Barbosa, afastado por questões disciplinares com a política da ditadura, como homenageado. Foi um rebuliço, e a festa realmente não aconteceu.

A escola reagendou uma cerimônia menor, no anfiteatro da unidade da Avenida Nove de Julho e os ex-alunos, agora professores, combinaram, em protesto, que ninguém aplaudiria. Foi um evento silencioso. Para prestigiar Romero Barbosa, a turma organizou um churrasco sem pompa mas com muita circunstância especialmente para o ex-diretor. Quando fez uso da palavra, não economizou nenhum recurso de retórica e a oratória foi empolgada. Norberto ainda se lembra de algumas frases daquele discurso todo imposto. Ele imitou o educador: “Nos privaram a emoção dos pais com os olhos marejados ao verem seus filhos serem diplomados...”

Embora tivesse sido um bom aluno no Curso de Magistério, Norberto não queria ser professor primário. Para ampliar suas possibilidades, optou pela Matemática, motivado pelo trabalho que já fazia naquela época da vida.

Em 1975, o ex-aluno retornou à escola como professor substituto. Ficou alguns meses e depois seguiu outros caminhos, com paradas em várias escolas de cidades da região de Ribeirão Preto. Cinco anos mais tarde, foi efetivado como professor de Matemática e só conseguiu realizar seu projeto de lecionar no antigo ginásio do Estado, em 1993. Ele permaneceu em sala de aula até 2007, quando se aposentou. A data não foi aleatória, ele até poderia ter se aposentado um pouco antes, mas quis participar dos festejos do centenário da escola que se deu exatamente em 2007.

Norberto definiu-se como um professor disciplinado com ele e com os alunos. Identificou-se bravo, pelo menos nos primeiros meses. “Era preciso estabelecer alguns limites iniciais”, explicou o educador satisfeito, com os resultados proporcionados ao longo dos anos do magistério.

Por diversas vezes, o professor teve que esclarecer aos estudantes “porque eles deviam aprender Matemática”. Foram tantas as argumentações, que Norberto desenvolveu uma lógica muito eloquente. “Explicava para eles que a Matemática servia, inclusive, para ajudá-los no raciocínio e na compreensão de questões de outras áreas. No mínimo, era sempre um bom exercício mental.”

A emoção ficou mais exacerbada quando o professor foi convidado a refletir se havia sido um bom exemplo para seus alunos. De maneira inevitável, ele pensou em outras relações, como a de filho, de pai, de marido, de homem de família. A reação do professor dispensaria qualquer palavra disponível. Só quem se esforçou muito para ser um bom exemplo se deixaria ver tão emocionado.

Um ano depois do outro, a história da escola Otoniel Mota se renova em si, pela presença de novos estudantes, anualmente. A relação de **Carla Diniz Bastos de Lima Rocha**, aluna em 1986, começou há 60 anos, quando seu pai, **Antonio Carlos de Lima Bastos**, foi estudante. De pai para filha, a menina foi matriculada depois de passar no teste de admissão, porque morava na rua General Osório e era a escola mais perto, podendo ir e vir todos os dias a pé. Carla reconheceu que era a melhor opção, mas não só por isso, pois a escola também era a melhor.

Como estudante, ela não facilitou a vida da professora de Psicologia. “Tenho até vergonha hoje, mas eu cismeiei que sabia mais do que a professora. Era um tema que eu gostava e achava que ela tinha que dar as aulas de outra forma. Ia sempre na diretoria reclamar.” Até que a diretora **Maria Amélia Zucollotto** intercedeu e agendou uma reunião entre as duas, resolvendo a questão.

Carla começou estudando pela manhã, passou para a tarde e concluiu o Curso Magistério no período noturno. “Eu comecei a trabalhar com crianças no último ano.” Ela concluiu



Carla Diniz Bastos de Lima Rocha escolheu ser professora na Escola Otoniel Mota.

que, em cada um dos períodos, o Otoniel Mota era uma escola diferente. “O pessoal da manhã tinha outra disposição.”

Quando saiu do Magistério, Cláudia seguiu para a Pedagogia e se especializou em Didática e Metodologia para o Ensino Superior. Mas antes de lecionar na faculdade, “cismou” que queria viver uma experiência acadêmica com o ensino médio. A trajetória de Cláudia, a partir daí, foi de muita perspicácia.

Ela não tinha formação em disciplina específica para o segundo grau e precisava encontrar um caminho. Com “100%” de vontade, ela foi até a direção do Otoniel Mota e perguntou o que teria que fazer para lecionar na escola. Ouviu o que já sabia. Não contente com as impossibilidades, Claudia percebeu uma brecha. “Eu disse para a diretora que eu iria trabalhar com os temas transversais dos parâmetros curriculares nacionais.”

Desafiada pela profissional, Claudia escreveu um projeto para atuar com orientação sexual. Deu certo. Passou a ser chamada para substituir os professores que faltavam. “Mas, no ensino médio, os alunos não querem ficar na sala quando o titular falta.” Ela contou que, no começo, o que mais tinha era cara feia. A professora ousada não arredou o pé de seu plano. Nas suas aulas, mudava todas as carteiras de lugar e falava sobre um tema que certamente todos queriam saber: sexo.

Foi um sucesso. Tanto que ela se preparou para outras abordagens. Claudia passou a tratar de todos os demais temas transversais. “Eu fazia um júri simulado com a participação

dos estudantes defendendo e acusando a legalização da maconha, a liberação do aborto, o uso de droga.”

Passado um tempo, a professora formada no Magistério do Otoniel Mota, foi para a sala do Magistério com aulas atribuídas em sua habilidade de formação. Ela afirmou que encontrou o mesmo projeto de educação quando da sua saída. “A qualidade se manteve, neste período. O Magistério era um curso muito bom. Até hoje, em aulas na faculdade, eu utilizo o aprendizado adquirido nos tempos do Magistério.”

Enquanto esteve em sala de aula como professora, Claudia resolveu fazer um Fórum para debater o tema violência sexual e exploração infantil. Com apoio do Rotary, conseguiu um espaço na Associação Comercial, convidou o professor da USP, pesquisador nesta área, Sérgio Kodato, para falar e o evento foi um “estrondo”, inclusive com cobertura da imprensa. A educadora orgulha-se de tê-lo realizado. “Muitos diziam que eu não devia fazer coisas fora da escola, mas depois reconheceram que tinha sido muito positivo.”

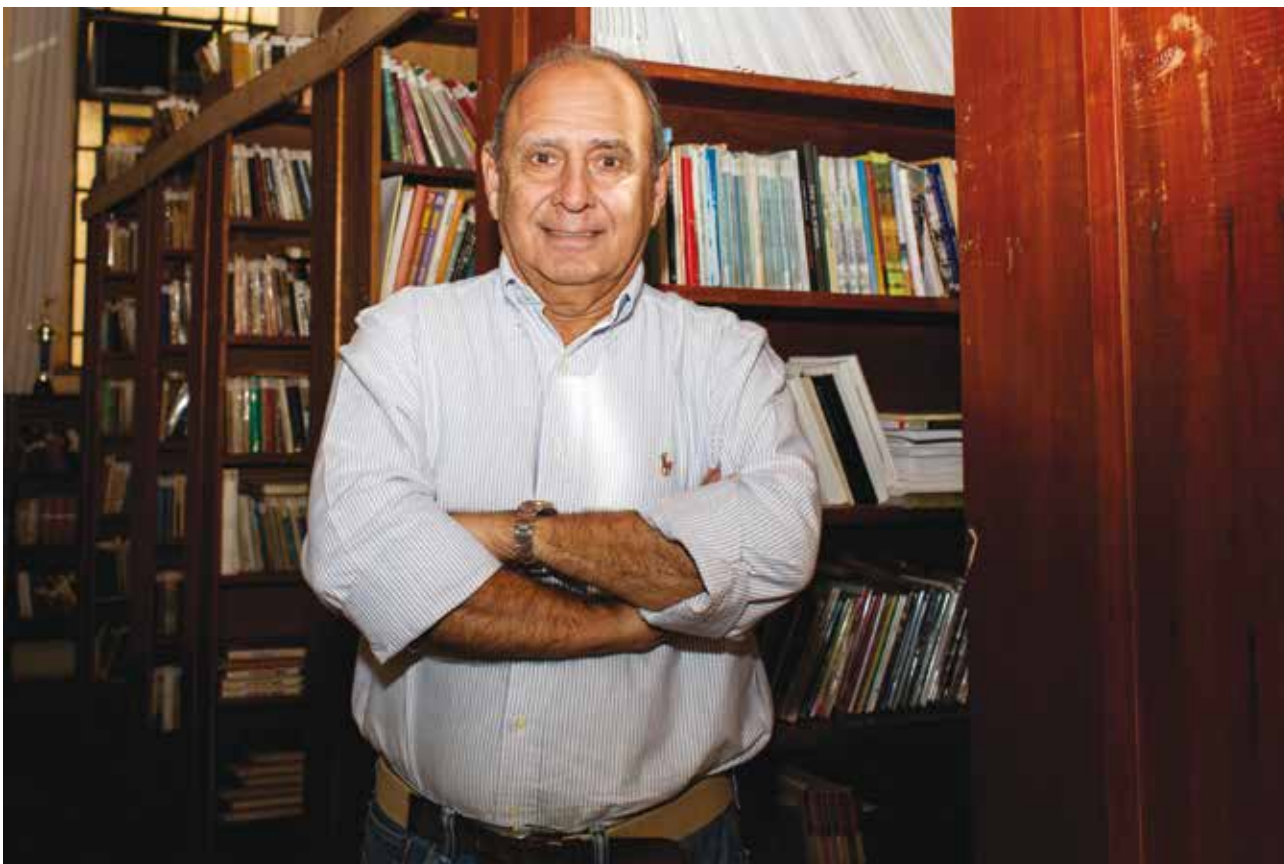
Rosa, Ely, Bernadete, Norberto e Carla, entre tantos outros que passaram, fazem lembrar o uruguaio Eduardo Galeano:

*A memória guardará o que valer a pena.
A memória sabe de mim mais que eu; e ela
não perde o que merece ser salvo.*

Aqui ficam salvas as experiências dos alunos/professores.

7. Incubadora de sonhos...

As Feiras de Ciências do Otoniel Mota e o começo de longas histórias



Paulo Tadeu Rivalta de Barros: De volta à escola 50 anos depois.

Ele estava quieto e introspectivo, enquanto aguardava o momento de sua entrevista. De cenho franzido e mão no queixo, deixava percorrer o olhar pelos cantos da velha biblioteca. De repente, não era mais 31 de janeiro de 2017, mas um dia qualquer de 1961, ano em que **Paulo Tadeu Rivalta de Barros** chegou ao Instituto de Educação Otoniel Mota, lá permanecendo como aluno até

1967. “Desde aquela época que eu não entrava aqui. Tinha medo de perder o encanto. Para minha alegria, o encanto se manteve. Está lindo como era!” Foi com essa emoção que a entrevista começou.

Logo o ex-aluno rememorou as Feiras de Ciências que ocorriam em Ribeirão Preto. Eram acontecimentos que reuniam várias escolas, às vezes no subsolo do Theatro Pedro

II, outras na Cava do Bosque. Alunos do Santos Dumont, do Marista, do Otoniel, encontravam-se e apresentavam projetos que levavam semanas para serem preparados. Tadeu lembrou que a competição era acirrada. “A gente tinha aquela gana de colocar o Otoniel Mota na frente”. E o grupo de alunos do qual ele fazia parte conseguiu isso várias vezes. Era época de procurar algo novo, interessante para pesquisar e ser apresentado em público.

Ao contar sua história, Paulo Tadeu não deixou de fora outros amigos, afinal, as participações nas feiras eram atividades coletivas. Entre eles, falou dos irmãos Sterman Ferraz, **José Paulo, José Bento e Mário**. O primeiro



José Paulo Sterman Ferraz: 30 anos nos Estados Unidos.

formou-se em Engenharia, em 1973, e hoje é empresário do ramo de tecnologia, em Houston, Texas/EUA. Ele se divertiu, ao lembrar de uma Feira de Ciências em especial, na qual ganharam o Prêmio Originalidade. Na época, ele tinha 14 anos e construiu, com o apoio do torneiro José Brites, uma “engenhoca” em um laboratório da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, do qual o seu pai, José Bento Faria Ferraz foi o fundador. A invenção consistia em um disco de alumínio de 1 metro de diâmetro, que era capaz de representar, com luzes (diodo naquela época não existia), números digitais de 1 a 60. “Como éramos humildes e nunca tínhamos comido numa churrascaria na vida, fomos todos à Cantina 605 e torramos a grana toda do prêmio!”

A memória é algo fascinante e trabalhar com ela é um desafio sem proporção. Não há meios que a limite. Desobediente, autoritária, ela conduz para aonde ir, com que profundidade e depois não se responsabiliza pelas emoções que repercute. **José Paulo** que o diga. Em uma das conversas digitais, ele escreveu: “Estes últimos dias de caldeirão de recordações tem sido como um afago carinhoso às nossas memórias e aos nossos corações já um tanto endurecidos e/ou fossilizados pelos caminhos maravilhosos e também traiçoeiros da vida.”

Sempre destaque nas Feiras de Ciência das quais participou, José Paulo, a pedido, organizou as informações de maneira sistemática. O homem vitorioso em suas empreitadas, não desdenhou, em momento algum, a difícil-

dade que enfrentou. “Chegar ao Otoniel Mota não foi uma simples etapa natural que nós, os das décadas de 1940, 1950, ultrapassamos sem percalços ou com um certo esforço. Era uma conquista obrigatória porque na época, havia um exame de admissão para garantir uma vaga no ginásio.”

E a roda da memória ia girando sem poder parar. José Paulo entendeu que para melhor sintonizar a escola no tempo, era necessário referenciar a cidade na geografia urbana. Talvez, assim, ficasse mais claro o desempenho de alguns homens e mulheres. Seus pais, por exemplo, saíram de São Paulo para fundar a escola de Medicina da USP, em uma época em “que não havia estrada para Ribeirão Preto. Eles mudaram literalmente para o meio do mato. Pousar no Leite Lopes era uma aventura e a pista era de terra vermelha, como tudo, em Ribeirão Preto. Pousávamos e a porta somente se abria dez minutos depois, com a poeira dissipada”.

O ex-aluno não desassocia a história do Otoniel Mota, que recebeu tantos filhos de professores da USP, da história da universidade, pelos menos naquela década de 1950. Lembrou de outros pais de amigos seus que mereciam páginas e páginas de homenagens neste livro, assim como os professores imigrantes que vieram de longe para formar o corpo docente da Medicina, com seus filhos fazendo-se discentes no ginásio do Estado. Ele estava tão certo disso que carinhosamente enviou uma foto de seus pais.

Ao descobrir, nesta entrevista, uma

oportunidade de fazer justas homenagens, o ex-aluno, hoje morando nos Estados Unidos, revelou seu desejo em destacar a contribuição do senhor Afonso Milena, que foi o motorista do ônibus escolar por muito tempo, fazendo o trajeto da Fazenda Monte Alegre, na USP, até o centro da cidade, no Otoniel Mota. “Ele alimentou, com a autoridade que tinha como chefe do refeitório, um tempo depois, tantos alunos da faculdade que não tinham grana para pagar o almoço.” Duas das filhas do senhor Afonso estudaram no Otoniel Mota, uma delas foi a primeira e única esposa de José Paulo.

José Bento Sterman Ferraz guarda



José Bento Sterman Ferraz: boas memórias.

suas histórias em um lugar privilegiado da memória, mas gosta de enaltecer as vitórias do irmão José Paulo. “Lembro-me bem das Feiras de Ciências, onde meu irmão ganhou prêmios por dois anos, um com um ‘computador’ primitivo que calculava quantos dias de vida você tinha, a partir da data de nascimento, uma imensa roda de metal, com contatos feitos a partir de um ‘limpador de pentes’ metálico dos quais cortávamos as hastes e ele as soldava na tal roda... Nesse ano ele ganhou o primeiro prêmio. Depois, no ano seguinte, ele bolou um tipo de radar que detectava objetos, mas um dos juízes, Dr. Paulin, professor da Medicina da USP e engenheiro eletrônico formado na Poli, que era meio guru do ‘Zé Paulo’, julgou que havia muita interferência do ginásio na Cava do Bosque e lhe deu o segundo prêmio.”

Durante o processo de criação dos inventos científicos, José Bento, chamado carinhosamente pelos amigos de Bentinho, tomava conta da eletricidade nos lançamentos dos foguetes projetados pelo irmão. “O Zé Paulo usava vários tipos de combustíveis”.

José Bento esteve no Gynásio no movimentado 1968, quando as manifestações estudantis explodiram e os cavalos da polícia eram parados por bolinhas de gude. “O Grêmio era muito organizado e exercia um papel muito forte no movimento estudantil, que era bastante politizado naqueles anos e que saiu muito às ruas, protestando contra o endurecimento da ditadura. Lembro-me ainda que a gente comprava bolinhas de gude

no Bar do ‘seu’ Cecílio, na esquina da frente do Otoniel, e jogava na rua, para que os cavalos que avançavam sobre a gente caíssem.”

Depois das vivências, José Bento foi cursar Medicina Veterinária e hoje é professor titular de Genética e Melhoramento Animal da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP, localizada em Pirassununga.

Mário Sterman Ferraz foi o primeiro a estudar no Otoniel Mota. Ele já tinha saído, fazia Poli em São Paulo, quando José Bento se matriculou. “Era uma excelente escola. Quando fui para São Paulo terminar o ginásio e cursar o científico, só não foi mais difícil porque minha base do Otoniel era muito forte,” concluiu Bentinho.

Vicente Alessi Filho era da mesma



Vicente Alessi Filho: Amigos até hoje.

turma. Entrou em 1962 e saiu em 1968. Ele lembrou das Feiras de Ciências mas não seguiu a área científica, optou pelo Jornalismo, profissão que ainda pratica na cidade de São Paulo. “Um dos grandes destaques dessa vivência foi o viés exercido pela grande maioria dos professores sobre a nossa formação, francamente humanista. Isto levou, obviamente, à formação crítica dos estudantes. E à sua participação em eventos políticos.”

O ex-aluno que atuou ativamente no Centro Nacionalista Olavo Bilac, recordou de um episódio, marcante para ele, ocorrido em 1963. “Nós comparecemos com forte bancada em reunião contra a manutenção do sistema parlamentarista no Brasil, realizada no Salão Dom Laureano.” Depois foi se lembrando de um evento atrás do outro. “Manifestamo-nos, também, contra o golpe que derrubou o presidente Goulart, em 1964, contra o envio de soldados brasileiros à República Dominicana, em 1965.”

Então, o jornalista abriu o caminho da memória, para relembrar professores que nunca serão esquecidos. “Sob a ótica da cultura a escola vivia, ano após ano, as Jornadas Euclidianas promovidas pela professora **Florianete de Oliveira Guimarães**, e também os trabalhos do grupo de teatro de alunos formado por ela, o Cetec. Ela e a professora **Marilisa**, de Psicologia, da Escola Normal, foram, igualmente, grandes incentivadoras da formação de grupos de estudos que debatiam dos gregos à realidade brasileira.”

Ao terminar sua narrativa, o jornalista

se despediu com “Saudações Otonielmoteanas”. E a estilística não surge sem relevância. Sugere o entendimento de que de fato, em uma de suas grandes fases, a instituição educacional identificada como Otoniel Mota foi mais do que uma escola de conteúdos fechada em paredes. Foi, sobretudo, uma escola de ideias, com um estilo próprio de pensar, um jeito específico de fazer estudar, um modelo especial de transmitir conhecimento e de motivar a transformação para a qual as escolas são criadas.

De volta às Feiras de Ciências, não é possível falar dos alunos sem lembrar de alguns mestres: **Décio Settie**, **Romero Barbosa** e o professor **Antônio Sebastião Barbosa**, mais conhecido como ‘Chóla’, e responsável pelo Laboratório de Química. Ele está nas reminiscências de vários entrevistados: “extremamente inteligente, motivador, fantástico, terrível, zeloso, rígido!”. Não importa o adjetivo pelo qual ele é lembrado, o professor Chóla está lá, vivo, na memória dos seus alunos. Só quem fez muito sentido na vida de alguém consegue esse feito.

Paulo Tadeu contou de um trabalho considerado muito avançado para a época. Sob a coordenação do professor Sebastião, eles analisaram o espectro de um elemento químico passado pelo prisma, pela decomposição da luz. Para realizar a proeza, precisaram de um fotógrafo amigo do professor, que passou noites registrando a experiência gratuitamente. “Uma coisa difícil”, afirmou o ex-aluno. Chóla franqueou o Laboratório de

Química aos alunos, dando-lhes a chave e sua confiança. “A gente vinha à noite aqui. Foi um trabalho de algumas semanas e a feira foi na Cava do Bosque e nós ganhamos o prêmio.”

Ganhar o prêmio tão esperado era um “auê!” “Era um acontecimento”.

De feira em feira, as vocações apareciam e os perfis se consolidavam. Paulo Tadeu desenvolveu o empreendedorismo, tornando-se engenheiro civil pela Politécnica de São Paulo. Os outros colegas também voaram alto: **Horácio Aragonés Forjaz** formou-se em 1974, pelo ITA, e tornou-se engenheiro e depois diretor da Empresa Brasileira de Aeronáutica (Embraer). **Antonio Carlos Sant’Anna Júnior**, arquiteto, é professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP) onde também se formou. Mas, para Paulo Tadeu, não há segredo nessa receita de sucesso: “Isso é tudo que a escola nos deu. Um aprendizado, uma formação”.

“Até me emocionei.
Cinquenta e dois anos sem
entrar aqui dentro é muito
tempo. Mas foi bom... Foi
uma troca bastante intensa.
A escola não faz o aluno,
assim como o aluno não faz
a escola, mas a fusão dos
dois é que dá a força.”

E os dias iam passando, com o tempo sendo marcado pelos horários do cotidiano escolar. Pela manhã, estudar para as aulas e realizar os afazeres extraclasse. Às vezes, ir à biblioteca, “que era desse jeitinho”, falou o engenheiro, interrompendo seu ritmo para uma pausa necessária de contemplação. A tarde era hora das aulas. Logo na entrada, os alunos enfrentavam a austeridade do inspetor **Alfredo**, que cuidadosamente inspecionava se todos estavam de meia preta. Sentados na carteira, era hora de Língua Portuguesa. “Seu Tadeu, venha ler a redação!”, dizia a “carismática” dona **Lucy Musa Julião**. Durante o intervalo “era aquela coisa de juventude”, afinal, a “escola era uma escola mista”, lembrou Tadeu. Embora afirme que as meninas preferissem os garotos “mais velhos”, suas palavras não esconderam as lembranças das meninices. Além disso, tinha o grêmio, que em época de repressão, revolução e passeata, fazia despertar nos alunos os primeiros indícios de uma veia política. “Isso tudo foi fazendo uma sedimentação na formação da gente, que nos tornou cidadãos.”

Paulo Tadeu terminou a entrevista com a voz embargada. “Até me emocionei. Cinquenta e dois anos sem entrar aqui dentro é muito tempo. Mas foi bom... Foi uma troca bastante intensa. A escola não faz o aluno, assim como o aluno não faz a escola, mas a fusão dos dois é que dá a força.”

Mais de trinta anos depois da experiência de Paulo Tadeu e seu grupo, as Feiras de Ciências continuaram sendo marcantes no

Otoniel Mota. **Mariângela Bistani Vilas Boas**, professora de Biologia do Colegial e Magistério, entre 1996 e 2009, lembrou-se de como esses momentos eram especiais. “Motivavam muito os alunos a participarem, a tornarem real algum projeto.” Recordou ainda como se fosse hoje de uma classe irreverente, mas extremamente afetiva, que ela orientou em uma dessas Feiras de Ciências. Foram visitas à choperias, reconhecimento de barris de aço e muita pesquisa que resultaram em um trabalho sobre cerveja artesanal, do qual todos se lembram até hoje.

No Laboratório de Biologia, Mariângela e seus alunos viveram momentos especiais. “Eu dava o conceito teórico na sala de aula e depois a gente comprovava aquilo de maneira bem divertida.” Sua fala estava impregnada pela paixão em ensinar. Seus olhos brilhavam.

Mas suas aulas não ocorriam apenas na sala ou no laboratório. A rua também era para aprender. A pedido da então diretora Helena Siqueira, ela e seus alunos realizaram um projeto de arborização, estudando as árvores do entorno do colégio e propondo o plantio de quaresmeiras.

Ao se aposentar, veio o reconhecimento. O diretor **Paulo Fernando Simmi** e a vice-diretora **Audrey Cordeiro**, em nome de todos, no Otoniel Mota, a homenagearam em sua festa de aposentadoria, batizando o Laboratório de Biologia com seu nome. “A hora que eu vi a placa... Foi emocionante!”, relatou. E toda a emoção que ela sentiu ao se lembrar dos seus tempos na escola, no laboratório e



Mariângela Bistani Villa Boas: uma homenagem inesperada.

nas Feiras de Ciências, Mariângela acredita fazer parte da educação. “A emoção te leva ao aprendizado. Porque você aprende com carinho, com vontade.”

Ao final, por trás de toda feira, laboratório, ou projeto especial, sempre tem um professor Sebastião, uma professora Mariângela, ou uma dona Lucy, e tantos outros docentes que, além do conteúdo, também ensinam a viver, ao se transformarem em incubadores de sonhos...

Ramon Coelho de Oliveira é da turma de 1996, trinta e cinco anos depois do engenheiro Paulo Tadeu Rivalta de Barros. Ele foi aluno do temido 1º ano K, a sala de aula que a professora Mariângela falou ter enfrentado,

num primeiro momento, cheia de receios, e que depois descobriu, surpreendendo-se, tratar-se de uma turma cativante. Tão cativante que ela ainda mantém contato e foi quem organizou o encontro da turma para que eles participassem da entrevista contando a experiência com a cerveja artesanal que fizeram para uma das Feiras de Ciências.

O único homem entre cinco mulheres, Ramon Coelho de Oliveira pareceu acanhado ao falar. Não era para menos. Mas deixou registrado que a professora Mariângela lhe apresentou outra perspectiva dos estudos. Ao lado dele, **Camila Takada Bofarini, Marcela Marques Baldim, Daniela Vieira Rômulo, Verônica Franco** e a irmã **Luana Coelho de Oliveira**,



A Feira de Ciências da década de 1990 não era uma competição entre escolas, mas fez diferença para alguns alunos.

todos juntos, formavam um dos grupos da Feira de Ciências de 1996.

A proposta era a de falar sobre como eles trabalharam em conjunto, a pesquisa coletiva, os resultados obtidos, mas, de repente, o que se configurou foi a representação de uma sala de

aula do final da década de 1990 com as peculiaridades dos tempos modernos. Com uma rebeldia ora dominada por professores mais afetivos, ora exacerbada pela necessidade de proteção do grupo. O trajeto fez uma curva tão acentuada que um subtítulo soprou aos ouvidos.

1º ano K

da ingenuidade juvenil à autoproteção rebelde

Advogados, administradores financeiros, esteticistas, representantes comerciais. Todos tinham uma ocupação profissional. Amigos que se encontram frequentemente, apesar do hiato de 18 anos após a formatura do ensino médio. Ali no banco da Biblioteca do Otoniel Mota, naquele 31 de janeiro de 2017, quase 19 horas, se reuniram amigos adultos, que, ao olhar para trás, se orgulham do modelo de união que viveram na escola. Uns se encontram mais do que outros, mas, com certa rotina, promovem reuniões com a turma toda. O 1º K.

Ninguém divergiu quando Camila definiu a sala como difícil. Então, foi preciso explicar: O que era uma sala difícil para aqueles ex-estudantes? O primeiro ponto comum foi de que, eram tão unidos, que se qualquer professor tivesse problema com um aluno, o problema era de todos. Depois, mais à vontade, revelaram.

Sim. Os meninos eram levados e as meninas os protegiam. Lembraram de um amigo, em especial, que, por diversas vezes, pensou em desistir e elas o carregaram até os dias finais. Amigo que, infelizmente, não podia estar ali. Fora assassinado durante um assalto, em Curitiba. “Ele reagiu.”

A arquitetura da sala era diferente de todo o restante da escola. Ficava mais isolada, em um dos cantos e tinha um “murinho” no meio, parecendo um balcão. Elas riram quando lembraram que alguns, cansados, dormiam debruçados naquela divisória, normalmente meninos. Quando o professor chegava, elas os acordavam, mas às vezes era difícil. O primeiro ano eles estudaram à tarde e, depois, foram todos juntos para o período da manhã.

A professora Mariângela disse, em sua entrevista, que se preparava especialmente para lecionar no 1º K. “Era sim uma turma muito falante, dispersa, mas eles tinham alguma coisa



As meninas do 1º K. Estudantes ainda se encontram para relembrar os tempos na escola Otoniel Mota.

de especial.” O que seria?

Ramom precisou sair antes e a conversa continuou somente com as meninas. Elas foram conclusivas, ao dizer que realmente a escola Otoniel Mota oferecia uma educação de referência. Diante da pergunta: Vocês vieram para cá em busca de uma boa escola? Todas disseram sim. E, na sequência: O que vocês encontraram? Mais uma vez juntas. Uma boa escola.

Se a escola era boa, por que o 1º K era difícil? E já são duas, as perguntas. De volta à indagação da professora Mariângela, talvez a proteção que o melhor oferecia ao não tão bom; o amparo que o maior destinava ao menor; a atenção que o esperto declinava ao

sonolento; o carinho com que as meninas cuidavam dos meninos fizesse, do problemático 1º K, uma classe cativante.

Na opinião daquelas ex-alunas, os professores não desistiram da sala, muito pelo contrário. Elas afirmaram que os educadores eram dedicados, até demais, disse uma delas. Que nunca foram discriminados na oferta, mesmo pela indisciplina. “Quem quisesse aprender, aprendia.” Então, elas voltaram à Feira de Ciências. Usaram o projeto como exemplo de incentivo. “Foi muito legal sair da sala, fazer pesquisa em um restaurante que oferecia cerveja desse tipo. Não foi só uma proposta técnica, nós aprendemos a

trabalhar em conjunto.”

Quando o terceiro ano chegou, a direção da escola resolveu separar os alunos. Elas acreditam que foi uma medida pedagógica para amenizar os problemas de disciplina. Embora apartados durante o período de aula, assim que o sinal tocava anunciando o intervalo, todos corriam para se encontrar. A prova de que não se dissolveram enquanto classe, era a de estarem ali juntas, mesmo não tendo cursado o terceiro ano, todas no 1º K.

Conversa vai, conversa vem, elas lembraram, de volta à Feira de Ciências, que o tema daquele ano era fermentação. Que o grupo delas escolheu a cerveja e que outro escolheu iogurte. A sala toda visitou, levada pela professora Mariângela, a cervejaria Colorado e a fábrica da Nilza. “Foi muito interessante ver de perto como tudo era feito.”

Apesar da indisciplina, as entrevistadas concluíram que tiravam notas boas. Então, já

conduzindo para o final daquela conversa, ainda havia uma pergunta em aberto. Por que o 1º K era tão difícil? Foi aí que elas resolveram contar que tinham o costume de jogar truco. Quando um professor faltava, eles não tinham qualquer problema em esperar pelo próximo. Ficavam jogando cartas no espaço da sala. Difícil era quando o horário vago terminava e eles tinham que voltar a se concentrar nas disciplinas.

Mas quando a entrevista terminou, o que ficou foi um misto de ingenuidade com rebeldia temporal, aquela que se tem em um momento da vida e depois passa. O 1º K ficou para trás. O que permaneceu foi a amizade. E o que é a amizade, senão um comportamento sentimental que leva um a proteger o outro? Não é papel da escola, também o de ensinar a cultivar amizades? Se sim, talvez a escola Ottoniel Mota tenha cumprido o seu papel com os estudantes do 1º K.

Grafite no pátio da escola, patrimônio arquitetônico da década de 1920 preservado, representa o encontro dos tempos.



8. Idealismo e paixão pela ciência

O Clube de Biologia transformava teoria em prática naquelas décadas de 1960 e 1970

Há clubes que surgem no embalo, feitos a partir de sonhos de alunos e professores. Os anos 1960 e 1970 foram frutíferos, nesse tipo de iniciativa. Os docentes, nesse período, estavam motivados em mudar o ensino de Ciências, adaptando-o aos recentes avanços tecnológicos. Havia ênfase do trabalho no laboratório e um desejo de formar pequenos cientistas. No Otoniel Mota, não foi diferente.

Em meio aos registros do Centro de Documentação e Memória, encontra-se o livro de atas de clubes de biologia, nos quais se envolveram professores e alunos. Este é o caso do Clube Erasmo Garcia Mendes, inaugurado no dia 26 de outubro de 1967, com a presença do patrono, Erasmo, então professor do Instituto de Biociências da USP. Mais tarde, em 1974, foi a vez do Clube de Biologia Pedreira de Freitas.

Esses clubes levavam o ensino para fora da sala de aula, proporcionando aos alunos o estudo nos laboratórios e o gosto pelo aprendizado. Essas vivências estão nas memórias de **Benedicto Gleria**, que, advindo de família humilde, fez o teste de admissão para estudar no Otoniel Mota em 1967. “Na época, era considerado um colégio difícil e de pegada forte no ensino.” Benedicto estudou entre os anos de 1967 a 1969, no período noturno, e teve contato com professores “com muita

ideologia, mas que colocavam a mão na massa”. Entre eles, a professora **Marisa**, que decidiu convocá-los para montar um clube de biologia e, com ele, o biotério, com animais que pudessem contribuir para despertar o interesse dos alunos pelas ciências.

Formado em agronomia e atuante nessa área, Benedicto conta que o clube possuía uma estrutura muito simples, quase improvisada. Era uma época em que “coisas iam no embalo, no sonho, mas davam grande resultado”.

O clube se reunia-se tarde da noite, depois das aulas, ou aos sábados, domingos e feriados. Segundo Benedicto, a professora Marisa era uma mulher “cheia de sonhos” e a sua ideia viria a ser “uma surpresa muito grata.” O futuro agrônomo, que sempre gostou de animais e natureza, teve o clube como um reforço de uma vocação que já se encontrava dentro dele.

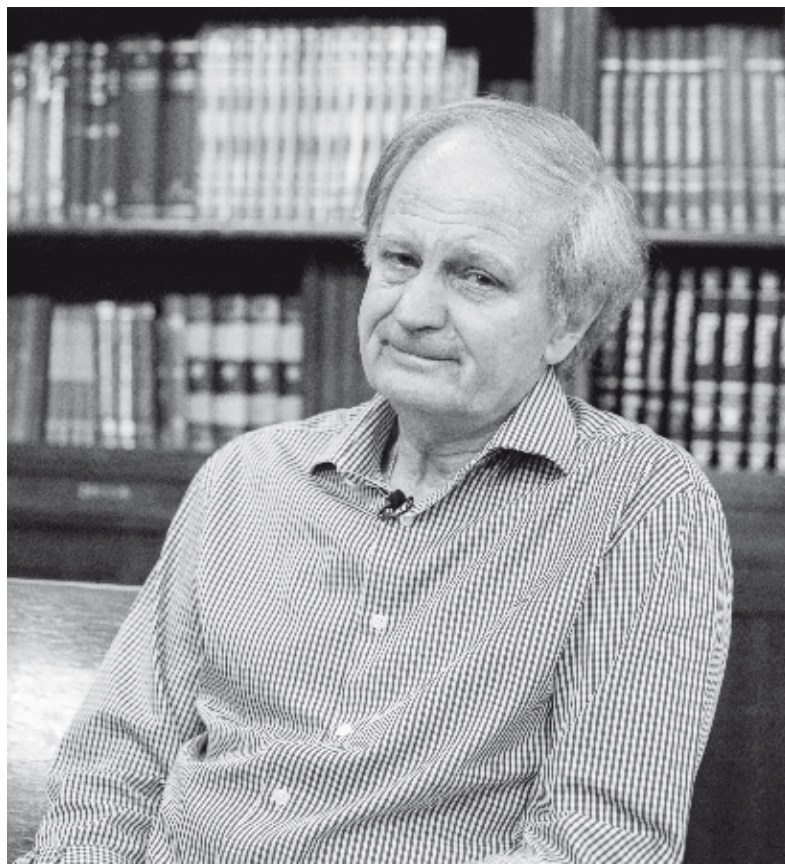
A escola estava inserida no contexto ditadura civil-militar, em que a repressão política convivia com a intensa atividade estudantil, representada pelos grêmios e diretórios. Benedicto contou como, em meio ao trabalho duro, o colégio e as atividades do Clube de Biologia, conseguiu algumas vezes sair para a rua em passeatas, inclusive chegando a enfrentar a cavalaria. “Uma época maravilhosa.” Chegou, inclusive, a concorrer com uma

chapa no grêmio estudantil, que perdeu para os opositores dos períodos da manhã e tarde.

O jovem Benedicto, assim que saiu do Otoniel Mota, não entrou na faculdade de imediato. Depois de alguns anos de trabalho, necessários para ajudar nas contas de casa, prestou vestibular para agronomia na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Jaboticabal e entrou. O estudante universitário sentiu aqueles anos parados. No início do curso, vieram as “bombas” nas matérias mais difíceis, como Física e Química, mas depois conseguiu se equilibrar. Os anos foram intensos na universidade em tantos outros na profissão que escolheu.

Toda a sua trajetória parece passar por sua cabeça ao voltar à velha escola para dar entrevista. Estar no local que o acolheu, depois de tanto tempo, deixou sua voz embargada ao dizer: “Foi uma época muito feliz a que eu vivi. Foi dura, mas acho que renova a vida”.

Nos olhos do entrevistado, viu-se a certeza de que acreditar nos sonhos de uma professora entusiasmada trouxe muito mais do que conhecimento. Trouxe alegrias, tristezas, experiências, indicações sobre o futuro profissional, e, sobretudo, saudades que vêm e se vão, à medida que a memória lhe fala ao ouvido.



Benedicto Gleria: foi difícil controlar as emoções.

9. Os temidos e queridos professores

Do golpe da meia aos encantos das aulas:
os altos e baixos da rotina escolar

Ele não soube precisar, sem fazer contas, o ano em que começou o ensino médio: “1964, 65, 66, por aí”. Resumiu: 50 anos atrás. **Dácio Eduardo Leandro Campos** foi transferido para o Otoniel Mota depois de ter terminado os primeiros anos na Escola Vilhena de Moraes, na Vila Virgínia. Entre o Clássico e o Científico escolheu, por interferência do pai Jovino Campos, o segundo. A irmã mais velha, como gosta de dizer, **Sara Maria**, já tinha estudado antes dele. Ela, inclusive, voltou para as classes do Otoniel Mota como professora.

Ele se orgulha de saber os nomes de todos os seus professores. Talvez esqueça um ou outro, mas não por falta de memórias significativas, simplesmente por que o tempo é cruel. E começou dizendo: “professora **Herculina**, dona **Dilu**, professor **Sebastião**, **José Lauro Cassebe**, **Lucy Musa Julião**, **Florianete de Oliveira Guimarães**, **Marturano**, **Décio Setti**, **Alaer**, **Marisa Ramos**, **Miguel Mauad**, **Ary**, **Lourenço Torres da Silva**, **Jorge Rodini**, **Márcio de La Corte**.”

Assim que falou o nome do professor de Matemática, lembrou de dizer que só passou na disciplina do primeiro para o segundo ano por causa da Feira de Ciências. “Nosso trabalho foi muito bem conceituado e a nota de participação extra me ajudou a passar.”

Dácio reconheceu que teve uma base forte para fazer qualquer curso universitário.

Mas se pudesse mesmo escolher talvez tivesse optado pelo futebol, que sempre jogou bem. Ele era muito elogiado, até mesmo quando tinha do mesmo lado, ou no time adversário o amigo de bola Sócrates, craque do Corinthians.

Jerônimo Feltre era o diretor em sua época, sucessor de **Romero Barbosa**. Das histórias que Dácio não esqueceu, uma aconteceu diretamente com ele. “Eram duas ou três horas da tarde e eu fui pular o muro do fundo da escola.” Quando colocou os pés do lado de



Dácio Campos mostra o muro que ele pulou duas vezes.

fora do prédio, deu de cara com o diretor Feltre. O homem de cara brava não teve dúvida. Fez o jovem estudante pular o muro novamente. Já não tinha sido fácil na primeira vez, foi muito mais difícil na segunda. Cansado e com medo de uma advertência, ele contou que ralou toda a perna. O maior temor dos estudantes era ter que voltar para casa no fim da aula com alguma anotação na carteirinha. Engrenado nessa história, lembrou-se de outra. O uniforme dos alunos era da cor cáqui e a meia era preta. Quem não estivesse uniformizado corretamente, não entrava. Sabedores disso, com medo de voltar sem carimbar a presença na carteirinha, eles criaram o “golpe da meia”. Entravam, assistiam à aula que queriam e depois tiravam a meia de cima, preta, deixando aparente a meia debaixo, de outra cor, marrom ou azul. Um amigo, combinado, denunciava para o inspetor, que não perdoava e imediatamente colocava o sem meia preta para fora.

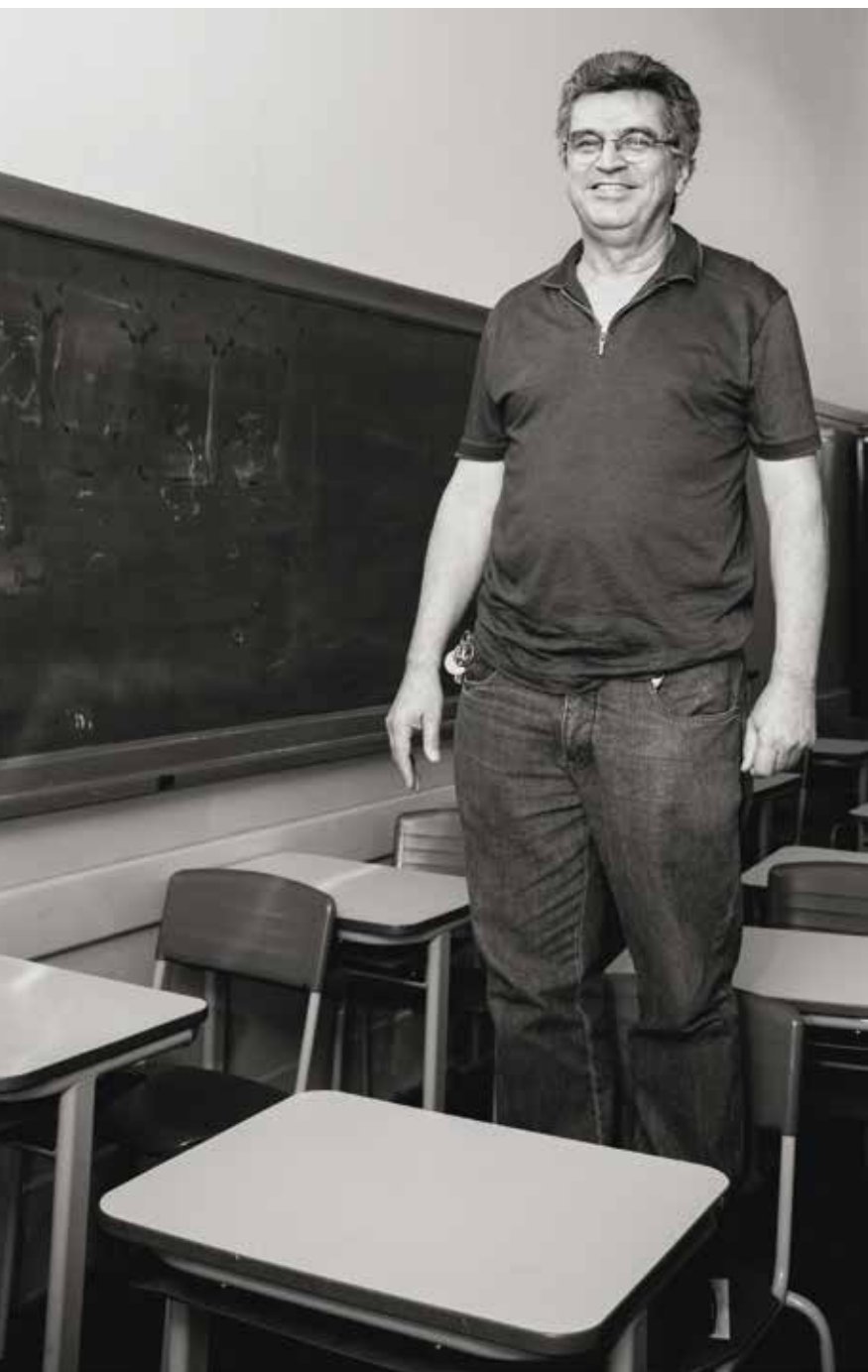
O professor **Miguel Mauad**, em dia de prova, costumava trocar os alunos de sala. A proposta era não usar a mesma carteira. “Era daquelas de madeira que costumava ter sempre muito rabiscadinho. Ele saía procurando tudo.” Dácio lembrou que, certa vez, uma menina colocou um papel com anotações - ele não quis dizer “cola” - na cadeira, escondida debaixo da saia de pregas, e de vez em quando ela mexia as pernas para tentar ver seus lembretes. “O professor Sebastião se aproximou e disse, apontando para a cabeça, que se não entrasse por ali, por baixo também não entraria.” E pediu as anotações.

A conclusão do ex-aluno foi categórica. Todos eram temidos naquela época e, com o tempo, tudo parecia normal, como se fosse uma característica de todos os professores. Por fim, certificou: “Quem não sabia não passava”.

Miguel Ângelo Barbosa é de um tempo depois. Também não foi preciso. “Talvez 1972, 73.” A dúvida está no fato de ter estudado um período, saído e voltado para fazer todo o colegial. Ele cursou o pluricurricular. Para organizar sua fala, Miguel escreveu três páginas sobre seus anos na Escola Otoniel Mota. Começou contando o que fazia em sala de aula o professor de História, **Romero Barbosa**. “Ele era irreverente em seu estilo, mas bravo, se preciso.” Para reforçar as datas das grandes divisões históricas, ele usava uma vareta como se fosse uma batuta nas mãos e agia como um maestro. “O professor nos pedia para abaixar bem próximo do chão e responder bem baixinho quando ele perguntava sobre as primeiras Eras Históricas.” Então subia a batuta a cada nova Era. Pré-História, Idade Antiga. “A gente ia subindo o corpo e o tom de voz.” Idade Média, Idade Moderna.

Quando chegava nos fatos da Idade Contemporânea, Miguel lembrou a data da Segunda Guerra Mundial, 1945, a sala estava aos gritos, e todos sobre as cadeiras, autorizados pelo original professor. “Mas não acabava aí. Quando terminava, ele descia de uma vez a batuta e nós todos nos jogávamos no chão.”

Do diretor Jerônimo, ele lembrou do rigor na pronúncia das palavras. “Ele era impecável.” E deu exemplos. “Para ele o ‘o’ não era ‘u’



Miguel Ângelo sobre a cadeira como nas aulas do professor de História, Romero Barbosa.

o 'é' não era 'i'". Ele tinha um rigor em pronunciar todas as palavras de uma frase com a insistência dos sons finais. Miguel imitou o diretor. A escrita não permite ilustrar, mas ficou evidente que Jerônimo Feltre era um homem polido.

A curiosidade de Miguel o fez perguntar, certa ocasião, por que diferente de todas as escolas, o Otoniel Mota era um Instituto. Então, lhe responderam que era porque tinha a Escola Normal de formação para professores do grupo escolar. O ex-aluno, artista das artes plásticas, visuais, pesquisou a palavra Instituto, que tem como radical o conceito de instituir, criar normas, e as coisas então se esclareceram.

Entre tantos entrevistados, foi Miguel quem mais falou das inspetoras de alunos de sua época. Dona Ofélia cuidava do pátio, sempre enérgica, mas protetora como uma mãe. "Todos nós gostávamos dela. Quantas vezes deixamos de fazer uma peraltice desejada porque sobraria para ela ter que explicar, na diretoria, a nossa falta de controle."

Mas se sua missão era contar sobre os mais temidos, então, foi inevitável falar de outra inspetora de alunos, dona Adelina. "Ela era muito brava, quando a gente via que estava vindo, todos iam para o lado oposto."

E por falar em inspetor, Fernando José Balbo, aluno do Otoniel Mota nos anos de 1974 e 1975, guarda na memória a presença do senhor Alfredo. Parecia que ele estava em todos os lugares. Outros professores imediatamente se posicionam em fila no momento de listar os que foram importantes, mas, depois de dizer, sempre vem aquela sensação e medo



Fernando José Balbo e a certeza de que educação com qualidade pode fazer a diferença a favor do país.

de ser injusto: “Todos eram especiais, difícil mencionar um só. Dona Nice, Jalde, Lolato, Santilli, Márcio, Asdrubal, Saretta...”

Para Fernando, a Escola Otoniel Mota é frequente em sua memória, porque a educação que ele recebeu naqueles dois anos ajudou muito na sua formação. “Era uma escola pública com aula de artes industriais, fotografia e francês, só para citar o quanto diferenciada era.”

O engenheiro agrônomo formado em 1985, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Jaboticabal, é decisivo ao afirmar que “a educação é o alicerce de uma sociedade. Quando todas as classes sociais tiverem acesso à escola pública de boa qualidade, formaremos pessoas com conhecimentos técnicos e cívicos. Daí por diante, teremos um País com saúde, segurança, economia, com

pessoas bem cuidadas e desenvolvidas, será uma consequência natural”. Depois da assertiva, ele tentou provar, citando a Escola Otoniel como modelo dessa possibilidade.

De volta ao depoimento do ex-aluno Miguel Ângelo, ele lembrou ainda que a professora **Diva Tarlá**, antes mesmo da oficialidade do hino de Ribeirão Preto, já ensaiava com a sala de maneira obstinada. Citou dona Pupinha, de Sociologia e dona Mercedes, de Psicologia, e sua passagem pelas aulas do professor Divo Marino, com quem teve pouca convivência, porque logo na sequência ele se licenciou.

Hoje membro da Academia de Letras e Artes de Ribeirão Preto, com ateliê e produção profissional, Miguel já gostava de desenhar em seus dias de estudante. Fez parte das Feiras de Artes e até de exposição com seus quadros.

Antes de terminar, o artista perguntou se podia contar sobre sua frustração, certo momento, com as aulas de Filosofia. Todos riram e o autorizaram a contar. Miguel lembrou que sempre teve afinidades com a área de humanas, e que tinha, assim como outros amigos, uma ansiedade visível por frequentar as aulas de Filosofia, Sociologia e Psicologia também, mas muito especialmente debater as questões da humanidade sob a ótica da Filosofia era um desejo que os motivavam.

Como artista, Miguel não frequentava a turma dos bem arrumados, foi ele mesmo quem disse. Estava sempre no outro grupo, os chamados alternativos, mesmo que não fossem

tanto assim. Mas, tudo bem, sem qualquer problema, era uma escolha, não uma exclusão.

O dia da primeira aula de Filosofia chegou e eles estavam, contrariando a lógica, sentados na primeira fileira. Não queriam perder nada. Mas descobriram depois que, naquela aula, não tinha nada a ser perdido. O professor escreveu na lousa uma sequência de frases e passou a discorrer sobre cada uma delas. Não era aquilo que eles queriam, mas deram uma segunda chance ao filósofo. A aula seguinte não foi diferente. E tudo se fez igual até a quarta aula. Na quinta, eles resolveram protestar. Ninguém deles sentou na frente. Todos foram para a última fileira. O professor notou, mas prosseguiu. Não era uma alternativa enfrentar; o respeito pelo mestre não os deixava à vontade para falar o que estavam pensando. Até que o professor os abordou dizendo que sabia o que eles queriam. “Eu sei o que vocês querem. Vocês querem Filosofia, História da Filosofia. Querem Sócrates, Platão, Descartes.” Os meninos foram assertivos e talvez o professor tivesse explicado pedagogicamente o porquê, mas na memória de Miguel sobrou, como justificativa, que os jovens não eram capazes de assimilar aquele conteúdo, naquele momento. Eles não protestaram. “Mas foi frustrante. Era tudo o que a gente não queria ouvir.”

Cleber Polverel já desfilou, neste livro, com suas memórias sobre o movimento estudantil. Entretanto, convidado a falar sobre o grêmio, ele deixou pérolas que precisaram ser

professores. O arquiteto disse ter tido a felicidade de estudar no Otoniel Mota entre 1979 e 1983 e, em especial, ter “passado pelas mãos de mestres cativantes”. Ele reprovou o primeiro ano e por isso fez o ensino médio em quatro.

“Os professores eram muito, muito, bons. Eu sou da época do Toffeti, do **Décio Settie**, que foi um grande mestre meu.” E este talvez fosse um professor a ser temido, isso porque, segundo Cleber, ele tinha uma peculiaridade, “jogava o apagador na cabeça dos meninos e chamava a gente de burro”. Mas, na sequência, o ex-aluno contrariou a lógica, e disse: “Mas era lindo. Ele era muito sisudo, muito bravo, mas era um homem que queria que a gente virasse alguma coisa na vida. Ele colocava em nós limites elevados”.

O professor **Marçal**, de Matemática, era, na opinião de Cleber, “maravilhoso. Ele era lindo, ele falava assim: ‘Menino você está muito sem base, eu não posso te passar na disciplina’, e eu insistia: Mestre, com aquela cara de pedinte, não me reprova não”.

Entretanto, Cleber foi retido. Talvez não tivesse entendido naquele ano, mas ao longo da entrevista mostrou estar muito certo de que foi o melhor. “Ele explicava dizendo que não podia fazer aquilo comigo, que eu merecia a chance de aprender.” Quando o jovem foi para a faculdade fazer arquitetura, veio a prova de que o melhor foi mesmo ter reprovado e aprendido matemática. Pelo menos o bastante para fazer os cálculos exigidos em sua profissão.



Neusa Bighetti gosta de falar de seus ex-professores.



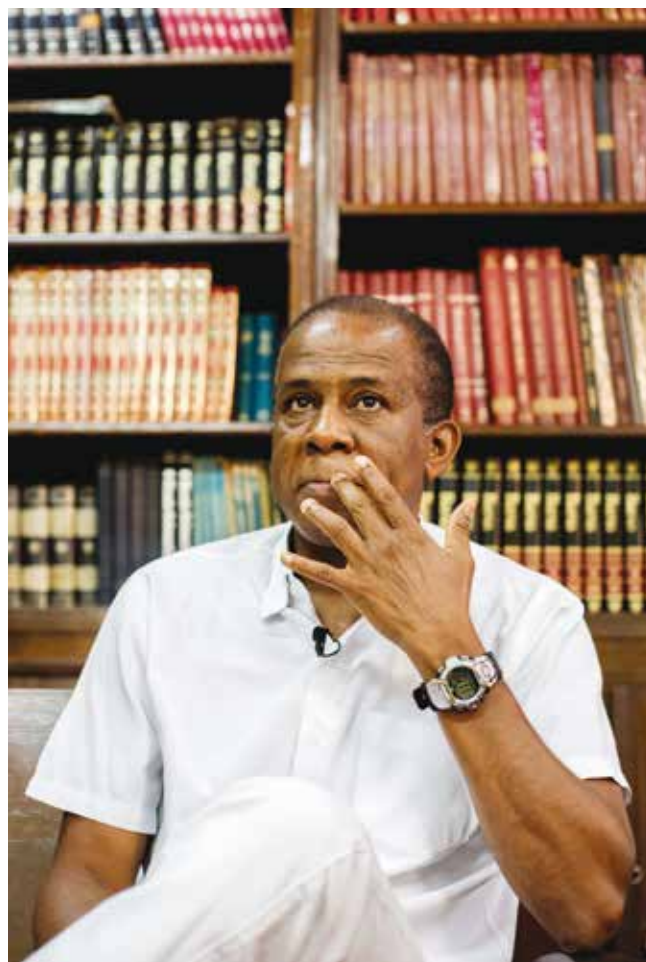
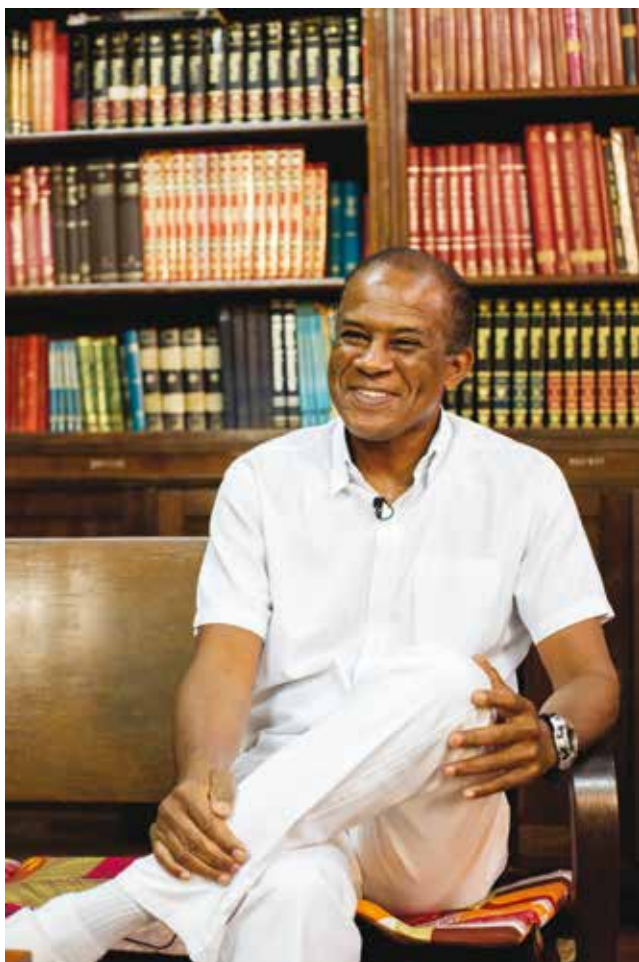
Romero Barbosa. Foto: Tony Miyasaka. Acervo do CDMOM.

A ex-aluna **Neusa Bighetti** “amava o Estadão”. Foi o que a cajuruense falou em seu discurso, na solenidade em que recebeu o Título de Cidadã Ribeirão-pretana. Ela deu destaque aos seus temidos e queridos professores. “E o nosso Dr. **Romero Barbosa**, ele ensinava a divisão da história geral. Se o encontrássemos na rua; não era pra falar bom dia, mas sim: Cesar, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero, Galba, Oton, Vitelio, Domiciano, Tito e Vespasiano, ou 395, 476, 1453, 1789, 1815, 1945 (é a divisão da história geral).”

Neusa lembrou ainda de Dona **Zita Secaf**. “Aprendemos inglês e as músicas americanas da época, Diana por exemplo.” E seguiu citando os seus mestres. “O senhor **Marturano** sempre dizia que ‘em todo triângulo isóceles, os ângulos da base são iguais’. Com o senhor **Mário** de Ciências, aprendi ‘que o coração é um órgão muscular oco, situado entre os dois pulmões num espaço mediastino, ocupando uma leve depressão do pulmão esquerdo chamada leito do coração. O senhor **Jorge Spiropoulos** de Desenho, com a régua, insistia para acharmos a perspectiva de algum objeto. Se sabemos algum ponto de tricô ou bordado, devemos a Dona **Noemia**. Com a Dona **Dilu**, cantávamos na primeira e segunda voz: ‘*acorda dorminhoco que o sino está a tocar*’. O Senhor **Lourenço**, de Latim, insistia no QUI, QUE, QUOD. E a Dona **Neuza**, de Francês, que me deixou fazer a 3ª série por três vezes, pelo menos me ensinou o *Jet’aime*.”

10. O estudo e o esporte

Campeão mundial de atletismo sorri ao revisitar um passado que, de tão presente, parece que foi ontem



O campeão Sidnei Avelino. Sorrisos e lágrimas. Fortes emoções.

A viagem da França para o Brasil havia sido longa. Mesmo nos anos 1970, quando viajar de avião era para poucos e um espaço digno entre as poltronas permitia acomodar as pernas, as longas horas, sentado, significavam um desafio para qualquer pessoa comum. Mas **Sidnei Avelino dos Santos** não era um garoto comum.

Era 1979, e ele havia saltado o oceano para ganhar o mundo e agora retornava como campeão do mundial de atletismo estudantil em Lille, na França, na prova dos 110 metros com barreira. Voltar aos braços dos pais, Edith e Silvano, na casa do campus da USP, onde morava, trazendo um troféu, era

uma grande vitória. Também havia uma ansiedade natural para retornar às aulas no Otoniel Mota, onde fazia o colegial. Como seria a sua recepção? O que diriam em sala de aula sobre a sua recente vitória?

Atravessou o pátio e, surpresa! Uma festa o aguardava. Foi um alvoroço, um monte de coisas emocionantes acontecendo ao mesmo tempo. Mas o susto maior estava por vir: na parede de entrada do grande e imponente edifício haviam fixado uma placa em homenagem ao aluno e atleta campeão de atletismo. “Foi um marco”, lembrou Sidnei, uma “história do elo entre estudo e atletismo”.

Mas aquele ano de 1979 foi apenas o começo de uma linda jornada de vitórias e conquistas. Sidnei foi campeão e recordista sul-americano juvenil, na prova dos 110 metros com barreiras; tricampeão brasileiro universitário, na prova dos 400 metros com barreiras, e bicampeão brasileiro adulto no revezamento 4x400m.

O filho do funcionário da USP é hoje fisioterapeuta formado e nunca deixou de trabalhar com atletismo. Também foi fisioterapeuta da Seleção Brasileira Infanto-Juvenil de Voleibol. Aprendeu com o pai e com os irmãos a valorizar e praticar esportes, sem deixar de estudar. “Eu me lembro de ver o meu irmão mais velho treinando na pista de terra da universidade. Um dia, ele mandou eu fazer um salto para ver qual a distância que eu pulava e ele gostou do resultado. Ele me chamou para treinar na Recreativa e não parei mais.”

Começou a fazer atletismo em 1973,

com 10 anos. Com 15, participou do primeiro campeonato internacional, o sul-americano, que aconteceu no Rio de Janeiro, de onde voltou campeão. Em 1974, ganhou uma bolsa de estudos para passar um mês na Alemanha. Nessa época, chegava a treinar três horas quase todos os dias.

Tanto no atletismo, como no Otoniel Mota, Sidnei teve a oportunidade de aprender com os erros e acertos e de ter muita gente ao seu lado, confiando nele. “A importância do professor em estimular que o aluno corra atrás dos seus sonhos” é a certeza que esse campeão guarda até hoje. No ginásio, seu professor o chamou para competir e isso o motivou a continuar sempre. Mas a figura mais marcante em sua memória é a do diretor, **Divo Marino**, “pois ele apoiava as competições em várias modalidades esportivas”, inclusive o atletismo. Tomado pela emoção, ele afirmou que Divo teve um papel fundamental durante sua estadia no “Estadão”.

Depois de cursar o colegial no Otoniel, Sidnei fez o cursinho e entrou na USP de São Paulo. Continuou competindo, mas nunca deixou de estudar. “Educação e esporte estão interligados”, mas um dia o “esporte passa” e o que fica é o seu legado e a formação que teve. É esse legado que ele tenta passar adiante com o projeto Atletismo e Cidadania, uma proposta da Associação dos Amigos do Atletismo de Ribeirão Preto. Trabalhando com crianças de bairros periféricos, ele acredita que o esporte pode ajudar a formar cidadãos para que no futuro sejam agentes transformadores.

11. Aluno, professor, poeta

Quando simples palavras não bastam, nasce a poesia:
das anotações no caderno ao êxtase da publicação



Antônio Carlos Tórtoro poesias guardadas nos antigos cadernos de escola.

O poeta nasceu primeiro do que o professor. Já na época de estudante, ele escrevia, entre uma folha e outra de Matemática, Português, Física, História... Às vezes era mais forte do que ele. Ainda que tentasse absolutamente se concentrar na aula, as palavras surgiam, pedindo para serem escritas, ali mesmo, no canto de cima, ou debaixo. No

início com a ingenuidade da juventude. "Tomando uma Coca-Cola/ Na cantina da minha escola/ Eu vejo lindas meninas. São brotinhos, desinibidas,/ Que não conhecem a vida,/ Das ilusões, assassina./ Trazem no olhar tanto lume,/ Recendem suave perfume/ Ao passarem por mim./ Julgam que a felicidade/ Que possuem na flor da idade,/ Um dia não terá fim."

O poema, “Só Ilusão”, de **Antônio Carlos Tórtoro**, datado de 6 de agosto de 1968, segue em suas estrofes revelando um aluno em seu último ano do Curso Científico. Ele ficou ali por oito anos. O primeiro de preparação, os quatro seguintes do segundo grau e os três finais, do Científico. Entrar não foi fácil, nem mesmo sua mãe acreditava que ele conseguiria. Ela sabia que era uma escola para filhos de gente mais rica. Havia, naqueles anos, muitos filhos de médicos e professores do curso de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

A prova de avaliação para garantia de vaga foi difícil. Ele passou. Filho de comerciante, não foi fácil conseguir comprar o uniforme. Mas teria que comprá-lo. Não poderia ir para a escola com outra roupa senão aquela. A dificuldade era tão sabida por ele, que, certa ocasião, um amigo perguntou porque Tórtoro escrevia para além das linhas do seu caderno, ocupando até mesmo as margens brancas. Ele foi rápido: “Porque não posso gastar caderno”.

Reprovar não era uma opção, por isso houve muita tensão entre ele e o pai, quando ficou de “segunda época”, pela primeira vez, em Português e Matemática. Seu genitor declarou que uma vez não aprovado, deixaria a escola para trabalhar. Tórtoro pensa ainda hoje que não merecia aquela repreensão. Sempre tinha sido bom aluno. Ficou com aquele desafio latente e, motivado, estudou o bastante para passar sem problemas. Quando disse ao pai sobre seu sucesso, o homem comemorou. Tórtoro disse que, ainda assim,

queria parar de estudar para trabalhar. Mas foi impedido, sua missão naquele momento era seguir dedicado. Seu pai queria que ele estudasse, e não o deixou trabalhar até os 18 anos.

De um desafio, as duas disciplinas viriam a fazer parte de sua vida para sempre. Como escritor, convive com a Língua Portuguesa, buscando encontrar nela os verbos para se comunicar. Como professor de Matemática, são os números e as equações que o acompanham.

O ano de 1968 foi intenso. O dia do jovem estudante começava antes do sol chegar para trabalhar. Às 4 horas da manhã, Tórtoro acordava para o Tiro de Guerra, depois ia para o Instituto de Educação Otoniel Mota e, rotineiramente, frequentava a Biblioteca Altino Arantes. Ele era um leitor voraz. Quando a obra ajudava, lia um livro por dia. Era comum vê-lo andando pelo centro da cidade com um exemplar nas mãos, e aberto. Ele lia até mesmo andando.

A capa de um dos seus diários, que ainda guarda, é, em si mesma, a mensagem de um tempo. Toda desenhada, mostra símbolos e lembretes que na época significavam a vivacidade de uma juventude ávida por um País democrático. Ele esteve no Otoniel Mota nos dois anos politicamente mais difíceis, 1964 e 1968. Talvez porque, na última data, já não estudava mais o menino, e sim um jovem homem de 18 anos, o destaque das memórias retornaram, em especial a esse momento.

Antonio Carlos Tórtoro sempre teve diários. A pedidos partilhou algumas páginas.



A capa de um dos seus diários.

Cinco de março de 1968: “Voltei hoje do TG – Tiro de Guerra, na garupa da lambreta do Carlão. À tarde, no ginásio, ficamos lá até uma e meia, depois dirigimo-nos até a biblioteca Altino Arantes, onde fiquei com o **João Carlos** e o **Júlio Sakamoto** até às duas horas”. Treze de março, do mesmo ano: “Hoje, às três horas, o prefeito **Welson Gasparini** e o coronel, do qual não me lembro o nome, estiveram no IEOM. Lá estavam presentes todos os professores e alunos do 2º Ciclo. O prefeito elogiou a juventude, a sua rebeldia e outros assuntos

relacionados com os jovens de hoje. Quando terminou, foi grandemente aplaudido. Tomou então a palavra o **Dr. Romero Barbosa** que, devido ao nosso bom comportamento, pediu aos professores que nos aplaudissem de pé. Nós, após esse ato, saudamo-los também. Quando deixei o ginásio, o tempo estava muito carregado, mas antes que chovesse, fui até a biblioteca Altino Arantes e peguei para ler um livro de Freud, sobre histeria. E daí fui para casa”.

Desta data em diante, suas anotações deixam parecer um Brasil em ebulição. Cinco de maio de 1968: “Hoje não conversei com o **Dr. Décio** pois ele, ontem, prejudicou-nos na prova de Física. Saí com tanta raiva da sala que os nervos de minhas pernas tremiam. Faleceu também hoje Marthin Luther King, líder negro dos EUA: isto poderá causar uma revolta entre os negros. Os EUA começam a tratar da paz no Vietnã. Os estudantes aqui programam passeatas para manifestarem sua repulsa à morte de um estudante no Rio de Janeiro. Tudo é confusão, turbulência”. Dezenove de maio: “Às 4 horas fomos todos dispensados para assistirmos a uma reunião dos alunos que versaria sobre a situação do Grêmio, há alguns meses extinto no ginásio. Foi uma bagunça, uma falação, discussões, e não se chegou a uma solução concreta. Ficou decidido somente que haverá nova eleição, através da qual serão eleitos um novo presidente e um novo conselho. Saímos às 5 horas daquela balbúrdia”.

No meio daquele transtorno nacional, o ginásio se envolveu em uma greve. Seis de

maio: “No ginásio, devido aos fatos indesejáveis ali ocorridos, há um movimento grevista. Fiquei vendo os estudantes, e depois fui cortar cabelo”. E no dia seguinte a greve foi decretada, também conforme anotações no diário do estudante.

O professor **Sebastião** foi o mais citado, enquanto ativo no movimento, inclusive ocasionando a presença da polícia na escola. Dia 9 de maio: “Saí às 2 horas do IEOM porque não tive aula de Química. O professor Sebastião está impedido de dar aulas até que sejam resolvidos os problemas internos do IEOM”.

Mesmo com todos os olhares da polícia voltados para a rotina dos estudantes do Instituto de Educação Otoniel Mota, as atividades do grêmio, que passou a ter o nome de Centro Cívico, continuou. Tórtoro participou como eleitor. Dia 14 de maio: “À tarde, no IEOM, houve a eleição do grêmio, ou melhor, a votação. As chapas concorrentes são Oposição e Vanguarda. Votei na 1ª”.

A partir de junho, as atividades estudantis ganharam mais espaço no diário de Tórtoro. Dia 11 de junho: “... Hoje não teve TG. Aproveitei para ler *Gabriela*, de Jorge Amado. Fui bem na prova de Física”. E em agosto também. Dia 15: “Hoje foi bacana no IEOM. Fizemos parede e ninguém entrou – mas é capaz que amanhã vamos entrar... pelo cano. Fiquei lá fora do ginásio com toda a turma”. Dia 27: “À tarde, houve uma palestra na Escola Normal sobre a Reforma do Ensino. Por isso, saímos mais cedo da aula”.

Em outubro, os estudantes de Ribeirão Preto se uniram novamente para manifestar suas insatisfações. Dia 15 de outubro de 1968: “Fui ao ginásio e saímos mais cedo por causa da passeata. Fui à Biblioteca Altino Arantes e depois fui ao Banco Construtor – Diederichsen – e datilografei duas poesias. Vim para casa, troquei-me e voltei às 4 horas para a cidade. O ambiente era de tensão, havia estudantes por toda parte, mas a maior concentração era na São Sebastião, ao lado do jornal, no Centro Acadêmico, onde havia diversos folhetos escritos na parede. No IEOM e nos muros da Coca-cola, alguém escreveu em letras garrafais ‘Abaixo o imperialismo’. Esperei até 6 horas para ver se a passeata saía... mas não saiu. No quartel, estavam todos de prontidão. Houve alguma gritaria, defronte ao Centro Acadêmico, mas foi só”. Dois dias depois, permanecia o estado de concentração: “À tarde, saí as 2 horas do IEOM. Às 4 horas, voltei à cidade para ver o ambiente. Defronte ao Centro Acadêmico, havia uns 20 policiais e alguns cães pastores. O trecho defronte ao Centro Acadêmico foi interrompido ao tráfego. O pessoal já se aglomerava na esquina da Clipper. O ambiente era de tensão. Havia gente até na cúpula do Umuarama. Os guardas da Polícia Federal, com cassetetes, andavam para lá e para cá”.

O Centro de Estudos Teatrais Edgardo Cajado continuava em atividade, apesar de ser 1968. Tórtoro relatou uma de suas experiências de expectador do grupo. Dia 24 de outubro: “No IEOM assisti a um jogral, realizado pelos alunos do Cetec. Foi muito bacana.

Falou-se da juventude, comparou seus pensamentos com o dos adultos, exaltou-se o amor, destruiu-se o amor, exaltou-se Deus, negou-se a existência de Deus, endeusaram Che Guevara [o que achei errado], criticaram a polícia, apoiaram os estudantes, etc. Enfim, quiseram, em poucas palavras, mostrar-nos um mundo atual que tão bem conhecemos e, também, deixar mais latente a causa da nossa angústia que reside na nossa impotência [sentimos angústia porque nos sentimos impotentes para mudar o mundo]. A peça foi representada



numa sala de aula, o que atrapalhou um pouco sua movimentação e beleza. Mas mesmo assim foi ótimo. Muito bacana”.

Para terminar. Dia 4 de dezembro de 1968: “Fiz o exame folgadoamente e já tenho 7.0 garantido. Já passei, já terminei o Científico também. Graças a Deus. À noite fui buscar minha farda no TG – Tiro de Guerra. Também acabou. O esquadrão da morte é o assunto do momento: já mataram 10. Deu no Última Hora”.

Dezembro anunciou o final do ano. Com o último dia, foi embora aquela fase de escola secundarista. Tórtoro seguiria outros caminhos. Ele trilhou a Matemática como profissão e a Língua Portuguesa como paixão. Ensinou os números, as equações, produziu poemas. Seu primeiro livro Ecos, reuniu aproxi-

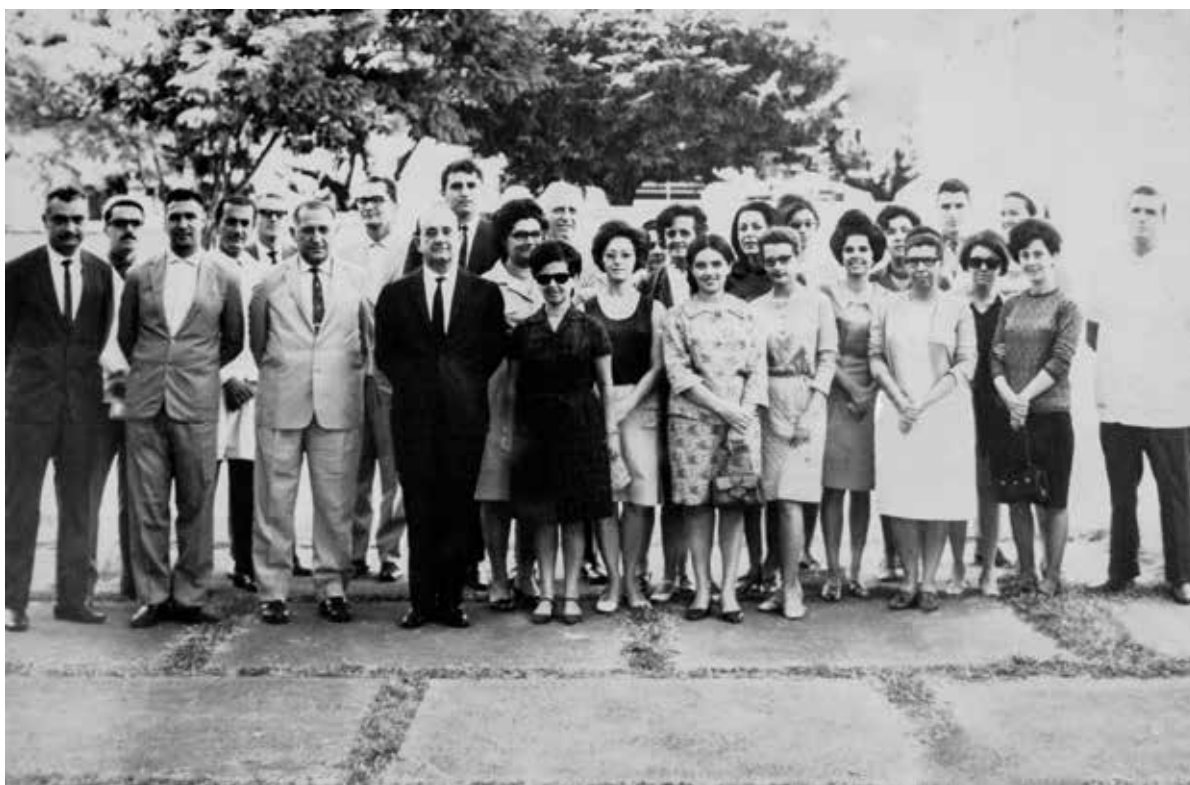


Na primeira foto, Tórtoro recebendo medalha de pintura. Na segunda, formatura do colegial. Acervo do ex-aluno.

mados 150 deles. Muitos escritos em dias passados. De tanto escrever nos jornais, fez-se jornalista. De tanto produzir, vieram outros livros. *Edelweiss* foi o segundo, publicado em 1992. *Estrelas no Mar*, em 1994. Antologias, muitas. Depois outros. Então, a militância cultural o levou para a Academia Ribeirão-pretana de Letras, foi ativo. Foi presidente. Presente, faz parte da Casa do Poeta e do Escritor, da Academia de Letras e Artes. Então, uniu história, que sempre gostou; memória, que nunca deixou para trás; e seguiu com a obra *Piacevolezza*, sobre o Colégio Santa Úrsula e muitos poemas nos livros da série "O passado manda lembrança." Um atrás do outro e já são 14 livros.

O professor escritor enveredou para a educação, um caminho aberto para quem educa como ele. É membro da Academia Ribeirão-pretana de Educação e no livro *Repercutindo a Educação*, organizou uma coletânea de seus textos sobre o tema. Entre eles, muitas experiências vividas no Instituto de Educação Otoniel Mota.

Sempre que pode, Tórtoro tenta retribuir o carinho dos seus mestres. Em seu site, duas homenagens. Ao professor **Márcio de La Corte**, que, segundo o poeta, não morreu, virou álgebra. E o anúncio da morte do diretor **Jerônimo Feltre**, em 2015, membro da Academia Ribeirão-pretana de Educação.



Professores no ano de 1967. Foto do acervo do CDMOM.

12. Amigos para sempre

Relações de amizade vencem o tempo:
ex-alunos reúnem-se anualmente desde 2014

Alguns ex-alunos da Escola Otoniel Mota reencontram-se uma vez por ano. Outros muitos nunca deixaram de se ver. Para **Érica Crespi Amêndola**, estudante que entrou para a escola no final da década de 1960 e seguiu a década de 1970 adentro, uma das organizadoras da festa anual dos ex-alunos de sua época, isso reflete quanto as relações de amizades eram fortes. “Entre tudo o que foi bom, e foram muitas coisas, fazer amigos, era especial.”

A profissional do jornalismo estudou no Instituto Educacional Otoniel Mota todos os anos de sua formação básica. Para ela, foi um privilégio crescer com os amigos. “Fizemos uma grande colcha de retalhos, tecida pelas amizades”. Os melhores amigos da jornalista, os mais próximos, são ex-alunos do IEOM. Era uma turma de peso, como ela mesma disse.

Em 2014, aconteceu a primeira grande reunião de ex-alunos das décadas de 60/70. “Mais ou menos 500 pessoas participaram”. Depois dessa, aconteceram outras, mas em versões menores. Embora todos quisessem, é difícil. Muitos vieram do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e até de fora do País. “Gente de todos os cantos. O chamado foi uma ordem.”

Utilizando o recurso da mídia digital, em pouco tempo, estava todo mundo lá, acessando um ao outro. Revendo-se. Conectando-



Érica Amêndola: Boas amizades.

-se. O número de participantes foi crescendo aos poucos. Cada um que entrava chamava aquele que mais conhecia. A rede então se formou e todos concluíram que era chegado o momento de se reencontrarem.

A escolha do cenário não poderia ter sido outra. Eles voltaram para o Clube Recreativa, que muitos frequentaram na infância e na juventude toda. Um a um, eles iam chegando ansiosos. Ex-alunos, ex-professores. Cada qual pegava seu crachá, uma réplica da carteirinha de estudante, com duas fotos, “ideia da **Vera Miliote**”. Uma dos dias de hoje e outra do tempo escolar. “Era preciso que nos reconhecessemos, e muita coisa mudou de lá para cá.” Para completar o kit recepção, tinha ainda uma camiseta branca com o emblema do Instituto, exatamente como a dos tempos do colegial.

Ali, naquela atmosfera de lembranças, só cabiam boas recordações. Ao som das músicas que mais gostavam, com a participação de bandas de ex-alunos, como a do **André Issa Halack**, por exemplo. Muita conversa e abraços. Quantos abraços. Até quem não esteve lá é capaz de imaginar quantas vezes se disse: “Como você está diferente!”, “Que saudade!”, “O que você está fazendo agora?”. E, ao final: “Volte sempre”.

Érica queria dizer o nome de todos que ajudam na realização desses encontros, mas não caberia nesta crônica, então, elegeu alguns para representar o imenso coletivo.

“Silvia Junqueira, Cristina Darahem, Sandra Spanó, Bernadete Vianna...” O grupo continua conversando pelo Facebook. Falam de tudo. “Além do bom dia diário, tem troca de solidariedade, vendas de esfirra e torta de palmito e sempre muitas reminiscências”.

Como aluna, Érica nunca gostou de Matemática, mas sempre teve afinidades com as linguagens. Entre os professores que não esquece, estão dona Ivone Mosca, de Língua Portuguesa, e o educador **Marcio de La Corte**, “vivo em cada um de nós. Não dá para dizer que ele era severo, era um doce, matemático que pegava a gente pelas mãos e só soltava quando a gente aprendia. Ele dizia: ‘Vem cá, eu vou te ensinar novamente’. Ele ficou com a sala muitos anos. Por isso foi um professor muito marcante para essa turma”.

Era uma escola de elite, naquela época, concluiu a jornalista. “Tinha muitos filhos dos professores da USP, que vieram para Ribeirão Preto dar aula nos novos cursos da Universidade”. O Otoniel foi uma escola de referência e disso Érica não tem qualquer dúvida. “Deveria ser um modelo a ser seguido”, pontuou a ex-aluna que estudou Francês, Latim e Música. “A escola formou uma grande corrente de pessoas bem-sucedidas. Grandes humanidades.” Apesar de avaliar sua geração como “Filhos da Ditadura”, Érica reiterou muitas vezes que a proposta de educação do Otoniel Mota, que incluía “educação para o lar” e “artes industriais”, formou pessoas preparadas para a vida.



Momentos da festa que reuniu ex-alunos da Escola Otoniel Mota. 2014. Acervo de Érica Amêndola.



13 - De pai para filho

Entre os iguais e os diferentes,
ficam aparentes as histórias de um tempo

Vinícius Macias de Barros e Luiz Roberto Verri de Barros. Histórias de filho e de pai.



O pai chegou primeiro e esperou o filho. Depois, juntos, eles contaram suas histórias, intercalando um comentário ou outro. Houve sintonia, mas pouca similaridade. Dois tempos, dois homens, duas escolas, dois Brasis. Uma coisa era comum: ambos tinham sido alunos na Escola Otoniel Mota.

Luiz Roberto Verri de Barros é o pai, estudou entre 1971 e 1973. **Vinícius Macias de Barros**, o filho, iniciou em 2002 e concluiu em 2004.

No último ano, o pai fez cursinho simultâneo com o colegial, mas pensa não ter dúvida de que o mérito de ter passado em Medicina foi mesmo pela formação obtida no Otoniel Mota. “Minha sala, naquele último ano, no período matutino, tinha somente 20 alunos. Era um privilégio.” Ele queria ter o diploma do segundo grau do Otoniel e não abriu mão. Outros amigos foram para cursos chamados de “terceirão”, com a oferta do terceiro ano acoplado ao cursinho, ele não. Estudava pela manhã, fazia o cursinho à tarde e praticava inglês à noite.

Luis explicou que sua decisão foi acertada, justificando a oportunidade que teve em ser aluno de Língua Portuguesa da professora **Amini Boainain Haury**. “Ela me ensinou tudo o que eu precisava saber para minha formação e para o meu êxito no vestibular.” Ele contou que fez com a professora a análise dos *Lusíadas* verso a verso. Naquele ano, dos vinte de Ribeirão Preto que foram aprovados no curso de Medicina da USP, 11 eram egressos do Otoniel Mota.

Vinícius começou a contar sua história

com outra tônica. “Eu tive problemas na minha vida escolar. Eu não era como meu pai foi.” Os risos foram inevitáveis. O jovem foi transferido para o Otoniel no primeiro colegial, depois de ter sido reprovado no Colégio Auxiliadora. Já tinha muitos amigos na escola, quando se matriculou em 2002, ano que frequentou durante o dia. Depois se removeu para o noturno, em 2003 e 2004, diante do projeto de começar a trabalhar.

O pai contou que havia muito respeito entre alunos e professores. Alguns deles tinham lecionado para sua mãe e seu outro irmão. Ele contou que em seu tempo se deu uma grande mudança no sistema de avaliação escolar. Do modelo de 0 a 10, alteraram para a variação de A até E. Como aluno, ele achou que ficou mais fácil. “Antes, a média era 7, com letras, se tirasse C, correspondente a 5, passava na disciplina.”

Nem tudo era só estudo, na época do aluno Luiz. Ele participava das atividades esportivas com muita representatividade. Diminuiu quando percebeu que precisava melhorar as notas, se quisesse mesmo cursar Medicina. Então, os estudos se tornaram prioridade absoluta.

Dos passeios que fez, lembrou-se da vez em que foram ao Salão do Automóvel, em São Paulo, e no museu de Dumont, conhecer a história de Henrique e Santos Dumont. Também pai e filho. Outra ocasião, se envolveu com o grêmio, mas riu ao contar que sua chapa ficou em último lugar. Entre os colegas de época, lembrou que estudou no mesmo

período do **Ernesto Paglia**, que depois se formou jornalista e trabalha na Rede Globo até os dias de hoje.

Vinícius não soube precisar em que momento exato da história a escola deixou para trás o seu tradicionalismo. Mas entende muito bem as questões político-sociais que levaram a isso. Ele fez ampla analogia. Disse que sim, no passado, o ensino público era muito melhor, mas era segregado, só uma parcela da sociedade tinha acesso, e os índices do analfabetismo exibidos na apresentação ilustram essa constatação do jovem. Quando a escola abriu as portas para receber quem quisesse entrar, sucumbiu a uma expansão mal planejada. “Acho que a Constituição de 1988 abraçou a todos dentro da educação pública, porém, como ficou evidente, o estado não conseguiu oferecer o mesmo recurso de outros tempos.” O jovem reiterou que, por uma data, ainda, o material humano era que salvava a educação brasileira.

Reconheceu que, enquanto estudante do Otoniel Mota, a indisciplina era uma recorrência, com episódios até mesmo de violência. “Eram comuns as faltas frequentes. Cabulávamos aula e íamos ao shopping, aqui perto. Chegando lá, tinha um monte de gente da escola.” Mesmo nesse período em que avalia negativamente a educação no Brasil, Vinícius qualifica a escola Otoniel Mota como a melhor proposta.

Como integrante do movimento hip-hop, Vinícius aproveitava todas as oportunidades para mostrar sua arte colocando rap para tocar em atividades culturais. Era, para

ele, um meio de participar das questões de política estudantil.

O pai entrou para a análise e apontou as diferenças. Lembrou que a escola reflete a sociedade. “Eu vi, certa vez, vindo em alguma atividade quando o Vinícius estudava, que a diretora tinha problemas de ordem de violência física. Neste dia, um aluno estava agindo de maneira agressiva. Todos tentavam pegá-lo. Ele era um risco aos demais, naquele momento. Mas isso não é a escola, isso é a sociedade.”

Tentando exemplificar as diferenças até quase antropológicas, Luiz lembrou uma visita que recebeu, quando aluno, da escritora Lucília Junqueira de Almeida Prado. Ela havia ganhado o prêmio Jabuti, em 1972, com a obra *Uma Rua como Aquela*. “Foi uma honra conhecê-la.”

Na sequência, ele lembrou que, em 1971, na sua época, a proposta do curso pluricultural, já era uma oferta aos estudantes que não conseguiriam seguir para uma universidade. “Tinha artes industriais, educação para o lar, na tentativa de tecnicamente promover algum encaminhamento.” Ele lembrou-se de ter feito um tabuleiro de xadrez, uma estante, com madeira, e até mesmo aprendido a fazer barra em calça.

A turma de Luiz encontra-se até hoje. Foram cinco reuniões e sempre mostram a gratidão pela oportunidade que tiveram. Em uma delas, eles homenagearam o diretor, **Jerônimo Feltre**, os professores **Décio Setti**, **Mário De La Corte**, ainda vivos naquela data.

“É uma singela maneira de retribuir.” Foi quando o pai disse que, quando os 11 do Otoniel passaram na faculdade, eles publicaram uma nota no jornal A Cidade, em agradecimento aos professores e à direção da escola. Ele guarda o recorte até os dias de hoje.

Antes de terminar, Vinícius quis contar que conheceu a mãe da sua filha Tainá na Escola Otoniel Mota. Foi sua primeira namorada. “Ela engravidou quando ainda estudávamos aqui.” Disse ainda que sua opção pelo curso de História como formação universitária foi por influência do professor Ney, de Geografia. “Em 2004, ele nos levou em um workshop

de Geografia e História e eu então escolhi, ali, o que faria no ano seguinte.”

Por fim, com o sorriso no rosto, Vinícius contou que foi campeão de futebol no inter-classe, tendo jogado até mesmo com o pé machucado, pelo menos para trabalhar. É que o rapaz, no dia da final, pediu ao pai para ficar em casa porque estava com muita dor, mas à noite, quando a hora do jogo chegou, não houve dor, neste mundo, que o impedisse de jogar. Se é que durante o dia estivera doendo mesmo.

Pai e filho riram. São coisas do futebol. Então Luiz completou: “Eu fui bi-vice-campeão”.



O futebol como uma das semelhanças na vida escolar do filho e do pai.

14 - E a banda passou

De fanfarra a banda marcial, projeto musical foi referência entre as escolas

A história da Banda Marcial do Otoniel Mota e a história do ex-aluno **Clodomiro Jorge Ferreira**, o professor Miro, estão tão imbrincadas que, para contar uma, é preciso referenciar a outra. Tudo começou em uma apresentação da Banda do Marista, um dia qualquer, em que o estudante do ensino fundamental da Escola Meira Júnior, já chamado de Miro, ouviu pela primeira vez aquele combinado de sons, harmonizados pela regência de um instrutor. Ficou tão fascinado que, mesmo sem nunca ter tocado qualquer daqueles instrumentos, pediu para a diretora deixar que montasse uma fanfarra. Diante da resposta positiva, ele começou. Aprendia enquanto fazia. Tudo resultado de seu excelente ouvido para a música.

Em um desses truques da vida, ele estava ensaiando quando um estudante de educação física que fazia estágio na escola se aproximou para ver e ouvir. Ele observou por um instante, elogiou e pediu uma caixinha. Miro contou que quase caiu de costas quando viu o que aquele novo membro da escola sabia fazer. Ele era o instrutor da Banda Marcial do Colégio Marista.

Não deu outra. Miro grudou no professor estagiário. Pediu tantas vezes para assistir ao ensaio da outra escola que, em pouco tempo, estava tocando lá também. Aquele era

o melhor dos mundos para o menino tocador de instrumentos. Aprender no Marista e ensaiar no Meira Júnior.

Quando o ensino médio bateu na porta, em 1979, Miro passou no vestibulinho do Otoniel Mota e começou sua história por lá. Ele já sabia da fanfarra da escola e, claro, logo no primeiro ano, deu um jeito de fazer parte daquele grupo musical. Mas nem só de música vivia o jovem Miro. Ele foi presidente do grêmio, em 1980. Na verdade, ele corrigiu logo. Antes, a reunião de estudantes para participar da gestão da escola, representando seus pares, era identificada, em tempos de chumbo, de Centro Cívico. Só depois de 1985 é que voltou a ser chamado de grêmio.

Miro reconheceu que era um sonho de muita gente estudar no Otoniel Mota. “Era uma referência de educação e ainda reunia muito da elite ribeirão-pretana. Acho que só depois de 1985 isso passou a ser diferente.” Ele ficou os três anos do ensino médio tocando na fanfarra. Vinculado para além da conta com aquele projeto, mesmo cursando Educação Física na faculdade, Miro deu um jeito de voltar, em 1983. A partir daquele momento, o projeto era mais audacioso: transformar a fanfarra em banda marcial. O que significava incluir os instrumentos de sopro, como o trompete e o trombone, à fileira dos de



Miro a frente da placa em sua homenagem e a banda.
Fotos da Banda em momentos e anos diferentes. CDMOM.



percussão. Como um ex-aluno voluntário, ele ficou por ali 30 anos. Foi soturno que ele falou do encerramento da banda em 2013. Mas não foi definitivo. Se tiver apoio para retomar, ele volta, e pelo que foi possível observar, volta bem rápido.

Ao longo dos 30 anos da Banda Marcial do Otoniel Mota, Miro colecionou histórias. Lembrou-se de contar sobre um dia especial, no distrito de Bento Quirino. Era um Festival de Bandas Marciais. A comunidade do distrito

pertencente a São Simão/SP estava toda na rua. Queria mesmo ver a banda passar. Mas uma forte chuva fez com que todos corressem para seus ônibus, menos a Banda do Otoniel, que ficou ali dando o seu show. Foi muito aplaudida.

Havia uma rivalidade com o Marista, mas, na conta do Miro, era saudável. “Éramos amigos irmãos de banda.” Eles se encontravam nas apresentações, principalmente comemorativas ao Sete de Setembro. Mesmo depois que a do Marista foi desativada, a do Otoniel seguiu ainda em atividade.

Para dar conta de multiplicar as instruções, Miro adotou o protagonismo juvenil. Ensina um jovem que depois ensaiava o grupo de seu instrumento. Isso funcionava tão bem que, constantemente, Miro era chamado pela direção para tentar integrar um novo jovem à banda, com a clara intenção de ajudá-lo a superar problemas. Essa prática constante colaborou na formação do educador. Miro tornou-se um mediador escolar. Conversar com os estudantes, entendê-los e orientá-los faz parte de sua prática profissional. Experiência não falta. Em 1993, a direção do Otoniel Mota lhe pediu para receber na banda os dez jovens considerados mais problemáticos da unidade escolar. Ele não refutou. Motivado pelo desafio, se desdobrou para oferecer àqueles meninos uma nova perspectiva de futuro. O professor não se esconde da certeza que tem de ter transformado a vida de muitos jovens.

Sua veia política não é partidária, mas sempre que pôde deu seu recado, fosse ao



Miro e sua história de paixão pela Banda Marcial.



Ernesto Paglia e professor Fazio, durante desfile de 7 de setembro de 1973. Ao lado, estandartes. Fotos: acervo CDMOM.

longo da greve dos professores, em 1990, quando a banda tocou para chamar a atenção para as reivindicações daqueles sem os quais o Brasil não marcha para a frente, ou, em 2012, como é possível ver ainda no vídeo exposto no Facebook, o estudante vestido de preto anunciando que pedofilia é crime.

Quando a banda completou 10 anos, em 1993, alunos e pais fizeram uma homenagem ao instrutor amigo. A placa está lá para quem quiser ver. É a marca intangível das mais tangíveis vitórias. O agradecimento material de vivências positivas cravadas na memória imaterial dos envolvidos.

Quantas vezes eles tocaram Aquarela do Brasil, música padrão da banda! Enquanto o instrumental ritmava, as pessoas, nas ruas, cantavam, sabedoras da letra, elevando Ary Barroso ao posto de grande brasileiro. Ele cantou, nos seus versos, o samba que deu. A banda, em seus bamboleios que faziam gingar, enaltecia a terra de nosso senhor. Uma vez depois de outra. Cem, 300, 400 vezes? Para que contar? Cada vez que a banda passava, eram cortinas sendo abertas. Hoje, de fato, cortinas do passado.

Com 50, 60 alunos e ex-alunos, o coletivo da banda não se perdeu, nem no tempo, nem na geografia. Vinculados ao canal digital, eles ainda se encontram na Internet. O vídeo que outras vezes toca, mostra que eles foram mais moços e tudo bem. Quem sabe, um dia, aquele uniforme antigo, feito para cada um dos integrantes, receba uma visita. E cheio de vontade possa novamente desfilar.

Quem talvez queira voltar, pelo menos para uma apresentação especial, caso a banda se reconstitua, é o ex-aluno musicalmente conhecido como **Dimi Zumquê**. Ele entrou em 1981 ou 1982, ficou com dúvida ao longo da entrevista dada ao lado da irmã, também ex-aluna, **Eliane Silva**. Ela é da turma de 1977, e disse que o irmão se matriculou quatro anos depois. Ele tem dúvida, acha que foram cinco.

Os irmãos deram entrevista juntos e foi quase um espetáculo. Humorados, os dois interagiram entre si e, para além das respostas, ofereceram comentários instigadores, só possíveis entre aqueles que se conhecem muito bem.

Dimi fez parte da banda. Eliane jogou no time de vôlei. Ela foi aluna exemplar, deixou o ensino médio e seguiu para a Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), onde fez Jornalismo. Ele parou pelo meio do caminho, preso por notas musicais, acordes, melodias, em busca de uma sonoridade que o representasse. Os interesses dos dois eram diferentes.

A facilidade que o jovem tinha em batucar lhe rendeu um convite para participar da fanfarra, naquele ano regida pelo **Vilela** e pelo Miro. Os ensaios eram nos fins de semana. Ele trabalhava durante o dia, estudava à noite e ensaiava na fanfarra aos sábados e domingos. Dimi gostava de jogar vôlei também e os treinos aconteciam, muitas vezes, no mesmo horário. Como sempre teve ritmo, aprendia rápido e costumava “matar” a fanfarra para jogar vôlei. Ele não escondeu: “Eu

era insuportável". Mas explicou. "Na banda, eu tocava bem. Eu era musical. Era o cara que fazia os cortes da caixinha para chamar a banda. Eu dava um norte para a galera ir atrás. E eu ciente disso... uhmmmm... pavão né? Os instrutores diziam: 'Dimi, vem ensaiar!' e eu dizia: 'Eu já sei!! Ensaia a galera!'"

Participar da fanfarra deu a Dimi a oportunidade de conviver intensamente com os amigos da época. "A banda do Otoniel Mota era uma paixão." Ele contou, como quem compõe uma melodia, que foram dias incríveis as viagens que fizeram. Lembrou de terem ido tocar no Estádio do Morumbi e de tantas outras apresentações. De concursos que venceram e, claro, da farra que fizeram. Oportuno esclarecer que farra vem da palavra fanfarrão e, por sua vez, tem origem em fanfarra, uma palavra francesa fanfare. Designa um conjunto de instrumentos de metal ou música ruidosa. "Um monte de amigos recém-saídos da adolescência, dentro de um mesmo ônibus? Imaginem."

A relação dos alunos com a fanfarra era mesmo como o instrutor Miro contou. Dimi deu detalhes de um dia, anterior ao Sete de Setembro. "A gente esperava tanto, mais tanto, o Sete de Setembro, que teve um ano que nós dormimos aqui." Não todos, mas ele e outros dois amigos. Ao longo da noite, deram retoques de tinta nos instrumentos, desembaraçaram as fitas e os alinharam na quadra para serem conduzidos ao ônibus no dia seguinte logo cedo. Mas amanheceu chovendo. Esse era o pior pesadelo deles e parecia que todo

Sete de Setembro chovia. Foi uma frustração geral, porque eles não se apresentaram.

A história musical de Dimi Zumquê tem a ver com bandas e fanfarras. Ele contou um episódio que nem a irmã sabia. O músico disse que ficava louco quando ia assistir aos desfiles, adorava a Banda Marcial do Marista. "Eles eram os melhores, naquela época." Lembrou com detalhe que ficava na primeira fileira para ver, de muito perto, a caixa Tarol. "Aquilo era o que tinha mais som, porque tem uma esteira embaixo." Ele batucava tanto com as mãos quando saía com o pai, que um ano resolveu pedir uma caixinha de presente de natal. Mas quando o calendário anunciou o 25 de dezembro, Dimi ganhou um pandeiro, instrumento que ele nunca aprendeu a tocar. "Foi uma frustração."

Eliane também tem histórias com a



Eliane e Dimi: Irmãos se divertem durante entrevista.

fanfarra. Embora sua atividade complementar fosse mais esportiva, vôlei e handebol, modalidades em que nem era tão boa jogadora, mas insistia em participar, ela também gostava do Sete de Setembro para poder assistir à apresentação dos meninos da escola. Sem habilidade musical, a irmã aproveitou para protestar que Dimi tinha canalizado do pai todo o talento, e contou que certa vez se arriscou. Mas assim que os instrutores confirmaram o que ela já sabia, ficou mesmo com o triângulo. Aí não teve graça alguma. “De vez em quando, eu ainda errava o compasso.”

Eliane acompanhou a fanfarra por muito tempo. Primeiro ia assistir aos seus amigos de escola, depois ia ver o seu irmão. “Era um espetáculo. Toda apresentação da fanfarra

na cidade, a gente ia ver.” Havia um acompanhamento técnico para saber se os nossos meninos já estavam à altura dos meninos do Marista. Eles eram chiques, com aquele capacete vermelhão, meio inglês. Além do que, disse Eliane, eram os rapazes mais lindos. Dimi insistiu que era só uma questão de indumentária.

A jornalista, que tem filhos, comparou que naquela época, o Sete de Setembro era uma data muito importante. Era uma tradição ir em família assistir aos desfiles. “Meus filhos nunca foram instigados a comemorar a independência do Brasil em desfiles cívicos.”

E realmente a banda passou. Assim como muitas tradições da época. Mas Dimi e Eliane têm outras histórias com a Escola Otoniel Mota.

Cada um é cada um

Embora irmãos, motivos diferentes levaram **Dimi Zumquê** e **Eliane Silva** para o ensino médio no Otoniel Mota. Ele tinha que cumprir o protocolo, ela queria estudar na melhor universidade e, por isso, precisava se preparar. Quando entrou, não sabia ainda se Exatas ou Humanas, mas tinha habilidades com a Matemática. E foi ali que descobriu sua veia discursiva. Escolheu trabalhar com as palavras. Mas não foi, assim, tão diretamente.

Eliane fez o Vestibulinho para garantir uma vaga e confessou que foi muito difícil, também naquele 1977. Ela comemorou efusivamente o seu resultado. Era a melhor opção

para quem queria passar no vestibular para o ensino superior. Quando entrou, confirmou o que já sabia. Era uma boa escola. Ficou ali por dois anos. A mãe conseguiu para ela uma bolsa e Eliane terminou o ensino médio em uma escola particular. “Eu fiquei triste em ter que sair da escola. Estudar no Otoniel Mota esses dois anos foi uma experiência muito enriquecedora. Tinha professores fantásticos.”

No segundo ano, a formação da classe foi muito diferente do que no primeiro. Eram 36 meninas e três meninos. “Foi uma dureza estudar naquela classe, sem amigos homens.”

Eliane tirava dez em Matemática e,

embora fosse boa em Português, sua inserção profissional parecia ser mesmo pelas portas das Exatas. Mas quando ela conheceu a professora **Ana**, foi inspirada para a literatura e a compreensão de texto. “Ela me fez amar os livros.” A professora impressionava Eliane pela maneira como falava e pela clara demonstração em adorar os alunos que gostavam de literatura. Foi por causa dela que a jornalista passou a frequentar a biblioteca. “Foi a época de escola em que eu mais li. Toda a semana eu devorava vários livros. Era ratinha de biblioteca.”

Em certa ocasião, Eliane precisou da interferência da professora para retirar uma obra. Ela chegou na Biblioteca e foi logo pedindo *A Carne*, de Júlio Ribeiro. A responsável pelo espaço negou imediatamente, informando que era inapropriado para a idade dela. Com a curiosidade ampliada, Eliane pediu a ajuda da professora de Português, que havia recomendado o título.

Faz parte da memória de Eliane, ainda, a presença do diretor, **Divo Marino**. Sempre muito sério, ela lembrou que baixavam a cabeça quando ele passava, quase como em uma reverência. “A gente tinha um respeito por ele incrível. Era muito assim: seu Divo, seu Divo.”

Algo que a ex-aluna não se esquece é do dia em que o diretor levou na escola os jogadores Sócrates e Zé Mário. O Botafogo tinha sido campeão em 1977 e eles foram visitar a escola. Eliane, botafoguense até a alma, como se definiu, ficou extasiada com aquela oportunidade. Eles eram ídolos e todas elas tientes, até as que não torciam para time

algum. “Vê-los de perto, foi fantástico.”

A relação com a escola, no final da década de 70, ainda era muito intensa. “A gente ficava aqui muito tempo. A escola abria até nos fins de semana. A gente podia vir aqui, pegar a bola e jogar. Então, arrumávamos uma galera e vínhamos jogar. Não precisava ser estudante daqui, bastava conhecer alguém e vir. A gente vivia realmente a escola.”

Dimi, diferente da irmã, estudou no período noturno, mas também teve que passar pelo exame de admissão. “Eu a ouvia falar muito bem da escola e queria estudar aqui também. Fiquei feliz em ter passado no vestibulinho”. O jovem constatou, logo no começo, que o Otoniel Mota do período da noite não era o mesmo. Ele até entendia. “Eu trabalhava de guardinha durante o dia e chegava cansado. Era muito diferente.” O músico guardou na memória a figura do professor **Décio Setti**, de Física e, ao falar dele, foi divertidamente contraditório. “Ele era muito engraçado. Era muito sério, mas tinha umas sacadas absurdas, que eu achava muito interessante. Mas não era o meu professor predileto por causa da matéria que ele dava. Dinâmica impulsiva para mim era bicho de sete cabeças. E nunca usei também.”

A mãe de Dimi nunca soube, mas ele começou a “matar”, “cabular” aulas no ensino médio. “Tinha um bar aqui próximo e isso faz parte da história do Otoniel Mota, chamado Bate Papo, que era do senhor Fiore. Era o boteco da galera do Otoniel Mota. A gente saía no intervalo e ia para o Bate Papo. Che-

gando lá encontrava todo mundo. Basicamente, foi um dos primeiros bares em que eu toquei. Quando eu ia lá, a gente levava um violãozinho.”

Olhando para trás, é possível observar.



Não era só uma questão de escola, era uma época. No ensino fundamental, o menino Dimi chorou, certa vez, por ter tirado 9,5 como nota final e, logo um ano depois, ele foi pego pulando o muro. “Era fim de semana, a gente ficava doido para jogar vôlei e não tinha autorização para entrar no colégio. Era a geração de prata, vôlei era nossa vida naquela fase! A gente queria jogar! Os moleques pularam o muro, eu pulei e eu ia me apoiar em uma carteira, mas a carteira partiu ao meio. Tinha um ferro e entrou bem na minha perna. Rasgou e ficou aquela coisa horrível. Sabe o que aconteceu? Eu fui jogar daquele jeito mesmo. Depois não deu ponto, não deu nada. Mas a gente fazia isso.”

Eliane completou: “As cicatrizes do Otoniel”. Dimi encerrou: “Ficou tatuado”.



Ele músico, ela jornalista. Os dois irmãos são ex-alunos da escola Otoniel Mota.

15 - A gestão na educação

Diretores enaltecem a tradição em busca de modernidade

Pessoas importantes foram convidadas, ao longo da história de 110 anos do Otoniel Mota, a dirigir a escola, pedagógica e administrativamente. Outras ficaram importantes porque a dirigiram. Em uma roda cíclica, que não precisa ser explicada, a instituição recebeu e emprestou prestígio. Fosse pela sua tradição, que os últimos herdaram dos primeiros, ou por sua história de resistência. Tentando manter-se referência.

Os aplausos ecoam ainda no tempo. Ao mais antigo de todos, o primeiro a abrir as portas, **Antonio Rodrigues Alves Pereira**, ou ao segundo, **Amadeu Mendes. Renato Jardim** pode ter vivenciado, aqui, o que mais tarde ele propagou por todos os cantos em suas propostas de reformas educacionais. **Joaquim Macedo Bittencourt**, que foi prefeito de Ribeirão Preto, aprendeu e ensinou. E assim passou pela escola **Felipe Achê. Edgardo Cajado**, até então, é o que mais tempo ficou na escola. Sua postura imponente figura nas narrativas dos que revelaram suas memórias. **Leonor Mertilia Costas e Geraldo Ferreira Cintra** seguiram a história revezando-se. **Aminthas Velloso de Siqueira** ainda tem em sua filha, professora no Otoniel Mota, uma porta-voz eloquente. **Romero Barbosa e Jerônimo Feltre** que, de tão presentes, tornaram-se personagens não da história da escola, mas das histórias de quem viveu a vida na escola e, desta forma, as

memórias dos dois transitam, indo e vindo, sem que as deixem se perder. **Maria Izabel Aguiar de Andrade** antecedeu o professor **Divo Marino**, que viveu entre as palavras que escrevia e os traços que desenhava. Então, o tempo mais moderno, anunciou os diretores **Maria Amélia Zuccolotto Teixeira, Helena Tacio de Siqueira, Antônio Dias de Novaes, Audrey Simone Lopes Cordeiro Longaresi, Paulo Fernando Simi, Jorge Lemasson Azenha e Adelcia Edelweis Serapião Souza**.

Homenagear a todos ouvindo alguns não é uma tarefa fácil. Em especial por se tratar dos desafios envolvidos na administração pedagógica de uma das três escolas secundaristas mais antigas do estado de São Paulo. Os entrevistados, homens e mulheres, que fizeram e fazem a gestão do velho “Estadão”, recordaram-se do desafio que representa a tradição e o peso da história dessa instituição.

Maria Amélia Zucollotto Texeira esteve na direção como assistente ou diretora, entre 1981 e 1992. Quando entrou, sabia que tinha muito que aprender. Quando saiu, ela lembrou-se de Almir Sater: “que eu nada sei”. Essa ciranda do conhecimento reflete o dinamismo de uma escola como a Otoniel Mota. A ex-diretora então manifestou sua relação emocional com a instituição. “A memória grava aquilo que a gente ama e a Otoniel Mota está dentro do meu coração.” Foi com essa emoção



Maria Amélia Zuccolloto. Abaixo, em evento que marcou o início do curso de Processamento de Dados. Acervo CDMOM



que Maria Amélia fez questão de enfatizar que o seu tempo como administradora foi de muito aprendizado, com uma equipe de grandes mestres, dos quais ela citou alguns, sofrendo por não conseguir nominar a todos: **Amini Boainain Hauy, Décio Setti, Roberto Tofetti, Sílvia Bonfim, Vera Lúcia Pereira, Bethe Kefalasa**, entre outros. Numa época em que a escola oferecia o colegial preparatório para a universidade e cursos que profissionalizavam, como a formação em Processamento de Dados e o Magistério.

Eram os difíceis últimos anos da ditadura. Mesmo com a reabertura política, que já começava a se desenhar, ainda prevalecia “aquele esquema de medo”. Mesmo diante desse contexto, Maria Amélia não abandonou a postura politizada. “Eu acho que a escola realmente tem que preparar o aluno para um questionamento.” Foi assim que ela aproximou a escola da comunidade, abrindo as portas para movimentos dos trabalhadores e permitindo que as reuniões ocorressem dentro do Otoniel. Além disso, foi incentivadora do Grêmio Estudantil, ao apoiar suas ações e fomentar a atuação do movimento.

Para a ex-diretora, uma escola é feita pelo entrosamento entre professores, alunos e família. Quanto mais próxima essa relação, melhor é a qualidade do ensino. Pautada nesse princípio, Maria Amélia criou o Conselho de Apoio Administrativo Docente Discente (CAADD), que tinha como finalidade desenvolver a gestão participativa dentro do Otoniel. O conselho era formado pelo representante de

classe e pelos docentes, que eram chamados quando havia algum problema em sala de aula. O diálogo era o meio privilegiado para a solução de conflitos.

Quando Maria Amélia deixou a escola, uma das bonitas homenagens que recebeu foi prestada pela Associação de Pais e Mestres. “Adorei receber essa homenagem em vida, uma sala com o meu nome.” A educadora não conseguiu contar essa história sem exteriorizar sua emoção com lágrimas. Contidas, disfarçadas, mas aparentes.

Ao se despedir dos amigos que deixou, Maria Amélia pediu emprestado a Fernando Pessoa palavras já escritas que pudessem representá-la naquele momento. Então, lembrou a todos que: “De tudo ficaram três coisas... A certeza de que estamos começando... A certeza de que é preciso continuar... A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar... Façamos da interrupção um caminho novo... Da queda, um passo de dança... Do medo, uma escada... Do sonho, uma ponte... Da procura, um encontro!”.

Assim que Maria Amélia Zucollotto Teixeira se foi, certa de que tinha dado o seu melhor, a educadora **Helena Tacio de Siqueira**, que tem mais experiência profissional do que sua linha cronológica permite, iniciou na escola a sua trajetória. Ela formou-se em Educação Física e foi ser professora. Fez pedagogia e foi ser Diretora. Fez Direito e usou tudo o que aprendeu lapidando sua trajetória profissional. Trabalhou sempre em três turnos, por isso, quando somadas, as experiências não cabem



Helena Tacio de Siqueira. Ainda que muito feliz, emoção lhe fez chorar.

nos anos vividos.

Helena chegou no Otoniel Mota como diretora efetiva em 1993. Emocionada em voltar à escola, nem conseguiu lembrar com exatidão o ano, confirmado depois em pesquisa. Ficou 11 anos e, ao olhar para trás, o que ela não esqueceu, é que foi muito feliz. E deve ter sido mesmo, pois reiterou a assertiva muitas vezes, ao longo da entrevista.

A ex-diretora é muito autocrítica, foi logo dizendo que sua fama de autoritária e enérgica é verdadeira. “Não conseguiria fazer tudo o que fiz se assim eu não fosse. Dizem também que eu falo muito alto e às vezes isso agride.” Mas depois explicou: “Como professora de Educação Física, eu sempre precisei elevar a voz para ser ouvida. Nas quadras, nos pátios, nas competições. E, talvez, por isso, tenha tanta dificuldade em falar baixo”.

Entre as coisas que Helena tem orgulho de ter feito, muitas delas estão relacionadas ao Otoniel Mota. Ela gosta de contar que ampliou o número de estudantes matriculados ao longo de seu período. “Chegamos a 3.300 alunos. 1.100 em cada período.” Outra comemoração é ter feito uma gestão muito cooperada, com os pais de alunos. “Eles fortaleciam as decisões. Sempre trabalhei bem com a Associação de Pais e Mestres (APM).” Mas a que mais a emociona foi ter criado o Magistério de tempo integral. “Eu sempre me preocupei com a formação dos professores. Essa é mesmo a minha grande paixão.”

Foi uma vitória. Muitos reconhecem. Ex-professores, ex-alunos, pais. Helena queria os estudantes, maioria mulher, mais tempo na escola para certificar-se de que receberiam toda a formação necessária para fazer a diferença na vida de outras pessoas em seus primeiros anos escolares.

Naquela época, existia o Centro de Formação do Magistério (Cefam), que oferecia bolsa de um salário mínimo para o estudante de tempo integral. Helena foi a São Paulo, em

audiência com o secretário da Educação para pedir o benefício para os estudantes do Otoniel Mota, mas não conseguiu. Ela voltou para Ribeirão Preto com a autorização de criar o curso de tempo integral, sem a bolsa. Outra medida da diretora, por achar contraditório com as demandas pedagógicas de formação, foi fechar a oferta de Magistério no período noturno.

Helena contou que todo intervalo ia para a sala dos professores. “Queria ouvi-los.” Como trabalhava em outra escola, privada, o horário dela era diferente de todos os demais diretores. Ela chegava sempre muito cedo e colocava os alunos para dentro na companhia de seus vice-diretores. Ia para a outra escola e voltava às 11 horas. Ficava tarde e noite. “Só saía quando o último professor do período noturno fosse embora. Eles estranhavam que o diretor ficasse à noite.” Era bom para ela, assim poderia manter-se em outra atividade profissional, mas foi um período em que o noturno recebeu atenção especial. “Nunca tive nenhum problema com alunos ou professores no horário da noite.”

A educadora lembrou nomes de colegas de trabalho que, segundo ela, precisariam estar neste livro. Fosse pela grande contribuição que deram ou pelo longo período que se dedicaram à escola. Como seria impossível publicar a lista, que a homenagem seja retribuída em nome de quatro integrantes da equipe: a bibliotecária **Edina Maria de Que-
rrioz Paula**, a vice-diretora **Dina Fraga de
Athayde, maria Benedita Tavares e Ione de
Paula e Silva Simão.**

Antes de ir embora, Helena deu uma volta na escola. O olhar era de felicidade, confirmando o que ela disse muitas vezes. “Eu fui muito feliz aqui.”

Em entrevista concedida ao Jornal Comemorativo dos 100 anos do Otoniel Mota, **Antonio Dias de Novaes**, diretor da época, afirmou que a satisfação com o trabalho o trouxe à escola e, acima de tudo, ter consciência de que estava em uma escola cheia de tradição e história. Para o ex-diretor, a sociedade ribeirão-pretana ainda participava pouco daquilo que acontecia no Otoniel Mota, apesar de tudo aquilo que representa.

Para **Paulo Fernando Simmi**, que administrou a escola como vice ou diretor, entre 2002 e 2010, é preciso conversar muito com todos os envolvidos no processo escolar. Ele apontou os desafios do cargo administrativo, que muitas vezes é engessado pelas questões legais, não raro, difíceis de entender pela comunidade. O diálogo tornou-se a opção de Paulo para a solução dos problemas na escola.

Sobre a função¹⁷ dessa significativa instituição que se propõe a educar, Paulo afirmou que o mais importante é fazer todo o possível para manter o foco nos alunos, afinal “eles são a alma da escola e eu sempre estive dentro da escola por causa deles”. O ex-diretor mostrou-se preocupado com o rumo que às vezes a educação toma. “São tantas as demandas que, muitas vezes, o aluno perde o protagonismo diante de diversos interesses envolvendo a educação. A verdadeira finalidade da escola fica ofuscada.”

Foi com o pensamento no aluno que Paulo, também professor de Língua Portuguesa, viu nascer um projeto que existe até os dias



Paulo Fernando Simi, motivado pelos estudantes.

de hoje. Ele participou no início do Combinando Palavras, na época chamado de Projeto de Releitura. O objetivo era incentivar a leitura, relendo vários autores. A ideia cresceu e envolveu vários docentes que acreditaram no poder do livro como elemento transformador.

Prestes a se aposentar, Paulo tem a certeza que levará consigo os anos de companheirismo e vivência, que permitiram realizar o seu trabalho como diretor e professor.

Replicando as falas de Maria Amélia e Paulo, a educadora **Adelcia Edelweis Cesar Serapião Souza**, chamados por todos de Edel, atual diretora, não tem dúvidas de que não é possível administrar uma instituição do porte do Otoniel Mota sozinha. Para ela, “é um desafio muito grande dirigir uma escola deste tamanho e deste gabarito. A Otoniel não é só uma escola. Ela tem uma história muito bonita e importante para a cidade de Ribeirão Preto”. A diretora considera-se “abençoada” em ter uma equipe formada por funcionários, gestão e professores, muito bons. Edel acredita que é “isso que faz a coisa acontecer”.

Para a diretora, estar no Otoniel Mota representa quase uma tradição em família. Seu pai e seu avô foram professores na escola, onde também estudaram seus irmãos. Agora, ela enfrenta o desafio e a emoção de estar na instituição como diretora. “Esta relação tão antiga da minha família com a instituição me empolga a seguir empenhada em fazer o melhor pela escola.”

Entre os desafios que teve que enfrentar, o primeiro foi a ocupação ocorrida em

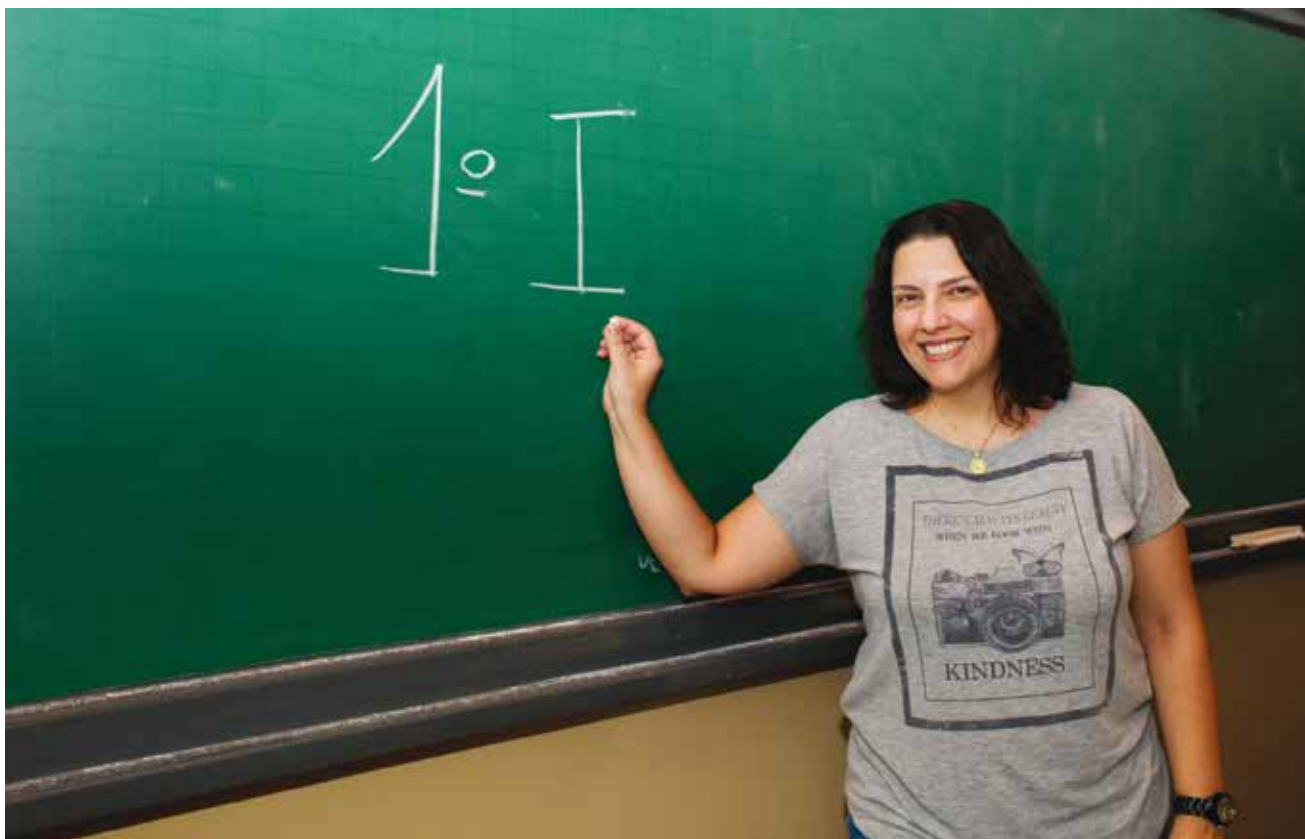
2015. Ela afirmou que levou “um choque”, mas conseguiu contornar. Passada essa fase, Edel começou a dedicar-se à preservação da memória escolar do Otoniel Mota. Tem trabalhado para dar prosseguimento às atividades do Centro de Memória e para a recuperação dos móveis do colégio. Para dar conta de tudo isso, afirmou que às vezes é necessário trabalhar até em fins de semana. Ela mesma lixou e envernizou o mobiliário descartado pelo tempo que, na verdade, são materialidades da história da escola. “O serviço não para, nosso cotidiano é esse, cada dia uma surpresa, cada dia uma novidade.”



Edel: preocupação com a preservação da história.

16 - Do 1º I ao 2º A

Muito mais do que simples letras,
do A ao I desfila um Brasil inteiro



Cibele Randi Barbosa: a saga da mudança de sala e de turno.

Era para ser uma entrevista sobre os “Caras Pintadas”. Mas, quando **Cibele Randi Barbosa** começou a contar sua história como ex-aluna da Escola Otoniel Mota, nos anos de 1991 e 1992, foi possível ver um Brasil inteiro sendo revisitado. A saga da jovem e sua amiga em conseguir transferirem-se do 1º I vespertino para o 2º A matutino pode ser a própria

metáfora da luta de classes protagonizadas no reino da educação. Se não na sua versão marxista dicotomizada entre operários e patrões, com certeza, na exteriorização dos tempos modernos antagonizando ricos e não ricos, inteligentes e não inteligentes, espertos e não espertos, bonitos e não bonitos.

Ela chegou ao Otoniel Mota vinda de

outra escola pública, localizada no bairro dos Campos Elíseos, chamada Ciclo Operário. Para Cibeles, assim como para todos seus outros amigos, o ensino médio na cidade bifurcava entre Thomaz Alberto Whately e Otoniel Mota. Não fazia parte dos objetos de desejo de seu grupo, pleitear uma matrícula em uma escola particular. Ela fez a prova de admissão, o Vestibulinho, nas duas escolas, mas sua preferida era mesmo o Otoniel Mota, muito mais perto de sua casa.

O desafio inicial de Cibeles era passar no teste. Ela contou que foi sua primeira experiência em fazer algo pressionada diante de uma demanda “assumidamente relevante”. Seus professores de ensino fundamental a aterrorizaram, ao longo do ano, declarando que seria difícil. E foi. Tanto que ela se decepcionou ao ser informada de que sua pontuação não tivera sido suficiente para garantir-lhe uma vaga em uma sala no período matutino. Cibeles passou, mas para ser matriculada no 1º ano, letra I, à tarde. Ela ficou incrédula, aquilo não passava pela sua cabeça. Algumas certezas estavam por vir, mas ela já reunia aprendizado político e social o bastante para entender que não se tratava simplesmente de uma questão de letras do alfabeto. Para ela, era mesmo uma problemática classificatória. Simples. O alfabeto começa com A e termina com Z. O dia começa com a manhã e termina com a noite. Os primeiros e os melhores iam sendo distribuídos nessa mesma ordem. Primeiro A, B, C, D... sol fresco da manhã. Depois E, F, G, H I, sol quente da tarde. Cibeles

estudaria no I, período vespertino.

Ela não julgou ninguém e nunca quis desmerecer qualquer um dos seus pares. A decepção era com ela mesma. Tratava-se de autoavaliação. Ela estava convicta de que pela manhã só estudava a tropa de elite. E foi por isso que passou o primeiro ano inteirinho tentando se transferir. Ela e uma amiga de longa data. Elas protocolaram pedidos, uma, duas, três vezes. Convocaram a intercessão das matriarcas, que se deu outras repetidas vezes.

Definitivamente, depois de muito empenho, elas obtiveram êxito. Cibeles então confirmou suas premissas. Era outro universo, consolidado pelos próprios alunos, conscientes ou não. Ao longo da entrevista, ela citou o que pode ser entendido como prova. As pessoas eram homogêneas, quase todas da mesma faixa socioeconômica; não existiam grandes discrepâncias, deixando muito evidente que elas eram mais parecidas com o perfil do 1º ano I. Ainda como prova, lembrou de contar que os meninos e as meninas mais bonitos eram da sala A. Não satisfeita, reiterou que aconteciam disputas de beleza naqueles anos, eleição do garoto e da garota Otoniel Mota. Em 1991, tinha sido eleito um casal do 1º A; em 1992, do 2º A. Os sapatos também eram reveladores. Bastava ver as marcas dos tênis e pronto. Estava ali prova infalível da estratificação social.

Aquela constatação não foi tão ruim assim, pois as duas amigas perceberam que havia tênis piores do que os delas, não na sala A, mas em todas as outras a partir do F, deixan-

do muito claro que elas poderiam não estar na linha mais alta, mas, definitivamente, não estavam na base rente ao solo. O ruim, na época, era que isso não importava para elas. O foco das duas jovens estava em compreender os que estavam mais acima.

Depois de conviver com uma classe inteira querendo deixá-la para trás, as amigas passaram o segundo ano compartilhando vivências com pouco mais de cinco amigos.

Em determinado momento, Cibeles, hoje professora universitária, esclareceu que aquela era a leitura de mundo dela e da amiga, que talvez o tema discriminação social nem habitasse a cabeça dos demais. Ela não se aprofundou em compreender porque; como tudo passa, aquilo também passou. Os professores, por sua vez, contou a ex-aluna do Otoniel Mota, não fomentavam aquela sua leitura antropológica da classe do período da manhã.

Quando elas apareceram no 2º A, pela primeira vez, o professor de Química, Antonio Dinali, que já dava aula para elas no 1º I, fez uma saudação efusiva elogiando os bons resultados anteriores das alunas. E, de fato, as duas eram boas na disciplina, por isso, os elogios do professor, que mantinha a lousa impecável, era recorrente. Cibeles chegou a cogitar a possibilidade de aquele elogio lhe ter custado algumas amizades.

Ela contou tudo, rindo muito. Não ficaram traumas. Nenhum. Mas aqueles dois anos foram importantes para a estudante de 16 anos, senão as diferenças do 1º I com o 2º A não habitariam, 25 anos depois, as suas

memórias. Normalmente, só se guarda o que significou.

A timidez anunciada de Cibeles, ainda hoje, mas muito mais acentuada na época de estudante secundarista, não a impediu de viver experiências de cidadania política. A jovem estava lá quando muitos iguais a ela, com tênis de marca e sem tênis de marca, foram para as ruas, com as caras pintadas das cores do País, para pedir o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello.

A inserção política de Cibeles não foi na escola. O pai dela gostava de conversas prolongadas sobre o tema. Em algum momento, até chatas, quando o que ela mais queria era mesmo ver o filme que passava na TV. Mas depois, oportunas para ajudá-la a entender uma série de questões que diretamente a afligiam. Inclusive as eventuais diferenças entre a manhã e a tarde. E ele não falava só de falante, tinha atuado em grupos alternativos num tempo próximo à ditadura. Contra a política de Collor, muito antes da proximidade da votação do impedimento do mandato do reprovado caçador de marajás, o pai de Cibeles não passava um dia sem comentar as ocorrências no Brasil.

Talvez o parágrafo acima explique bem as percepções de mundo da jovem estudante do Otoniel Mota. Muito provavelmente, os debates caseiros sobre os posicionamentos das classes sociais brasileiras, travados com o seu pai, despertaram em Cibeles um senso crítico apurado o suficiente para ela ler o que não estava impresso.



Vitrail no topo da escada é apreciado por todos que visitam a escola.

A estudante do 2º A não se envolveu inicialmente no movimento dos caras pintadas. Mas, de repente, foi inevitável. Todos estavam aderindo e com ela não foi diferente. Cibeles já saía de casa com camiseta do Brasil e guache das cores verde, amarelo e azul. Eles chegavam na escola, em data marcada de passeata, e contavam com a adesão dos professores que os deixavam ir. A moçada descia a Rua Barão do Amazonas e se concentrava na Praça XV de Novembro, em frente ao Theatro Pedro II, há um ano com obras aca-nhadas de restauração.

Na memória da advogada, professora

universitária, ficou gravada a queda dos papéis picados que os moradores dos prédios altos jogavam em apoio aos estudantes. Quando não, as bandeiras estendidas nas sacadas, ou sendo sacudidas pelos entusiastas do movimento.

Estava escrito, depois que Cibeles se formou em Direito, cursou uma pós-graduação em Políticas Públicas. O seu vocabulário contando essas histórias reflete essa formação. Ao final, a curiosidade por saber se ela foi mais feliz no período da tarde ou no da manhã foi inevitável. Então, ela respondeu, sem cerimônia: no 1º I.

17 - O casamento da Química com a Física

Unidos pelo amor, professores partilham suas histórias com a escola

Amauri Vilar de Assis é professor de Química. **Conceição Aparecida Miranda de Assis** é professora de Física. Casados há 50 anos, os dois trabalharam juntos na Escola Otoniel Mota. Ela é de Ribeirão Preto; ele de Poços de Caldas. Casaram-se e foram viver na cidade mineira. Depois de 30 anos na mesma empresa, aposentaram-se e vieram de volta atrás do restante da família.

Poucos dias na nova vida de aposentados e os dois concordaram que teriam dificuldades em acordar, todos os dias, com a agenda livre. Assim que se instalaram, em novembro de 1993, saíram com os currículos nas mãos em busca de recomeçarem, agora como professores. O irmão dele era da área da educação e fez algumas recomendações. O casal foi parar na então Delegaria, hoje Diretoria Regional de Ensino. Orientados pela pessoa que os atendeu, foram até a Escola Otoniel Mota, sabedores de que lá precisavam de docentes nas duas disciplinas.

Deu tudo incrivelmente certo. Em janeiro de 1994, já estavam na sala de aula. Ainda naquele tempo, o diretor tinha autonomia de atribuir aulas sem concurso. **Helena Siqueira** era a diretora e **Dinah Fraga Athayde**, a vice-diretora. “Quando o primeiro dia chegou, eu disse que não conseguiria dar aula naquela instituição.” Conceição tinha na memória uma



Amauri e Conceição: paixões em comum.

experiência com a escola. Ela fizera, em 1966, um curso de aperfeiçoamento para o ensino do magistério. “Era uma escola padrão, referência. Lembrei-me daquela minha experiência e confesso que deu muito nervosismo no primeiro dia.” Amauri nem tanto. Tinha se relacionado com a Química a maior parte de sua vida, haveria de se sair bem.

A professora de Física logo foi para a coordenação, pois tinha um jeito especial para lidar com os jovens e com os pais dos alunos. “Eu fazia questão de esperar os estudantes no portão da escola. Fiz isso todos os dias em que fiquei no Otoniel Mota, fosse como coordenadora, ou na vice-direção que ocupei por algum tempo.” Conceição calculou que 58 mil estudantes passaram pela Escola Otoniel enquanto ela esteve lá. “Foi uma das melhores coisas da minha vida. Trabalhar com adolescente em uma escola como aquela é uma grande satisfação. A gente aprende o dobro.” Na hora do intervalo, ela ficava andando pelos corredores, reconhecendo os alunos para quem logo cedo tinha desejado bom dia.

Depois de dois anos, eles prestaram concurso. Amauri foi transferido para uma escola em Jardinópolis e Conceição ficou no Otoniel Mota. De volta a Ribeirão Preto, o químico foi para o Vilhena de Moraes e no ano seguinte ocupou vaga aberta, outra vez, na mesma escola da esposa, de onde saiu em 2013. Ele ficou sete anos ainda, depois da saída de Conceição, que deixou o Otoniel em 2006.

Nem todo mundo sabia que os dois

eram marido e mulher. O casal fazia questão da discrição. Os alunos brincavam com o fato de serem casados, porque a juventude tem uma sagacidade heroica. Mas a responsável pelo restaurante que tinha na escola, só soube muito tempo depois.

Amauri era um dos poucos professores que levava uma sala inteira para ter aula no laboratório. “Eu usava muito o laboratório, os estudantes adoravam. E eu também.” Ele gosta de reencontrar seus alunos. “É comum alguém olhar mais de uma vez para ter certeza e logo afirmar: ‘O senhor foi meu professor, né?’ Muitos ainda se lembram das Feiras de Ciências.”

A professora, coordenadora, vice-diretora, foi pega várias vezes limpando a escola em datas especiais ou quando algum profissional da limpeza tinha qualquer problema. Chegou a ser criticada por isso. De fato é nobre, mas revela a falha de um setor. Difícil de equacionar. Conceição não parava muito para pensar nessa questão administrativa, quando o serviço estava lá por ser feito. Arregaçava as mangas, trocava os sapatos por chinelo e resolvia o problema. “Minha família também achava errado, mas eu nunca liguei. Eu amava tudo aquilo.”

A relação de Conceição com a diretora Helena sempre foi de muita troca. “Ela era uma excelente gestora. Aprendi muito.” Como em uma confidência a professora de Física revelou, logo no início da entrevista, que um dia antes tinha colocado o nome da diretora Helena em suas orações de gratidão. “O Otoniel Mota fazia parte da vida da gente.”

18 - Formando professores

Ex-alunas do Magistério de tempo integral olham para trás certas de que a educação é o que leva todos para frente



Juliana, Mônica, Gisele e Julia: de alunas a professoras. Elas relembram com carinho o cotidiano escolar.

Na escola onde **Mônica Jaqueline de Oliveira** leciona, na educação infantil, tem muitas lagartas. Tantas que, pedagogicamente, foi preciso propor uma atividade para que as crianças não tivessem medo, nem matassem as larvas. Ela então passou a trabalhar em sala de aula com o texto *As Borboletas*, de Vinícius de Moraes. A proposta era mostrar que se as lagartas fossem mortas, as borboletas não nasceriam. Mônica é professora na rede municipal e estudou entre 1999 e 2002 na Escola Otoniel Mota, no curso Magistério de período integral.

Gisele Ruiz Borges da Silva também. Ela foi da primeira turma, 1997. Entrava às 7 da manhã e saía às 6 da tarde. Antes dela, outras

estudantes formaram-se professoras no Otoniel Mota, mas esse curso de tempo integral era novo. **Juliana Cristina Romualdo e Júlia Egídio Barbosa Domingues** são da turma de 2001. A penúltima. Depois delas, somente mais uma turma ingressou na escola. O curso não abriu salas a partir de 2003 e encerrou as atividades em 2006, com a formatura das últimas a se matricularem.

O curso seguia com a formação dos três anos do colegial, chamado de inciso, agregava conteúdo no seu formato de oito horas diárias e oferecia um ano a mais para o fechamento de sua proposta pedagógica na formação do educador que trabalharia no ensino fundamental. Nos dois primeiros anos, as aulas eram todas

na escola. Nos dois anos seguintes, os estudantes estagiavam em outras escolas, no período da tarde.

No ano em que a Gisele entrou, outros 150 alunos foram selecionados. No total, foram organizadas quatro salas de aula. “Somente duas salas se formaram. Muitos estudantes concluíram o ensino médio e desistiram do Magistério. Alguns foram para a faculdade. Outros pararam de estudar para trabalhar.” Ela sempre quis ser professora e seguiu até o fim. “Para mim foi uma conquista.”

Julia e Juliana, uma seguiu a outra. Elas já eram amigas de sala de aula na escola anterior. Fizeram a prova e passaram para o curso integral, mas logo depois da matrícula foram informadas de que não teria mais o Magistério, então, elas fizeram o primeiro ano somente meio período. No ano seguinte, nova oferta do período integral. Essa dissonância repercutia decisões da política educacional brasileira. De algum tempo, já se falava que a formação do professor deveria seguir atrelada ao curso superior e não mais somente ao ensino médio.

Mônica queria ser professora desde criança. Era sua única opção. Por distração dos pais, ela quase perdeu o tempo das matrículas. Por fim, conseguiu a última vaga. Foram quatro anos em que ela vivia mais tempo na escola do que com a família. Como não havia contraturno, não dava para fazer nada fora da escola, ela participava de tudo o que era ofertado. Fez parte do grupo de teatro, da equipe do grêmio e se tivesse que fazer trabalhos acadêmicos, ensaios, reuniões aos sábados, ela ia também.

As quatro professoras lembraram da

Semana das Normalistas que acontecia anualmente. “Era uma jornada. A gente ia para outras escolas e às vezes ainda fazíamos cursos complementares de Química e Física no período noturno”, disse Gisele, que leciona na Fundação Casa. “Ensinar um adulto a ler e escrever, mesmo ele sabendo tantas outras coisas, é uma gratidão.”

Gisele ficou muito feliz com o convite para dar entrevista, porque ela vislumbrou a oportunidade de publicamente agradecer à escola pela formação que recebeu. “Tudo que eu sou, meu caráter, minha formação, foi aqui. O magistério, para mim, é minha estrutura, minha base. Eu entrei criança aqui e saí uma mulher pronta para enfrentar o mundo.”

Mônica, depois do Magistério, foi fazer faculdade de História. E não foi uma escolha sem motivação. Ela revelou que seu impacto com o prédio da escola era tanto, que despertou seu interesse pelo patrimônio cultural. Então, o curso de História surgiu como a melhor alternativa. Mas não foi só. Ao se envolver com o grêmio, fez política estudantil e queria entender melhor tudo aquilo. “Eu levei uma carga de disciplinas como didática, estrutura, muito grande para a faculdade.” Ela chegou a ser secretária do grêmio, quando era presidente o estudante Fábio Sardinha que, segundo a ex-aluna do Magistério, foi muito atuante e até mesmo polêmico. “Ele tinha muitos embates com a direção da escola.”

Mônica concluiu que a maturidade não era de todos. Nas campanhas para eleição da diretoria do grêmio, os integrantes das chapas faziam promessas declaradamente impossíveis

de serem cumpridas, como a construção de uma piscina na escola, por exemplo, ou até mesmo a instalação de um McDonald's. Todas riram ao se lembrar desse fato. "A gente aprende muito cedo a fazer política de interesses. Não foi a escola que ensinou, tenho certeza."

Mas as memórias de Mônica com o grêmio tem um ápice. "Um dia, eu cheguei no porão onde funcionava o grêmio e estava fechado. Pedimos as chaves e nenhuma ata estava no armário, as pastas com documentos tinham sido retiradas do local. Chamamos a diretora e ela disse que não existia mais o grêmio. Eu fiquei muito magoada. A gente se recusava a entender. Como aquilo poderia acontecer em uma democracia? Mas, por fim, lembro que não houve articulação nem manifesto. Foi no meu último ano e não sei se no ano seguinte voltou a ter."

Quanto ao fato de o governo federal ter deliberado que a formação do professor só se daria em nível superior, as quatro estudantes foram uníssonas em relação à sensação de desmerecimento. "Nosso curso foi excelente. Não foi justo com a gente." Mônica e Juliana, que lecionam na mesma escola, avaliaram a qualidade da formação comparando os resultados da prova de admissão para a rede pública municipal. Sem o curso de Pedagogia, Mônica ficou na frente de muitos outros candidatos com formação complementar. "No meu primeiro ano de Pedagogia, eu vi tudo o que eu já tinha visto no Magistério", contou Juliana. "Os professores eram os melhores. Eles davam aula aqui e em muitas outras faculdades."

Gisele contou que a diretora **Helena Siqueira** conseguiu, direto com o governo do Estado, que as horas de estágios do curso pontuassem nos exames de admissão da rede municipal. "Isso refletia o mérito do nosso Magistério."

Quando o tema passou a ser professores inesquecíveis, um nome citado foi o da educadora **Vera Prili**, que lecionava conteúdos metodológicos de Língua Portuguesa. Elas, inclusive, se lembraram de uma frase sempre repetida: "Moça não ri, moça sorri". Gisele, que não foi aluna da Vera, lembrou-se da professora **Eunice**, de Psicologia, e dos professores **Amauri e Mariangela**, de Química. Mas ela se arrependeu em indicar um ou outro, temia ser injusta. "Não dá para escolher, eram todos professores incríveis."

Mônica lembrou que faziam muitas atividades práticas. "Quando a professora Mariangela foi ensinar Botânica, ela levou os alunos para a rua e nós identificamos as árvores de todo o quadrilátero da escola. Era tudo muito dinâmico." Ela até hoje faz sabonetes, coisa que aprendeu no laboratório.

Julia e Juliana, que vieram depois, herdaram de Gisele e Mônica a mesma escola e o mesmo padrão, mesmo diante da proposta de conclusão da formação de Normalista. Um professor ou outro deixava a escola por transferência, licença ou aposentadoria, mas outros se apresentavam. "Sempre foi um curso muito puxado."

Quatro mulheres falando ao mesmo tempo, os temas mudavam rapidamente. De

repente, falavam sobre aquilo que nunca esqueceram. Juliana foi a primeira. “Nunca me esqueço dos funcionários. Parecia que o Magistério era o curso mais importante aqui dentro. Eles cuidavam das nossas coisas como se tivessem preferência. Pelo menos é o que parecia. A gente sempre foi ‘as meninas do Magistério’. O pessoal do colegial ficava muito emburrado com isso”. Ela lembrou ainda da **Marcinha**, a inspetora de aluno. Então, as demais falaram de Rildo, o outro inspetor.

Gisele explicou que essa preferência toda narrada pelas meninas da turma de 2001, não era igual em 1997, quando ela entrou. “Acredito que por ser a primeira turma de período integral, quando nós começamos, tinha muita rivalidade com o colegial inciso. Na minha sala, só tinham dois meninos e acho que fomos um pouco excluídas.” Naquele 1997, tinha ainda o curso de Magistério noturno, mas seria o último, a diretoria já tinha fechado para matrículas. “Acho que, como entramos para estudar o dia todo, ficamos um pouco marcadas como as meninas do tempo integral e as estudantes do noturno não

gostavam muito da gente.”

Juliana ficou muito triste com o fim do Magistério. Para ela, aquela decisão prejudicou muita gente. “Na nossa sala, tinham alunos de Cravinhos, de Dumont, de Bonfim Paulista. Foi um dia horrível quando definitivamente fomos informadas de que o curso seria fechado.”

Júlia lembrou quando as professoras **Eunice** e **Clotilde** promoviam conversas de interação. “Eram muitas mulheres em um mesmo local. Sempre tinham divergências. Elas chamavam a gente para conversar e queriam saber quais eram os problemas. Faziam círculo, a gente dava as mãos numa tentativa de harmonização. Às vezes todo mundo chorava.” Nesse momento, todas começaram a falar juntas, talvez relembrando momentos particulares que viveram. Mas nada que possa ser reproduzido. O burburinho até estridente tornou inaudível qualquer conteúdo. No final, os indicadores que justificavam aquela situação. “Eram 42 mulheres em uma sala. De 15, 16 anos. O dia inteiro. Por quatro anos. Foi preciso muito atividade de harmonização.”

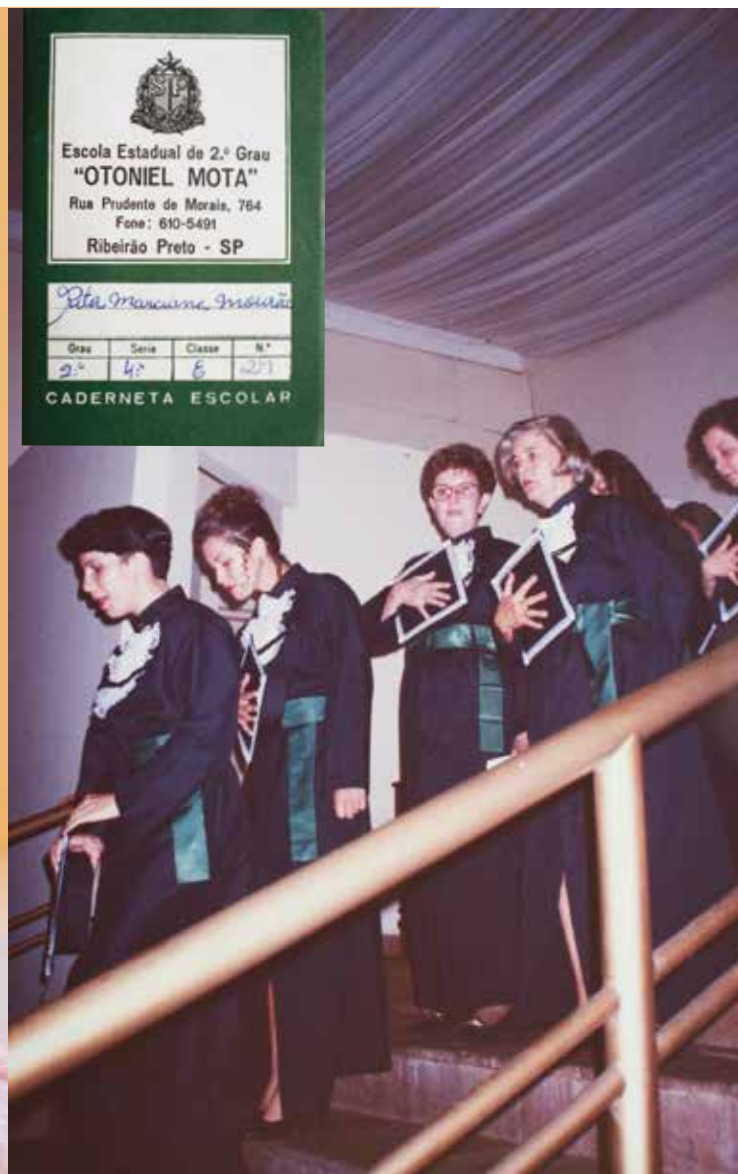
Quando a normalidade se restabeleceu, Mônica retomou a palavra para dizer o que ela nunca esquece. E, então, foi uma lista enorme. Na verdade, ela lembra-se de tudo, da posição das carteiras, das fugidas para o shopping ao lado, depois da inauguração, das festas, das brigas, dos dias mais comuns, das atividades mais excitantes. Por fim, a conclusão. Tanto para umas como para outras, foram quatro anos especiais. Muito especiais.



Alunas do período integral. Tudo era na escola.

19 - Sonho de ser professora

Apesar do medo, ela resolveu voltar para a sala de aula aos 56 anos de idade



Rita Mourão ainda guarda sua carteirinha de presenças e notas. A oradora da turma com seus colegas no dia da formatura.

A folha sulfite dobrada em quatro partes, com algumas anotações a caneta, amarelada pelo tempo, guarda o discurso que **Rita Marciana Mourão** fez como oradora de sua turma de Magistério, da Escola Otoniel Mota, em 1996. “Queremos agradecer aos professores queridos e à direção desta escola que compartilharam nossas ideias e as alimentaram, que se mantiveram sempre ao nosso lado proporcionando-nos este grande momento. A todos dedicamos nossa conquista com a mais profunda admiração, respeito e gratidão. Esta vitória também lhes pertence, caros mestres. Vocês lavraram a terra e cultivaram as videiras. Hoje devolvem para a sociedade a safra do mais precioso vinho que será degustado gota a gota por aqueles que sentem sede de conhecimento.”

Ela sempre quis ser professora. Desde o tempo de menina, em Piumhy, Minas Gerais. Quando terminou os primeiros quatro anos de escola, pensava em seguir, mas seu pai achou melhor não. Nem diante dos pedidos das professoras de Rita, que resolveram interceder porque a menina era mesmo muito dedicada, ele se rendeu. Já tinha tomado a decisão. Para o pai, Rita sabia o suficiente para casar. Era assim naquela época.

Estudar ela não estudou, mas saiu pela fazenda afora alfabetizando todos os que quisessem. Foi a maneira que a menina encontrou para continuar grudada nos livros e cadernos.

As coisas aconteceram como imaginava seu pai. Rita casou-se, teve sete filhos e,

para isso, não precisou de mais instrução. Feliz na maternidade, morando em Ribeirão Preto, a mãe ainda queria ser professora e escrever poesias. Contou que, quando o sétimo filho se formou, não teve dúvidas, tinha cumprido seu papel e iria realizar seu sonho. “Agora é minha vez.” Rita realmente não tinha incertezas, mas o medo a acompanhava. Antes de se formar professora precisava concluir uma fase anterior. Ela se matriculou no supletivo na Escola Thomaz Alberto Whatelly, em 1990. Muito dedicada, dois anos depois, estava na sala de aula do curso Magistério da Escola Otoniel Mota.

Foi encorajada pela diretora Helena de Siqueira e em especial pela amiga, escritora, **Ely Vieitez Lisboa**. Rita fez parte durante 13 anos do Grupo de Literatura Flamboyant. “No começo, eu ficava bem quietinha, só queria aprender. Não tinha muita coragem de falar nada. Só tinham pessoas muito bem formadas no grupo, eu era a mais fraquinha.”

Não era verdade. Rita sempre teve a poesia dentro de si. Ela só precisava dominar as letras e compreender as ordens das palavras. E foi o que aconteceu.

Dos tempos de estudante no Magistério, ela guarda as melhores memórias. Lembrou quando corria no intervalo para comprar sorvete e voltar em tempo de não perder nenhuma explicação. “Eu me divertia muito, parecia uma criança. Acho até que eu esqueci que tinha 56 anos.” Lembrar para que, se a alma dela sempre foi livre. O tempo pode ser só uma circunstância quando se sabe muito bem o que se quer fazer com ele. Rita sempre soube.

No segundo ano do Magistério, foi ser estagiária no Colégio Metodista. Trabalhava produção e interpretação de texto com as crianças. Motivava os estudantes a fazerem poemas e depois os organizava em livros. O estágio acabou e ela então virou o que sempre quis ser: uma professora

“Fui recebida de braços abertos no Otoniel Mota, por todos...”

Lá no seu discurso de oradora pode-se ler: “Tenho a certeza de que cada momento vivido no período deste curso, mesmo os mais difíceis, serão mais tarde uma lembrança amena, uma saudade inquietante. Quando o tempo implacável traçar em nós as marcas da distância desta nossa convivência, vasculharemos nossas lembranças e lá vamos encontrar o sorriso de uma ex-colega, as piadas dos mais espertos da turma, os devaneios dos mais sonhadores nas horas das aulas. E estas recordações serão, certamente, as mãos generosas que irão enxugar as nossas lágrimas de saudade”.

Já professora, Rita consolidou-se poeta e nunca deixou de ser trovadora. “Quando deixei minha terra, jurei e cumpri a jura, que eu venceria esta guerra, entre o Sertão e a Cultura.”

Algumas vezes, vestida de muita modéstia, Rita dá créditos à sorte. Mas na equação da vida desta mulher, ainda que

sorte tenha sido um elemento adicional, a perseverança e a dedicação multiplicaram sua vontade e seu desejo, promovendo resultados expressivos. Em setembro de 1997, lançou seu primeiro livro de poemas *Chama e Mormaço*. Depois, um atrás do outro, lá se foram sete. “Quisera ser de novo uma criança/ E na ânsia de abrandar essa loucura/ Procuo nos guardados da lembrança/ Algum remédio para um mal sem cura./ Nesta busca retorno ao lar ausente/ Um casarão fincado na coluna/ Dentro dele num quarto tão presente/ Vou vislumbrando um rosto de menina./ Neste embalo – talvez uma utopia/ Revejo a mesma porteira que um dia/ Traçou um limite e prescreveu distância./ Desta porteira fiz soltar a trave/ Mas vejo agora que ficou sem chave, /Do lado de lá, a sonhadora infância.”

A Escola Otoniel Mota foi a ponte que levou Rita de um lugar ao outro. Quando chegou onde queria, ela comemorou sua vitória. Parte dela está exposta em uma sala de troféus e medalhas, na escola onde foi professora. Mais de 70. Membro da Academia Ribeirão-pretana de Letras, da Casa do Poeta e do Escritor, da União Brasileira dos Trovadores, homenageada como escritora da cidade, na Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, em 2016.

Rita Mourão venceu o Sertão, adquiriu Cultura e nunca deixou de agradecer. “Fui recebida de braços abertos no Otoniel Mota, por todos, direção, professores e amigos. Fui muito feliz naqueles anos.”

20 - Combinando Palavras

Projeto de incentivo à leitura reúne alunos e professores em uma iniciativa transformadora



Professores unidos pela Literatura.



Heloisa, Henriette, Cibele, Nelise, Rita e Luiz.

Ao lado da porta da diretoria, estava afixado um bilhete, impresso em tamanho de folha sulfite, com letras bem grandes: “Professores que participam do projeto Combinando Palavras que queiram dar entrevista para o livro dos 110 anos do Otoniel Mota devem ir até a Biblioteca...”. Depois que se conhece a professora **Heloisa Martins Alves**, é fácil entender o porquê do bilhete. Ela faz questão, sempre, de dar os créditos a todos os envolvidos nos projetos em que faz parte. E como se não bastasse, ela ficou ali por perto, certificando-se de que todos iriam. Trata-se de uma proposta exitosa, mantida na escola há dez anos, e ela queria dividir os aplausos.

A história da professora com a escola é antiga. Assim que se formou, sua primeira experiência em sala de aula foi no Otoniel, ainda na condição de substituta. Isso há 40 anos. Seus professores na faculdade também davam aulas na escola e ela se sentiu muito importante; o adjetivo usado para descrever a experiência foi “fascinante”. Um ano antes, ela tinha sido aluna de **Florianete de Oliveira Guimarães, Márcio De Lacorte, Vera Pereira**, e, no ano seguinte, eles eram seus colegas de profissão.

Quando passou no concurso do estado, em 1980, foi praticar o Magistério em São Paulo. Só depois, de volta a Ribeirão Preto, lecionou na Escola Fábio Barreto, então no Cônego Barros, com aulas complementares no Otoniel Mota. Ela substituiu a professora Dinah Aparecida Fraga de Athayde, que se dividia entre as aulas e a direção. Essa rotina

durou até 2006, quando se aposentou.

Mas um encontro ocasional alterou o descanso proporcionado pela aposentadoria. Durante um café com o amigo, também professor, **Paulo Fernando Simmi**, àquela época vice-diretor do Otoniel Mota, Heloisa recebeu o convite para voltar à sala de aula como substituta. Ela aceitou rapidamente. E logo no ano seguinte, com os professores **Célia Mendes Vieira Ceoldo** e **Ricardo Franzin**, escreveram o projeto Combinando Palavras, uma proposta multidisciplinar, pensada para unir professores de várias áreas e estudantes de todos os anos.

Membro da Casa do Poeta e Escritor de Ribeirão Preto, Heloisa pode ser vista como uma militante da literatura. Já na Cônego Barros ela realizava concursos, com publicação de livros fotocopiados e encadernados no formato espiral. Mas ela queria mais, entendia que os alunos tinham mais para dar e mereciam um projeto à altura da produção de qualidade que faziam.

Os três juntos fizeram a primeira edição, com o apoio do Instituto do Livro de Ribeirão Preto, entidade vinculada à prefeitura. O lançamento da obra, produzida pelos participantes a partir de releituras de Cecília Meireles, foi no Auditório Meira Júnior, com a mediação da professora convidada, presidente da Casa do Poeta e do Escritor, Maris Ester Souza. Ao final do primeiro ano, eles avaliaram que o protagonismo dos estudantes precisava ser maior do que o dos professores e mudaram algumas regras para o ano seguinte.

Uma após outra, cada edição homenageava um escritor brasileiro diferente. Em alguns anos, eles trabalharam também com obras de autores de Ribeirão Preto, que visitavam a escola falando sobre suas produções. Heloisa lembrou que a professora **Cláudia Cantarela** participava do projeto desde a primeira edição. Outros foram se aproximando, como **Rita de Cassia Longo, Nelise Mendonça Barbosa Buzato, Cibeles Sarkis Carneiro e Henriette Salomão Giampietro**.

Na biblioteca da escola, tem uma estante com todas as edições, ao lado de livros de autores ribeirão-pretanos. Heloisa contou que foi um pedido dela à responsável pela biblioteca, **Shirley Stefani**, que também é escritora e poetisa. “Todas as escolas tinham que ter um espaço como esse. A cidade tem escritores incríveis que precisam ser lidos em sala de aula”, disse ela, certa de ter dado sua contribuição.

Na festa dos 100 anos da escola, a Heloisa estava lá; na dos 105, trabalhou mais ativamente, produzindo com os amigos músicos Gustavo Molinari e Cristina Modé, um show muito participativo, apresentado no palco do Theatro Pedro II. A professora só tem a comemorar. O que menos gosta é saber que 10 anos depois, ainda tem estudantes que não sabem do projeto. “Todo ano peço licença e falo com todos. Às vezes penso que estão ouvindo, mas não prestam atenção. Quando o livro sai, eles lamentam não ter participado”, desabafou.

Atendendo ao convite, chegou primeiro a professora **Rita Longo**. O que era para ser

uma conversa pontual sobre o projeto Combinando Palavras, se estendeu motivada pelas fortes emoções da educadora, que ao chorar disse ter sido a primeira vez. Não foi um choro de causa única, estava ali, representada em lágrimas, toda uma vida de sala de aula. Rita desenhava no ar sua imagem descendo as escadarias da escola, saindo para não mais voltar. A aposentadoria, ainda que uma vitória sobre o tempo, é também um marco de fim de ciclo. “Não me imagino longe desse lugar. Aqui é também a minha casa.”

Foi necessário uma pausa, mesmo que rápida, para restabelecer a concentração. Todos que a ouviam disfarçaram. A paixão estava presente também na sua relação com o ensino da língua. “Dou aula brincando, porque a Língua Portuguesa, na condição de língua materna, precisa fazer parte da vida das pessoas.”

A professora Rita está na escola desde 1985, primeiro substituindo, depois efetiva. Para ela, lecionar no Otoniel é um privilégio e um susto e, ao explicar, esclareceu: “Um privilégio por causa da união dos professores e um susto porque a tradição da escola faz dela uma unidade escolar imponente”. Antes de levantar-se e sair, ela reiterou que o Magistério é uma escolha que tem que ser pautada no amor, por fim, disse que a escola a torna grande, desafiando-a a aprender sempre.

Em 2017, o Combinando Palavras iniciou uma nova fase. Passou a contar com o apoio da Fundação do Livro e Leitura, do Serviço Social do Comércio (Sesc) e da Diretoria Regional de Ensino. O projeto foi aberto

para todas as escolas da rede estadual de Ribeirão Preto e proporcionará o encontro dos estudantes com os autores selecionados. Cinco foram confirmados: Nélida Piñon, Luis Fernando Veríssimo, Ignácio de Loyola Brandão, Lya Lufit e Zuenir Ventura. Cada professora pode escolher com qual escritor trabalhar em sala de aula e depois ir, em junho, à Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto, encontrar-se com o autor. A professora Rita já fez a inscrição de seus alunos. Ela vai trabalhar com os textos de Nélida Piñon. Sabe tratar-se de uma obra densa e disse que será um desafio renovador.

A professora **Nelise Mendonça Barbosa Busato** está na escola desde 2000. Para ela, o sonho de todo educador é lecionar no Otoniel Mota. Depois seguiu se explicando. O prédio é lindo. A escola é antiga e tradicional. Ela começou a lecionar em 1991 e esperou 9 anos para conseguir escolher a escola como seu local de trabalho. Tem participado do Combinando Palavras com seus alunos e apesar de muitos deles não gostarem de escrever redações, a adesão ao projeto é sempre alta. Entre seus alunos, têm aqueles que chegam no professor de Língua Portuguesa com escritos que trazem de casa, esperançosos por uma orientação que os ajudem a seguir escrevendo.

Cibele Sarkis Carneiro é professora de arte e foi quem fez a finalização de um desenho para a primeira capa do projeto, depois de um concurso realizado pelo professor **Ricardo Franzin** entre os alunos. Desd

então, a cada ano são feitas mudanças, mas sempre fiéis ao desenho original, que tem uma árvore como inspiração. Na escola desde 2004, a professora contou que seus alunos de artes são muito receptivos. “Basta incentivá-los e eles voltam com coisas lindas. As habilidades artísticas deles são incríveis.”

Na edição passada do Combinando Palavras, que trabalhou o texto de Manoel de Barros, a professora Cibele motivou os alunos a desenharem a partir de uma sequência de imagens do pantanal que ela exibiu em sala de aula. Um dos alunos teve seu desenho publicado no livro. “Quando eu lhe entreguei um exemplar, ele parecia estar ganhando um Oscar. Disse que sua mãe e seu irmão não acreditariam.”

Henriette Salomão Giampietro é professora de Inglês. Sempre acompanhou os alunos, mas nunca tinha arriscado a mostrar nenhum de seus textos, o que fez pela primeira vez no ano de 2016. Ficou tão feliz, que outros professores gostaram, que pensa em produzir novo material para a edição de 2017. Ela está no Otoniel Mota desde 2002, mas sua relação com a escola é bastante afetiva. Foi onde sua mãe estudou e sua irmã mais nova. “A escola tem uma vida dinâmica. Amo esse lugar.”

Com o receio de deixar a professora **Célia Mendes Vieira Ceoldo**, umas das criadoras do projeto, de fora desta homenagem, organizada em livro, Heloísa Alves não teve dúvidas. Falou com a amiga, que hoje mora em Santo André, e lhe pediu que escrevesse algo. A mensagem chegou pelo Face-

book escrito pela educadora, que, mesmo a distância, ainda acompanha todas as edições, lendo e dando opiniões. “Quando combinamos palavras, escrevemos cartas, músicas, poesias, romances, dramas, comédias, contratos, tratados, escrituras. Roteirizamos filmes e toda uma infinidade de escritas fundamentais ao alto desenvolvimento humano”, começou a professora. Depois explicou os objetivos da iniciativa. “O Combinando Palavras oferece aos alunos a oportunidade de participação direta na condição de autores, de publicarem em livros suas poesias, contos, crônicas, músicas, além de participarem de eventos como Noite de Autógrafos, Feira do Livro de Ribeirão Preto e tantas outras ações culturais.” Antes de terminar, enfatizou: “Falando em números, o projeto já publicou 10 livros com releituras das obras de autores consagrados da literatura brasileira, de autores locais de Ribeirão Preto, como também da literatura internacional, dando aos alunos a oportunidade de testarem suas habilidades como autores. Iniciativa como esta, entre tantas outras, é que fazem da Escola Estadual Otoniel Mota uma referência e a coloca em posição de destaque no Estado de São Paulo e no Brasil. Carrego um sentimento de felicidade por ter participado como colaboradora do projeto Combinando Palavras na escola Otoniel Mota”.

A história do professor **Luiz Cláudio Novaes da Silva** com o projeto Combinando Palavras revela que mudanças propostas aos estudantes podem atingir os professores. Ele está na Escola Otoniel Mota desde 2006 e mais

recentemente resolveu escrever cordel. Mas como um professor de Química virou poeta de cordel? Ele contou essa história. Luiz se formou em Química na Faculdade de Londrina. Fez mestrado mais perto, em São Carlos. Foi para São Paulo trabalhar na indústria. Resolveu ser professor e concursado, pediu remoção para Ribeirão Preto. “A gente chega no Otoniel Mota com medo. São professores experientes e senti medo de que eles não aceitassem ideias novas. Mas eles aceitam, eles aceitam desafios.”

O que moveu Luiz da Química para o cordel foi o amor, como ele mesmo disse. “As primeiras poesias que eu escrevi foram quando eu conheci a Joyce [que viria a ser sua esposa].” A escolha do cordel como expressão artística vem de quando ele era criança. Será, então, que primeiro ele foi poeta e só depois professor? Ele lembrou que tinha dois colegas cujo pai tinha vindo do Nordeste e trouxe cordel de sua terra natal. “Cordel de cangaceiro, principalmente. A gente ia na frente da casa deles, pegava o cordel e ficava lendo.”

Ainda que leitor, Luiz nunca tinha escrito nada até conhecer Joyce. Então, primeiro ele foi professor, depois poeta. “Eu fiz uma série de poesias de amor, mas parei e ficou tudo adormecido novamente.”

Depois de 20 anos de casado, a fim de comemorar a data, Luiz resolveu, em segredo, escrever uma história em cordel. O professor reconheceu que andava pelos corredores da escola meio invejoso de outros amigos, que estavam escrevendo para o projeto Combi-

nando Palavras. “Os alunos estavam escrevendo aquelas coisas maravilhosas. Pensei. Também posso. E comecei.” Apreciador do épico, pensou em algo no estilo de Renato Russo, parecido com a música Eduardo e Mônica. Fez inicialmente dez estrofes. Terminada essa parte, lembrou-se de tantos outros detalhes, que tinha ideia para muitas outras estrofes. Seguiu. “Meu cordel virou um Faroeeste Caboclo. Eu sou suspeito pra falar, mas eu gostei muito.” Oitenta e duas estrofes de oito versos. Ele demorou dois anos para escrever seu cordel. “Foi uma coisa muito legal de fazer; eu descobri recursos, às vezes, tinha uma rima muito difícil de encontrar, que tem o recurso do dicionário de rimas, ele é on-line, mas aquela paixão pelo livro me fez comprar a versão em papel.”

“Sou um professor que se energiza a partir do jovem.”

Antes do cordel, Luiz estava meio desanimado. Motivos não faltavam. O trabalho em sala de aula estava difícil. O sistema educacional cada vez mais rígido. Começava a achar que promoveria qualquer mudança, como era seu desejo de antes. Conversando com o padre de sua paróquia, desabafou e a palavra recebida foi motivadora. “Eu estava mesmo desgostoso com a Química, com a escola, com a educação. Pensei em fazer o curso de Direito. Disse a ele que ia largar a Educação.” No dia da confissão, ele revelou que pensava estar no

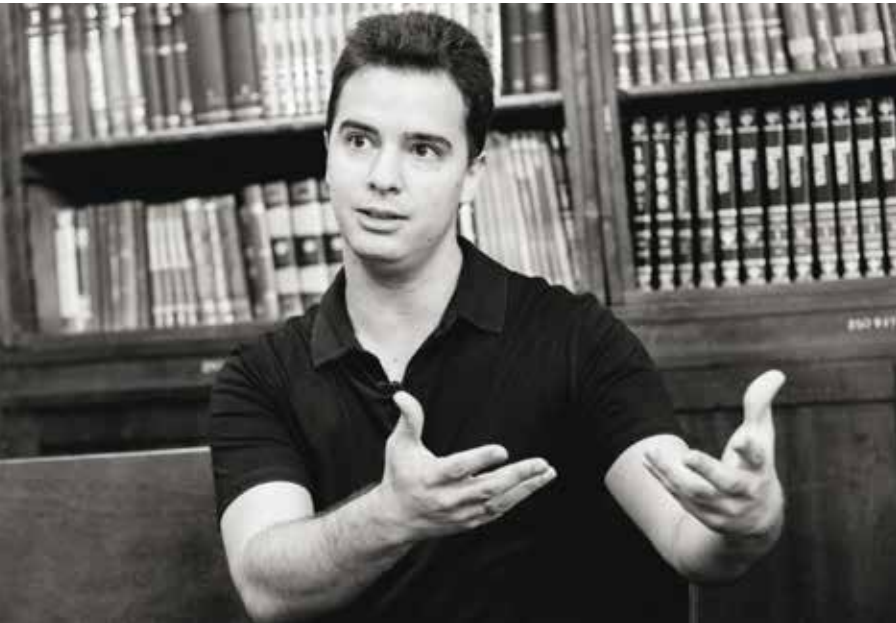
lugar errado, fazendo a coisa errada e o padre lhe disse: “Deus coloca a gente sempre no lugar que a gente precisa estar”. Aquela frase levou Luiz a refletir. A situação dele era muito antagônica. Estava insatisfeito com o resultado de muitos de seus alunos que mostravam desinteresse diante do conhecimento. Mas, por outro lado, estava encantando com os resultados do envolvimento e da produção dos alunos do projeto Combinando Palavras. “Se são os jovens que me motivam, se meu pique vem dos jovens, então, eu tinha ainda muitos motivos para continuar.”

Luiz usa todos os recursos que conhece para promover a transferência do conhecimento. Gosta de fazer música com os alunos, para explicar a Química. “Sempre uso um fundo rap sem vocal, então os alunos fazem testes das músicas que eles produzem pra entregar no final do bimestre, músicas com conteúdo de Química, e eu acho isso muito legal, porque me deu um gás profissional, e esse gás profissional eu devo ao projeto Combinando Palavras, que me inspirou. Mostrando que podemos fazer diferente, sempre.”

O professor escreve poemas no Instagram: “Onde está o que eu escrevi? Está solto por aí!”. Ele tem daqueles celular com caneta e sempre que a ideia vem, quando pode, para e escreve. “Agora mesmo, enquanto esperava para a entrevista, estava escrevendo.” Ele posta sempre e adora acompanhar o resultado com os post devolutivos dos alunos. “Sou um professor que se energiza a partir do jovem, são eles que me motivam.”

21 - Dias de estudante

Para uns, experiências escolares interferem nas escolhas de vida; para outros, a normalidade os representam



Hudson e Marcelo: experiências diferentes do cotidiano escolar.

Hudson Barbosa de Carvalho tem 25 anos e é estudante do último ano de Filosofia. O que ele faz hoje espelha experiências de sua época de secundarista. Ele passou pela Escola Estadual Otoniel Mota entre os anos de 2007 e 2009. Optou por estudar na unidade motivado pelas informações de oferta de boa educação, mas gostou tanto que não hesitou em afirmar que foi melhor do que as expectativas. “Eu vivi coisas muito importantes aqui, que mudaram completamente o rumo da minha vida.” Ele encontrou na escola o cinema e a Filosofia.

Coube ao jovem universitário responder, representando uma época, como sua

geração definia uma “boa educação”. Ele não gaguejou, não pediu tempo, nem foi prolixo: “É uma junção de coisas. Tem que ter um ensino de qualidade. Afeto da parte dos professores. Um bom relacionamento com todos os funcionários. E deve se ter uma formação não só profissional, mas uma formação humana”. Na sequência, ele ilustrou: “Ainda hoje me relaciono com os professores que tive aqui”.

O encontro dele com o cinema foi na sala do Cine Clube Cauim. Naquele dia, os alunos foram levados para assistir um documentário sobre os 100 anos da escola, produzido em

2007. Hudson já gostava de filmes, mas, para ele, foi especial ver na grande tela o cotidiano, a realidade deles mesmos, artisticamente exibida. “Muitos alunos sentiram o mesmo que eu, mas em mim tocou mais forte.” Tanto que, em 2009, ele foi trabalhar na empresa que produziu o documentário; conheceu a equipe e se inseriu naquele universo, certo de que seguiria por aquele caminho.

“Eu me descobri na escola.”

Hudson fez outros trabalhos, em especial curtas-metragens, até que um dia, já na condição de ex-aluno, recebeu um convite da professora **Heloisa Alves**. “Ela me pediu para produzir um novo documentário para comemorar os 105 anos.” Ele aceitou imediatamente, voltou para a escola e, ao longo de três meses, ouviu estudantes, ex-alunos, professores, pessoas que tinham passado pela história da escola. Foi muito elogiado depois, pelo trabalho realizado.

O primeiro ano, ele estudou a tarde, era a única oferta, depois transferiu-se para o matutino e gostou mais. No intervalo, eles aproveitavam para colocar a conversa em dia. Hudson contou que era comum alguns professores fazerem parte das rodinhas e não falavam sobre a matéria não, era o momento de falar sobre todos e qualquer coisa. Para o quase filósofo, o intervalo fazia parte das atividades acadêmicas.

A Filosofia chegou trazida pelas mãos do professor **Nestor Muller**. Eles conversavam muito sobre livros, temas intrigantes e questões polêmicas. Hudson contou que o educador costumava deixar perguntas sem respostas no final da aula e saía. Era como espalhar curiosidade. “A gente falava sobre o tema até a aula seguinte.”

A arte também foi área de interesse do jovem estudante. Ele fez parte do grupo de teatro e, em especial, participou de montagens sobre a mitologia grega. Os encontros normalmente eram na Biblioteca, o lugar preferido de Hudson na Escola Otoniel Mota. “Era o lugar que eu mais frequentava.”

Em 2016, ele voltou para a escola para uma palestra sobre Cinema e Filosofia. Falar a estudantes, como ele foi um dia, no lugar onde ele estudou, na condição de um iniciante professor, foi muito bom, disse ele. Da faculdade, ele vai para o mestrado e, não tem dúvida, seguirá a carreira acadêmica. Hudson entrou jovem no Otoniel, se descobriu na escola e, já disse, nunca a esquecerá.

O professor **Nestor Muller** não está mais na escola. Passou em um concurso e seguiu caminhos distantes.

Três décadas separam Hudson Barbosa de Carvalho do também ribeirão-pretano **Marcelo Silva de Freitas**, que nasceu em 1970 e estudou na Escola Otoniel Mota, nos anos 1980. A mãe de Marcelo foi quem escolheu onde ele estudaria, e sua decisão se deu baseada nas referências de qualidade da escola localizada no centro da cidade.

Distante do tempo, Marcelo falou que hoje sabe avaliar, olhando o que passou, como a década de 1980 foi difícil econômica, política e socialmente. Ele afirmou que muita coisa começou a mudar no Brasil a partir daquele período e a Educação foi sensivelmente atingida, vindo a sofrer perdas irreparáveis. O estado foi perdendo o controle, pouco a pouco. “Todos os meus amigos estudavam na escola pública.” Só um tempo depois a educação perdeu valor, enquanto pública, cedendo esse espaço para as iniciativas privadas, que ficaram fortes logo na década seguinte.

Ao longo da conversa, lembrou ainda que as pessoas que não conseguiam atingir os resultados exigidos e eram reprovadas vários anos, ou não tinham mesmo a chance de estudar, se apresentavam nas escolas que ofereciam cursos para jovens e adultos chamados Madureza. Era como Supletivo, vários anos em um só. As primeiras escolas particulares não eram tão concorridas como as de hoje. Foi nessa época que surgiu o chavão “pagou, passou”.

Hoje, como professor da área de humanas, Marcelo coloca-se entre aquelas pessoas que comprou mais livros do que conseguem ler. Falou e riu. Não foi prejudicado pelo fato, diferente de Hudson, de nunca ter frequentado a biblioteca no ensino médio. A análise do ex-aluno é simples, ler, na turma dele, e acredita que nas que se seguiram, nunca foi um

hábito para todos. Não era normal. A relação com o livro era de obrigatoriedade. Ele entrou na biblioteca pela primeira vez no dia da entrevista. Ao longo de sua vida de estudante, nunca se sentiu instigado, curioso.

As lembranças que Marcelo guarda estão relacionadas às amizades que fez. Ele é categórico ao afirmar que a escola faz parte da vida dele, assim, ele faz parte da história da escola, numa relação complementar.

Aproveitando a oportunidade, ele visitou o prédio em busca de reminiscências. Depois contou que, apesar de muito conservado, parece diferente hoje, não porque de fato esteja, mas porque o olhar não procurava as mesmas coisas. Viu o forro do teto e não lembrava como era. A cor da tinta, certificou que era mais esverdeada, em relação à mais cobreada de agora. A escola pareceu menor, e acha que é só uma questão de sensação.

Mesmo já na faculdade, Marcelo contou que tinha sonhos recorrentes vividos no prédio da escola. Se via descendo as escadas, correndo pelo pátio, nos corredores cheios de gente. O professor ex-aluno não tinha histórias específicas para contar, mas lembrou que participou um tempo da fanfarra; muito para agradar à sua mãe. Ele definiu que não é saudosista e que sua passagem pela escola foi como para muitos outros estudantes. Sem altos nem baixos, no nível da normalidade.

22. Por eles e por nós

Estudantes do Otoniel Mota ocupam escola contra reorganização proposta pelo estado



Alunos da ocupação em sala de aula. 2015. Acervo dos alunos.

Em São Paulo, o governador do Estado, Geraldo Alckmin, anunciou, no dia 23 de setembro de 2015, nova organização da rede estadual de ensino paulista propondo a separação das escolas em unidades de ensino fundamental 1, para crianças do 1º ao 5º ano; ensino fundamental 2, do 6º ao 9º ano; e

ensino médio. Como consequência, 93 escolas seriam fechadas. A equação matemática da proposta resultaria em que 1,8% das 5.147 escolas do estado seriam reorganizadas, 311 mil alunos mudariam de escola do total de 3,8 milhões de matriculados. A mudança atingiria também 74 mil professores.

Em protesto às medidas, no dia 9 de novembro, os estudantes da Escola Estadual Diadema, no ABC paulista, resolveram ocupar a unidade. Depois foi a Escola Fernão Dias, em Pinheiros, na zona oeste de São Paulo e logo já eram 196 escolas de todo o estado. A imprensa deu destaque. A polícia foi chamada em nome da manutenção da ordem. Houve conflito e o caso das duas primeiras escolas foi parar na justiça, que concedeu a reintegração de posse de ambas as escolas. Mas logo na sequência, antes que eles saíssem do prédio, o juiz Luis Felipe Ferrari Bedendi, da 5ª Vara de Fazenda Pública, quatro dias depois da ocupação, derrubou a decisão alegando “não ser a proteção da posse, mas uma questão de política pública que deveria ser discutida com a população”.

Por causa dessa decisão judicial, no dia 14 de novembro, chamado de Dia E, as escolas ficaram abertas para receber a comunidade e tirar as dúvidas de pais e alunos. Não foi o suficiente, pois a medida tinha sido anunciada sem qualquer conversa prévia e não refletia a vontade da comunidade escolar. Por isso, os estudantes resolveram seguir com a ocupação. O governo do Estado recorreu à justiça, mas sofreu nova derrota. No dia 23 de novembro, três desembargadores defenderam que não havia o que reintegrar; os estudantes tinham o direito de protestar e a ocupação continuou. Ora eles ficavam nas escolas, ora iam para as ruas manifestar. A polícia esteve presente o tempo todo e alguns estudantes foram detidos. Entidades de movimentos

organizados, como o Movimento dos Sem-Terra (MST) e a Associação dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp) declararam apoio aos estudantes e ocuparam algumas outras escolas.

No dia 1º de dezembro, estudantes da Escola Otoniel Mota, em Ribeirão Preto, resolveram ocupar o prédio. Entre eles, estavam **Seimour Pereira de Souza Filho e Thiago Rodrigues Ribeiro Santana Santos**. A escola foi a última a ser ocupada. Às 6h30 da manhã, os integrantes do manifesto pularam o muro da unidade e impediram que outros estudantes e funcionários entrassem. A Escola Otoniel Mota não seria atingida pela reorganização, mas mesmo assim eles entenderam que tinham que se somar ao movimento pela educação e pelos estudantes diretamente afetados pelas mudanças propostas. Em Ribeirão Preto, passariam a ter ciclo único, as escolas Professor Domingos Spinelli, de ensino médio e Professor Oscar de Moura Lacerda, com atendimento aos alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Diferente de São Paulo, em Ribeirão Preto, a Justiça determinou a reintegração de posse, afirmando que os alunos do Otoniel Mota teriam que sair em 24 horas. O pedido foi apresentado pela Procuradoria-Geral do Estado e acolhido favoravelmente pelo juiz Reginaldo Siqueira, da 1ª Vara da Fazenda Pública, alegando tratar-se de uma manifestação política que afrontava diretamente o direito dos funcionários de trabalhar e dos demais estudantes de frequentar a escola, já que o



ano letivo não tinha terminado.

A Apeoesp entrou com recurso contra a decisão do Juiz e a desocupação foi suspensa por decisão do relator Coimbra Schmidt, da 7ª Câmara de Direito Público. O magistrado apegou-se aos motivos já anunciados pela justiça da cidade de São Paulo, quanto à necessidade de haver democracia na gestão pública do ensino.

No dia 4 de dezembro, o governador Geraldo Alckmin suspendeu a reestruturação. Em assembleia, os estudantes de Ribeirão



Preto resolveram seguir com a ocupação, colocando na pauta reivindicatória demandas internas da escola, como a instalação de um refeitório, a não perseguição aos estudantes que participaram da ocupação e a implantação de medidas para a melhoria na qualidade do ensino.

O movimento tinha começado no período noturno, com alguns debates internos entre os estudantes sobre o que estava acontecendo no restante do estado. Seymour frequentava o terceiro ano diurno e se informava sobre tudo

fazendo perguntas ao professor de Sociologia Rafael Arone Marco Bassanti. Ele queria se inteirar e integrar o movimento. Não só porque acreditava na manifestação como forma legítima de participação política, mas porque se entendia um personagem daquela história, já tendo militado nos movimentos negros. “Esse tema me atravessa”, disse ele, ao longo da entrevista, especialmente agendada em dia especial, já que Seymour está cursando a Faculdade de Ciência Política, na cidade do Rio de Janeiro, e só estaria em Ribeirão Preto naqueles poucos dias de férias.

O jovem nascido em 1998, aluno do Otoniel Mota, de 2013 a 2015, foi bastante crítico ao afirmar que a política em Ribeirão Preto é atípica em relação ao que ele entende como movimento social. “É muito enfraquecida. Poucos se organizam em pautas reivindicatórias. Isso reflete diretamente no movimento estudantil, mais forte nas universidades e quase inexistente na escola secundarista.” Especificamente sobre a Otoniel Mota, ficou claro na fala do estudante politizado que a escola não é diferente das demais. Também seus alunos estão apáticos em relação aos movimentos, mas reconheceu que a tradição de escola boa e atuante pesa no comportamento dos seus matriculados e, por isso, ela é só um pouco mais presente nessas questões sociais do que as demais escolas.

Seimour contou que estava acompanhando tudo o que acontecia no estado. Diante da certeza de que tinha que fazer parte daquele episódio histórico, se apresentou

para a ocupação do Otoniel Mota. Sob a coordenação dos estudantes do noturno, entre eles Yuri e Mariara, foi marcada uma primeira data e logo remarcada, por entenderem que seria preciso mais envolvimento dos estudantes. Era certo para eles que seriam dias difíceis; a presença da polícia, a repressão da escola, as críticas dos contrários, a cobertura da imprensa, o processo de criminalização que enfrentariam. Precisavam fortalecer mais o grupo antes de efetivamente ocupar o prédio. Seimour destacou que a favor deles tinha o fato de já saberem como as coisas estavam acontecendo em outras escolas ocupadas. Outras três datas foram marcadas e remarcadas até que no dia 1º de dezembro eles pularam o muro e ocuparam a escola.

Thiago Rodrigues Ribeiro Santana Santos chegou naquele dia para assistir a uma partida de futebol agendada pelo interclasse. Seu irmão era um dos artilheiros do campeonato. Mas, então, percebeu o que estava acontecendo. Ele sabia sobre as questões da reorganização e dos manifestos em outras cidades. Até aquela data Thiago não tinha participado de nenhum debate fora da sala de aula, em especial na disciplina de Sociologia. Foi quando ele resolveu ficar e se juntar aos demais. Articulou com os dois grupos a não interrupção do interclasse e não voltou para casa naquela data.

Também no terceiro ano, o jovem estudante chegou ao Otoniel Mota transferido da Escola Thomaz Alberto Whately. Ele foi persistente para conseguir sua vaga, com os outros

amigos, advindos da mesma escola do ensino fundamental. Já parte da ocupação, Thiago confessou ter aprendido muito naqueles dias. “Era muito diferente de casa. Ali eu tinha que pensar coletivamente, e éramos muitos. Saí desta história mais organizado e responsável. Tenho outra ideia sobre questões que envolvem o patrimônio público, por exemplo.”

Thiago está trabalhando em uma empresa de telemarketing. Foi preciso negociar o horário para ele conseguir ir até a escola participar da entrevista. Ao longo de 2016, ele não frequentou uma faculdade, mas falava animado que cursaria o ensino superior em Ribeirão Preto mesmo.

Na rotina daqueles dias, eles tomaram muito cuidado para não estragar nada. Muito pelo contrário, falava Thiago, feliz com o que fizeram. “Nós limpamos a escola, pintamos um banheiro que estava pichado e deixamos tudo como encontramos.”

Filhos da curiosidade, o jovem estudante revelou que entraram em várias salas, sempre fechadas, em busca de descobrir se a escola escondia alguma coisa. Eles acreditavam que sim. Entraram na sala que guarda os documentos que estão sendo recuperados por outros ex-alunos. Imediatamente, Thiago sentiu a necessidade de explicar que não mexeram em nada. Eles perceberam, no pouco tempo que ficaram lá, que eram documentos da história da escola. Se tivessem tido mais tempo, ou mesmo mais curiosidade, teriam descoberto que em anos passados a mesma escola que passava por uma ocupação

de estudantes em forma de protesto contra medidas políticas chamadas de autoritárias, por não terem sido formuladas a partir da participação popular, tinha sido palco de outras ações políticas da mesma linha.

Thiago e Seymour ficaram na ocupação até o último dia. Eles participaram das rodas de conversa sobre racismo, feminismo, das aulas de professores da USP, dos bate-papos com integrantes da União Geral dos Trabalhadores (UGT), participaram das apresentações de Maracatu, que de tão barulhenta, com tambores, fez com que moradores próximos denunciassem o estouro de bombas, que, claro, nunca aconteceu.

Assim como no restante do estado, os estudantes ribeirão-pretanos também foram procurados por representantes de outros movimentos, partidários e não partidários. Eles dialogaram com todos, mas, segundo Seymour, não quiseram associar a causa deles a de outros grupos. “A gente tinha maior proximidade com a UGT, por exemplo, por entender que eles representam os movimentos, mas outros eram mesmo oportunismo e cuidamos para não nos vincularmos.”

Em relação à imprensa, eles tiveram muitos problemas com notícias que os colocavam como baderneiros. “Não era nada disso”, desabafou Thiago. “Eles nos criminalizaram sem nos ouvir”, completou Seymour. No final, só falavam com alguns jornalistas.

Foram 14 dias de ocupação. Quando saíram, os estudantes divulgaram uma carta pública onde escreveram: “Nós, alunos, que

ocupamos o Otoniel Mota em luta pelo fim da reorganização escolar e por nítidas melhorias na educação do Estado, vimos publicamente e por páginas particulares para maior visibilidade, informar que a nossa ocupação está encerrada a partir do dia 14/12/2015. Informamos também que, entretanto, não estamos distantes da luta educacional, ao contrário, nossa desocupação ocorre em virtude da preocupação com demais aspectos da vida escolar em questão. Quanto ao horário de funcionamento da unidade, caberá à gestão escolar comunicar à comunidade. Formamos um grupo



Alunos anunciam insatisfação. Foto: acervo dos alunos. 2015.

consciente e convicto. Continuaremos mobilizados em busca de objetivos para a melhoria da educação".

Ao longo dos 14 dias, os estudantes foram amparados não só por integrantes de outros movimentos, mas por alguns professores que, independentemente de causas políticas, entendem e valorizam a formação dos alunos como cidadãos plenos. Alguns carinhosamente citados por Seimour e Thiago. Eles confirmaram que a ajuda mais próxima de educadores foi fundamental, não somente naquele episódio, mas na vida escolar dos dois. O jovem estudante da universidade do Rio de Janeiro, que passou em outras três instituições públicas, esclareceu que estudar no Otoniel foi muito importante para ele, assim como o apoio de seus pais e sua dedicação pessoal, que estudava de manhã, trabalhava à tarde e frequentava o cursinho popular da USP à noite.

Seimour afirma que aprendeu muito naqueles dias de ocupação, tanto que no ano seguinte fez parte de nova ocupação na universidade. "Vou sempre me lembrar da experiência vivida no Otoniel Mota", escola que ele repete mais de uma vez ser de vanguarda.

Nem Seimour nem Thiago estudam mais no secundário. Não sabem afirmar o que mudou na escola depois da ocupação, mas não se arrependem de nada. Pode até não ter sido dessa vez, mas, para os dois, em especial para o estudante de Ciência Política, a educação de qualidade que se deseja virá como fruto de muita articulação popular.

23 - Direto para a universidade

Depois de muita dedicação, aluna deixa escola secundária e passa de primeira na Medicina da USP



Larissa, ex-aluna da Escola Otoniel Mota, em seus dias de caloura no Curso de Medicina da USP. 2016. Foto da ex-aluna.

A professora comemorou efusivamente o resultado do vestibular de 2015. Cada aluno aprovado é a materialidade do conhecimento transferido. No caso da estudante **Larissa Silva Coimbra**, foi ainda especial, porque **Cláudia Maria Cantarela Silva**, educadora da Língua Portuguesa, sabia das motivações da aluna em se formar médica. “Ela sempre quis cursar Medicina.”

Sem qualquer possibilidade de pagar a

mensalidade de uma escola privada, certamente focada em passar no vestibular, Larissa escolheu estudar no Otoniel Mota, motivada pelas histórias que sempre ouvira sobre ser uma escola tradicional.

O lugar mais frequentado pela estudante secundarista, como não poderia deixar de ser, era a Biblioteca Francisca Ribeiro Mira de Assumpção. Só lamentou que, algumas vezes, por falta de um funcionário para acom-

panhar as atividades, ela ficava fechada. “Eu nunca me esqueço da biblioteca da escola. Tenho memórias lindas daquele lugar. Foi uma das coisas mais majestosas que achei de lá, quando entrei na escola. Tinha um bom acervo também. Passava horas e horas por lá, lendo e estudando.”

Os professores foram importantes para a formação de Larissa. “Todos excelente profissionais”, mas, como é normal, alguns, até pelas preferências das disciplinas, marcam mais a vida do aluno. No caso de Larissa, além da professora Cláudia Cantarella, foram especiais os professores **Daniel Weber**, de Filosofia e



Professora Cláudia acompanha alunos ao longo do tempo.

Rafael Aroni, de Sociologia. “O Otoniel foi essencial na minha formação. Lá aprendi, além dos conteúdos curriculares normais, questões de cidadania. Adquiri formação política. As aulas de Humanidades, principalmente, foram fundamentais para me formar como ser humano.”

Larissa participou da ocupação, em 2015, mas com horários restritos, ela estava muito envolvida com os vestibulares que aconteceram no mesmo ano. “Só ia visitar, não passava a noite”.

Quando passou no curso de Medicina, na USP, em Ribeirão Preto, todos queriam saber quem era a menina. Ela deu entrevistas e foi citada muitas vezes como exemplo de sucesso. E não foi só essa aprovação, ela teve a oportunidade de escolher. Passou na Federal do Triângulo Mineiro, na Federal do Rio de Janeiro, e conseguiu 100% de bolsa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mas estudar sem deixar sua casa logo se confirmou como a melhor opção. Ela sabe que os bons resultados alcançados refletem sua dedicação.

A futura médica não conseguiu deixar a universidade para dar uma entrevista. Sua rotina de estudos é ainda maior do que o tempo de secundarista. Dependente de transporte coletivo para ir e vir, não era uma opção sair do campus da USP, ir até o centro e voltar. Então, a conversa se deu pelos meios eletrônicos.

Os pais da jovem universitária vieram de Minas Gerais. De formação humilde, eles sempre incentivaram a filha a estudar. O

desejo dos familiares era que ela tivesse uma vida melhor do que a deles. Aos 11 anos de idade, Larissa resolveu ser médica. Com um caso de doença em casa, ela passou a frequentar hospitais. “Todo dia eu via, em cada cura, uma alegria. Senti que queria fazer parte daquele universo. Eu também queria salvar vidas. Sabia que não seria fácil passar no vestibular, mas nunca tive dúvidas de que era médica que eu queria ser.”

A dedicação da estudante foi disciplinar. Pela manhã, ela estudava na Escola Otoniel Mota. Depois, ia direto para a biblioteca da USP e passava a tarde toda pesquisando, lendo. De lá mesmo, seguia, às 18 horas, para o Cursinho Popular, oferecido gratuitamente pelos estudantes de Medicina. “Quase todos os dias eu chegava em casa por volta da meia-noite.”

Quando o final de semana chegava, não era um anúncio ao descanso, muito pelo contrário. Larissa, muitas vezes, aproveitava os sábados e os domingos para estudar ainda mais. “Às vezes, eu tinha simulados no cursinho.” Para a futura médica, o Enem é uma oportunidade para o estudante de escola pública ingressar numa universidade de qualidade. “As universidades públicas têm se preocupado cada vez mais com a inclusão de alunos oriundos de escolas públicas, mas que ainda são minoria, principalmente nos cursos mais concorridos.”

Sobre o sistema de cotas raciais, Larissa tem opinião formada. “Trata-se de uma medida de reparação histórica, educacional e social. Em 2016, conforme contou Larissa,

88,2% dos alunos de Medicina da Universidade de Campinas (Unicamp) eram oriundos da escola pública. E no caso da Unicamp, não há a prática de cotas. Existem outras propostas de ascensão do estudante. “O vestibular ainda é muito injusto. Casos como o meu, infelizmente, ainda são a exceção, não a regra”, repetiu Larissa em muitas de suas entrevistas.

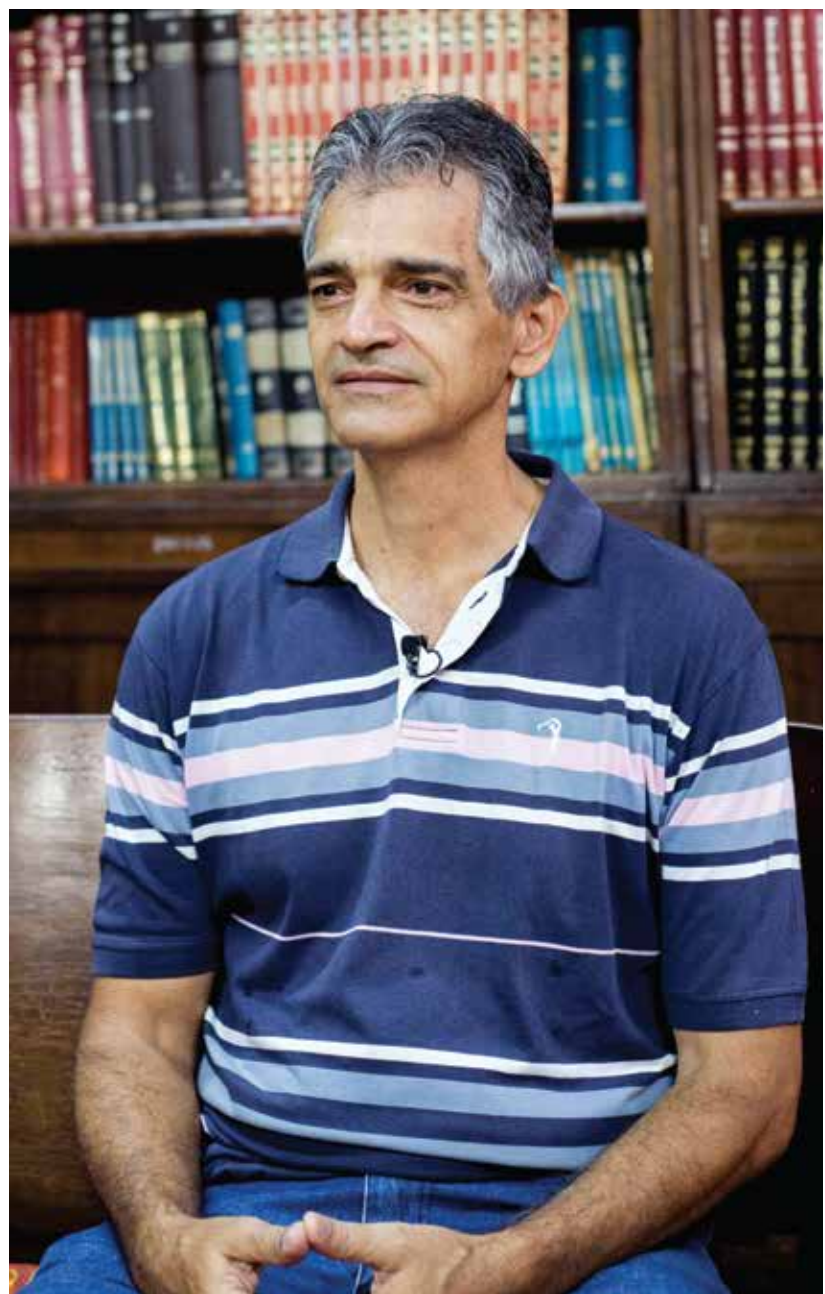
De volta à professora Claudia Cantarelle, que na condição de mãe de três filhos, sabe muito bem quais são as apreensões dos estudantes, ela consegue uma aproximação que às vezes não ocorre com outros educadores. No Otoniel Mota desde 2010, transferida da escola Thomaz Alberto Whatelly, a professora se orgulha de não perder a relação com seus alunos, mesmo depois que eles se vão. Tanto é verdade que na busca por encontrar estudantes para entrevistar, todas as indicações voltavam para ela. “Fale com a Cláudia, ela tem e-mails e telefones de todos os alunos.”

A professora sabe que sua aproximação com os estudantes tem a ver com a carga horária de sua disciplina. “O aprendizado da Língua Portuguesa propõe mais aulas do que as demais matérias”. Mas não é só. Cláudia faz a chamada por nome, não por número. “Eu gosto de saber quem é quem, conhecer, saber um pouco mais. Isso me aproxima.”

Uma professora mais próxima e uma aluna dedicada são elementos fundamentais de uma equação que tem como resultado o sucesso acadêmico. Seja a felicidade da Cláudia como profissional, ou a alegria da Larissa como aprovada.

24 - Pelo direito à memória

A ação de professores e ex-alunos na implantação do Centro de Documentação e Memória da Escola Estadual Otoniel Mota



Denise, ex-professora, Beto ex-aluno, os dois são voluntários no CDMOM.

A Escola Otoniel completava 100 anos de existência, em 2007, e parte de sua memória se acumulava nos porões úmidos do edifício, sujeita à ação do tempo, aos vazamentos e à poeira. Algumas memórias revelam a dificuldade para que essa documentação chegasse aos dias de hoje. **Denise Cardoso de Souza**, que foi professora de História no Otoniel e hoje está aposentada, contou como alguns livros foram jogados fora na época da ditadura civil-militar. A guardiã dessa memória, naquele tempo, dona **Francisca Ribeiro Mira de Assumpção**, “que era daqui da biblioteca, junto com mais algumas pessoas esconderam esses livros no porão para eles não serem queimados, jogados fora na época”.

Em meio às atas, aos livros de ponto, jornais, às fichas de alunos e outros tantos documentos que chegaram aos dias de hoje, é possível entrever partes importantes da história do ensino público do País, por meio da centenária trajetória do Gynásio do Estado de São Paulo de Ribeirão Preto.

Embalados pelos festejos dos Cem Anos, um grupo de professores se reuniu para dar vida a um projeto que lançaria a semente para preservar a memória das pessoas que, juntas, deram vida à Escola Otoniel Mota. Aderiram à ideia, além de Denise, a professora de Língua Portuguesa, **Ana Carmem Cadurin de Oliveira** e os professores de História **José Adalberto Borges**, o de Filosofia, **Nestor Reinold Müller** e **Renato Lima de Oliveira**. Na época, o diretor da escola era **Antonio Dias de Novaes**. Juntos, procuraram o curso

de Ciências da Informação e da Documentação, da USP, que por meio da professora Silvia Maria do Espírito Santo orientou na criação do Centro de Documentação e Memória da Escola Estadual Otoniel Mota (CDMOM).

Denise lembrou que era uma questão de assumir a “responsabilidade de preservar a memória” como forma da “nossa cultura continuar existindo, da história de Ribeirão Preto continuar existindo”. Depois de escrito, o projeto do CDMOM foi enviado para a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo e para o Ministério da Educação, além de ter sido apresentado em congressos fora do País. Havia muito esperança de conseguir apoio para a implantação do centro, naquele momento.

Mas isso já faz dez anos. “Ele foi lançado na época da comemoração do centenário e até hoje ele vem patinando. As pessoas gostam, as pessoas se apaixonam pela ideia, mas recursos humanos, recursos financeiros e materiais estão muito difíceis.” Contudo, as dificuldades não diminuem a compreensão sobre a importância do projeto, “porque a Otoniel é a memória da educação pública no nosso Estado e do nosso país”. Ao longo dessa última década, um grupo de ex-alunos e ex-professores continua acreditando nisso e segue “salvando, higienizando, tentando cuidar desse material” que representa “milhares de documentos”.

Atualmente, Denise Souza e alguns ex-alunos são voluntários no CDMOM. Juntos, “sacrificam algumas horas” e isso “salvou essa

ideia e está salvando alguns documentos". Este é o caso de **José Adalberto Silva**, aluno do Otoniel entre 1969 e 1975 que, ao falar, representa a todos os envolvidos. Ele começou a entrevista lembrando que a sua passagem pelo Gynásio foi uma "época ampla e formadora da sua personalidade e das relações afetivas". José Adalberto, chamado por todos de Beto, guarda um sentimento de gratidão afirmando que "chega um momento em que você quer quebrar um paradigma" e se pergunta: "O que você pode fazer para a escola?". Foi buscando resposta a esse questionamento que veio a motivação para contribuir com o trabalho de preservação da memória do Otoniel.

Logo depois das comemorações dos 100 anos, ele entrou para o grupo que estava organizando o projeto do CDMON se espelhando nas pessoas que tinham essa motivação. Em sua memória, ficou: "Como obras espetaculares estavam esquecidas". Depois de tantos anos como voluntário, ele passeia por entre os documentos em fase de catalogação com orgulho, inclusive, por ter encontrado ali a história de um tio de sua esposa, Eugênio Rocha, que, em 1937, tomou posse na cadeira de História Natural.

Denise também revelou algumas preciosidades encontradas entre os alfarrábios. Um livro autografado pelo professor Otoniel Mota; uma ata dos conselhos de classe dos primeiros anos do Gynásio; o registro com fotos dos professores da época; uma carta de

uma ex-aluna agradecendo a um antigo servente aqui da escola, jardineiro, senhor João, que nos anos 1930 ajudava os alunos que passavam por algumas crises. Segundo ela, esse acervo está todo guardado, esperando para se tornar vivo, por meio da conservação e, em alguns casos, do restauro.

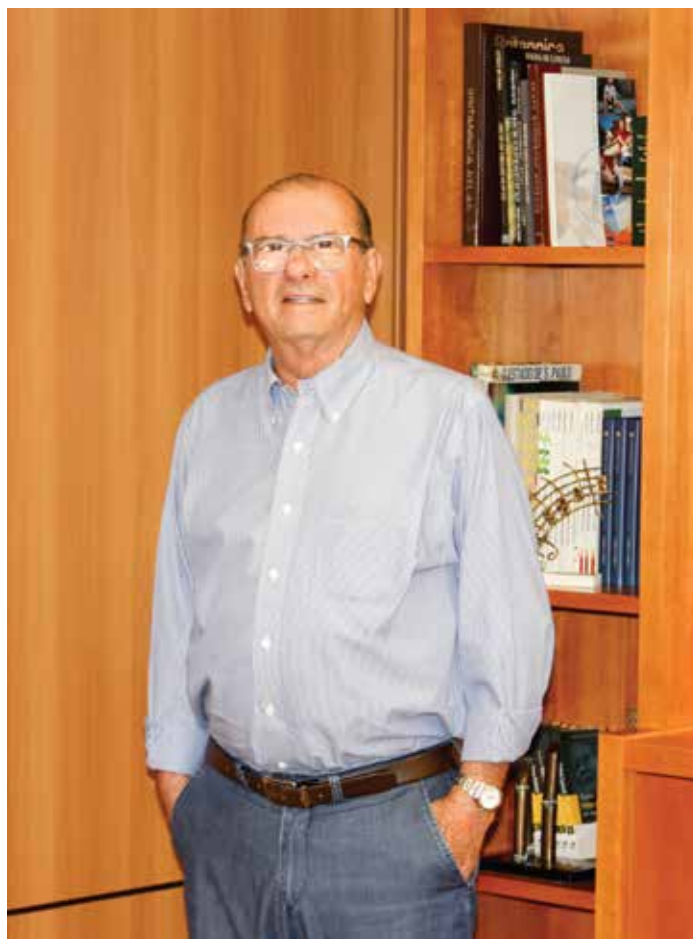
Faltam dinheiro e recursos humanos para continuar o trabalho. E é nesse ponto que Denise faz um apelo aos ex-alunos que passaram pelo Otoniel: "Se puder ajudar a gente... Esse apelo nós temos feito há muitos anos e eu acho que nós vamos conseguir". Afinal, esse é "um trabalho fantástico e apaixonante para quem trabalha com a história, com a memória, mas eu acho que isso vai acontecer um dia, eu tenho fé".

Parte da memória da escola pública ainda está lá, esperando para tornar-se viva. São "histórias que o tempo vai esquecendo, mas que formam essa emoção que tem nas paredes dessa escola", afirmou Denise. Essa memória "aquece o coração das pessoas que por aqui passaram e até de pessoas como eu, que não estudei aqui na escola; eu vim de outra cidade e cheguei logo pelos primeiros anos e me apaixonei".

Para esses voluntários, preservar os arquivos do Otoniel Mota não é apenas uma questão afetiva, mas um direito e um dever. Denise, citando o escritor português José Saramago, complementou: "Sem a memória não existimos, e sem a responsabilidade talvez não merecemos existir".

25 - Gratidão e devolutiva social

Ex-alunos compartilham a emoção em poder contribuir com a escola onde estudaram



Camilo Xavier e Luiz Octavio, dois ex-alunos gratos à educação que receberam na Escola Otoniel Mota.

Os anos 1940 e 1950 são respectivamente quando **Camilo Andre Mercio Xavier e Luiz Octavio Junqueira Figueiredo** entraram no Instituto de Educação “Otoniel Mota”. Essa foi uma época na qual o analfabetismo abrangia cerca de 50% da população acima de 15 anos e as escolas secundaristas eram escassas. Aqueles que terminavam o primário precisavam se submeter ao exame de admissão para entrar na

próxima etapa escolar, que durava quatro anos. Depois disto, era necessário escolher entre o científico, o clássico ou normal. Este último era destinado às meninas que seriam professoras primárias e aguardavam para se casar.

Camilo e Luiz Octavio seguiram o caminho do científico. Em comum estes dois homens também compartilham a certeza que devem muito à escola pública onde estudaram,

hoje chamada de Otoniel Mota. Por meio do conhecimento, do contato com os professores e da construção de amizades, moldaram uma parte importante dos seus valores. Principalmente, ficou neles a crença que a educação é transformadora. Quando bem orientada, ela forma não apenas profissionais, mas pessoas completas, cidadãos inseridos de forma plena na comunidade em que vivem.

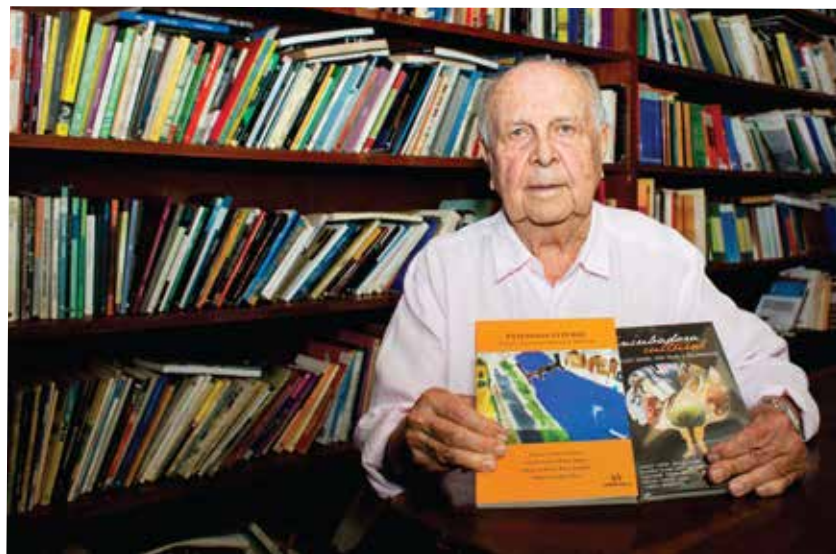
Este é o caso do Dr. Camilo André, ortopedista, formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre nos anos 1950, e professor titular aposentado da cadeira de Ortopedia e Traumatologia e de Bio-Engenharia da USP de Ribeirão Preto. Médico e poeta, ele acumula prêmios literários e acredita na cultura e na leitura como a base para a formação escolar.

No Otoniel Mota ele afirmou ter recebido aconchego e crescimento intelectual. Foi membro do centro acadêmico e participou das atividades culturais da escola, que considerou ter sido uma alavanca que lhe deu condições para avançar na vida. Dos professores, Camilo lembrou serem “pessoas relevantes na sociedade” ribeirãopretana, com eles obteve uma “ponte cultural”.

Edgardo Cajado foi o primeiro a vir em sua memória. Médico por mais de 30 anos, ele foi diretor do Gynásio do Estado entre 1931 e 1954. Camilo o descreveu como uma figura exigente, temida, mas que marcou profundamente sua vida. Lembrou, inclusive, de ter sofrido “algumas penazinhas” aplicadas pelo médico-diretor. Outro que saltou em sua memória foi **Dr. Paulo Valentie de Oliveira**, ginecologista formado na

França, lecionou ciências naturais, mas também era um apaixonado por fotografia, tendo sido parte do primeiro grupo do Cine Foto Clube de Ribeirão Preto. **Romero Barbosa**, que também foi diretor entre 1965 e 1968, foi descrito como “figura efusiva, que contava grandes histórias”. Com os olhos brilhando e um sorriso, de repente Camilo voltou a ser adolescente. À mente vieram as poesias decoradas e recitadas para a professora de espanhol, “uma graça como mulher”, que todo o grupo de meninos admirava.

Depois de uma vida estudando em escola pública, o professor Xavier, como é conhecido, afirmou que precisava “retribuir de alguma forma” tudo o que recebeu. E a sua retribuição veio com a iniciativa de dois projetos: a Arca Cultural e a Incubadora Cultural. “Tudo que faço entra dentro de uma malinha que eu levo de mão”. É assim que Camilo Xavier descreve a sua devolutiva social para os alunos da escola Otoniel Mota.



Camilo Xavier leva literatura à Escola Otoniel Mota.

Em 2010, quando era presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras, ARL, inaugurou o projeto da Arca Cultural em um stand no Palace Hotel, na Feira do Livro daquele ano. Posteriormente transferida para o Otoniel Mota, a Arca começou com a exposição de obras de escritores de Ribeirão Preto para conhecimento e consulta por parte dos alunos. Também passaram a ocorrer palestras dos membros da ARL. Contribuindo para formação humanística dos estudantes, tornou-se um projeto itinerante com acervo de escritores ribeirãopretanos.

Em 2014, Camilo, junto com outros idealizadores, entre eles, **Heloísa Martins Alves, Elaine Assolini, Alberto Gonçalves e Alexandre Salgado**, lançaram a “Incubadora Cultural”. O projeto foi concebido para o público jovem em parceria com a escola Otoniel Mota e a Faculdade de Medicina da USP. A ideia começou com um concurso de textos com o tema “cultura”. “Eu sempre quis mostrar que é possível as universidades, que as vezes são um pouco isoladas, conseguirem trabalhar junto com a coletividade, eu acho que falta um pouco esse tipo de interação”. Foi com essa certeza que o projeto foi desenvolvido, tendo como resultado a publicação de um livro, divulgando os textos e artes visuais produzidos por alunos e professores do Otoniel.

Para o médico-poeta a escola precisa ser encarada pela comunidade como um bem de todos, porque ela é o “templo da educação”. Um pertencimento que ele tem certeza que deve ser fortalecido com a participação das pessoas

na vida da escola das mais diversas formas.

Essa também é a opinião de Luiz Octávio Junqueira Figueiredo. Formado em agronomia pela Esalq, USP, ele é um dos principais empresários do ramo agroindustrial da região de Ribeirão Preto. Nascido nos anos 1940, ele entrou para o então Instituto de Educação Otoniel Mota com 11 anos, em 1954, e saiu em 1960. A escolha foi definida pela certeza que essa era a “melhor escola de Ribeirão Preto”, reunindo um “corpo docente e discente extraordinário”. Para ele, era um exemplo de escola que incentivava a dedicação e o esforço dos alunos, por meio de uma disciplina rígida e de professores exigentes.

Entre eles estavam **Lucy Musa Julião e Florianete de Oliveira Guimarães**. Esta última foi considerada responsável por ter lhe inculcido o gosto pela leitura. “Por isso, estou sempre acompanhando as atividades junto ao livro. Quando eu vejo lá em casa os Lusíadas, eu lembro dela, que exigia o estudo de todos os cantos. Nossa... Valeu!”, afirmou Luiz Octávio.

“Vossa Excelência o livro. A Humanidade deve muito ao livro”. Essa frase, dita pelo empresário durante uma entrevista para a 8ª. Feira do Livro de São Joaquim, diz muito sobre o legado deixado em sua alma pelos professores do Otoniel Mota. Hoje, Luiz Octávio não acredita em mundo melhor sem livros e leitores. Essa crença que o faz ser um incentivador de eventos como as Feiras do Livro de Ribeirão Preto e de São Joaquim da Barra, além de patrocinar a publicação de várias obras.

Sobre os anos vividos no Otoniel Mota,

lembrou ainda da efervescência política vivida durante o governo de J.K. e do “fenômeno Jânio Quadros”. E era nesse clima que ocorriam os debates no Parlamento, normalmente aos finais de semana. “Os alunos viviam e era muito interessante”. Como outros contemporâneos, como **Feres Sabino** e **Sérgio Roxo**, Luiz Octávio também defendeu que esses debates devem voltar à escola, como forma de torná-la viva, envolvendo os alunos na discussão sobre assuntos políticos da atualidade.

“Eu agradeço muito o que eu recebi no Otoniel Mota, tudo o que eu aprendi”. É baseado nisso que para Luiz Octavio a melhor forma de retribuir é justamente apoiando a escola, na comemoração pelos seus 110 anos. “É o mínimo que eu poderia fazer. Mas, poderia fazer mais”, afirmou. Para isso, acredita que o governo precisa desenvolver outros mecanismos que facilitem o apoio da iniciativa privada.



Luiz Octavio apoia projetos culturais realizados na escola.

Isso garantiria maneiras de participação de outros ex-alunos em ações de diversas escolas.

Terminou dizendo que o Otoniel Mota foi o seu exemplo. Foi lá que ele consolidou a certeza que “todo dia é dia de aprender”. Finalizou afirmando que a “escola está presente no dia-a-dia do cidadão, porque todo dia nós temos que aprender alguma coisa em todas as áreas do conhecimento. Todas”.

Como Camilo e Luiz Octávio, muitos ex-alunos retornam às suas escolas de origem com sentimento de gratidão. Cada um leva em sua bagagem aquilo que aprendeu e deseja compartilhar com as novas gerações. Outros exemplos como esses estão espalhados pelo Brasil, mas acreditamos que é possível aumentar esse envolvimento entre o cidadão e a escola, por meio do fortalecimento dos laços de pertencimento e da certeza que a educação é uma construção coletiva.

“Educar cidadãos e educá-los com maestria - partindo notadamente de uma concepção meritocrática -, é uma arte... um ofício, tão nobre quanto difícil, especialmente quando se consegue exercer este mister há 110 anos. Parabéns por perseguirem este ideal diuturna e incansavelmente. Sinto-me honrado e profundamente agradecido por ter participado desta história de sucesso, como um dos muitos alunos que esta consagrada Escola forjou.”
Luiz Octavio Junqueira Figueiredo

26 - Um novo milênio

Encontro dos vários tempos em sala de aula
evidencia fragilidades de um sistema de educação



Professor de Filosofia busca e experimenta alternativas.

Está lá, no texto de abertura, reproduzindo o pensamento de muitos educadores. A sala de aula no Brasil foi concebida no século XIX; os professores formados a partir das referências do século XX; e os estudantes vivem no século XXI. Não é sem motivo que a falta de sintonia temporal ocasionou uma disritmia na educação que se agrava quanto mais próximo fica o futuro.

Com 36 anos de idade, no Magistério desde 2007, na Escola Estadual Otoniel Mota, como professor de Filosofia concursado a partir de 2008, **Daniel Weber** não ocultou palavras para expressar suas reflexões sobre a educação no Brasil. Para ele, “não é muito fácil, nos dias de hoje, ser professor. É desgastante

ver os resultados não satisfatórios. O ambiente não tem sido produtivo há muito tempo”. Entretanto, antes de terminar a conversa, ele ergueu muito alto tudo aquilo, até então, perfilado para baixo da linha do horizonte. “Eu acho que a gente vai transformar a educação no Brasil.”

E é nessa oposição de polos que se encontram muitos professores, como Daniel. Às vezes, aniquilados pela falta de crença. Outras vezes, aguerridos de tal forma que a certeza de um tempo novo, com uma escola nova, brota dos lugares mais improváveis.

Quando Daniel foi escolher a escola onde lecionaria, no dia da atribuição, ecoou a recomendação de alguns amigos: o Otoniel

Mota é uma boa escola. Ele tinha outra profissão, mas queria a oportunidade de atuar mais socialmente. Ser professor respondeu aos seus desejos. Foi estudar Filosofia especialmente para multiplicá-la em sala de aula. Ele não titubeou, queria muito pensar uma escola nova.

Sua avaliação da instituição começou a fazer quando ainda era estudante, nos tempos do ensino médio. Sempre teve boas notas, porque era persistente. Seus amigos, nem todos iam bem. Ao refletir porque, encontrou como resposta a existência de um ambiente nada propício para o aprendizado.

Em busca de alternativas, Daniel se depa-rou com o trabalho do português José Pacheco. A Escola da Ponte, nas palavras do brasileiro Rubem Alves, é o lugar de encontro onde

as crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem sem que isso seja uma exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa.

Sabendo isso, ficou lógico compreender porque Daniel define, com clareza, as dificuldades de um professor nos dias de hoje e, ao mesmo tempo, de maneira até a deixar encaval-los os sentimentos, declara-se crente na transformação que ocorrerá a partir da educação no Brasil.

Outra contribuição para entender vem do próprio discurso do educador José Pacheco, reproduzido em muitos dos seus vídeos disponibilizados depois de encontros presenciais, que perduram no formato digital para quem quiser ver e rever. Ele afirma em um deles: “A mudança virá do Brasil”. Não busquem fora. Não olhem a Europa. Não se espelhem na América do Norte. Daniel parece saber disso. No meio do caminho, ele até pensou em se sentar e não mais caminhar. Pelo menos não em direção ao mesmo rumo. Em especial, quando os resultados como professor não estavam promovendo mudanças. Mas, ouvindo-o falar, o que fica é que ele não acredita em outra alternativa mais poderosa para dar forma concreta ao seu não abstrato projeto de vida.

A proposta da Escola da Ponte contempla o professor de Filosofia. Ele acredita nos três núcleos distintos que cada estudante deve passar ao longo do processo individual de cada um. (1) Iniciação, (2) consolidação e (3) aprofundamento. Daniel sabe que, segundo José Pacheco, no núcleo de iniciação a criança, ou o jovem, deve ser tutorado com mais frequência. É quando aprende as regras de convívio coletivo e os compromissos que assume com os demais e com o seu próprio processo de aprendizagem.

No segundo núcleo, o de consolidação, a necessidade de acompanhamento diminui. O estudante assume maior trânsito nos espaços e tempos da escola e passa a gerir, de forma autônoma, o currículo nacional destinado ao 1º ciclo

do ensino básico. Daniel sabe que a Escola da Ponte não é um discurso, está em prática.

Por fim, no núcleo de aprofundamento, as crianças e os adolescentes assumem um comportamento bastante autônomo; participam do gerenciamento das suas atividades e de atividades do coletivo; e assumem o estudo do currículo nacional do 2º ciclo.

Daniel Weber propôs a formação de um grupo de professores do Otoniel Mota para estudar as possibilidades de mudança, a partir da Escola da Ponte. Alguns entraram e saíram porque, com o tempo, saíram também da escola. Outros ficaram e outros chegaram quando o ano começa. Atualmente, juntos, estão os professores: **Maria Bernadete de Siqueira Cansin, Lívio Vilela Leite, Flávia Mantovani, Neusa Regina Pires, Maicon Nicolino, Rafael Aroni, Danival Samuel, Cláudia Maria Cantarella Silva, Vanderlei Silva, Maurício Avancini, Greice de Souza Vertuan e Stefano Schiavetto**. Eles elaboraram o projeto Inovação das Práticas Escolares (IPE). Pediram ajuda ao português José Pacheco e ele atendeu. O educador esteve em Ribeirão Preto, em visita à escola e orientou como pôde os próximos passos dos professores. Certos de que muitas dificuldades se postariam à frente, não desistiram. Eles veem a escola de outra forma. “Essa instituição, organizada em um sistema que já não mais representa esse tempo, precisa ser reconsiderada.”

O filósofo explicou bem. Quando esse modelo de prática escolar foi concebido, o mundo passava por um processo de industria-

lização e a formação de massas se justificava em vários momentos. Na base operária para a produção e na ponta da linha, na fase de consumo dos produtos por eles mesmos produzidos. Ele criticou que massa não tem forma. Que a educação desse tempo, muito contrária da de hoje, precisa e deve privilegiar cada pessoa na sua plenitude, dando atenção para o projeto de vida dos indivíduos nas suas mais diversas peculiaridades. “Precisamos ver a escola de outra forma, não mais como propagadora de massas.”

Na descrição do IPE, eles tiveram que promover adequações, já que não tinham todos os elementos da Escola da Ponte disponíveis. “A escola deixa de ser um local onde as pessoas cumprem regras protocolares em relação aos horários, às notas, às rotinas e passa a ser um espaço de liberdade para o aprendizado. Considerando a estrutura é uma proposta utópica”, sentenciou Daniel. Então, por que não recorrer ao professor Mellhem Adas, quando esse disse que nós precisamos de utopias para seguir? O geógrafo criticou, não uma única vez, a falta de utopia das sociedades contemporâneas. De origem grega, utopia remete a não lugar e é ali que mora a sociedade harmônica, comprometida com o bem-estar da coletividade, estável, funcional. Por se estabelecer na ordem do desejo, ainda que avancem para o plano, é uma fusão entre sonho e fantasia. Já descrita por Thomaz More, a utopia tem se feito lugar de muita gente, certo de que em nenhum outro lugar haverá vida feliz.

Mesmo sem ocultar a possibilidade de

sua visão de escola ser utópica, Daniel Weber segue. Ele esclareceu, preocupado em contribuir com o entendimento de todos que o leriam nessas páginas, que não se trata de uma proposta sem ordem. As avaliações continuariam a existir, por exemplo, mas não hierárquica, opressora, criando filas de escalas, mas imbuídas do objetivo de reconhecimento. “O que importa é que a escola seja um ponto de encontro para as pessoas aprenderem.” Os estudantes dessa nova escola teriam orientadores educativos, que os acompanhariam tanto nas questões de aprendizagem acadêmicas quanto comportamentais. Tudo isso organizado em um projeto pedagógico dividido por dimensões, apoiadas por docentes: linguística (Língua Portuguesa e outras línguas), lógico-matemática (Matemática), naturalista (Estudo do Meio, Ciências da Natureza, Ciências Naturais, Físico-Química e Geografia), identitária (Estudo do Meio, História e Geografia de Portugal e História), artística (Expressão Musical, Dramática, Plástica e Motora, Educação Física, Educação Visual e Tecnológica – EVT, Educação Musical, Educação Visual, Educação Tecnológica e Tecnologia da Informação e Comunicação - TIC), pessoal e social (Formação Pessoal, Ensino Especial e Psicologia). “O tutor faria o acompanhamento dos projetos com envolvimento pessoal. Trabalhar com projeto em um espaço de maior liberdade”, esclareceu Daniel. Com oficinas e todo tipo de relação voltada para o aprendizado. “Tudo isso sistematizado, liberdade não é fazer as coisas na hora que querem do jeito que querem. É um

processo de muita seriedade.”

O conceito de “autonomia” é fundamental, no projeto IPE. Daniel falou mais de uma vez na autonomia do estudante e do professor. Relacionou o termo com responsabilidade, mas não sem solidariedade. É a junção dos dois léxicos: autonomia e responsabilidade que oferece a base para consolidação do projeto pedagógico em que o estudante deixa de trabalhar isolado, cada um na sua carteira, cada professor na sua sala, para uma convivência comprometida com o coletivo. “É preciso buscar o aprendizado a partir de algo que seja significativo para o estudante, que não seja um aprendizado burocratizado, protocolar. Que faça sentido para quem está construindo um novo conhecimento. Envolvendo a comunidade, projetos pessoais, sonhos e interesses.”

Daniel não concorda com a assertiva “o jovem estudante não se interessa por nada”, comum já há algum tempo no universo escolar. Ele rebateu a sentença dizendo que eles não se interessam pela forma atual de aprender. “Eles querem, sim, aprender.” E como um professor foi logo exemplificando: “Um menino que gosta de hip-hop pode estudar um monte de coisas de economia, política, sociedade, literatura. O rap, por exemplo, um dos elementos que integra o hip-hop, é poesia. Rap significa ritmo e poesia. O rap surgiu em um momento de crise econômica nos Estados Unidos. Havia muitos desempregados da indústria automobilística. Liderado pelo rap é possível introduzir uma discus-

são sobre os tipos de indústrias e, a partir das indústrias, estudar Química, Física...”

Se outra pergunta não tivesse sido feita, ele seguiria ensinando. É mais ou menos nisso que acredita Daniel. O aprendizado pode se dar em todos os lugares e a todos os momentos.

Depois de concebido pedagogicamente, o projeto IPE foi para algumas salas do Escola Otoniel Mota, em 2013. Embora a Lei de Diretrizes e Bases que regulamenta a educação no Brasil contemple a autonomia das escolas, na prática ela não acontece. O sistema foi organizado em uma estrutura hierárquica e está tão amarrado com uma instituição em cima da outra, que a menor das mudanças aqui em baixo, na sala de aula, promove ruídos em todas as instâncias. E é assegurado, nessa lógica, que a autonomia, muitas vezes, é só retórica. Os professores estão fazendo diferente, mas não como queriam; a autonomia não chega até lá. Romper, estando abaixo do Estado, significa construir uma ruptura na dimensão de Estado e, nesse caso, nem a diretoria consegue se mover.

Indo para o quinto ano do projeto, as avaliações são verbais; eles não sistematizaram nenhuma mensuração. É um pai que testemunha que seu filho está mais curioso, perguntando mais, ou um aluno que está satisfeito com sua autonomia de raciocínio. Daniel sabe que mudança como essa precisa ser estabilizada, “senão a transformação morre”. Em 2017, três turmas aderiram ao projeto. Uma de cada ano, 1º, 2º e 3º.

Na avaliação geral, pais e alunos estão aprovando o projeto IPE, mas o professor de Filosofia também reconhece as exceções. “Alguns estudantes não se adaptam, tudo isso é muito normal. Principalmente em se tratando de ensino médio, eles já vivenciaram nove anos de escolarização em um modelo a partir de reproduções. Ai ele chega aqui e tem que começar a estudar de verdade e não se adapta. Ele vê que é mais fácil voltar ao método antigo, às vezes, até com medo de não ter sucesso”.

Antes de acabar a entrevista, Daniel esclareceu que o objetivo da educação não é fazer com que o aluno aprenda matemática, ou fale corretamente, ou escreva muito bem. Ele lembrou que os maiores corruptos do Brasil são academicamente muito bem formados. “Não é isso que a gente quer. Queremos cidadãos comprometidos com o mundo em que vivem, com a sustentabilidade desse mundo, com seus parceiros, que sejam solidários”.

Ao longo da conversa com o professor, ficou muito claro onde ele gostaria de chegar movido pela educação. A pergunta que precisava ser feita era onde ele acreditava que de fato chegaria. Foi aí que ele disse que acredita mesmo que “a gente vai transformar a educação no Brasil”. Até porque esse é o grande objetivo. Disse que vai demorar e concluiu que não é muito otimista mas que tem esperança. Então fez Filosofia. “Esperança é uma coisa que não tem a ver com o tempo cronológico; é da ordem da eternidade.”



Fotos do cotidiano escolar: 1. Inauguração da quadra, em 7 de Setembro de 1938. 2. Ao lado, alunas, em 1950. CDMOM.



3. Aula do professor Roberto Tofeti, década de 1960. 4. Alunos em sala de aula, década de 1970. 5. Abaixo, alunas do Magisterio, década de 2000. Acervo CDMOM.



Para terminar, muitos recomeços

A história de 110 anos da Escola Otoniel Mota teve 110 recomeços. É uma instituição viva. A cada ano, ao receber seus alunos, entre os que voltam e os que iniciam, começa de novo, renovada, uma história única multiplicada por milhares de personagens. O sucesso da escola é, em si, o sucesso de cada um. A vitória de cada um é, em si, a vitória da escola.

Desde quando foi criada, em 1907, nunca foi somente uma estrutura de cimento e cal. Paredes e carteiras. Lousa e giz. Sempre foi uma questão de humanidades. Se o prédio fosse outro, a história seria a mesma. Homens e mulheres especiais emprestaram coração e alma.

O chileno Humberto Maturano está certo. A educação não se dá sem relações de amor. O que nunca faltou foi amor na história dos 110 anos da Escola Otoniel Mota.

Ao ser projetada em um espelho, vemo-nos a todos nós brasileiros. A Otoniel Mota é o Brasil em todas as suas dimensões de igualdades e diferenças.

Reler depois de tudo escrito emociona. Não pelo trabalho realizado. Não pela missão cumprida. Não pela devolutiva. Mas pelo que segue gravado em cada página. Pelo envolvimento com que se deu todo o processo. Pelo amor que foi dispensado. Pelas novas amizades que foram feitas. Pelo carinho sem o qual não seria possível nenhuma linha.

De longe não se trata de um livro de história. É, sim, puro sentimento encarnado de maneira visceral em palavras. Foi um processo de escuta em seu nível mais profundo. Foi leitura empática da fala do outro. Foi um mergulho nas memórias mais expressivas.

Que, ao findar a cada ano, o recomeço desta escola seja vigoroso e virtuoso. Que sua humanidade sobreviva a tudo que a prejudique. Que seus alunos se façam reis soberanos, protagonistas de belas histórias que, sem um único final, possa projetar todos os finais possíveis, abarcados no sonho de cada um. Que a escola faça engenheiros e engenheiras, se engenheiros e engenheiras os alunos e as alunas quiserem ser. Que a escola faça médicos e médicas, se médicos e médicas os alunos e as alunas quiserem ser. Mas que, antes, independentemente, faça humanos felizes.

E que sua nova história, recomeçada a cada ano, seja escrita no plural, que tenha nomes, e sejam muitos, que tenha vitórias e sejam imensas. Que venham Marias, Pedros, Fernandos e Paulas, estudantes de todos os tempos, donos de todos os tipos de sonhos. Que venham os mestres, revigorados. Apaixonados. Que eles possam ser amados para que possam amar.

Feliz aniversário, Escola Estadual Otoniel Mota.

Referências

- ALESSI FILHO, Vicente. Entrevista concedida para Alessandra Bagatim. Ribeirão Preto, 19 de agosto de 2005. Fita 1-Lado A. In: BAGATIM, Alessandra. Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional. 2006. 143f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280391/1/Bagatim,%20Alessandra.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017
- ARAÚJO, Marcelo José. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (1948-1975). Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- Atas do livro do Clube de Biologia "Pedreira de Freitas". Ribeirão Preto: Centro de Documentação e Memória do Otoniel Mota (CDMOM), 1967-1974.
- BAGATIM, Alessandra. Personagens, Trajetórias e Histórias das Forças Armadas de Libertação Nacional. 2006. 143f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280391/1/Bagatim,%20Alessandra.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017
- BUFFA, Ester; NOSELHA, Paolo. A Educação Negada. Introdução ao Estudo da Educação Brasileira Contemporânea. São Paulo: Editora Cortez, 1991.
- Carta do Parlamento Estudantil de Igarapava para o Parlamento estudantil do Instituto de Educação Otoniel Mota. 15.05.1959.
- CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS. Ginásio de Ribeirão Preto. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1905-1910/1907Ginasio_de_Ribeirao_Preto.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- Chegada do Dr. Jorge Tibiriçá para a inauguração do Gynásio do Estado. In: Jornal A Cidade. APHRP, 24/10/2004. COMUNICADO. Panfleto de divulgação do Centro Nacionalista Olavo Bilac. Acervo pessoal de Feres Sabino. Ribeirão Preto, 20/09/1957.
- CONDEPHAAT. Resolução SC-60, de 21-7-2010. Diário Oficial Poder Executivo- Seção I. p.112-113. 11/11/10. Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=/2010/executivo%2520secao%2520i/novembro/11/pag_0112_6EPK83R5NGAV9eD41NRR93LFP69.pdf&pagina=112&data=11/11/2010&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100112>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- _____. Notificação de tombamento referente ao Proc. SC 24.929/86. 25.09.2002. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/8d8a5_PROC.%20SC%20N%2024.929%20-%20Escolas%20Publicas.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017
- COVRE, Maria de Lourdes M. A fala dos homens. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CUNHA, Luiz Antonio, GOES, Moacyr de. O Golpe na Educação. Zahar. Rio de Janeiro, 2002.
- CUNHA, Marcus Vinícius da. O Velho Estadão: Educação e poder nos anos de ouro do Ginásio Otoniel Mota. Ribeirão Preto, SP: Palavra Mágica, 2000.
- Dr. Luis Otavio Junqueira fala sobre 8a Feira do Livro em São Joaquim da Barra 2014. In: Jornal Voz. São Joaquim da Barra, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbXT7b_XXiE&list=UUmhbmq3IXGk42eJ4A1ZGCKw>. Acesso em: 21.fev. 2017
- Em regime de urgência Legislativo atende classe estudantil. In: Diário de Notícias. Reportagem de Welson Gasparini. Acervo pessoal de Feres Sabino. Ribeirão Preto, 20.03.1958.
- E. E. Otoniel Mota 100 Anos de Educação. In: Edição Comemorativa do Centenário da Escola Estadual Otoniel Mota. APHRP, 2007.
- FURTADO, Alessandra Cristina. Por uma história de práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas de Ribeirão Preto, SP (1944-1964). 2007. 205f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25072007-152749/pt-br.php>>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- _____. O Papel da "Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora" e da "Escola Normal Oficial" na formação dos quadros para o magistério primário em Ribeirão Preto- SP (1944-1964). V Congresso Brasileiro de História da Educa-

ção. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2008. Disponível em: < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/p-d-f/226.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2017

GARCIA, Renata L Cresto. Uma abordagem da política educacional entre 1930 e 1934: o ensino secundário do Estado de São Paulo. 2013. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas/ Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba. Disponível em: < https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/09102013_092958_renata.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2017.

Grêmio Ginásial Olavo Bilac. In: Diário da Manhã. APHRP, 26/10/1961.

INFOPATRIMONIO. Ribeirão Preto- E.E. Otoniel Mota. 20/12/2013. Disponível em: <<http://www.infopatrimonio.org/?p=469#!/map=1460&loc=-21.181253460000022,-47.80964519,17>>. Acesso em: 26 fev. 2017.

JAYME, Lúcia de Rezende. A educação pública na Petit Paris paulista (Ribeirão Preto 1890/1920). 2012. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação/ Programa de Pós-Graduação História e Historiografia da Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13888>>. Acesso em: 26 fev.2017

Livro de Assinaturas da II Semana de Estudos do Menor. Ribeirão Preto: Centro de Documentação e Memória do Otoniel Mota (CDMOM), 1963.

Livro de Atas do Clube de Biologia "Erasmus Garcia Mendes". Ribeirão Preto: Centro de Documentação e Memória do Otoniel Mota (CDMOM), 1967.

Livro de Eleições do Centro Nacionalista Olavo Bilac. Ribeirão Preto: Centro de Documentação e Memória do Otoniel Mota (CDMOM), 1971.

Manifesto do Centro Nacionalista "Olavo Bilac" às autoridades e à classe estudantil de Ribeirão Preto. In: Diário da Manhã. Acervo pessoal de Feres Sabino. Ribeirão Preto, 04.2.1958.

Manifesto ao povo e aos candidatos locais. In: Diário da Manhã. 17.7.1958.

MALDONATO, Mauro. Na base do farol não há luz. Edições Sesc. São Paulo, 2016.

Parlamento Estudantil. Recorte do acervo pessoal de Feres Sabino. Ribeirão Preto, 17.7. 1958.

PAULINO, Carlos Leopoldo. Tempo de Resistência. 10.ed. Ribeirão Preto: São Francisco Gráfica e Editora, 2012. PLATÃO. A República. Tradução Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 2000.

Ofício de 14 de dezembro de 1958 assinado por Feres Sabino e encaminhado ao Presidente do Centro Nacionalista Olavo Bilac, Rubens Ely de Oliveira. Acervo pessoal de Feres Sabino.

RATIER, Elaine. Arca Cultural- dr Camilo. [Blog pessoal]. 22/09/10. Disponível em: < <http://elianeratie.blogspot.com.br/2010/09/arca-cultural-dr-camilo.html>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

____. Projeto Incubadora Cultural- Camilo Xavier- Otoniel Mota. Ube- Ribeirão Preto.17/04/13. Disponível em:< <http://uberpa.blogspot.com.br/2013/04/projeto-incubadora-cultural-camilo.html>>. Acesso em: 21 fev.2017.

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. et al. Ruas e Caminhos: um passeio pela história de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto- SP: Editora e Gráfica Padre Feijó, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. Bem tombado E.E Otoniel Mota. [2014]. Disponível em: < http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0?vgnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&ld=516c27064a737410VgnVCM1000008936c80a____>. Acesso em: 26 fev. 2017. SILVA, Tatiane da; CUNHA, Marcus Vinícius da. Concepções Políticas e Educacionais de Renato Jardim na década de 1930. In: Revista HISTEDBR on line, v. 13, n. 53, p. 78-91. Disponível em: < <http://200.145.6.238/handle/11449/125173>>. Acesso em: 26 fev.2017

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES, REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, SOBRAMES-SP. Conheça os autores associados a sobrames-sp. Disponível em: <<http://sobramespaulista.blogspot.com.br/p/autores.html>>. Acesso em: 21. fev. 2017

STELLA, Rita. Relançamento Incubadora Cultural. Universidade de São Paulo- USP-RP. 4/10/14. Disponível em: < <http://ribeirao.usp.br/?p=509>>. Acesso em: 21. Fev. 2017.

VESTIBULAR1. Arca Cultural na Unaerp. [2010]. Disponível em :< <http://www.vestibular1.com.br/noticias/arca-cultural-na-unaerp/>>. Acesso em: 21 fev.2017.



Making of da equipe

